Lampião

O Rei dos Cangaceiros

Billy Jaynes Chandler

Billy Jaynes Chandler recebeu o diploma de bacharel na Austin Peay State University, o mestrado na Texas A&I University, e o doutorado na University of Florida. Ensinou na State University of New York, em Albany e é agora Professor de História na Texas A&I University. Este é o seu segundo livro sobre a história social do nordeste brasileiro.

Billy Jaynes Chandler

LAMPIÃO

o rei dos cangaceiros

Paz e Terra

COLEÇÃO ESTUDOS BRASILEIROS
vol. 46

Direção de
Aspásia Alcântara Camargo
Juarez Brandão Lopes
Luciano Martins

Ficha Catalográfica

CIP - Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Chandler, Billy Jaynes.
L234c Lampião, o rei dos cangaceiros/Billy Jaynes Chandler; tradução de Sarita Linhares Barsted. -Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
(Coleção Estudos brasileiros; v. 46)

Tradução de: The bandit king, Lampião of Brazil.
Bibliografia.

1. Lampião, 1900-1938 I. Título II. Série.

B
CDD - 923.41
80-0088 CDD - 92 Lampião

BILLY JAYNES CHANDLER

Lampião
O Rei dos Cangaceiros

Tradução
de
Sarita Linhares Barsted

Paz e Terra

SUMÁRIO

LISTA DAS ILUSTRAÇÕES

Prefácio

A história que vai ser contada neste livro é a de Lampião, considerado o bandido que teve maior sucesso no século XX no Brasil tradicional e rural. Pode-se até dizer que foi o maior expoente neste ramo, pois à medida em que o mundo progride, este tipo de banditismo está desaparecendo rapidamente. Aqueles que conhecem a história do Brasil sabem que esta não é a primeira vez que a história de Lampião foi contada. Porém, muitas coisas que foram escritas consistem de relatos não comprovados, ou que foram tirados de obras de outros escritores, ou que foram recolhidos indiscriminadamente das lendas muito difundidas e freqüentemente embelezadas. Até mesmo os melhores são fragmentados e não coincidem, nem quanto ao tempo nem quanto ao local. Esta biografia, devidamente pesquisada, documentada, precisa e em ordem cronológica, procura apresentar uma versão completa e racional da história deste bandido. É necessário que seja feita agora, visto que as fontes de informações sobre Lampião não sobreviverão por muito tempo. Isto se refere não só àqueles que o conheceram pessoalmente, e que agora já são muito poucos, mas também a uma grande quantidade de documentos que estão rapidamente se deteriorando. A minha meta principal ao começar esta pesquisa e escrever este livro foi justamente a de compilar estes documentos enquanto ainda era tempo. A importância de Lampião face à história recente da região, assim como face à história geral do banditismo, merece um estudo cuidadoso e preciso. Ao mesmo tempo, espero que aqueles que se interessam

pelo estudo do banditismo ou pela história social das sociedades rurais em áreas subdesenvolvidas achem meu livro de alguma utilidade. Creio que esta narrativa será importante para aqueles que têm este interesse, pois procurei esclarecer a correlação entre o cangaceiro e a sociedade em que viveu.

Não há dúvida de que em certos casos eu também devo ter errado involuntariamente. As vidas dos bandidos são geralmente sujeitas ao exagero e a falsificações evidentes, e alguns fatos que acatei como sendo verdadeiros talvez sejam parcialmente inverídicos. No entanto, creio que os episódios relatados aqui estão de acordo com o caráter deste notório bandido. Cheguei a esta conclusão depois de ter lido muitos jornais, já amarelecidos pelo tempo, e documentos empoeirados, depois de ter visitado os lugares onde Lampião viveu, e depois de ter conversado com muita gente que o conheceu ou que conheciam pessoas que o conheceram. Estou, portanto, convencido de que esta biografia merece inteira confiança.

Esta pesquisa foi feita no Brasil, durante alguns meses de 1973, 1974 e 1975, e foi parcialmente ajudada por uma subvenção da Penrose Fund of the American Philosophical Society (Fundo Penrose da Sociedade Americana de Filosofia), à qual sou muito grato. Foram tantos os brasileiros que me ajudaram nesta pesquisa que seria impossível mencioná-los um por um. No entanto, alguns merecem um agradecimento especial, como: o Dr. Lourenço Alves Feitosa, de Campos Sales, Ceará, meu velho amigo de mais de uma década; Miguel Feitosa, de Araripina, Pernambuco; Aldemar de Mendonça, de Pão de Açúcar, Alagoas; João Ferreira dos Santos, de Propriá, Sergipe (irmão de Lampião); José Melquíades de Oliveira, de Pinhão, Sergipe; Manuel Leitão, de Mata Grande, Alagoas. Outros contribuintes importantes são mencionados nas referências a entrevistas pessoais. Tenho uma grande dívida de gratidão para com meu amigo Major Alberto Salles Paraíso Borges, da Polícia Militar da Bahia. Ele e sua encantadora família me acolheram em Salvador e cuidaram de mim, em 1974, quando fui vítima de um acidente de ônibus na Bahia.

Os professores Alfred Hower, Neill Macaulay e Charles Wagley, todos da Universidade de Flórida, leram o manuscrito e ofereceram valiosas sugestões para seu melhoramento e publicação. Se por acaso ainda houver algum erro ou descuido, sou, naturalmente, o único culpado, e não eles.

B. J. C.

Kingsville, Texas.

1. O Banditismo no Sertão

Nas sociedades rurais subdesenvolvidas, o banditismo sempre captou o interesse e a fantasia do povo. Na verdade, o fascínio que estes bandidos exercem e a criação de lendas sobre eles – sem mencionar o fênomeno do próprio banditismo – parecem ter sido universalmente difundidos. O homem, ou ocasionalmente a mulher, que vive fora da lei como um celerado errante, aparentemente livre de qualquer restrição da sociedade, desperta uma fibra de nossa imaginação, principalmente quanto mais remotas forem sua colocação no tempo ou no espaço. Deste modo, os ingleses vibram com os feitos de Robin Hood e seu alegre bando; os americanos contam as aventuras de Jesse James; os mexicanos, as façanhas de Pancho Villa, e os brasileiros, as de Lampião.

As vidas destes homens serviam de assunto a trovadores e a outros contadores de histórias populares, cuja tendência era a de mitificá-los, exagerando alguma boa ação que por acaso tivessem feito, mas omitindo a realidade histórica. Por sorte, recentemente, os historiadores e os cientistas sociais, alguns deles motivados pela obra sugestiva da Eric Hobsbawm, reencontraram interesse no estudo do banditismo.[1] O debate, estimulado por Hobsbawm, cujo interesse se concen-

1 Eric Hobsbawm, *Primitive Rebels: Studies in Archaic Forms of Social Movement in the 19th and 20th Centuries*, pp. 13-29; idem, *Bandits*.

trava tanto nas lendas sobre o banditismo como nas façanhas dos próprios bandidos, fez com que alguns estudiosos chegassem à conclusão de que em vez da ênfase sobre os bandidos era necessário estudar a realidade de suas vidas e a sociedade na qual viveram e morreram.[2] Embora não seja a intenção deste livro desprezar a importância da lenda, sua meta principal é focalizar, sob seu aspecto histórico, um bandido sem par, entre os de sua profissão.

Lampião[3], nascido no sertão decadente e empobrecido do nordeste brasileiro, fez sua entrada no banditismo em 1916, quando contava apenas 19 anos, devido a uma disputa com uma família vizinha. Quando, cinco anos depois, a polícia matou seu pai, ele declarou que ia viver e morrer como um bandido. Como tal portou-se como manda o figurino. Percorrendo com seu bando de facínoras, a pé ou a cavalo, diversos estados, viveu da violência, roubando e fazendo prisioneiros, pelos quais extorquia resgate. No entanto, podia ser leal e generoso para com aqueles que tinham conquistado sua confiança, ou com quem simpatizava. Os que despertavam sua inimizade eram saqueados, queimados, torturados e mortos. Era um sujeito muito astucioso, um verdadeiro guerrilheiro, que enganou e venceu as forças policiais tantas vezes e tão habilmente, que o povo do sertão chegou a acreditar que fosse dotado de poderes extraordinários. Qualquer que fosse a fonte de sua força - muitos acreditavam que provinha de seu fervor religioso - Lampião se tornou objeto de medo e de respeito de uma vasta região. Subornava a própria polícia, tratava os fazendeiros e os chefes políticos de igual a igual, e tornou-se amigo de um governador. Recebeu a patente de Capitão, numa jogada sutil de um dos chefes políticos de mais prestígio na região, e poderia ter transposto o abismo e chegado à respeitabilidade, se as circunstâncias lhe tivessem sido mais propícias. Uma vez, talvez por brincadeira, declarou que seria governador de um novo estado sertanejo. Muito antes de sua morte, em 1938, causada pela traição de um dos seus protetores em que mais confiava, o Capitão Lampião já tinha virado lenda.[4]

2 Ver Anton Blok, *The Peasant and the Brigand; Social Banditry Reconsidered*, Comparative Studies in Society and History 14 (Setembro 1972): 495; também T. H. Aston, *Robin Hood: Communication, Past and Present* 20 (Novembro 1961): 9.

3 O verdadeiro nome de Lampião era Virgulino Ferreira da Silva. No princípio de sua carreira, adquiriu o apelido de Lampião, que antigamente era escrito: *Lampeão*.

4 Há uma grande quantidade de livros, supostamente verídicos, sobre Lampião, publicados no Brasil. Entre os mais notáveis estão: *Lampeão*, de Ranulfo Prata: *Lampeão: Memórias de um oficial ex-comandante de forças volantes*, de Optato Gueiros; *Ser-*

A carreira de Lampião não foi um fenômeno isolado; pelo contrário, fez parte de uma epidemia regional de banditismo, que começou aproximadamente em 1900 e durou 40 anos. O bando destes foragidos era chamado "cangaço" e os bandidos eram conhecidos como "cangaceiros". As palavras cangaceiro e cangaço, aparentemente começaram a ser usadas na década de 1830, e se relacionavam à "canga" ou "cangalho", isto é, o jugo dos bois. Talvez o cangaceiro fosse assim chamado porque carregava seu rifle nas costas, como o boi carrega a sua canga. A princípio, significava um grupo de homens armados a serviço de um fazendeiro, mas a partir de 1900, os cangaceiros começaram a operar independentemente. Só daí em diante é que a palavra "cangaceiro" começou a ser usada.[5]

As façanhas do cangaço fazem parte importante da história e do folclore do sertão. Na realidade, só em sua intensidade diferiam um pouco das histórias de salteadores que existiam intermitentemente nesta região. A característica principal era a de que estes grupos de celerados operavam por conta própria. No entanto, o cangaço foi-se impondo na mente do povo e dos próprios bandidos, pois ambos o reconheciam como um fenômeno social. Os cangaceiros dos diversos bandos, tacitamente se identificaram como um grupo, ou subcultura, adotando um modo de vestir todo especial. A maioria podia ser reconhecida por um lenço colorido ao redor do pescoço e um chapéu de couro (o chapéu do *cowboy* do sertão), cuja aba, virada para cima; na frente, era geralmente cheia de enfeites. Carregavam nos ombros muitos cintos com cartucheiras (que se cruzavam no peito) e também ao redor da cintura, o que lhes dava uma aparência notável. Os cangaceiros também faziam ressaltar sua individualidade quando confessavam as razões pelas quais se tinham tornado bandidos. Muitos diziam que somente tinham saído fora da lei devido à necessidade de vingar afrontas feitas a eles ou a suas famílias. Numa sociedade em que tais injustiças prevaleciam, uma explicação como esta era sempre bem acolhida. Compreende-se que conseguiam maior aceitação entre os intelectuais, que olhavam estes acontecimentos de longe, do que entre os habitantes

rote Preto (*Lampião e seus sequazes*); Nerton Macedo, *Capitão Virgulino Ferreira: Lampião*, Luiz Luna *Lampião e seus cabras*; Joaquim Gois, *Lampião: O último cangaceiro*; Manoel Bezerra e Silva, *Lampião e suas façanhas*; Christina Matta Machado, *As táticas de guerra dos cangaceiros*; Aglae Lima de Oliveira, *Lampião, cangaço e nordeste*.

5 Ver Maria Isaura Pereira de Queiroz, *Notas sociológicas sobre o cangaço*, Ciência e Cultura 77 (Maio, 1975). 495-516, e Esmaregado de Freitas, em *Diário de Pernambuco* (Recife), 12 de março de 1926.

das zonas onde espalhavam a morte e a destruição. No entanto, o ponto de vista de que o cangaço era uma reação compreensível – embora deplorável – à pobreza e à falta de justiça no sertão nordestino, servia para distinguir, na mente do povo, os cangaceiros dos bandidos comuns.

O cangaço era um fenômeno exclusivamente do sertão. Lampião agia tanto no seu estado natal, Pernambuco, como em Alagoas, Ceará, Paraíba, norte da Bahia, Sergipe, e, em uma ocasião fatídica, no Rio Grande do Norte. Limitando suas operações somente ao interior, nunca pisou nas capitais dos estados, todas situadas ao longo da costa. Geograficamente, a área não é muito propícia à habitação humana, embora alguns nativos, e às vezes até mesmo alguns forasteiros, fossem atraídos pelo seu fascínio terrível. Considerada erroneamente como sendo uma planície monótona e árida, possui, na verdade, características físicas e aparência surpreendentemente variadas. Embora algumas zonas sejam relativamente planas, dando uma impressão de monotonia, é, na verdade, muito acidentada, apresentando colinas, planaltos e serras que atingem às vezes 950 metros. Os rios são geralmente rasos e, muitas vezes, secam. A única exceção é o São Francisco, chamado "a estrada do sertão", que desemboca no Atlântico, entre os estados de Alagoas e Sergipe, mas cujo valor como meio de transporte é limitado devido a cachoeira de Paulo Afonso.

Embora o clima seja tropical e semi-árido, possui características distintas, especialmente no que se refere à quantidade e padrão de chuvas, que variam conforme a região. Nas serras do interior de Alagoas, por exemplo – um dos lugares preferidos de Lampião – a média anual das chuvas é de 47 polegadas. Por outro lado, algumas das zonas mais secas, como Juazeiro, na Bahia, se considerariam felizes se atingissem a metade. No sertão, as chuvas fortes só caem mesmo numa estação, chamada "inverno", pelos nativos. O inverno, normalmente, dura de cinco a seis meses, e, dependendo da região, começa entre dezembro e março. No entanto, dentro deste quadro normal apresenta uma grande variação, pois não só o começo e o fim do inverno pode variar consideravelmente, como também a distribuição de chuvas durante este período pode ser muito irregular. Uma boa parte das chuvas anuais pode cair em poucos dias ou em poucas semanas, ou somente no princípio ou no fim da estação. Portanto, não é só a questão da falta de chuvas que cria grandes problemas para os agricultores e fazendeiros do sertão, mas também a sua distribuição.

A seca é uma dura realidade que os fazendeiros têm que aceitar estoicamente. A cada dez anos, aproximadamente, ocorrem secas muito rigorosas, que afetam praticamente toda a região. Embora durem normalmente só uma estação, houve casos em que duraram dois a três anos, como aconteceu em 1877-1879 o maior desastre já registrado. Secas localizadas ocorrem com muito mais freqüência. A temperatura média é bastante elevada no sertão, variando de uma mínima de 17°, nas áreas mais altas, à máxima de 38°, num dia quente da estação seca, chamada pelo pessoal da terra "verão".

A vegetação do sertão, como o seu clima, é bem característica, apresentando também grande variação. Nas chapadas das colinas mais elevadas, vê-se uma mistura de savana e floresta. Aí, o solo é coberto de capim e de uma combinação de árvores baixas e de arbustos de folhagem permanente, aparecendo também, de vez em quando, alguns cactos, nas partes mais baixas. Nas regiões planas, vê-se a caatinga, uma vegetação retorcida, nodosa, de pequena altura, própria de uma terra quente e seca. Predominam as árvores de pequeno porte, juntamente com uma grande variedade de viçosos cactos – alguns dos quais, como o facheiro ou mandacaru, chegam a atingir 6 metros. As árvores e arbustos, em sua grande maioria, perdem as folhas no verão. Algumas, como o joazeiro, conservam-nas o ano inteiro, e ressaltam, verdejantes, entre os tons pardacentos e tristes da terra seca. A densidade da caatinga varia bastante – relativamente escassa em algumas áreas, e impenetrável, em outras. Na verdade, o sertão, com suas longas estações sem chuva, com suas secas freqüentes, com sua vegetação grotesca e com seu solo geralmente árduo, não estende uma mão acolhedora ao homem. Como os bandidos que surgem de seus confins, o sertão é ameaçador.[6]

Se estamos dando uma grande ênfase às características físicas da terra onde viveu Lampião devemos acrescentar que a sociedade da qual ele não era um representante atípico, foi influenciada por estes mesmos fatores. Contudo, esta sociedade sofreu também outras in-

6 Euclides da Cunha, nos deu uma clássica descrição dos sertões no seu livro *Os Sertões*, publicado em primeira edição no Brasil em 1902, e muitas vezes já reeditado. Para os leitores ingleses, há a tradução de Samuel Putnam, intitulada *Rebellion in the Backlands*, porém o leitor deve ficar sabendo que nem sempre Putnam consegue dar o verdadeiro sentido do autor. Na verdade, nem mesmo Euclides da Cunha descreve realisticamente o sertão e seu povo. Ele os viu com os olhos de um intelectual urbano, que visitou a região durante um curto período de verão, e sua descrição é exagerada. Eu me baseio não só em minhas observações, como na parte dedicada à geografia do nordeste, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, *Grande região nordeste*, vol. 5 da Enciclopédia dos municípios brasileiros, principalmente pp. 64-278.

fluências, e, embora sempre tivesse acobertado várias espécies de crimes, as condições, no tempo de Lampião, eram tais que favoreciam ainda mais este comportamento. O estudo de alguns aspectos da história social, política e econômica do sertão provará este ponto de vista. [7]

Os primeiros portugueses que vieram colonizar o nordeste brasileiro, não se estabeleceram no sertão, mas sim, nas zonas úmidas do litoral. Geralmente estes povoados não tinham mais que 80 km de extensão, e eram situados ao longo da costa, até à cidade de Natal. Aí, durante o século XVI, surgiu uma florescente sociedade agrícola, baseada no cultivo da cana-de-açúcar. O Brasil tornou-se durante este período, o maior fornecedor de cana-de-açúcar para toda a Europa. Os índios, cujo nível de cultura era relativamente baixo, foram aculturados, ou eliminados. O escravo, importado da África subsahariana, chegou a constituir a maior força de trabalho, e, de fato, da sociedade em geral. Uma aristocracia de elite, branca, orgulhosa, proveniente, em grande parte, de áreas férteis e intensamente cultivadas, como Salvador e Olinda, dominava a colônia. No entanto, as regiões litorâneas, eram tão importantes para o cultivo da cana-de-açúcar que a produção de gêneros alimentícios para o sustento da população sempre crescente, começou a ser encarada com má vontade. Foi então que surgiu o interesse pelo interior, como terras potencialmente valiosas para a criação de gado e para a agricultura em geral. E assim, os sertões começaram a ser desbravados, embora, muitas vezes, só esporadicamente. Nas primeiras décadas do século XVIII, até mesmo as mais longínquas regiões foram reivindicadas e a estrutura da sociedade sertaneja foi constituída.

7 Quase todos os livros sobre Lampião e o cangaço procuram enfatizar estes aspectos dos sertões, propícios ao banditismo. Entre eles, estão dois livros de Gustavo Barroso: *Heróes e bandidos (Os cangaceiros do nordeste)* e *Almas de lama e aço (Lampeão e outros cangaceiros)*. Ver também: Pedro Baptista *Cangaceiros do nordeste*; Ademar Vidal: *Terra de homens*; Rui Facó: *Cangaceiros e fanáticos*, pp. 15-71; Amaury de Souza: *The Cangaço and the Politics of Violence in Northeast Brazil*, em *Protest and Rksistance in Angola and Brazil*, ed. Ronald I. Chilcote, pp. 109-131; Maria Isaura Pereira de Queiroz: *Os cangaceiros: Les bandits d'honneur brésiliens*, pp. 19-47, e, da mesma autora: *Notas sociológicas*; Maria Christina da Matta Machado: *Aspectos do fenômeno do cangaço no nordeste brasileiro*, um estudo em forma de livro, publicado em cinco partes na Revista de História, em 1973 e 1974, vols. 46, 47 e 49 (nos. 93, pp. 139-175; 95, pp. 177-212; 96, pp. 473-489; 97, pp. 161-200; 99, pp. 145-180). Todos estes estudos, embora muitas vezes dando mais atenção a um assunto do que a outro, apontam para os mesmos problemas. Embora a análise aqui se refira a estes problemas gerais, o ponto de vista é o meu próprio.

As linhas gerais desta sociedade eram débeis e uma pálida cópia das sociedades aristocráticas e racistas que existiam no litoral. [8] Grandes extensões de terra foram entregues, pelos altos oficiais coloniais aos que tinham influência e, esperava-se, meios de conquistá-las e cultivá-las. Foi assim instituída a base de um sistema de latifúndios, que se desgastou com o correr dos tempos, porém, que nunca foi eliminado. O fazendeiro que possuía terras, era um potentado do sertão, igual em seu mundo, ao senhor de engenho do litoral. Ele governava seus dependentes com mão de ferro, só delegando alguns poderes, de vez em quando, a alguns de seus subordinados para que impusessem mais lei e mais disciplina. Na verdade, Portugal, pequeno e cada vez mais pobre, quase nunca chegou a exercer muito domínio sobre a região, cujas possibilidades de aumentar a renda da coroa eram, afinal de contas, bastante escassas. Portanto, desde sua origem, a sociedade dos sertões foi deixada ao discernimento, à prepotência ou ao abandono daqueles que tinham a sorte de possuir grandes extensões de terra. A queda do domínio português e a subseqüente independência do Brasil, passando primeiro pelo Império (1822-1889), e depois pela República Velha (1889-1930), pouco alteraram este fato.

Com a exceção dos fazendeiros, a maioria preponderante do povo vivia numa penúria extrema, e foi desta classe que saíram muitos dos sequazes de Lampião. Inicialmente, a classe pobre compreendia a mão-de-obra trazida pelos potentados para o desbravamento da região. Alguns vaqueiros, enquanto outros formavam uma tropa para o combate aos índios. Pode parecer estranho que entre estes se encontrassem escravos negros e mulatos, visto que os empreendimentos verdadeiramente lucrativos e nos quais esta mão-de-obra tão cara pudesse ser aproveitada, eram bem poucos. Contudo, há evidência de que formavam uma pequena, porém bem expressiva parte da população dos sertões. Representavam, pelo menos, um bom investimento e adquiriram toda uma gama de habilidade tão necessária à vida nos sertões – de vaqueiro a ferreiro.

8 A história dos sertões não foi muito bem investigada. Pode-se encontrar uma breve pesquisa em *História do Brasil: Geral e regional*, vols. 2 e 3, de Ernani Silva Bueno. *A terra e o homem no nordeste*, de Manoel Correia de Andrade é de grande valor, especialmente por discutir os aspectos da história da economia. *The Feitosas and the Sertão dos Inhamuns: The History of a Family and a Community in Northeast Brazil*, 1700-1930, de Billy Jaynes Chandler, embora se referindo a apenas uma parte do sertão, descreve uma sociedade que tem muita afinidade com a região em geral.

Com o passar dos anos, a categoria de escravos foi gradualmente se extinguindo, em parte, devido à alforria voluntária, e em parte devido aos esforços dos abolicionistas, que lhes deram o golpe de misericórdia em 1888. Devido à miscigenação, tanto com os brancos como com os índios, os negros e mulatos, desde sua chegada à região, se tornaram parte integral da classe submissa. [9]. Os índios, embora escassos, também ajudaram a formar esta classe. Sendo de índole guerreira, sofreram grandes baixas no início das conquistas. Os que sobreviveram, foram aculturados, alguns, quase imediatamente, outros, depois de passarem pelas missões.

Portanto, a classe pobre dos sertões era composta de uma mistura de índios, escravos negros e mulatos e seus descendentes, e também de pessoas livres, geralmente também de descendência mista, que formavam o séquito dos senhores que vinham da costa. Com o passar dos tempos, a classe pobre se estendeu também a muitos daqueles cujos ancentrais tinham sido os próprios donos de terra, visto que, no sertão, os costumes e as condições impunham inexoravelmente, um processo de nivelamento. As grandes propriedades eventualmente se fragmentaram, pois eram divididas entre os herdeiros quando morria o dono. Como há necessidade de grandes extensões de terra para o sucesso da pecuária esta fragmentação, cada vez maior, causou o empobrecimento de seus donos. As adversidades, principalmente as secas periódicas, dizimavam também os rebanhos e os outros recursos dos fazendeiros. Conseqüentemente, viam-se forçados a vender suas propriedades, passando, portanto, para a classe dos pobres.

Do exposto, poderia se concluir que o latifúndio nos sertões desapareceria com o tempo. Na verdade, não sobreviveu completamente em sua forma original, mas, em contrapartida, havia, uma tendência que impedia o seu desaparecimento. Através de uma série de circunstâncias, mas principalmente, através de esforços pessoais e casamentos de conveniências, muitos fazendeiros conseguiram, não somente deter o processo de desintegração, como também até reconstruir suas fortunas, em forma de gado e terras, que seus antepassados tinham perdido. Portanto, embora o domínio da terra tivesse cessado de ser tão monolítico, como na época das conquistas, o latifúndio ainda persistia

9 Ver Billy Jaynes Chandler: *The Role of Negroes in the Ethnic Formation of Ceará: The Need for a Reappraisal*. Revista de Ciências Sociais 4, nº 1 (1973): 31-43. (O papel dos Negros na Formação Étnica do Ceará: A Necessidade de uma Reavaliação)

como principal fator da sociedade dos sertões. Em termos de padrão, a sociedade continuava a ser dominada pelos poucos que possuíam ainda grandes propriedades. A característica principal do potentado colonial dos sertões, e de seu sucessor, o "coronel", ou, melhor ainda, do "chefe político" dos tempos mais recentes, era o prestígio e o poder que suas propriedades lhe conferiam.

A principal atividade econômica nos sertões era a pecuária, isto é, em termos de produção de um excedente para a exportação. Afinal de contas, foi para este fim que a região foi conquistada, e, por isso, as estradas principais eram as longas trilhas que levavam o gado das paragens mais remotas para as capitais litorâneas, como Recife e Salvador. Mas, se a pecuária era a base sobre a qual alguns conseguiam construir uma modesta fortuna, não era, contudo, um meio de vida para a maior parte da população. Sendo muito difundido, devido às condições físicas da região, não necessitava, no entanto, de muitos empregados. Com a exceção de uns poucos vaqueiros privilegiados, somente havia necessidade de outros trabalhadores em ocasiões muito especiais, tais como no tempo do rodeio. De geração em geração, a população sempre crescente dos sertões, foi se tornando supérflua. Era constituída do "morador", que, com a permissão do fazendeiro, procurava, com dificuldade, tirar da agricultura a sua magra subsistência. Fora o fornecimento esporádico de algum produto para a mesa do patrão, e talvez, o aluguel de alguns trabalhadores durante alguns dias do ano, sua contribuição para com a sociedade era exclusivamente a de se manter vivo.

Havia uma função econômica para a qual esta classe excedente poderia servir – a produção de gêneros alimentícios para exportação à população litorânea. Isto há muito estava sendo feito no "agreste", uma região vizinha à zona do açúcar. No entanto, as dificuldades de transporte, as distâncias, a letargia e a tradição, impediam o desenvolvimento da agricultura nos lugares mais afastados, embora, em anos normais, muitas destas terras tivessem capacidade de produzir grandes quantidades destes produtos. Esta situação só começou a mudar no século XVIII, com o cultivo do algodão, em algumas áreas. Porém, como o transporte continuou deficiente, e as safras, sujeitas às flutuações do mercado internacional, os lucros eram bem magros. [10]

10 Sobre a importância da produção do algodão e seu declínio no final dos anos 1860, ver Roger Lee Cunniff: *The Great Drought: Northeast Brazil, 1877-1880* (Ph. D. diss., University of Texas, Austin, 1971), pp. 78-97.

Foi preciso que a estrada de ferro chagasse à região, no final do século XIX e começo do século XX, para que esta começasse a se desenvolver. Embora a estrada de ferro somente atingisse poucas áreas do sertão, era, contudo, o melhor meio de transporte da região, até que foram construídas as estradas de rodagem, quase meio século depois. Nas áreas por onde passava, assim como nas redondezas destas, a estrada de ferro estimulava as primeiras culturas de gêneros alimentícios para a exportação. [11]

Os benefícios que deveriam ter resultado para a classe dos "moradores", como conseqüências deste desenvolvimento, não apareceram. Em primeiro lugar, os proprietários começaram a exigir uma parte da produção como aluguel da terra. Isto, em parte, foi uma decorrência natural da valorização dos produtos agrícolas alimentícios. Em segundo lugar, a população dos sertões, que parecia estar aumentando – possivelmente, conforme dizem alguns especialistas no assunto, devido às campanhas de vacinação, que diminuiram a incidência de epidemias, tais como a varíola – [12] tinha a tendência de se congregar nas regiões mais adequadas à agricultura. Esta tendência surgira com o surto do algodão, em meados do século XIX, mas fora de curta duração e seus efeitos não foram marcantes. Em compensação, o cultivo de gêneros alimentícios para comércio, foi uma tendência duradoura. Não somente a renovou, como também a acelerou.

Infelizmente, as áreas adequadas à agricultura logo se tornaram superlotadas e supertrabalhadas. O resultado foi, de novo, a extrema fragmentação das propriedades – também através de heranças. No entanto, a tendência para um reagrupamento, conforme acontecera com a pecuária, não se concretizou nesta área, talvez porque a agricultura se preste mais para minifúndios do que a pecuária. O grupo econômico que mais lucrou com a comercialização dos produtos agrícolas parece ter sido o do intermediário, que comprava os produtos na fonte para exportá-los para os centros. Caracteristicamente, estes intermediários eram muitas vezes os fazendeiros mais empreendedores, que não somente tinham uma base econômica para servir de apoio ao negócio, como também usavam os novos lucros para comprar mais terras. O resultado foi um declínio econômico para a maior parte da população dos sertões.

A produção agrícola, entretanto, não conseguiu melhorar o padrão de vida da população e, foi uma, entre a série de circunstâncias

11 Para um exemplo disto, ver Chandler: *Feitosas* pp. 135, 141-142.
12 Queiroz, *Notas sociológicas* pp. 506-507.

econômicas adversas que concorreram para o descontentamento das classes mais pobres da região. Com o fim da Guerra Civil, na América do Norte, cessou a procura do algodão brasileiro, coincidindo também com a queda do mercado açucareiro. Chegou-se assim a um período de reveses econômicos, que culminaram com o fim do surto da borracha, no Amazonas, na segunda e terceira décadas do século XX. Dizem que estes fatores econômicos, juntamente com o aumento da população dos sertões, geraram o cangaço. Embora este ponto de vista deva ser mencionado [13] é preferível procurar uma explicação mais diretamente ligada às comunidades sertanejas, nas quais o cangaço floresceu.

Não foram só as condições econômicas que causaram o aparecimento do banditismo neste período. A fragilidade das instituições responsáveis pela lei, ordem e justiça também contribuiu grandemente. É verdade que isto não era nenhuma novidade. Tinham sido implantadas no período da colonização, quando as autoridades entregaram a região aos potentados. Naqueles primeiros tempos, os proprietários mantiveram a lei dentro dos seus respectivos domínios, mas também romperam a ordem geral quando entraram em guerra, uns contra os outros.

Subseqüentemente, durante o Império, fizeram diversas tentativas para impor mais ordem e instituir uma justiça imparcial, confiando a execução da lei a chefes de polícia sob o controle da coroa. Esta promessa de melhoramento, entretanto, nunca funcionou perfeitamente, visto que o chefe de polícia, substituído cada vez que se alternavam no poder os dois partidos políticos nacionais, geralmente favorecia a facção local que se identificava com o partido cujo ministro o nomeara. A introdução do sistema de júri para os casos de crime, veio enfraquecer ainda mais estas tentativas. Os jurados votavam, na realidade, de acordo com a vontade do "coronel" ou do chefe político local. Como viviam sob sua proteção, não ousavam contrariá-lo. A organização de partidos políticos antagônicos veio também incentivar estes conflitos. Nos tempos passados, o sertão fora arruinado pelas guerras entre famílias. Agora, a esta violência contínua, veio juntar-se o antagonismo político [14].

13 Ibid., pp. 505-508.
14 Chandler, em *Feitosas*, dá uma ampla evidência disto (ver especialmente pp. 46-78). Um estudo típico sobre as guerras entre famílias é de L. Costa Pinto, "Lutas de famílias no Brasil". É baseado, no entanto, numa pesquisa inadequada, e contém muitos erros.

A República, que sucedeu ao Império, em 1889, evitou qualquer tentativa centralizada de levar a justiça e a ordem à região. Seu extremo federalismo, delegando plenos poderes aos Estados, gerou o desenvolvimento das máquinas políticas, que se instalaram nos sertões para garantir que o "coronel" local votasse a seu favor. Em troca, os coronéis tinham assegurada a não-interferência em seus domínios. A força local de polícia, sob controle do governo do estado, geralmente dava apoio aos coronéis [15].

Apesar disto, os coronéis não conseguiram dominar efetivamente as comunidades. Eram chefes de importantes grupos de famílias, ou parentela, mas não eram mais os potentados de antigamente. Nem eles nem seus parentes podiam mais monopolizar a terra, como haviam feito seus predecessores. A posse da terra em grandes porções ainda estava confinada a uma pequena minoria, mas em qualquer povoado, havia sempre uma, ou diversas famílias, nesta categoria privilegiada. Portanto, o poder e o prestígio estavam bastante fragmentados, quando comparados com o período colonial.

Dentro destas condições, a desordem aumentava e a esperança de justiça e proteção diminuía. No passado, o povo tinha conseguido uma certa proteção agregando-se, ou simplesmente morando na propriedade de um potentado. Visto que este representava o papel de autoridade, o povo achava que assim, podia contar com uma certa medida de justiça. Por outro lado, o caos que se desencadeou com a fragmentação da autoridade dos potentados, veio ainda piorar mais as condições. Os moradores continuavam ainda ligados a um ou outro coronel ou a uma família influente, mas não havia muita segurança nestes laços, visto que poucos coronéis eram suficientemente poderosos para dominar as comunidades. Também não havia segurança nas instituições do estado, as quais, no sertão, são notoriamente fracas. Além do mais, a força destas instituições era usada sempre a favor da facção local que estivesse sob as boas graças da máquina do estado vigente naquele momento. Sem encontrar garantia de proteção nem do patrão, nem do estado, muitas destas povoações do sertão se transformaram em verdadeiras selvas, onde cada um lutava por sua sobrevivência. Parece, portanto, certo que o aparecimento do cangaço esteja intimamente ligado a este estado de desorganização social [16].

15 O livro clássico sobre a política neste período é de Victor Nunes Leal, *Coronelismo, enxada e voto*.

16 Souza, em *O Cangaço* segue o mesmo ponto de vista, argumentando que o cangaço deve seu aparecimento em parte a um conjunto de fatores políticos, entre os quais à

A ilegalidade e a desordem – provavelmente mais difusas nos sertões durante alguns períodos da República Velha do que em qualquer outro tempo – eram, no entanto, só fragmentos de um complexo de condições em ebulição, responsável talvez, pelo aparecimento do cangaço. As secas, que se repetiram naqueles anos com uma freqüência e veemência fora do comum, causaram uma séria desagregação da sociedade. À desastrosa seca de 1877-1879, seguiram-se as de 1888-1889, 1891, 1898, 1900, 1902-1903, 1907, 1915 e 1919. As mais intensas causaram um êxodo quase total das fazendas, pois os retirantes fugiam da fome e da inanição, e muitos deles nunca mais voltaram. Alguns emigraram para o Amazonas, onde foram trabalhar na exploração da borracha; outros se fixaram nas cidades ou nas regiões litorâneas. E outros, ainda, se congregaram nas zonas agrícolas menos secas, em tais quantidades que chegaram a criar severas tensões sociais e a debilitar os recursos disponíveis. Estas migrações, temporárias ou permanentes, contribuíram para o esfacelamento do controle social exercido pelos fazendeiros sobre seus dependentes. As oscilações econômicas, ocasionadas pela alta e a baixa do algodão, no meado do século XIX, devem também ter trazido sua contribuição. Portanto, a grande seca de 1877 e as que se seguiram podem ter influenciado o aceleramento do processo já iniciado [17].

O banditismo geralmente florescia durante as secas mais intensas e se agravou durante o final da década de 1870. Embora já existisse em tempos normais, é muito provável que a freqüência com que as secas se repetiam no final do século XIX e no início do século XX contribuiu para aumentar o nível de violência que caracterizou o cangaço. Na verdade, com a seca de 1919, o cangaço atingiu seu ponto máximo. [18]

O messianismo e fanatismo religioso também foram manifestações de uma crise na sociedade sertaneja neste período. Neste caso, não só o controle dos laços sociais foram cortados e as lealdades transferidas, mas também ocorreram importantes deslocamentos da popu-

incapacidade do governo ou dos coronéis de dominar as comunidades. (ver especialmente pp. 111, 123.)

17 Cunniff, *The Great Drought* (A Grande Seca), pp. 78-96.

18 Frederico Pernambuco de Mello, em *Aspectos do banditismo rural nordestino*, afirma ser isto verdade, e cita vinte e cinco bandos que atuaram entre 1919 e 1927. Sobre um destes grupos que atuou durante a seca de 1877-1879, ver Raimundo Nonato: *Jesuíno Brilhante: O cangaceiro romântico*. Entretanto, Brilhante e seu grupo não foram produtos da seca, pois já existiam antes de sua irrupção.

lação. Este messianismo, baseado na superstição, ignorância e pobreza dos sertanejos, sempre existiu. Suas duas mais proeminentes manifestações, entretanto, se deram paralelamente ao aparecimento do cangaço. Aparentemente, tanto o banditismo como o messianismo são produtos do mesmo complexo de condições [19]. A comunidade de Antônio Conselheiro, em Canudos, na Bahia, fundada em 1893, foi sede do primeiro destes dois movimentos religiosos; Juazeiro, a "Cidade Santa" do Padre Cícero Romão Batista, que surgiu na década depois de 1889, foi a segunda [20]. Antônio Conselheiro reuniu milhares de sequazes em seu pequeno povoado, que foi destruído pelas forças federais, em 1897. Juazeiro, situado no Cariri, sul do Ceará – uma região adequada para a agricultura – sobreviveu e prosperou, tornando-se o ponto de maior concentração de população no sertão. O Cariri, atraindo uma grande massa da classe pobre e sem teto da região – entre eles, criminosos e aventureiros – serviu como um campo fértil para o recrutamento de homens para quem a violência era um fato habitual. Portanto, esta concentração de povo no Cariri, e sua violenta vida política durante as primeiras décadas do século XX, podem também ter sido outro fator de influência no aparecimento do cangaço [21].

Antônio Silvino, o primeiro cangaceiro de importância, deve também ser mencionado, quando se fala das condições que favoreceram o banditismo neste período [22]. As histórias e lendas sobre suas façanhas, e o respeito e a admiração que suscitou entre os sertanejos, ajudou a moldar uma concepção popular do cangaço e a lhe dar um sustentáculo. Nascido em 1875, filho de respeitável família de fazendeiros do sertão de Pernambuco, Antônio Silvino tornou-se bandido em 1897,

19 Este é um ponto de vista muito comum, exposto especialmente por Facó, em *Cangaceiros*.

20 *A Rebelião nos Sertões*, a história de Canudos, de Euclides da Cunha, é uma das obras literárias mais famosas do Brasil, mas deve ser contraposta à outras versões, principalmente a de Ataliba Nogueira, em *Antônio Conselheiro e Canudos: Revisão histórias*. Padre Cícero e Juazeiro são tratados com mais detalhes no capítulo 4 deste livro. Além dos trabalhos citados, deve-se consultar também *Cangaceiros* de Facó, que fala do aparecimento de Juazeiro e sua influência sobre a região.

21 Ver Facó, *Cangaceiros*, principalmente a parte 3.

22 Não foi ainda publicado nenhum estudo histórico adequado sobre Antônio Silvino, porém Mário Souto Maior, em *Antônio Silvino: Capitão de trabuco*, e Carvalho, em *Serrote Preto*, pp. 428-470, dão um pequeno esboço. Linda Lewin deu uma interessante interpretação dos aspectos de sua vida em: *The Oligarchical Limitations od Social Banditry in Brazil: The Case of the Good Thief Antônio Silvino – Passado e Presente*, prestes a sair.

quando matou dois homens, suspeitos da morte de seu pai. Sua carreira de crimes chegou ao fim em 1914, quando foi ferido e preso pela polícia de Pernambuco. Durante 17 anos, com seu pequeno grupo de sequazes, percorreu quatro estados, comportando-se como bandido, mas, ao mesmo tempo, espalhando a fama de bandido cavalheiresco, que respeitava e fazia justiça aos que o mereciam. Poucos eram os rapazes dos sertões que não conheciam as façanhas de Antônio Silvino. Se, por acaso, eram forçados pelas circunstâncias a seguir o mesmo caminho, o célebre cangaceiro lhes servia de exemplo.

Lampião nasceu e cresceu numa zona freqüentada muitas vezes por Antônio Silvino. Nasceu no ano em que Silvino entrou para o cangaço; tinha 17 anos quando o famoso cangaceiro foi preso. Não há dúvida que Antônio Silvino serviu de exemplo a Lampião. Mas não foi somente ele, nem tampouco, foi ele o mais importante. Depois de Antônio Silvino, o cangaceiro mais famoso veio de São Francisco, distrito de Vila Bela, região onde Lampião nasceu e cresceu. Sebastião Pereira, também conhecido como Sinhô Pereira, foi, como Antônio Silvino, um bandido excepcional, um cavalheiro, nascido de uma das famílias de maior prestígio na região. Como Antônio Silvino, ele também entrou para o cangaço procurando vingar a honra da família. Mas isto não foi inesperado, visto que sua família estava empenhada num dos conflitos mais acirrados entre famílias no sertão. As lutas da família Pereira fazem parte importante do cenário social em que Lampião se tornou cangaceiro. [23]

As desavenças entre as famílias Pereira e Carvalho começaram devido à rivalidade política, no final da década de 1840, mais foi década e meia depois de 1905 que o litígio entrou em sua fase mais violenta. Esta violência parece ter ajudado a gerar uma tal explosão de barbárie, que se alastrou por toda a zona do rio Pajeú, no centro de Pernambuco e por todas as áreas da vizinhança.

A reabertura do conflito, em 1905, originou-se numa questão muito comum nos sertões, isto é, uma tentativa feita por dois membros da família Pereira numa estrada, para desarmar dois membros da família Carvalho. Como a vida nos sertões estava sempre sob ameaça, o porte de armas era reconhecido como um direito ad-

23 Sobre Sebastião Pereira e sua família, ver Abelardo Parreira, em *Sertanejos e cangaceiros*; Luís Wilson: *Vila Bela, os Pereiras e outras históricas*; Ulisses Lins de Albuquerque: *Um sertanejo e o sertão*, pp. 321-345. Ver também as notas do capítulo 2, deste livro.

quirido, e qualquer tentativa para impedi-lo era considerada uma ofensa à honra. Portanto, quando os Carvalho souberam do incidente, começaram as brigas entre os membros das duas famílias. Numa destas, Né Pereira, que tinha sido chefe de polícia, foi morto num dia de feira, em Vila Bela. Quando os acusados pelo delito foram absolvidos pelo júri, os Pereira ficaram muito ofendidos. Seguiram-se outros atos de violência, culminando em 1907, com a emboscada onde morreu Manuel Pereira (também conhecido como Padre Pereira, porque tinha estudado num seminário), o chefe da família Pereira, que contava 72 anos. Três dias depois, Né Dadú, um dos sobrinhos do morto, matou dois membros da família Carvalho – até este que, segundo dizem, foi feito a pedido da viúva. Os ataques e as mortes, naturalmente, continuavam. Na ausência do braço forte da lei e da justiça, imperava a lei Mosaica, executada às escondidas. Num episódio bem conhecido, os Carvalho, à frente de 300 homens armados, atacaram o reduto dos Pereira, em São Francisco, em 1908. Só se retiraram depois de 24 horas, quando souberam que um reforço dos Pereira estava a caminho para ajudar os assediados.

A capacidade dos Carvalho para reunir um número tão grande de pistoleiros, bem mostra o que se passava na zona do rio Pajeú. Na ausência da autoridade do governo, forte e imparcial – a que existia era manipulada, ora por uma facção, ora por outra – a população estava sendo arrastada para a luta, isto é, quando não estava ocupada com suas próprias brigas, menores e menos conhecidas. Uma destas, colocou Casimiro Honório, um fazendeiro, chefe de uma grande família, contra Zé de Sousa, um mulato valente, que tinha fugido com uma das filhas de Casimiro. Depois de uma longa e cruel luta, Zé foi morto por Casimiro, que era aliado dos Carvalho [24]. Casimiro era o tio do homem com quem Lampião e seus irmãos tiveram sua primeira grande briga. Um outro conflito envolveu Casimiro e um tio (por casamento) de Lampião. Poderiam ser citados uma infinidade de outros exemplos, pois havia muito poucas famílias que não tinham sido afetadas pela violência, naqueles tempos.

Os fazendeiros ricos eram forçados, pelas circunstâncias, a armar seus vaqueiros e moradores para poder proteger sua família e sua propriedade, ou, como alguns o fizeram, recrutar um pelotão especial entre os rapazes mais corajosos do local. Em vista do caos social proveniente destas condições, não era fato surpreendente o número sempre

24 David Jurubeba, entrevista, Serra Talhada, Pernambuco, julho 29, 1975.

crescente de bandos armados – cangaceiros – trabalhando ora para si, ora de aluguel.

Um destes bandos foi formado por Sebastião Pereira, em 1916, quando Né Dadú, um de seus irmãos mais velhos, foi assassinado. Né, que tinha vingado a morte do chefe dos Pereira, em 1907, conseguira sobreviver até 1916, apesar dos inúmeros atos de violência que marcaram a continuação da briga entre os Carvalho e os Pereira. Foi assassinado quando dormia ao lado de um de seus pistoleiros, em quem tinha a maior confiança. No entanto, alguns membros de sua família tinham suspeitado de que o homem estava trabalhando secretamente para os Carvalho e tinham advertido Né, sem que ele acreditasse. Anos mais tarde, Sebastião disse que tinha entrado para o cangaço devido ao brutal e covarde assassinato de seu irmão, e por causa de sua total falta de esperança na justiça dos homens do governo. Sua família, disse ele, tinha pedido ajuda ao governador Dantas Barreto. Este, em resposta, mandou reforçar a polícia, que, no entanto, no momento estava do lado dos Carvalho [25]. Diante dos acontecimentos, Sebastião, com 20 anos, resolveu dedicar-se de corpo e alma a vingar a morte do irmão. Tendo viajado ao Ceará para visitar um parente, voltou com um bando de 18 homens. Acompanhando-o e dividindo com ele a chefia do grupo, estava seu primo, Luís Padre, filho de Manuel Pereira, vulgo Padre Pereira, que fora assassinado em 1907. Foi a própria viúva quem aconselhou seu filho a acompanhar seu primo Sebastião na sua missão de vingança.

Lampião se juntou ao bando de Sebastião e Luís Padre uns cinco anos mais tarde. Alguns meses depois, achou-se, por força das circunstâncias, à testa do grupo. Contudo, nem a existência deste bando, nem tampouco nenhuma das prováveis causas do aparecimento do cangaço explicam por que Lampião se tornou um cangaceiro. Sua história, com todas as suas excentricidades, é toda sua. Nem também se explica porque tantos entre os seus contemporâneos eram cangaceiros. A história de cada um teria suas próprias razões. Um conhecimento mais profundo das condições sociais vigentes naquela época torna o aparecimento de Lampião e dos outros cangaceiros mais compreensível, mas esta compreensão é maior, se procurada na própria história dos bandidos. Sem estas razões, o relato histórico nada mais é do que uma estrutura, sem conter o drama e as ambigüidades das vidas destes homens ou da sociedade em que estas vidas desgraçadamente se desenrolaram.

25 Wilson: *Vila Bela*, p. 308.

2. Virgulino

Desde cedo se viu que Lampião não era só mais um entre tantos bandidos do sertão. Até 1922, era conhecido só na sua região, mas antes que o ano terminasse, sua fama começou a se espalhar por todo o nordeste. Em junho daquele ano, ele e seu bando, atacaram sensacionalmente Água Branca, uma comarca encravada nas serras do interior de Alagoas. Imediatamente, o jornal mais influente da região, ao comentar até que ponto suas façanhas estavam atraindo a atenção da população, chamou-o "o famigerado Lampião".[1] O jornal teve uma grande percepção e senso de profecia, pois, entre os anos de 1922 até 1938, não se passava uma semana sem que Lampião fosse mencionado no noticiário, quer regional, quer nacional. Poucas vezes um bandido conseguiu captar o interesse da nação por tão longo período.

No entanto, a infância de Lampião foi igual a de qualquer outro menino de seu tempo e de sua região, e é muito provável que nenhum daqueles que o conheceram em criança, pudesse prever a fama que haveria de adquirir. Nasceu na comarca de Vila Bela, no estado de Pernambuco, a 7 de julho de 1897, e recebeu o nome de Virgulino Ferreira da Silva [2]. Nasceu na fazenda de seu pai, Passagem das Pedras, situada

1 Diário de Pernambuco (Recife), 22 de julho de 1922.
2 Cópia autenticada do registro de nascimento fornecida por Iracl Alves dos Santos, funcionária do Registro Civil de Pauapiranga, Serra Talhada (antigamente Vila Bela),

no sopé da Serra Vermelha, que se ergue abruptamente, entre as colinas que a circundam. Como a maior parte do sertão, a fazenda era coberta de cactos e outros arbustos raquíticos, e viveu da pequena agricultura e da criação de gado, carneiros e cabras. O pai de Virgulino, José Ferreira dos Santos, também fazia transporte de mercadorias para as regiões da vizinhança, usando mulas e burros, pois as estradas muitas vezes não davam passagem a nenhuma espécie de veículo. Não era rico, mas também não era pobre. Pertencia à classe dos proprietários de terra, que se situava entre a elite que dominava a sociedade e a grande maioria dos trabalhadores sem terra. A família dos Ferreira tinha a reputação de ser inteligente, honesta e trabalhadora [3].

Virgulino, o terceiro dos novos filhos de José Ferreira, passou sua infância na casa de seus avós, Manoel e Jaçosa Lopez, pais de sua mãe, Maria. Isto não implicava em nenhuma separação dos pais, pois as duas famílias moravam a uns cem metros uma da outra, de cada lado do riacho. Virgulino nunca freqüentou escola, embora tivesse aprendido a ler, escrever e contar, rudimentarmente, com um professor particular. Seu pai era analfabeto, o que não era de estranhar, dentro do meio em que vivia. Até a metade do século XX, no nordeste brasileiro, poucas eram as escolas encontradas fora das cidades e capitais. Portanto, para o jovem Virgulino, a educação consistiu em aprender, através da experiência, as coisas necessárias para equipá-lo para uma vida igual a de seu pai e de seus avós, não sendo esperado nenhum imprevisto.

Numa fazenda, há geralmente uma divisão de tarefas entre os moradores, e assim era na família de José Ferreira. Antônio, o filho mais

Pernambuco. A data do nascimento de Lampião foi, muitas vezes, dada erroneamente como sendo 1900, e ele mesmo acreditava que o fosse. A narrativa que se segue sobre os seus primeiros anos, está baseada em minhas entrevistas com seu irmão, João Ferreira, de Propriá, Sergipe, em 14 e 15 de dezembro de 1973, e 1 a 3 de julho de 1974. Outras informações foram obtidas de entrevistas com Olympo Campos, de São José de Belmonte, Pernambuco, em 30 - 31 de julho de 1975; Maria Correia, de Água Branca, Alagoas, em 27 de junho de 1974; Genésio Ferreira, de Serra Talhada, Pernambuco, em 21 e 28 de junho de 1975; Venancio Nogueira, de Floresta, Pernambuco, em 5 de agosto de 1975. Todas estas pessoas conheceram Lampião quando era adolescente.

3 Lampião era uma mistura de sangue português, negro e índio, predominando o português. Foi discutido, em diversas obras, que era descendente, por parte do pai, da família Feitosa, de Inhamuns, no Ceará, mas nada ficou provado. Os membros das famílias Ferreira e Feitosa, que ainda vivem, nada sabem sobre isto. Um argumento típico sobre este parentesco, está em *Capitão Virgulino*, pp. 143-146, de Macedo. Sobre os Feitosa, ver Chandler: *Feitosas*.

velho, cuidava das plantações, enquanto que Levino, o segundo, ajudava o pai com os carretos. Quem tomava conta do gado, carneiros e cabras era Virgulino, o terceiro filho. Isto significava que, diariamente, tinha que percorrer as pastagens, juntando as cabras e carneiros, para trazê-los, todas as tardes, para o curral, como proteção contra os animais de rapina. Aos poucos, começou a tomar conta também do gado, e tornou-se um hábil vaqueiro. Muitos meninos no sertão, são ótimos cavaleiros aos dez ou doze anos de idade, e parece que assim foi também com Virgulino.

Tomou a si também uma outra tarefa importante da fazenda: a fabricação e cuidados com os artigos de couro. Os cabrestos, arreios e selas tinham que ser feitos e consertados, e também a indumentária dos vaqueiros, toda feita de couro, para proteção contra os espinhos e galhos da vegetação. Dentro de casa, uma boa parte dos móveis, especialmente as cadeiras, eram feitas de couro. Embora todos estes artigos de couro fossem para fins utilitários, eram também obras de arte, nas quais o seu criador tinha orgulho, não só por sua habilidade em manufaturá-las, como por ter feito um belo produto. Rédeas e selas, em particular, eram geralmente primorosos exemplos da arte de trabalhar o couro. Aqueles que se lembram de Virgulino como adolescente, são unânimes em atestar sua habilidade neste ramo.

Felizmente, nem tudo era trabalho na vida de Virgulino. Nas fazendas do nordeste, não se cria gado ou se cultiva a terra intensamente, e portanto sobrava ainda muito tempo livre. Quando criança, tomou parte nos jogos comuns a todos os meninos da região, isto é, a maior parte deles, uma imitação das atividades dos adultos. Um dos jogos mais populares era a vaquejada, quando dois meninos que fingiam estar montados a cavalo, se colocavam ao lado de um terceiro, que fingia ser a vaca. À medida que corriam ao longo da estrada, procuravam derrubar a vaca, que às vezes levava um grande tombo. Os corpos dos meninos, principalmente as pernas, ficavam logo cobertas de cicatrizes, não só pela violência das brincadeiras como pelo contato com os espinhos da vegetação. Talvez, a brincadeira mais popular fosse a de "cangaceiros e polícia", uma versão sertaneja de "soldado e ladrão". Era também uma brincadeira pesada. Embora os meninos usassem espigas de milho imitando as cartucheiras debaixo do cinto para atirar no inimigo, às vezes usavam também estilingues e pedras. Não era de admirar que fosse um jogo tão popular, pois os meninos estavam acostumados a ver os cangaceiros, que infestavam a região naquela época, e ouviam suas façanhas cantadas em prosa e verso.

Estes jogos eram, naturalmente, brincadeiras de criança, e quando Virgulino cresceu, começou a procurar divertimentos próprios dos adultos. Tomou parte nas vaquejadas, e logo se tornou um dos cavaleiros mais famosos da região. Também aprendeu a tocar sanfona, o instrumento básico da música folclórica do nordeste. Alto, magro, moreno, bonito, bom dançarino, era muito estimado nas festas das fazendas da vizinhança. Virgulino era, na verdade, um rapaz que se distinguia em muitas coisas.

Esta descrição da juventude de Lampião poderá parecer exagerada, uma invenção romântica para favorecer sua imagem de bandido célebre. No entanto, se há algum engano, é talvez ser cautelosa demais, visto que seus amigos e seus inimigos são unânimes em afirmar que foi um rapaz extraordinário. Dadas as suas habilidades, é, na verdade, lamentável, para ele e para a sociedade em que viveu, que Virgulino Ferreira tivesse dedicado vinte e tantos anos de sua vida ao crime, para ser finalmente morto à bala, no sopé de uma serra rochosa de um Estado vizinho.

Os dados históricos com que se procura recompor a entrada de Virgulino para o cangaço, são fragmentários, confusos e, geralmente, contraditórias [4]. Contudo, todos concordam que, o âmago da questão foi um vizinho dos Ferreira, José Saturnino. Saturnino, dois anos mais velho do que Virgulino, possuía uma fazenda pegada à dos Ferreira. Para a sociedade local, estava um passo acima dos Ferreira, em vista de seus laços com famílias de prestígio. Sua mulher pertencia à família dos Nogueira, que se consideravam da elite local, e seu pai era um im-

4 As entrevistas com João Ferreira foram a fonte principal. Além disto, João contou sua história para Luciano Carneiro, em *Porque Lampeão entrou no cangaço*, publicada no *O Cruzeiro* de 3 de outubro de 1953, e, anos antes, a Álvaro Barbosa Gomes, do *Diário de Notícias*, de Salvador, no dia 4 de junho de 1930. José Saturnino, o primeiro inimigo importante de Lampião, contou-me sua versão, numa entrevista em Serra Talhada, Pernambuco, nos dias 26 e 28 de 1975; sobre a história de Saturnino, ver também Oliveira, em *Lampião*, pp. 28-35. Também foram proveitosas as entrevistas com as seguintes pessoas que conheceram Lampião: Olympo Campos; João Jurubeba (Serra Talhada, Pernambuco, a 29 de julho de 1975); Genésio Ferreira e Miguel Feitosa (Araripina, Pernambuco, 15 - 16 de julho, 1975). Ver também as seguintes entrevistas publicadas, de pessoas que o conheceram: J. Martins Cavalcante, em Correio de Aracajú, 9 de outubro, 1930; José Abilio, no Jornal de Alagoas, a 10 de agosto, 1938; Sebastião Pereira, de Oswaldo Amorim: *O homem que chefiou Lampião*, no Jornal do Brasil (Rio de Janeiro), a 26 de dezembro de 1969. Os diversos livros sobre Lampião não merecem confiança no que dizem respeito a este período. Poucos dão indicação das fontes, e os acontecimentos e datas estão, geralmente, baralhados e incorretos. Procurei, portanto, reconstruir sua biografia baseado nas entrevistas, documentos e relatos de seus contemporâneos.

portante fazendeiro, que mantinha um grupo de homens armados. Seu tio, Casimiro Honório, era um chefe de cangaceiros bem conhecido, que serviu à poderosa família dos Carvalho em suas lutas rancorosas e sangrentas contra os Pereira. Além disso, era considerado o chefe da família. Os Ferreira, em comparação, eram gente relativamente humilde.

A inimizade entre os Ferreira e Saturnino começou em 1916, quando Virgulino tinha 19 anos. As causas foram invasão da propriedade e pretensos roubos de animais e chocalhos. Estas queixas eram endêmicas, no sertão. As fazendas não eram cercadas, e quase sempre os fazendeiros demonstravam um exagerado senso de honra quando se tratava da proteção de seus rebanhos. Segundo os Ferreira, um dos moradores de Saturnino estava roubando suas cabras. Deram queixa, e o chefe de polícia, que era tio de Virgulino, começou a investigação. Acompanhado por Virgulino e Levino, foi à casa do morador e declarou que os couros encontrados lá tinham a marca dos Ferreira. Saturnino, como de costume, achou que a vinda dos Ferreira e do parente chefe de polícia às suas terras, assim como as acusações, eram um insulto. Declarou que seu morador não precisava ter medo, pois seria protegido. Também acusou os filhos dos Ferreira de maltratar seus animais e roubar seus chocalhos, e avisou-os para se manterem afastados de suas terras. É difícil julgar hoje em dia quem tinha razão. Se os Ferreira eram culpados das acusações, talvez seus atos tenham sido em represália pelo roubo de suas cabras. A rapinagem de pequenos animais era um crime muito comum entre os moradores, pois eram terrivelmente pobres, subjugados, e, às vezes, depravados.

O culto da honra e a vingança pelo insulto faziam parte integral do código dos sertões, e os filhos de José Ferreira eram já conhecidos por sua valentia. Era evidente que não estavam dispostos a recuar, e sabiam também ser insolentes. De visita a um povoado vizinho, Antônio disse que tinha um cavalo que queria levar para cobrir na mulher de Saturnino. Este é um dos piores insultos entre os brasileiros, que geralmente são supercuidadosos com as mulheres de suas famílias.

O certo é que a má vontade entre as duas famílias degenerou em violência. Em 1916, num dos primeiros dias de dezembro, Virgulino e Levino, depois de recolherem o gado, passaram por um campo onde alguns homens de Saturnino estavam trabalhando. A história, contada por um dos empregados de Saturnino, diz que os Ferreira foram advertidos para não passarem por aquelas terras, e que responderam que passariam por onde quizessem e avisaram para que Saturnino não se metesse. Virgulino afirmou que um dos homens de Saturnino atirou

duas vezes nele e em seu irmão. No dia seguinte, os dois rapazes, desta vez em companhia de Antônio e de um de seus moradores, foram de novo recolher o gado, mas desta vez, estavam armados. Ao passarem perto da casa de Saturnino, estourou uma verdadeira batalha. Quem deu o primeiro tiro, não se sabe, mas em todo o caso, os Ferreira tiveram que lutar contra uma força superior composta por Saturnino e seus homens, e Antônio foi ferido na coxa.[5]

Tudo isto era muito desconcertante para José Ferreira, que, conforme consta, era um homem pacato, sem a exaltada valentia e impetuosidade de seus filhos, que queria somente viver em paz. Portanto, juntamente com chefes locais influentes, procurou entrar em acordo com Saturnino e seus parentes, esperando assim, evitar outras violências. Os acordos entre litigantes, para a solução de problemas de justiça, não eram fora do comum, numa terra onde as instituições públicas eram fracas e geralmente corruptas. O pai de Virgulino, tendo menos prestígio do que Saturnino, levou a pior. Os Ferreira tiveram que vender sua fazenda e se mudar para um lugar perto da vila de Nazaré, na comarca de Floresta. Além disto, estavam proibidos de pisar na região de sua antiga casa. José Saturnino e seus parentes próximos, estavam proibidos de irem perto de Nazaré.

Feita a mudança, os Ferreira se estabeleceram em sua nova fazenda, conhecida por Poço do Negro. Esperavam assim, ter encontrado paz. Infelizmente, José Ferreira não teve esta sorte, e esta mudança foi uma entre uma série de outras, antes de sua morte. As coisas não se passaram como os Ferreira tinham esperado: Saturnino e seu cunhado, José Nogueira, quebraram o acordo. Um dia, provavelmente alguns meses depois da mudança, Virgulino e Manoel Lopez, (um tio que vivia com os Ferreira), decidiram ir à feira semanal em Nazaré. Na vila, Virgulino e seu tio viram Saturnino e Nogueira. Saturnino estava lá, conforme ele disse, somente para cobrar uma dívida atrasada de uma pessoa a quem vendera um cavalo. O fato é que, a presença dos dois homens em Nazaré, perturbou o jovem Virgulino. Ele queria enfrentá-los, ali mesmo, no meio da rua, mas Manoel Lopez, mais velho, e, aparentemente mais calmo, conseguiu convencer seu exaltado

5 Uma importante informação sobre esta disputa e sua violência pode ser encontrada no processo criminal contra José Alves de Barros et al., 7 de dezembro de 1916, 1º Cartório, Serra Talhada, Pernambuco. Foi o processo iniciado contra Saturnino, cujo nome verdadeiro era Barros, pelo ferimento de Antônio. Entre as testemunhas, encontra-se o nome de Virgulino.

sobrinho que era mais prudente tocaiar os dois homens no caminho de casa. Saturnino e Nogueira, desconfiando que alguma coisa estava sendo preparada para eles, procuraram deixar seus adversários irem embora primeiro, mas, como já era quase noite, tiveram que ir para casa. Como tinham previsto, Virgulino e Manoel estavam esperando por eles, e houve troca de tiros. Não se sabe se Virgulino e seu tio queriam realmente matar seus inimigos, ou somente amedrontá-los. O certo é que ninguém ficou ferido.

Agora era a vez de Saturnino e seu grupo ficarem excitados. Bem cedo, no dia seguinte, uns quinze homens atacaram a fazenda de Poço do Negro. Virgulino e Manoel estavam sozinhos. O velho Ferreira estava viajando, fazendo seus carretos, e os outros membros da família tinham ido visitar uns parentes, bem longe, ao norte. O ataque não foi surpresa. Bem providos de munições, Virgulino e seu tio se defenderam galhardamente, e conseguiram ferir um dos homens de Saturnino. Depois de uma meia hora de tiroteio, os atacantes se retiraram.

O ataque a Poço do Negro assustou os Ferreira, visto que punha em perigo a segurança de toda a família. Mostrou-lhes claramente o risco que corriam. Daí em diante, os rapazes da família só andavam armados e começaram a adquirir a reputação de cangaceiros. Começaram também a usar as roupas que caracterizavam o bandido profissional: chapéu com a aba virada na frente, lenços vistosos ao redor do pescoço, e cinturões com cartucheiras.

Como já foi mencionado, Sebastião Pereira, um cangaceiro que eles conheciam bem, lhes serviu de modelo. Era, depois de Antônio Silvino, o cangaceiro mais famoso dos sertões. Era natural da vila de São Francisco, situada perto da fazenda dos Ferreira, Passagem das Pedras, e além disto, era mais ou menos da mesma idade dos filhos do velho Ferreira. Acompanhado de um grande bando, estava, desde 1916, agindo na região onde os Ferreira moravam, e Antônio Matildes, um tio dos Ferreira, por parte de casamento, era um dos que o protegiam. É interessante notar também, que os Nogueira e Saturnino, faziam parte da família Carvalho, o principal inimigo de Pereira. Era, portanto, de se esperar que Sebastião Pereira viesse a servir de exemplo para os Ferreira, e que, mais tarde, quando a situação piorou, eles o procurassem, pedindo ajuda, pois tinham um inimigo em comum[6].

6 A história de Sebastião Pereira foi contada por Amorim: *O homem que chefiou Lampião*. Ver também Wilson: "Vila Bela", pp. 307-326.

A atitude dos jovens Ferreira, que se comportavam como futuros cangaceiros, sempre prontos a brigar em defesa própria ou de sua família, era bastante perturbadora para os habitantes de Nazaré, dominados pelas famílias ligadas por parentesco ou por laços de casamento a Saturnino e aos Nogueira. Os Ferreira não estavam bastante longe para escapar à influência de seus inimigos. Se seus novos vizinhos não se mostraram hostis no princípio, estavam, pelo menos, predispostos a ficar do outro lado.

As primeiras dificuldades que os jovens Ferreira encontram com o povo de Nazaré (todos usando diversos nomes das famílias Flor, Ferraz, Gomes, Jurubeba e Nogueira) foram ocasionadas pela insistência dos rapazes de entrarem armados no povoado. Mandava a prudência - e isto era bem conhecido nos sertões - que não se devia carregar armas dentro das cidades. Era costume, ao entrar numa cidade, depositar suas armas na loja ou na casa de algum conhecido, e, apanhá-las somente no caminho de casa. Antônio, Levino e Virgulino se recusaram a seguir o costume, alegando que suas vidas estavam em perigo, e esta recusa levou a uma troca de ameaças entre eles e os principais habitantes de Nazaré. Declarando que os Ferreira estavam destruindo a paz da comunidade, e prejudicando o comércio, os maiores de Nazaré conseguiram que um soldado da polícia do estado fosse designado para lá. Ele deveria agir de parceria com eles, pois, no Brasil rural daquela época, era raro a imparcialidade da polícia.

Não tardou para que os Ferreira se metessem em complicações. A verdadeira causa ainda não se sabe, mas a história mais plausível os isenta de culpa. Era dia de feira em Nazaré, e como Sebastião Pereira e seu bando tinham assaltado as redondezas, a proibição de carregar armas tinha sido suspensa. Muita gente estava esperando um ataque ao povoado. Alguém disse que os Ferreira tinham acompanhado Pereira nesta incursão, e, quando Antônio e Virgulino entraram no lugarejo, atiraram contra eles. Levino, que tinha chegado um pouco antes, sem nenhum incidente, no início tomou parte no ataque a seus irmãos, pensando que eram homens do bando de Pereira. Isto vem provar que não eram verdadeiras as alegações de que os Ferreira tinham tomado parte no assalto, pois Levino seria incapaz de atacar seus rimãos ou seus amigos [7]. Mas, logo que reconheceu seus irmãos, foi para seu lado

7 Olympo Campos, um conhecido dos Ferreira, que mais tarde lutou contra eles quando entrou para a polícia, diz que a acusação contra eles não é verdadeira (entrevista).

e ajudou-os a se defender, acabando por levar um tiro no braço. Escondeu-se na casa de um conhecido, na vizinhança, onde foi encontrado e ameaçado de ser morto ali mesmo. Felizmente, prevaleceu o bom senso, e foi levado preso pelo soldado e mandado para a comarca de Floresta. Virgulino e Antônio escaparam ilesos.

Os Ferreira agora estavam mais complicados ainda, depois de terem participado de um confronto armado com as famílias dominantes da terra. Levino, ferido, fora levado para longe do povoado. Parecia não ser mais possível para os Ferreira continuarem vivendo em Nazaré, e José Ferreira de novo, pensou no futuro de sua família. Seus três filhos mais velhos tinham, praticamente, se tornado bandidos, e dois deles, tinham sido feridos em luta armada. Nem era bom pensar o que poderia acontecer se ficassem em Poço do Negro. Era preciso se mudarem de novo. Mas primeiro, havia o problema de conseguir a liberdade de Levino. Isto não foi tão difícil quanto esperado, talvez porque as autoridades da comarca estivessem mais empenhadas em garantir a paz na vizinhança do que em garantir convicções. Ficou combinado que Levino poderia voltar para a sua família se os Ferreira deixassem a região. Eles aceitaram as condições e Levino foi solto. Nesse ínterim, tinha vivido em relativa liberdade, enquanto o padre do lugarejo, um imigrante alemão, que antes tinha sido veterinário, tratava de seu ferimento [8].

Mudaram-se para a comarca de Água Branca, em Alagoas, escolha esta sugerida pelos rapazes, pois conforme disseram, Antônio Matildes, seu tio por parte de casamento, estava morando lá e vivendo sob a proteção de um dos coronéis do lugar, Dr. Ulysses Luna. A mudança foi feita, provavelmente em 1920, uns três anos depois que começaram as brigas com Saturnino. A nova sede da família foi uma fazenda alugada, num lugar chamado Olho d'Água, um pouco fora da comarca. Os Ferreira já não estavam tão bem de vida, pois todas estas brigas e mudanças tinham abalado as finanças. Tinham perdido quase todo o gado, e estavam vivendo da pequena agricultura e dos carretos.

A paz que José Ferreira estava procurando para sua família, também não seria encontrada em Alagoas. Foram muitas as razões que contribuiram para isto, mas os Ferreira atribuíram seus problemas aos inimigos em Pernambuco, e afirmaram que Saturnino e os Nogueira tinham mandado avisar às autoridades de Água Branca que eles eram

8 Entrevista com o padre Fr. José Kehrle, em Ricardo Noblat: *Lampião morreu envenenado*, na Manchete de 29 de abril de 1972, pp. 154-157.

bandidos. Talvez isto não foi nem necessário, pois segundo João Ferreira – o único dos irmãos que não se tornou cangaceiro – os rapazes já estavam exaltados e não queriam desistir de se vingarem de Saturnino. Além disto, estavam ligados a Matildes, um veterano da violência no interior de Pernambuco, que também fora obrigado a se afastar, devido a dificuldades com a polícia e com as famílias importantes do local. Em 1919, quando ainda vivia em Pernambuco, sua casa foi invadida pela polícia e ele, preso e espancado, sob a alegação de que estava acoitando cangaceiros. Foi levado à delegacia, e solto logo depois, por falta de provas. Atribuiu suas dificuldades a Saturnino e aos Nogueira, que deviam ter dito à polícia que ele estava dando proteção a Sebastião Pereira e seu bando. O Dr. Luna, protetor de Matildes em Água Branca, pouco podia fazer para ajudá-lo, pois, naquela época, estava na oposição. Nem também podia ajudar os Ferreira.

De qualquer modo, nem Matildes nem os jovens Ferreira queriam se esquecer de Saturnino, e pelo menos em duas ocasiões dentro de poucos meses, voltaram a Pernambuco para atacá-lo, assim como a seus parentes. A primeira vez foi a 15 de setembro de 1920. Uns quinze homens, incluindo Matildes e os três irmãos Ferreira, atacaram as fazendas de Saturnino, e uma dos Nogueira, tocaram fogo em algumas casas e cercas de madeira, mataram algumas reses e atiraram contra os que apareciam. Uma testemunha disse que o ataque foi chefiado por Matildes e Virgulino. Virgulino já estava assumindo a posição de chefe do grupo, embora fosse o mais novo dos irmãos. Nos primeiros dias de dezembro, o mesmo bando atacou as fazendas dos Nogueira[9].

Em vista destes acontecimentos, a polícia de Água Branca, naturalmente, começou a desconfiar de Matildes e dos Ferreira. Afinal de contas, Água Branca estava situada somente a uns cem quilômetros de Serra Vermelha, onde ocorreram os ataques, e as notícias viajam rápido. Portanto, a polícia deu uma batida nas casas de Matildes e dos Ferreira, procurando armas e talvez alguma mercadoria roubada. Naquele tempo, a polícia era quase igual aos bandidos, e buscas como esta significavam a destruição quase total das casas e de seus conteúdos, além de maus tratos aos seus habitantes. Assim também aconteceu naquela vez, mas, felizmente, as famílias não estavam em casa na hora da batida, escapando, portanto, aos maus tratos.

9 Processo criminal contra Antônio Matildes et al., 15 de outubro e 3 de dezembro de 1920, 1º Cartório, Serra Talhada, Pernambuco.

Os Ferreira, em sua nova casa, estavam claramente debaixo da suspeita de serem criminosos, e não tardou a entrarem em conflito com a polícia. Uma vez mais, foi má sorte dos Ferreira, pois não foram causadores do incidente. Uma das filhas de José Ferreira, tinha se casado com um sobrinho de Matildes, e um de seus filhos adoeceu. Alguém tinha que ir à cidade comprar remédio, e ficou decidido que iria João, um dos filhos mais moços de José Ferreira. Nenhum dos outros membros da família poderia ir. Com a exceção de José Ferreira, nenhum deles era bem-vindo à cidade. Ao chegar a Água Branca, João foi preso e acusado pela polícia de ter ido comprar munição para Matildes. Assim que souberam do acontecido, Virgulino, Antônio e Levino, acompanhados de um amigo, pegaram suas armas e saíram para soltá-lo. Esta era a reação esperada pelo chefe de polícia de Água Branca, que tinha preparado uma emboscada perto da casa dos Ferreira. Quando estes passaram, a polícia começou a atirar, mas eles resistiram galhardamente e conseguiram pôr em fuga os inimigos. Os Ferreira voltaram para casa. No dia seguinte, mandaram avisar a polícia que, se João não estivesse em casa até às 5 horas da tarde, eles tocariam fogo na cidade. O chefe de polícia, aconselhado por aqueles que temiam um tal confronto, deixou João voltar para casa.

Como não podiam mais ficar em Água Branca, José Ferreira foi, de novo, obrigado a se mudar. Desta vez, a mudança parecia ainda mais sombria, em vista de sua mulher estar gravemente enferma, não podendo viajar para longe. Entretanto, para José, o problema de seus três filhos mais velhos era o mais premente no momento, pois, estavam em perigo. Decidiu, portanto, mandá-los para longe, juntamente com os menores, dizendo que procurassem a família mais tarde, na nova residência, qualquer que fosse o seu lugar. Na fazenda, ficaram só José, sua mulher e João. Dentro de poucos dias, arrumaram seus parcos pertences, acertaram as contas com o dono da fazenda, e saíram em direção de Mata Grande. Ainda não estavam certos para onde iriam, mas tinham amigos lá e, acreditavam que o chefe de polícia compreenderia o transe por que estavam passando. No caminho, entre Água Branca e Mata Grande, pararam para descansar na casa de um amigo, Senhô Fragoso, num lugar chamado Engenho. Aí, tendo piorado muito com a viagem, a mulher de José Ferreira morreu. Então, triste e desanimado, Ferreira decidiu que ele e João aceitariam a hospitalidade de Fragoso até que seus filhos voltassem. Ficou morando numa das casas da fazenda, embora, temendo algum ataque da polícia à noite, ele e o filho, dormiam na caatinga.

Bem que eles temiam um ataque! Nesse ínterim, Virgulino e seus irmãos voltaram à região, e, juntamente com Matildes e sete homens, atacaram Pariconhas, uma povoação perto de Água Branca. O motivo do ataque foi a grande amizade entre o delegado e o chefe de polícia da comarca, Amarilo Batista. Batista, tinha sido o responsável pela prisão de João, e juntamente com o delegado da Pariconhas, tinha dado uma batida e depredado as casas de Matildes e dos Ferreira. Era um caso de vingança, e Matildes e seu bando aproveitaram a oportunidade. Ao chegarem ao povoado, mais ou menos às quatro e meia da tarde, pegaram Manoel Pereira, o delegado, e depois de saquearem sua loja, o amarraram a um poste. Matildes disse-lhe que isto era o pagamento pela depredação de sua casa. Em seguida, o grupo se dirigiu ao armazém do intendente, de onde carregaram tudo o que puderam e destruíram o resto. Levando dinheiro, jóias, relógios, e mandando que derramassem as bebidas por cima dos gêneros, Matildes declarou que o intendente também era responsável pelo que ele tinha padecido. Um do grupo foi também à casa do advogado da comarca e assaltou-o. No fim de contas, as vítimas calcularam que suas perdas e danos chegavam a 18:000$000 (cerca de cinco mil dólares), uma grande fortuna para o sertão, naquele tempo. [10] Ao saírem da cidade, os bandidos forçaram o delegado a acompanhá-los por alguns quilômetros, impedindo-o assim, de organizar uma perseguição imediata.

É interessante notar, que algumas das testemunhas se referiam a Virgulino Ferreira como "Lampião". Naquele tempo já tinha adquirido o apelido com o qual ficaria famoso. A origem deste apelido foi muito discutida, mas a versão mais popular é a de que Virgulino tinha tanta habilidade de atirar com um rifle de repetição, que chegava a dar a impressão de uma luz contínua na escuridão. No entanto, os apelidos eram muito comuns naquele tempo, e eram dados sem nenhuma razão aparente.

Lampião pagou caro por sua fama. Este primeiro passo para a fama, em Pariconhas, causou a morte de seu pai. O ataque à cidade ocorreu no dia 9 de maio de 1921. Nove dias depois, José Ferreira morreria nas mãos da polícia, justamente quando estava se preparando para deixar a fazenda de Fragoso. Tinha planejado ir até Mata Grande, naquela manhã, para comprar mantimentos para a viagem, e estava debulhando milho em frente ao alpendre da casa de Fragoso, quando a polícia chegou. Seu filho João estava no campo, juntando os burros. Os soldados, sob a direção do Chefe de Polícia, Amarilo Batista, de Água Branca, e do Sargento José Lucena, da Polícia do Estado, não fizeram nenhuma pergunta. Simplesmente cercaram a casa e começaram a atirar em todos os moradores, porque, disseram depois, acreditavam que era um covil dos cangaceiros que tinham atacado Pariconhas. José Ferreira e Fragoso, foram mortos. A polícia declarou que tinha encontrado na casa alguns objetos roubados em Pariconhas. Se tiver sido verdade – e há pouca dúvida sobre isto – os rapazes devem ter visitado o pai depois do ataque [11].

A morte de José Ferreira foi uma das maiores tragédias na vida de Lampião. Tinha sido um pai bondoso e trabalhador, que sempre procurara guiar seus filhos através das dificuldades que encontravam. Era ainda moço quando morreu, pois contava menos de cinqüenta anos.

Na ocasião da morte de José Ferreira, seus filhos mais velhos estavam voltando para Mata Grande, com as crianças, para se encontrarem com o pai. Enquanto isto, João estava escondido perto da fazenda dos Fragoso, receoso de algum ataque. Com a notícia da morte do pai, os rapazes acorreram à propriedade de Fragoso. Lá encontraram João, e mandaram que ele levasse as crianças menores (três meninas e um menino) para Pernambuco, na esperança de que alguém as acolhesse. João partiu, e nunca acompanhou seus irmãos no cangaço.

Para Virgulino, Antônio e Levino, a sorte estava lançada. Virgulino declarou que, tendo perdido seu pai por culpa da polícia – e respon-

10 Até 1942, a moeda brasileira era dividida em *contos*, escrita: (1:000$000) e *milréis* (1$000). Um conto, em 1922, equivalia a US$ 129.00 e seu valor permaneceu mais ou menos estável até o final da década. Entre 1930 e 1938, seu valor caiu de US$ 107.00 para $ 58.00, mas, durante a maior parte destes anos, oscilou entre $ 70.00 e $ 85.00. Ver o gráfico de Robert M. Levine, em *The Vargas Regime* (O Regime de Vargas), p. 193.

11 No Arquivo Público de Maceió, pacote M-10 = E = 2, há uma lista das mercadorias apreendidas, com data de 21 de maio de 1921. A melhor fonte de informações sobre o ataque a Pariconhas é o processo contra Antônio Matildes et al., de 9 de maio de 1921, Cartório de Água Branca, Alagoas. Um documento anexo ao processo dá a data da morte de José Ferreira. Os jornais deram apenas pequenas notas sobre o ataque a Pariconhas, como, por exemplo, o *Estado das Alagoas*, de 29 de maio de 1921. A maior parte dos livros sobre Lampião dão 1920 como a data destes acontecimentos, e muitos dizem que a morte de José Ferreira ocorreu antes do ataque a Pariconhas. Este é um ponto crítico na discussão, pois, segundo a versão popular, o ataque à casa de Fragoso não foi justificado por nenhum acontecimento anteior, e, conseqüentemente, a entrada de Lampião para o cangaço, foi devida ao assassinato de seu pai pela polícia. João Ferreira, naturalmente, seguiu aquele ponto de vista. Entretanto, não se lembra se foi em 1920 ou 1921, nem também a seqüência dos acontecimentos.

sabilizando-a também pela morte de sua mãe – iria lutar até a morte, e, se pudesse, tocaria fogo em Alagoas. Qualquer probabilidade de que as vidas dos Ferreira pudessem ser conduzidas por caminhos pacíficos, estava agora irremediavelmente perdida. Pelos ataques a seus inimigos e as diversas escaramuças com a polícia, já estavam marcados como criminosos. Agora, resolvendo viver do crime e lutar contra a polícia para vingar a morte do pai, eles abandonavam qualquer esperança de jamais poder voltar à uma vida normal. Para melhor ou para pior, tinham escolhido a vida de bandidos. Se, até aí tinham sido "cangaceiros mansos" – isto é, tinham levado uma vida normal, porém empregando a violência de vez em quando, em defesa da família e da honra – logo seria diferente. Dentro em breve, chegariam a um tal ponto, que seria impossível voltar à uma vida normal, e teriam que viver somente do cangaço.

Embora a entrada de Virgulino no cangaço possa ser atribuída ao contexto das condições da sociedade em que viveu, e o exame de seus atos possa explicar em parte suas razões para este passo, há ainda muitas perguntas sem respostas. O acontecimento pode sempre fugir à compreensão total. É difícil explicar porque alguns homens se tornam criminosos, enquanto outros, vivendo dentro das mesmas condições sociais e sujeitos às mesmas tribulações, não se tornam. Na verdade, a diferença parece estar na interação dos acontecimentos e condições com o temperamento individual. Deve-se compreender que a consciência de que nossa própria família foi tratada injustamente e levada à desgraça – mesmo se nossas ações contribuíram em parte para este infortúnio – possa pesar mais na mente de um homem forte do que na de um fraco. Este fardo é ainda mais difícil de carregar quando há pouca esperança de ajuda ou retribuição através de canais legalmente sancionados, ou socialmente aprovados. Talvez tenha sido a força, a coragem, a ousadia de Virgulino, e, possivelmente também, uma pitada de perversidade, combinadas com sua crescente frustração, que o impeliram a seguir o caminho que iria pôr em perigo a vida de sua família, e que no final, quando outros poderiam ter recuado, o levaram a cruzar o limite e entrar no cangaço. Talvez tenha sido uma mistura de caráter e circunstância que transformou o destemido e impetuoso Virgulino no terrível Lampião. [12]

12 Durante muito tempo, a literatura sobre crimes e distúrbios sociais enfatizou as condições sociais, inclusive o conflito de grupo, quase excluindo os fatores individuais; embora isto possa explicar muitas coisas em geral, nem sempre se aplica a casos indivi-

Por ironia da sorte, Lampião e seus irmãos nunca conseguiram vingar satisfatoriamente a morte de seu pai. Os dois homens que eles diziam serem mais responsáveis, José Saturnino, e o Sargento José Lucena, sobreviveram aos Ferreira, por muitas décadas. Saturnino entrou para a polícia de Pernambuco, para se proteger, e vive agora numa fazenda, de onde pode olhar para a Serra Vermelha e ver o lugar onde ele e Lampião trocaram os primeiros tiros. Lucena continou a fazer carreira na polícia de Alagoas, e finalmente chegou a ser prefeito da capital. Talvez Lampião e seus irmãos tenham abandonado a idéia de eliminá-los, pois logo tiveram que se preocupar mais em defender suas próprias vidas. Contudo, a meta declarada de Lampião, ou seja, vingar a morte de seu pai, deu à sua carreira fora da lei, uma "raison d'être" que ajudou a criar a lenda de cangaceiro vingativo.

duais. Foram-me de grande ajuda para chegar às minhas conclusões sobre Lampião, os textos de James Chowning Davies, em *When Men Revolt and Why*, principalmente as pp. 4 - 9, da introdução, e de Jessie Crosland, em *Outlaws in Fact and Fiction*, p. 7. As teorias modernas da ciência social de "frustração – agressão", e *carência relativa*, referentes ao comportamento criminoso e conflito violento, podem ser aplicadas ao caso de Lampião, porém são tão generalizantes que podem ser aplicadas a quase todo comportamento criminoso e violento. Pouco contribuem para uma mais profunda compreensão dos casos individuais, e são difíceis de ser verificadas. Entre muitos outros livros sobre estas teorias, ver Ted Robert Gurr, em *Why Men Rebel*, contendo ampla bibliografia; uma crítica sobre Gurr, pode ser encontrada em Howard Zehr: *Crime and the Development of Modern Society*, principalmente pp. 25-30.

3. Lampião

Depois da morte de seu pai, Lampião, Antônio e Levino passaram rapidamente à categoria de bandidos profissionais, seguidos por Antônio Rosa, um amigo que tinha morado na casa dos Ferreiras, em Alagoas. Como um grupo de quatro pessoas não causa muito temor, eles se juntavam, de vez em quando, a outros bandos maiores. É provável que tenham ficado por algum tempo com Antônio Matildes, porem, não durou muito. Não tardou que este velho guerreiro fosse embora, diante do empenho da força de polícia do estado para acabar com o banditismo. Fugiu para Paraíba onde viveu em paz os últimos anos de sua vida [1].

Os principais aliados dos Ferreira, neste período, foram os Porcino, e seu bando de Alagoas. Este famoso grupo de impetuosos criminosos, chefiados por Antônio Porcino, tinha adquirido uma má reputação nos últimos cinco anos. Agora, com os irmãos Ferreira, e com um grupo de quase 40 homens, espalhavam o terror pelos sertões de Alagoas e nas áreas vizinhas, de Pernambuco. Os ataques que faziam às pequenas cidades e povoados, logo provocaram a vinda de um considerável contingente de soldados para a região, alguns comandados

1 Genésio Ferreira, entrevista.

pelo inimigo número um dos Ferreira, José Lucena. No dia 22 de junho de 1921, perto da cidade de Espírito Santo, nos limites de Alagoas e Pernambuco, Lampião, fazendo parte do grupo de Porcino, teve seu primeiro grande embate com a polícia do estado. Não foi pequeno, pois a tropa contava com mais de cem soldados. Houve feridos de parte a parte, e, pelo menos um cangaceiro e um soldado morreram. Contam que o soldado foi baleado 12 vezes, pois pensavam que era Lucena. Os Ferreira saíram do campo de batalha acreditando terem eliminado um de seus piores inimigos [2].

A aliança dos Ferreira com os Porcino não durou mais do que algumas semanas, e talvez não tenha sido constante durante todo o tempo. Os grupos e os indivíduos, naquele tempo, se aliavam para levar a cabo um certo assalto, e depois, cada um seguia seu próprio caminho, até que houvesse necessidade de juntar forças de novo. Além do mais, o grupo de Antônio Porcino já estava com os dias contados. Antônio Porcino, dizem, morreu num choque com a polícia, na Bahia, em setembro de 1921. Seu irmão, Pedro, foi baleado pelo próprio sogro, e morreu também na Bahia [3].

Durante os meses que se seguiram aos assaltos feitos com os Porcino, Lampião e seu pequeno bando de 6 a 7 homens, trabalhou sempre com Sebastião Pereira e seus cangaceiros. Lampião aprendeu muito com Pereira. O grupo enfrentou a polícia em muitas ocasiões, às vezes, em grandes lutas. Numa destas, por exemplo, o bando, composto de umas duas dúzias de homens, enfrentou uma força da polícia mais ou menos do mesmo número, numa batalha que durou 5 horas. Muitos cangaceiros ficaram feridos, inclusive Antônio Ferreira. Pouco depois, Pereira e Lampião, com somente nove homens, foram cercados por 128 soldados. Numa extraordinária demonstração de bravura, o grupo furou o cerco e conseguiu escapar. Em um outro encontro com a polícia, alguns meses mais tarde Lampião foi ferido seriamente pela primeira vez. Conforme contou Sebastião Pereira, Lampião estava sob fogo cerrado, e, ao pular de um lado para outro para evitar os tiros, deixou cair o chapéu. Voltando para apanhá-lo, foi atingido na virilha e no ombro. Foi carregado por Levino e um outro companheiro para a

2 *Estado das Alagoas*, 23 de junho de 1921; *Jornal de Alagoas*, 21 e 22 de junho de 1921; *Diário de Pernambuco*, 25 de junho de 1921, e 31 de março de 1926; Amorim: *O homem que chefiou Lampião*.

3 *Diário de Pernambuco*, 22 de setembro de 1921. A história da morte de Pedro me foi contada por sua prima, Maria Correia, entrevista.

casa de um conhecido de Pereira. Lá, foi tratado por um médico trazido pelo chefe do bando, e levou três semanas para se recuperar [4].

Não foi só experiência no campo de batalha que Lampião aprendeu com Sebastião Pereira. Aprendeu também como se comporta um bandido profissional, principalmente em seu relacionamento com as comunidades maiores. Foi apresentado a todos os parentes, amigos e protetores de Pereira, alguns dos quais lhe prestariam muitos favores no futuro. Deve-se levar em conta que a família de Sebastião Pereira era uma das que tinha mais prestígio nos sertões de Pernambuco; valia a pena conhecê-la, e também, seus amigos. É bem provável que o imaturo bandido tenha também aprendido que as autoridades, incluindo a polícia, nem sempre devem ser consideradas como inimigos implacáveis. Podiam, também, em certas ocasiões, ser subornadas.

Lampião passou somente alguns meses com o célebre cangaceiro, pois, em 1922, Sebastião Pereira decidiu abandonar a região e procurar uma vida nova em outras paragens. Há muito tempo vinha sendo pressionado para tomar esta resolução, por parentes, amigos e mesmo, o muito respeitado Padre Cícero, de Juazeiro. Um dia, juntamente com seu primo e amigo íntimo do cangaço, Luís Padre, resolvera dar o primeiro passo. Munido de uma carta de apresentação do Padre Cícero para o vigário de uma cidadezinha no sul do Piauí, partiram. Quando já estavam bem dentro de Piauí, foram atacados pela polícia. Desanimados, voltaram a Pernambuco, para continuar a luta. Mas agora, em 1922, resolvera tentar de novo. Disse que o motivo principal para esta resolução era o fato de que vinha sofrendo uns ataques muito fortes de reumatismo, e portanto, a vida dura de cangaceiro estava se tornando insuportável. Desta vez, Sebastião Pereira conseguiu. Depois de se despedir de Lampião, perto da fronteira de Pernambuco e Ceará, ele e dois homens de seu grupo viajaram para o distante e pouco povoado estado de Goiás. Luís Padre já estava lá, esperando-o. Ambos viveram até bem velhinhos [5].

Lampião, com seu próprio bando e os remanescentes do bando de Pereira, tomou o lugar de seu antigo companheiro, e era agora o principal bandido dos sertões, tendo estabelecido sua supremacia quase imediatamente, posição esta que ele conservou até o fim de sua vida.

4 Amorim: *O homem que chefiou Lampião*.

5 Ibid. Ver também Nertan Macedo: *Sinhô Pereira: O comandante de Lampião*, pp. 36-37, 54-58.

Durante muitos anos outros grupos operavam na mesma área, mas nenhum conseguiu igualá-lo em habilidade e audácia.

A façanha que projetou o nome de Lampião aconteceu a 26 de junho de 1922. Muito oportunamente, foi em Água Branca, Alagoas, um lugar de triste lembrança para os Ferreira. Foi um assalto à casa da baronesa de Água Branca, a velha viúva de Joaquim Antônio de Siqueira Torres, que tinha sido elevado à nobreza durante o Império. É fácil compreender o motivo desta escolha. Em primeiro lugar, a baronesa tinha fama de ter muito dinheiro em casa, o que era uma razão muito importante para um bandido. Além disto, seus filhos tinham muita influência na política local, e portanto, eram aliados da polícia, que Lampião julgava responsável pela morte de seu pai. Se ele não estava vingando a morte de José Ferreira diretamente, pelo menos estava chegando perto, e além do mais, havia a pilhagem.

Com um grupo de aproximadamente 50 homens, Lampião chegou a Água Branca antes do dia raiar. Havia somente dois ou três soldados na cidade, portanto, não precisava se incomodar com as autoridades. A casa da baronesa, estranha, porém elegante, estava situada no centro da cidade, ao pé de uma colina, perto da igreja. Os assaltantes entraram forçando a porta de trás, do andar térreo, e começaram a saquear. Mexeram em tudo, abriram baús e armários, roubaram dinheiro, ouro, jóias, roupas e utensílios domésticos. O roubo foi enorme. Na ocasião, estavam em casa somente a velha baronesa de 90 anos, e uma outra senhora, também idosa. Dizem que a baronesa não se apercebeu do que estava acontecendo, nem mesmo quando os bandidos entraram em seu quarto e arrancaram um colar de seu pescoço. Quando o povo da cidade se deu conta do assalto, houve uma pequena resistência de uma casa da vizinhança, mas nenhum dos bandidos ficou ferido. Foi a primeira façanha que Lampião executou sozinho, com muito sucesso. Pela primeira vez seu nome apareceu no jornal local[6].

A audaciosa incursão a Água Branca alarmou os habitantes do sertão, que agora ficaram na expectativa de outros ataques. Até mesmo a letargia tão comum entre as autoridades da capital foi sacudida momentaneamente, pois a família Torres era influente e muito conhecida. Mesmo assim, a reação não foi imediata, e somente uns 10 dias depois da ocorrência chegou um contingente de 40 soldados, comandado por um tenente. Lampião ainda estava na área, e tinha desfechado um outro ataque contra Espírito Santo, uma cidadezinha na fronteira com Pernambuco. No dia 8 de julho, perto daí, atacou a força de polícia, cujo número tinha sido quase duplicado por voluntários civis. Operando de uma posição estratégica superior, os bandidos conseguiram pôr a polícia em debandada. Três soldados morreram, e dois ficaram gravemente feridos[7]. Lampião continuou a agir na área, durante diversas semanas, embora a tropa, agora comandada por José Lucena, chegasse agora a duzentos soldados. Um jornal do Recife, no final de agosto, qualificou Lampião como sendo "um dos piores facínoras" que apareceu no interior de Alagoas[8].

Não havia dúvida que Lampião estava se tornando um temível bandido. No entanto, não era ainda um criminoso totalmente perverso. Em circunstâncias normais, não saqueava indiscriminadamente nem matava à toa. Se acreditarmos nas informações sobre os crimes que cometeu nestes primeiros tempos, sempre aparece um motivo definido que o levou a tal. Em circunstâncias normais, estava sempre relacionado com o conceito de vingança, quer pessoal, quer a favor de um amigo ou aliado. Geralmente não escolhia suas vítimas ao acaso. Esta faceta deu à sua carreira, nos primeiros tempos, uma racionalidade que o colocava à parte do criminoso comum. Infelizmente, a clareza deste padrão foi toldada, mais tarde, pelo sangue das vítimas de crimes irracionais e extraordinariamente perversos.

Outros crimes cometidos durante os anos de 1922 e 1923 vêm provar a norma que seguia no começo de sua carreira. O primeiro, no dia 15 de agosto de 1922, se refere ao assassinato de um homem que voltava para casa, depois de ter feito a feira em Água Branca. Um companheiro de viagem contou que Manoel Cypriano de Souza encontrou Lampião e dois de seus homens, de tarde, numa estrada deserta. Os cangaceiros perguntaram a Manoel seu nome, e depois, disseram-lhe para desmontar e entregar todo o seu dinheiro. Reconhecendo Lampião, e vendo que podia ser morto, Manoel começou a pedir misericórdia, suplicando para que o deixassem viver e cuidar de sua família. Então, Lampião respondeu: "Sim, agora você conhece Lampião. Foi você quem indicou onde meu pai estava, para o matarem. Portanto,

6 As notícias sobre o assalto apareceram no *Diário de Pernambuco*, de 5 e 7 de julho e 5 de agosto de 1922; no *Correio da Pedra* (Alagoas) 2 de julho de 1922. Outras informações foram obtidas em entrevistas com América Torres (Água Branca, Alagoas, a 27 de junho de 1974) e Delilah Torres (Água Branca, Alagoas, 24 de junho de 1974).

7 *Diário de Pernambuco*, 22 de julho e 5 de agosto de 1922.
8 Ibid. *Diário de Pernambuco*, 29 de agosto de 1922.

agora você é quem paga". Recuando alguns passos, Lampião deu três tiros em Manoel, e, embora este já estivesse morto, mandou que seus companheiros atirassem no corpo algumas vezes mais. A testemunha então notou que alguns cangaceiros que estavam perto estavam detendo outras pessoas que voltavam da cidade, para que não pudessem dar o alarme antes que os bandidos tivessem tempo de fugir. No caminho, passaram pela casa de Manoel Cypriano e a saquearam, embora não tocassem no filho da vítima, que se encontrava lá. Anos mais tarde, Lampião não deixaria o serviço pela metade [9].

Uns dois meses depois, matou, de novo, por vingança, desta vez em Pernambuco. Foi um dos crimes mais famosos do princípio de sua carreira, pois a vítima foi um chefe político muito conhecido, Coronel Luís Gonzaga de Souza Ferraz. [10] Gonzaga, que morava na cidade de Belmonte, em Pernambuco, perto da fronteira com Ceará, não era inimigo pessoal de Lampião, mas este ajudou a matá-lo, por causa de um amigo, Ioiô Moroto. Moroto era parente de Sebastião Pereira, que foi um dos companheiros de Lampião no cangaço, enquanto que Gonzaga pertencia à família dos Carvalho, inimigos tradicionais de Pereira. Durante anos, Gonzaga viveu armando intrigas contra os Pereira, e também morou em São Francisco, a cidade natal de Sebastião Pereira. Mas o que realmente provocou o assassinato, foram os maus tratos que Moroto sofreu nas mãos de uma força da polícia do Ceará, que tinha vindo para Pernambuco, para caça aos bandidos. Em Belmonte, o comandante fez amizade com Gonzaga. No caminho de volta ao Ceará, os soldados passaram por São Cristovão, a fazenda de Moroto, e o maltrataram, bem como à sua família. Além de saquear a casa e suas dependências, eles insultaram Moroto e fizeram propostas obscenas às mulheres da família. Moroto pôs a responsabilidade da afronta em Gonzaga.

Não se sabe ao certo se Moroto pediu a Lampião para ajudá-lo a se vingar, ou se Lampião, ao ouvir o que tinha acontecido a seu amigo acorreu e induziu-o a agir, pois contam as duas histórias. Uma terceira versão conta que Sebastião Pereira, antes de deixar o cangaço, pediu a

9 Processo criminal contra Virgulino Ferreira et al., 15 de agosto de 1922, 1º Cartório, Água Branca, Alagoas.

10 A narração da morte de Gonzaga se baseia principalmente numa entrevista com João Primo de Carvalho, Belmonte, 30 de julho de 1975. O *Diário de Pernambuco* deu uma pequena nota, no dia 21 de outubro de 1922. Ver também Wilson: *Vila Bela*, pp. 338-340.

Lampião, na hora da despedida, para matar Gonzaga. De qualquer modo, Lampião e Moroto, à frente de setenta homens, chegaram a Belmonte, uma pitoresca cidadezinha situada num planalto, numa região de serras, na madrugada do dia 20 de outubro. Ao entrarem na cidade ainda adormecida, pensaram que não precisavam se preocupar, pois haviam só sete soldados no destacamento da polícia. O bando então se encaminhou para a casa de Gonzaga, situada na praça principal. A futura vítima era um fazendeiro abastado, e homem de negócios, e seu armazém, o maior da cidade, ficava pegado à casa. É evidente que o assalto foi por vingança, mas uma vingança que trazia lucro.

Ao tentarem entrar na casa, os cangaceiros foram recebidos à bala. Isto serviu para alertar a polícia e outras pessoas na cidade. Seguiu-se, então, um tiroteio que durou umas quatro a cinco horas. Quando terminou, Gonzaga estava morto e seu armazém tinha sido saqueado. Moroto estava vingado. Terminado o trabalho, o bando teve que abrir seu caminho à bala, porém, com vítimas: quatro ou cinco cangaceiros morreram. Moroto nunca pagou pelo crime. Na confusão que se seguiu, a polícia não estava em condições de processá-lo, e portanto, ele continuou a viver em paz, e bem protegido, na sua fazenda, a uns dez quilômetros da cidade. Quando as condições melhoraram e finalmente foi aberto um processo contra ele, deixou a região e se refugiou na casa dos Feitosa, em Inhamuns, Ceará. Os Feitosa tinham adquirido a fama de dar proteção aos fugitivos da lei, de mais prestígio. Alguns anos antes, mais ou menos em 1905, os Feitosa tinham também dado proteção a vários membros da família de Antônio Silvino, quando estavam sendo perseguidos pela polícia de Pernambuco. Seus descendentes, assim como os de Moroto, ainda vivem em Inhamuns. Os descendentes de Moroto se misturaram com os Feitosa.

No princípio de 1923, Lampião tentou de novo matar, por vingança, mas desta vez, a futura vítima escapou, enquanto pessoas inocentes, sofreram. Numa noite, em fins de janeiro, Lampião, acompanhado por mais quatro homens, abriram fogo contra uma fazenda em Floresta, um dos lugares em Pernambuco onde ele costumava morar. O ataque tinha por fim matar um homem conhecido por Tibúrcio da Serra Vermelha, que, Lampião sabia, estava na casa. Tibúrcio tinha feito parte do bando de Sebastião Pereira, mas tinha virado traidor, e se juntara a José Saturnino. Além disto, contavam que ele tinha assassinado dois homens do grupo de Lampião. Quando o tiroteio começou, todos os que estavam na casa, incluindo Tibúrcio, fugiram na escuridão, e se esconderam fora até que o dia amanheceu. Um deles, um

rapaz de vinte anos, foi atingido quando corria, e foi deixado ferido, no chão. O bando, então, tocou fogo na casa antes de partir. Tibúrcio escapou ileso. Não foi, naturalmente, a primeira vez, nem seria a última, que pessoas inocentes cairiam vítimas de Lampião. Se os alvos de seus crimes mais importantes não eram escolhidos indiscriminadamente, muitas vezes, eram atacados com tal violência, que os inocentes também eram vitimados.

O ano de 1923 foi, relativamente, um dos mais calmos na carreira de Lampião, não apresentando nenhuma façanha espetacular. No entanto, por uma razão particular, foi um ano fatídico para ele. Foi quando começou a antagonizar um grupo que viria a se tornar seu inimigo mais tenaz. O povo de Nazaré, a cidadezinha perto da fazenda dos Ferreira, em Poço do Negro, não tinha nenhuma razão para gostar de Lampião. Para eles, os Ferreira e seus problemas eram um estorvo, que perturbava a paz do lugar. Não era de estranhar que pensassem assim, visto que estavam ligados às famílias de Saturnino e dos Nogueira. Lampião e seus irmãos deveriam ter deixado a cidade em paz e se afastado, mas, apesar de todos os infortúnios por que tinham passado lá, voltaram ao lugarejo, em 1923.

Esta visita foi para comemorar o casamento de uma de suas primas. Acompanhado por uns quinze homens, Lampião chegou, no último dia de julho, para ir ao baile, à noite, e ao casamento, no dia seguinte. Vinha estimulado por suas últimas façanhas em Alagoas, em julho, durante as quais atacara diversas fazendas, e tivera um encontro com os soldados de Lucena. A presença do famoso facínora e seu bando em Nazaré, causou inquietação à população, pois temiam que se a polícia chegasse, haveria distúrbios. Quando várias pessoas, inclusive alguns de seus primos, se queixaram de sua vinda, Lampião ficou zangado e saiu da cidade. Mas levou consigo a sanfona que iria tocar no baile daquela noite, dizendo que se ele não podia dançar, ninguém mais dançaria. Apesar deste rompante, Lampião e seus homens voltaram no dia seguinte para assistir o casamento, na capela do lugarejo. Quando a missa do casamento tinha começado, chegou um grande contingente da polícia. Lampião, que tinha colocado sentinelas nos arredores, foi avisado, e a briga começou, sendo a polícia ajudada por diversos homens e rapazes mais velhos de Nazaré. Dadas as circunstâncias, poderia ter sido muito pior, mas Lampião e seu bando logo se retiraram, talvez porque os soldados eram em maior número. Mas, contam que o Padre José Kehrle, conversou com ele e o convenceu a retirar-se, tendo em vista a segurança da população. Lampião tinha um profundo respeito pelos padres, e talvez, ainda mais por este, pois

tinha sido o mesmo padre que cuidara dos ferimentos de seu irmão Levino, já muito tempo atrás, e agora era o seu principal confessor [11].

Lampião nunca mais voltou a Nazaré. Aparentemente, esta última visita serviu para cimentar a sua inimizade para com os nazarenos. Estes, conhecendo bem o seu temperamento, sabiam que não tardaria a voltar para extorquir a sua vingança. Não ficaram esperando para que isto acontecesse, mas começaram a persegui-lo, primeiro em pequenos grupos autônomos, e mais tarde, como membros da força policial do estado. Calcula-se que, pelo menos, uns sessenta homens de Nazaré se dedicaram a perseguir Lampião, alguns deles mal tinham passado a puberdade. Destes sessenta, uns quinze, ou mais, morreram nas mãos de Lampião e seu bando [12]. Durante toda a sua carreira, Lampião encontrou poucas pessoas que se empenharam tanto a persegui-lo como este grupo. Muitas vezes, outros o perseguiram de longe, temendo por suas vidas, enquanto outros podiam ser subornados. Mas os nazarenos, não. Caçaram-no em Pernambuco, Alagoas, Paraíba e Ceará, e quando, anos mais tarde, ele mudou seu centro de operações para Bahia e Sergipe, foram atrás dele lá. Quando Lampião morreu, perto do riacho de Angicos, alguns deles estavam na área, e ao ouvir o que tinha acontecido, ficaram zangados porque outros e não eles tinham tido o privilégio de pôr fim à sua vida.

Este empenho em perseguir Lampião era surpreendente. Durante este período, houve diversos encontros com a polícia, que, no entanto, não impediram seus movimentos. Sendo ele o perseguido, escolhia o lugar e a hora da batalha, e, como era de se esperar, era ele quem infligia as maiores perdas. Além disso, a maior parte da polícia tinha medo dele, e procurava não ter que enfrentá-lo.

Compreende-se a relutância da polícia em enfrentar os cangaceiros, dadas as dificuldades com que trabalhavam. Para começar, eram muito poucos. Nunca houve mais do que algumas centenas de soldados e oficiais alojados no interior de qualquer um dos estados do nordeste. Ceará, por exemplo, tinha uns quatrocentos soldados nos sertões, durante o meado da década de 1920. [13] Quase toda a polícia do

11 Venâncio Nogueira, Genésio Ferreira e João Jurubeba, entrevistas. Ver também *Diário de Pernambuco*, de 3 de agosto de 1923. Noblat, em *Lampião morreu envenenado* conta o que o Padre Kehrle se lembra sobre o acontecimento.

12 Avaliação feita por João Jurubeba, de Nazaré. Ele tinha quinze anos quando começou a perseguir Lampião, em 1925 (entrevista).

13 Entrevista com José Moreira da Rocha, ex-governador do Ceará, *Diário da Noite* (Rio de Janeiro), 28 de novembro de 1931.

estado estava concentrada na capital ou nas cidades, e não se esperava que fossem policiar as áreas rurais. Se o fizessem, as cidades ficariam indefesas. Muitas vezes, os facínoras estavam roubando ou matando a uns três ou quatro quilômetros de uma cidade, mas, a não ser que ameaçassem entrar na cidade, não precisavam temer a polícia.

O combate aos bandidos estava confiado à polícia mobilizada, ou "volantes", como eram chamados. Apesar do nome, a rapidez não era uma de suas características, pois, como os bandidos, andavam a pé. A polícia geralmente não possuía cavalos, pois eram caros, e os caminhões, que começaram a ser usados como meio de transporte no sertão no meado da década de 1920, também eram raros, visto que as estradas eram quase umas veredas. Além do mais, os cangaceiros muitas vezes viajavam pelos atalhos, onde nem os caminhões nem os cavalos podiam passar. A caatinga, em muitas zonas do sertão, é tão espessa e cheia de espinhos, que um homem a cavalo, tem dificuldade em passar. Portanto, por necessidade, tanto a polícia como os cangaceiros andavam a pé. A principal desvantagem das volantes, entretanto, era seu efetivo muito limitado. Nos sertões de Pernambuco, em 1922 e 1923, por exemplo, havia somente uma volante de vinte homens e um oficial para enfrentar o banditismo, e estes foram anos em que não somente Lampião mas também muitos outros bandos estavam ativos [14]. Às vezes, um estado punha um maior efetivo em campo para fazer face a um ataque mais forte, como fez Alagoas quando Lampião atacou Água Branca, mas era um caso raro.

Mesmo entre a polícia que perseguia Lampião, havia pouco entusiasmo para a tarefa. O treinamento era inadequado, e o rancho e o soldo, escassos e irregulares. As condições de trabalho eram duas – para não dizer mais – e os soldados tinham que passar dias e semanas a pé, perseguindo os cangaceiros. Tanto os soldados como os oficiais eram, muitas vezes, venais, e eram, freqüentemente, a principal fonte de abastecimento de munições de Lampião. Depois de vender para seus agentes, voltavam às suas bases dizendo que tinham sido gastas em combate [15]. Muitas volantes simplesmente evitavam qualquer contato com Lampião, e só lutavam quando eram absolutamente forçadas.

14 Gueiros *Lampião*, p. 60.

15 Entre outros, Olympo Campos e João Jurubeba, ambos reformados da Polícia de Pernambuco, afirmaram ser verdade que, durante este período, a polícia era uma das fontes de munição de Lampião (entrevista).

O quadro geral era tal que, Lampião, contanto que restringisse seus assaltos às fazendas isoladas ou aos povoados, não precisava temer a polícia. As exceções eram soldados como os nazarenos, que o perseguiam, não só pelo incentivo oferecido pelo governo, como por razões próprias. Este tipo de soldado iria provar ser o mais eficiente para combater o banditismo.

Os próprios governos estaduais mostraram pouco interesse no problema do cangaço no sertão, como prova a falta de soldados empregados para este fim. As administrações dos governadores daquela época – tais como de Sérgio Loreto, de Pernambuco, e José Moreira da Rocha, do Ceará – deixaram o sertão em estado de completo abandono. Os governadores, presidindo administrações letárgicas, tomavam parte no jogo da política nacional e tinham pouco interesse pelo interior, a não ser para manter seus contatos com os chefes políticos locais, que davam seus votos à máquina política estadual.

Os chefes políticos locais, por sua vez, faziam seus acordos com os cangaceiros, como já vinham fazendo há muito tempo. Quando o agente dos cangaceiros comprava uma grande quantidade de munições na cidade – bastante grande para dar na vista – os chefes e seus auxiliares, ou fingiam não se aperceber, ou tomavam parte no negócio, pois Lampião pagava bem. Quando Lampião pedia uma contribuição em dinheiro, eles davam, para garantir a imunidade de suas propriedades. Os chefes políticos de maior prestígio eram, também, capazes de garantir a Lampião que a polícia não o atacaria nem o importunaria, na sua zona. A influência dos políticos junto às autoridades governamentais era suficientemente forte para dar-lhes o poder de veto sobre os atos da polícia. O relacionamento entre os chefes políticos e os cangaceiros não era sempre unilateral. Contam que Lampião fazia alguns serviços para amigos influentes, atacando, por exemplo, a fazenda de um de seus inimigos, ou matando alguém que eles desejavam ver morto. Naturalmente, não há provas específicas, visto que os chefes políticos que pediam estes favores não faziam comentários, nem Lampião tampouco. Além do mais, os homens de Lampião pouco ou nada sabiam sobre estes assuntos, pois seu chefe era estremamente discreto no que se referia às suas relações com gente importante, e as conversas eram sempre particulares.

Deste modo, a população rural ficava quase sem defesa. Mas muita gente desta zona fazia também seus acordos com os cangaceiros. Os fazendeiros ricos pagavam as "contribuições" que ele exigia, e a seu pedido, eles, ou seus empregados, relutantemente o ajudavam na compra de mantimentos ou munições. Outros, de qualquer que fosse a

classe social (proprietário, vaqueiro ou morador) poderiam se tornar
seus agentes e seus amigos, fazendo alguns favores, quando necessário.
Serviam de mensageiros, por exemplo, levando bilhetes pedindo di-
nheiro aos fazendeiros ou comerciantes. Mantinham-no abastecido, e o
informavam dos movimentos da polícia, quando havia necessidade.
Por tudo isto Lampião pagava bem, pois a cooperação de seus prote-
tores, ou "coiteiros", como eram chamados, era indispensável para o
seu bem-estar. De um modo geral, pode-se dizer que a população rural
cooperava com Lampião, porque, recusar-lhe um favor era um convite
a uma represália certa. Agindo assim, estavam arriscando atrair o des-
contentamento da polícia, e muita gente sofreu nas mãos das "volan-
tes", que eram tão temidas quanto os cangaceiros. Mas, apesar de tu-
do, Lampião era uma ameaça mais real e mais persistente do que as
autoridade. Os atos das autoridades, e qualquer proteção que ofere-
cessem, eram intermitentes e temporários; não eram ameaças perma-
nentes, nem davam segurança permanente. Lampião, ao contrário, à
medida que sua fama crescia, pairava como a sobra de uma nuvem
sobre o sertão, pois sua inimizade, uma vez declarada, podia ser conta-
da como certa.

Alguns sertanejos desafiaram a ira de Lampião, delatando-o, ou fazendo-lhe oposição de outras maneiras. Em conseqüência, muitos deles sofreram amargamente, pagando com a vida ou tendo suas propriedades saqueadas e queimadas. Alguns, particularmente, ou juntamente com a polícia, pegaram em armas contra Lampião. Muitas famílias simplesmente se afastaram temporariamente do sertão, só voltando depois que passou a onda de banditismo.

Os acordos entre Lampião e a sociedade sertaneja, constrangedores como possam ter sido, chegaram ao auge durante o período de 1923 a 1926. Foi durante estes anos que diminuiu a perseguição da polícia e ele viveu mais abertamente em coexistência com os chefes políticos. Isto não quer dizer que Lampião estivesse inteiramente livre desta perseguição, pois, como veremos, teve sérios embates com as forças do estado. No entanto, foram esporádicos e não tão fortes que ameaçassem sua existência. Durante a maior parte deste período, baseou suas operações na área da fronteira entre Pernambuco e Paraíba, principalmente na comarca de Princeza, em Paraíba. Deixou Alagoas em paz, do meado de 1923 até o princípio de 1925.

Foi no segundo semestre de 1923 que Lampião se instalou, para uma estadia de diversos meses, em Princeza, que está situada em zona montanhosa, com vegetação espessa e chuvas adequadas. Sua base

principal era a cidadezinha de Patos, quase na fronteira com Pernambuco. A escolha tinha sido óbvia para Lampião, visto que o Coronel Marçal Diniz, dono de Patos e de fazenda próxima, Abóboras, há muito tempo vinha protegendo cangaceiros. Um homem corpulento, conhecido por sua simpatia, ele também oferecia hospitalidade às tropas que passavam perseguindo os bandidos. O Coronel Marçal, como muitos outros fazendeiros ricos, estava bem amestrado na arte de sobrevivência. Tinha também excelentes relações; o mais poderoso chefe político dos sertões, José Pereira Lima, era seu genro. Zé Pereira, como era chamado, não só dominou a comarca de Princeza, como sua influência se estendeu por uma vasta área da Paraíba e de Pernambuco. Em sua casa, em Princeza, sua palavra era lei.

Lampião conhecia o Coronel Marçal desde o tempo de Sebastião Pereira. Marçal protegeu o bando de Pereira quando Lampião também fazia parte. Além disto, foi com o filho do coronel, Marcolino Pereira Diniz, que Lampião fez mais amizade. Marcolino, uns três anos mais velho do que ele, era um homem de alguma cultura, tendo cursado uma boa parte da universidade de direito na capital do estado. Apesar disto, tinha poucos pontos a seu favor naquele período. Bebedor inveterado, arruaceiro, o filho do poderoso coronel vivia uma vida de dissipação. Dos dois camaradas – pois Marcolino e Lampião se tornaram bons amigos – há quem acredite que o primeiro era o mais perverso.

Com amizades como estas, Lampião e seu bando viviam às claras em Princeza. Os cangaceiros, não temendo a polícia, entravam na cidade e faziam freguesia nos bares. Alguns soldados alojados na cidade ficaram irritados com a tolerância para com os bandidos, mas não podiam fazer nada. O poder de Zé Pereira era tal, que na sua comarca, a polícia fazia o que ele queria.

A cidade de Triunfo, em Pernambuco, perto de Patos, era, no início do século XX, conhecida por sua violência, e foi teatro de muitos crimes e assassinatos. Um destes envolveu Marcolino e seu amigo cangaceiro, Lampião. Durante um baile, numa pequena cidade serrana, no dia 30 de dezembro de 1923, Marcolino começou a discutir com o juiz do distrito sobre um pretenso insulto. Marcolino matou a tiros o magistrado, no meio da rua, e, conseqüentemente, foi levado preso para a cadeia. Mas não ficou lá muito tempo. Lampião, acompanhado de uns oitenta cangaceiros, apareceu nos arredores da cidade, exigindo

sua soltura. As autoridades imediatamente atenderam seu pedido, tal era a fraqueza da justiça no sertão.[16]

O ano seguinte, 1924, foi muito movimentado para Lampião. Logo em fevereiro, atacou uma fazenda em Santa Cruz, na comarca de Triunfo, pertencente a Clementino Furtado, chefe de uma grande família. Embora a causa do ataque não seja bem clara, parece que a intenção era matar Clementino e sua família. Os cangaceiros cercaram a casa com 45 homens, e abriram fogo, começando uma batalha que durou seis horas. Foram afugentados por um pequeno destacamento da polícia, que deu uns tiros de longe, não arriscando entrar em luta maior. A estas alturas, um irmão e um sobrinho de Clementino estavam mortos e dois outros que tinham vindo ajudar, estavam feridos. Os cangaceiros voltaram alguns dias depois, aparentemente, para completar o serviço. Desta vez, a batalha durou cinco horas, enquanto Clementino e cinco companheiros defendiam a casa. Desta vez, também, um pequeno destacamento foi enviado da cidade, algumas horas depois que o tiroteio tinha começado, e quando Clementino já tinha perdido dois homens, inclusive um outro irmão. O tiroteio, em ambos os casos, podia ser ouvido da cidade, mas, como sempre acontecia, a polícia tinha pouco entusiasmo para enfrentar Lampião. Clementino (também conhecido como Quelé), impressionado com a falta de proteção, foi para a Paraíba e se alistou como sargento, na polícia do estado. Tornou-se, como os "nazarenos", um dos mais persistentes perseguidores de Lampião[17].

Algumas semanas depois, correu a notícia de que Lampião estava em dificuldades. Os jornais diziam que, num combate contra a polícia em Pernambuco, em fins de março, tinha saído gravemente ferido[18]. Conforme o noticiário, o combate se desenrolou perto da fronteira com a Paraíba, na comarca de Vila Bela, e houve perdas da parte da

16 A informação sobre o relacionamento de Lampião com Marcolino Diniz, Coronel Marçal e *Zé Pereira*, vem de entrevistas, das quais as mais importantes foram com Manoel Arruda D'Assis (Pombal, Paraíba, 12 e 13 de agosto de 1975), coronel reformado da polícia de Paraíba, que estava alojado em Princeza durante este período, e Severino Diniz, M. D. (Princesa, Paraíba, 12 de agosto de 1975), primo de Marcolino Diniz. Entrevistei também o Coronel Marcolino Diniz, em Patos, no dia em que completava 81 anos, a 10 de agosto de 1975. Ele admitiu ter sido amigo de Lampião, mas se negou a discutir outros detalhes.

17 Carvalho, em *Serrote Preto*, pp. 199-206, conta a história do ataque à Santa Cruz. Sua explicação das causas é muito confusa, devido à inexatidão cronológica.

18 *Diário de Pernambuco*, 27 de março de 1927.

polícia também. O comandante do destacamento era o Major Teófanes Torres, famoso por ter capturado Antônio Silvino, dez anos antes.

Lampião, na verdade, estava ferido. Seu cavalo fora atingido, e ele mesmo, levara um tiro no calcanhar. Enquanto seus homens continuavam o tiroteio, para cobrir sua retirada, Lampião procurou um refúgio. Os cangaceiros, então, fugiram em todas as direções, procurando confundir a polícia, como era costume. Armado só com uma pistola, Lampião ficou sozinho, escondido atrás de um tronco caído de uma árvore. Os soldados que o procuravam, seguiram uma trilha de sangue, mas, depois de perdê-la, foram embora. Os cangaceiros não tiveram tempo de voltar para socorrer seu chefe, pois, depois de se reagruparem, a uns cinco quilômetros do local, tiveram um outro encontro com a polícia. Lampião ficou, portanto, sozinho.

Passou por um mau pedaço. Passaram-se horas, e dias, e ninguém aparecia. A água e a comida que tinha consigo, se acabaram, e seu pé inchou, e começou a infeccionar. Tinha que se arrastar, pois não podia ficar em pé. Enquanto isto, seus irmãos estavam à sua procura. Antônio, acompanhado de um cangaceiro da Paraíba, bem conhecido, Cícero Costa, nada conseguiu, pois encontraram um destacamento da polícia. Costa morreu, e Antônio ficou ferido. Levino não tirava os olhos dos urubus, no céu, presumindo que, se seu irmão ainda estivesse vivo, os pássaros estariam esperando sua morte.

Depois de doze dias, uma mulher passou por perto, e Lampião chamou-a. A princípio, ficou com medo, depois, com pena de vê-lo ferido, chamou seu marido, e os dois o ajudaram. Por eles, Lampião mandou um recado para Marcolino. Logo depois, um grupo de 60 homens, sob as ordens de Sabino Gomes, o guarda-costas de Marcolino, veio e levou Lampião para Patos, onde foi tratado por dois médicos, sendo um, primo de Marcolino, de Princeza. Levaram também Antônio, que logo se recuperou de seu ferimento[19].

Lampião levou muitos meses para se restabelecer, mas sua cura foi completa, pois ficou andando sem manquejar. Enquanto ele estava em Patos, uma encantadora cidadezinha situada num vale verdejante e estreito, entre duas serras, seu bando atacou a cidade de Sousa, na Paraíba, em julho de 1924. Provavelmente haviam diversas razões para o ataque a Sousa, que estava situada a uns cem quilômetros ao norte de Princeza. O ataque principal tinha sido planejado para Cajazeiras, que

19 A história do ferimento de Lampião me foi contada por Manoel Arruda d'Assis e João Pereira (entrevistas).

ficava a poucos quilômetros, a oeste de Sousa. Marcolino tinha um pequeno negócio em Cajazeiras, e conhecia a cidade bem. Dizem que ele tinha dado informação aos bandidos a quem deviam assaltar, de modo a tirar o maior lucro possível. Sabino Gomes, seu guarda-costas, acompanhou o bando. Entretanto, ao ouvirem dizer que Cajazeiras, uma cidade bem próspera, estava pronta a reagir ao ataque, seguiram para Sousa.[20]

Para alguns daqueles que tomaram parte no ataque a Sousa, haviam outros motivos além da pilhagem. Para este ataque, muitos outros homens se juntaram ao grupo de Lampião, e entre estes, estava Chico Pereira e seus sequazes. Pereira, que tinha então 24 anos, era filho de um fazendeiro importante e homem de negócios, em um povoado na comarca de Sousa, que tinha sido assassinado três anos antes. O homicídio era um daqueles casos típicos de rivalidade entre famílias, no sertão. Quando os acusados pelo crime foram soltos pelo tribunal, Chico Pereira procurou fazer justiça por suas próprias mãos. Encontrando um deles, matou-o a tiros. Foi, imediatamente, preso e julgado, mas, diante da solidariedade de uma grande parte do povo da cidade, foi absolvido pelo júri. Então, achando que não tinha sido feita justiça total, arranjou um grupo de sequazes armados, para ajudá-lo a completar a sua vingança. Entre os acontecimentos que vieram à tona subseqüentemente falou-se de uma briga entre um amigo de Pereira, Chico Lopez, e o Dr. Otávio Mariz, uma das pessoas influentes na cidade de Sousa, e também um dos principais inimigos de Chico Pereira. O resultado foi um convite a Lampião para participar do ataque à cidade.[21]

Lampião, pessoalmente, não tomou parte no assalto. Ainda convalescente de seu ferimento, mandou seu bando, chefiado por Antônio e Levino. Sabino Gomes, o guarda-costas de Marcolino, também foi, e Chico Pereira era um dos líderes. Na madrugada do dia 27 de julho, uns setenta homens chegaram à Sousa. Esta era a hora preferida para os ataques, pois a maior parte da população ainda estaria dormindo e os bandidos podiam chegar a seu destino protegidos pelas trevas da noite. No entanto, já tinha corrido a notícia da vinda dos cangaceiros, e os habitantes de Sousa estavam inquietos. Na véspera do ataque, soube-se que os cabos da rede telefônica tinham sido cortados. Apesar

20 Manoel Arruda d'Assis, entrevista.

21 Toda a história de Chico Pereira foi contada por Francisco Pereira da Nóbrega, em *Vingança, não: depoimento sobre Chico Pereira o cangaceiro do nordeste*.

de tudo, a população, como um todo, não tinha feito nenhum preparativo para a defesa. O governo tinha mandado um pequeno destacamento, uns dez soldados, antecipando o ataque, mas ninguém fazia muita fé neles. Só os inimigos de Chico Pereira, inclusive Otávio Mariz, estavam preparados para oferecer uma certa resistência; na verdade, em caso de ataque, tinham certeza que seriam o alvo principal.

Os cangaceiros começaram a ofensiva às quatro horas da manhã. De início, cercaram a cidade e mandaram um recado aos soldados, aconselhando-os a não oferecerem resistência – um aviso que, aparentemente, foi observado. Divididos em pequenos grupos, assaltaram, então, três casas de comércio e umas dez residências particulares, saqueando e roubando. Um dos ataques mais ferozes foi contra a casa do juiz da comarca e foi chefiado por um cangaceiro chamado "Paezinho", que tinha suas queixas particulares contra o magistrado. Depois de um forte tiroteio, arrombaram as portas da casa e destruíram todo o seu conteúdo. O juiz, ainda com suas roupas de dormir, foi preso e forçado a acompanhar os facínoras, num humilhante passeio pela cidade. Antes de deixarem a cidade, a mulher do juiz pagou seu resgate. O Dr. Mariz, depois de uma resistência inicial, conseguiu escapar, mas sua casa foi saqueada. Durante sua retirada, os cangaceiros roubaram muitos cavalos e burros, e, deixaram três pessoas feridas. Uma vez fora de Sousa, continuaram a fazer depredações e atacaram mais duas povoações[22].

O ataque a Sousa acabou sendo prejudicial para Lampião e seus homens, pois com ele, perderam o direito ao refúgio em Princeza. Zé Pereira, até aí, tinha tolerado os bandidos em sua região – talvez só por causa de seu parentesco com o Coronel Marçal e Marcolino – porém, diante do acontecido, não quis mais continuar a fazê-lo. Afinal de contas, ele não era um simples coiteiro de cangaceiros, que usavam sua região como base para ataques encarniçados contra as cidades vizinhas. Irritado com a petulância dos bandidos, ordenou que a força policial, juntamente com alguns de seus asseclas, os atacassem. Diante disto, seu cunhado, Marcolino, aconselhou Lampião a voltar para Patos, visto que sua segurança não podia mais ser garantida[23]. Sabino

22 Ibid., pp. 107137. Um relatório, em primeira mão, do ataque pode ser encontrado também em *A União* (Paraíba), de 3 de outubro e 7 de setembro de 1924.

23 Marcolino Diniz contou que tinha dito a Lampião para ir embora e negou que Lampião tivesse voltado alguma vez (entrevista). No entanto, mais tarde, há notícias dele na propriedade de Marcolino.

Gomes, o guarda-costas de Marcolino, também seguiu com o bando, pois, tendo participado do ataque a Sousa, era considerado agora um criminoso comum. Chico Pereira, por seu lado, também estava fora da lei, e era forçado a viver como bandido. Preso em 1928, foi vítima de um suposto acidente de automóvel, quando ia sendo conduzido a julgamento. Houve acusações de que sua morte foi preparada pela polícia, e que, na verdade, o carro passou por cima depois que ele já estava morto [24].

Lampião e seu bando foram vivamente acossados pela polícia da Paraíba depois do ataque a Sousa. Uma semana depois do acontecimento, no dia 8 de agosto, foram alcançados em Princeza, na casa de um suposto protetor. Segundo um relato de um dos soldados, o destacamento estava se aproximando da casa quando ouviram os cangaceiros darem o alarme. Os tiros vinham de dentro e de perto da casa, assim também como de um lugar atrás dos soldados. Esperto como era, Lampião tinha iludido a polícia. Um soldado ficou ferido e outro morreu, antes que o bandido e seus dezessete homens conseguissem fugir debaixo da chuva. Deixaram 21 cavalos e burros, e também diversas selas, parte dos despojos do ataque a Sousa [25].

No final de agosto, o governo da Paraíba deu a surpreendente notícia de que o famoso cangaceiro e diversos de seus asseclas tinham morrido numa luta com a polícia. O boato já vinha circulando há algum tempo, e agora estava confirmado, disse o governador [26]. Mas a hora de Lampião ainda não tinha chegado – esta foi apenas uma entre as muitas informações falsas sobre sua morte, que iriam circular, antes que isto acontecesse, muitos anos mais tarde. Parece que tinha se escondido durante alguns meses. Somente depois do fim do ano é que os jornais da região começaram a dar notícias, de novo, sobre suas atividades. Obviamente, Lampião tinha esperado a poeira assentar.

24 Contam os jornais que, Pereira e seu bando foram vistos, de vez em quando com Lampião, nos anos que se seguiram ao assalto a Sousa. Ver, por exemplo, *O Ceará* (Fortaleza) de 18 de maio de 1927. As acusações referentes à morte de Pereira são encontradas em Nóbrega, *Vingança, não*, pp. 328-363.

25 Processo criminal contra Lampião et al., 8 de agosto de 1924, 1º Cartório, Princeza, Paraíba

26 *Diário de Pernambuco*, 27 de agosto de 1924.

4. Capitão Lampião e o Padre Cícero

As notícias sobre o paradeiro de Lampião só começaram a chegar aos jornais no início de 1925, muitos meses, portanto, depois do ataque a Sousa. Desejosos de recomeçarem suas incursões, os cangaceiros apareceram em Piancó, na Paraíba, e alguns dias mais tarde, encetaram uma longa caminhada através de Pernambuco, em direção a Alagoas [1]. Em Pernambuco foram vistos na cidade de Custódia, localizada a uns 40 quilômetros dos limites com a Paraíba. Quando a cidade abriu os olhos, numa manhã de janeiro, Lampião e seu bando de uns 20 homens, estavam na rua principal, mas aparentemente, suas intenções eram pacatas. Permaneceram uns dois dias na cidade, mas não fizeram distúrbios. Fizeram compras, comeram e beberam, mandaram fazer roupas, pagaram tudo e partiram para Alagoas. Seguindo uma rota em ziguezague, levaram umas três semanas para chegar ao destino, no dia 20 de fevereiro.

Lampião seguiu este caminho indireto, talvez porque não estava com pressa, ou talvez para despistar a polícia. Quando a notícia de que estava em Custódia chegou a Princeza, Zé Pereira mandou um destacamento em sua perseguição, ao qual se juntou um outro grupo da Paraíba. Também uns soldados de Pernambuco se juntaram a eles. Ao

1 *Diário de Pernambuco*, 18 de janeiro de 1925.

todo eram três oficiais e 77 homens no encalço dos cangaceiros. Tanto estes como os soldados estavam à pé [2].

Quando Lampião chegou ao limite entre os dois estados, descansou alguns dias na vila de Espírito Santo, do lado de Pernambuco, local de algumas de suas incursões anteriores. Depois, atravessou a fronteira de Alagoas e foi visitar um lugar perto de Mata Grande, onde estava enterrado seu pai. Chegando em Pariconhas, na comarca de Água Branca, local também de um ataque poucos anos antes, exigiu roupa e dinheiro dos comerciantes, mas não ofendeu a ninguém, fisicamente [3]. Ao aproximar-se de Mata Grande, despachou uns mensageiros com bilhetes para cinco pessoas importantes da cidade, exigindo grandes quantias de dinheiro. Quando não as recebeu, tentou invadir a cidade. Muita gente, ao ouvir dizer que o célebre facínora estava nas colinas da vizinhança, se atropelou, na ânsia de fugir. Lampião lutou durante duas horas com os defensores da cidade, mas encontrando uma resistência maior do que a esperada, bateu em retirada. Um de seus homens morreu, e dois outros ficaram feridos [4]. Tomaram, então, o rumo de Pernambuco.

As forças policiais que durante tantos dias estavam perseguindo os bandidos, conseguiram alcançá-los numa fazenda chamada Serrote Preto, perto da fronteira de Pernambuco. Tendo sido informada do paradeiro dos facínoras, a polícia tomou a iniciativa e atacou. Encontraram uma forte resistência de dentro da casa, onde os cangaceiros estavam alojados. Um dos oficiais paraibanos, impulsivamente, mandou que seus homens tomassem a casa, sendo imediatamente abatido, juntamente com alguns de seus soldados, pelo tiroteio fulminante dos adversários. O outro destacamento da Paraíba continuou a atirar contra a casa, enquanto o de Pernambuco também o fazia, um pouco mais atrás. Enquanto isto, Lampião mandou Levino e doze cangaceiros atacar de flanco os paraibanos. Quando abriram fogo, os pernambucanos atiraram neles, ficando, portanto, os paraibanos debaixo de um

2 A história da marcha através de Pernambuco foi contada por Carvalho, em *Serrote Preto*, pp. 301-315. O ataque a Algodões, que Carvalho diz ter acontecido naquela época, evidentemente só ocorreu no ano seguinte (ver *Jornal do Comércio*, de Fortaleza, 14 de maio de 1926).

3 *Diário de Pernambuco*, 15 de março de 1925; *Correio da Pedra*, 22 de fevereiro de 1925.

4 *Diário de Pernambuco*, 15 de março e 15 de abril de 1925; Pedro Barbosa de Melo, entrevista, Mata Grande, Alagoas, 22 de junho de 1974.

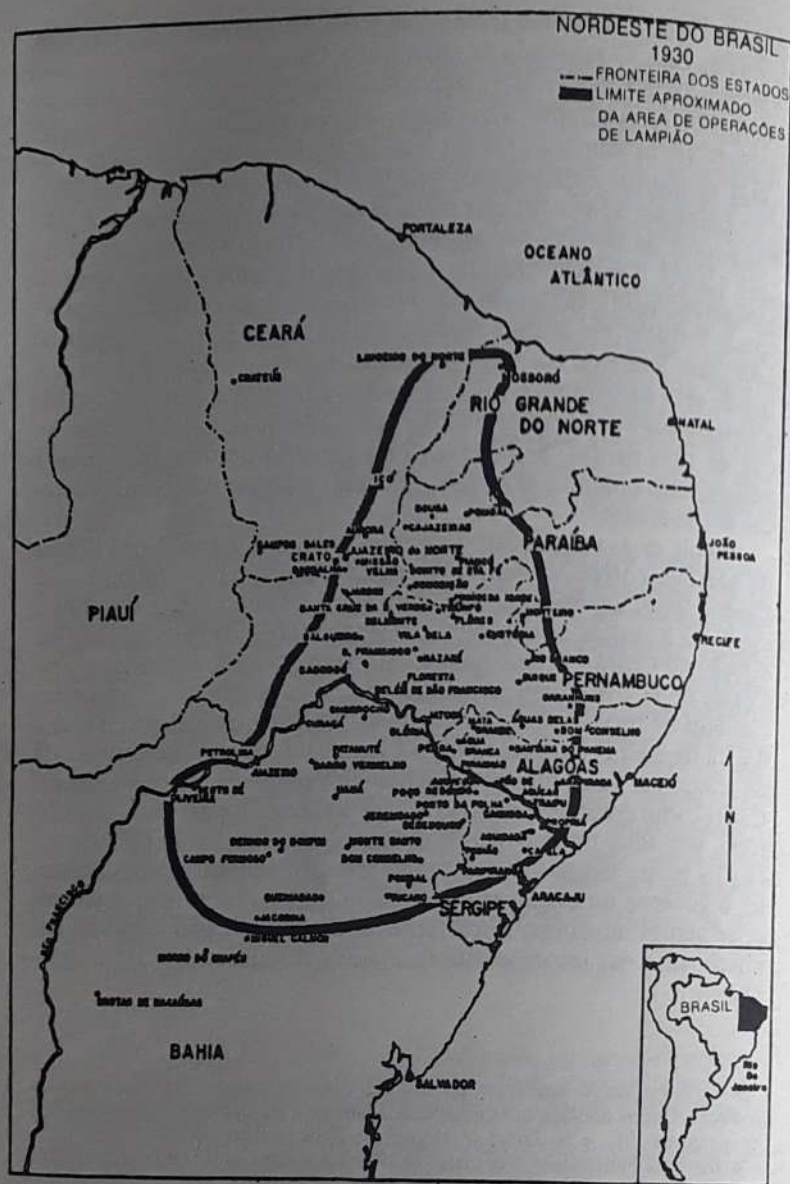
fogo cruzado, ao mesmo tempo que recebiam também o tiroteio que vinha da casa. O resultado foi desastroso. Com doze soldados mortos, e outros seriamente feridos, inclusive o oficial paraibano, a polícia se retirou. A estas alturas, tinha caído a noite, e, de longe, os soldados podiam ver os bandidos saírem carregando umas lâmpadas para procurar os mortos e despojá-los de todos os seus pertences.

Lampião, aparentemente, ficou escondido durante algumas semanas depois da batalha em Serrote Preto, talvez para se recuperar de seus efeitos. Contam que seu bando também sofreu muitas perdas. Um jornal disse que tinham morrido quatro cangaceiros e diversos ficaram feridos. Foi sempre muito difícil saber detalhes das perdas de Lampião. Somente nas mais sérias circunstâncias ele deixava os corpos de seus homens no lugar onde caíam, pois era seu costume levá-los e enterrá-los em covas escondidas, de modo que ninguém ficasse ao par de suas perdas. Se possível, Lampião não deixava nada para a polícia, nem mesmo a satisfação de contar o número de inimigos mortos em combate [5].

Onde estava escondido Lampião, era um mistério. Logo depois da batalha, correu o boato de que estava numa serra vizinha, e José Lucena levou um destacamento para expulsá-lo de lá. Depois a polícia espalhou a notícia de que estava viajando através de Pernambuco, em direção ao Ceará [6]. É bem possível que tenha passado algum tempo no Ceará, onde costumava ir quando precisava se refugiar. Tinha bons contatos na região montanhosa do Cariri, situado no sudoeste do estado, na fronteira com Pernambuco e Paraíba. Seus contatos eram ainda do tempo em que andava com Sebastião Pereira, que também usara o Cariri como esconderijo, em vista das vantagens topográficas que oferecia, sem falar no fato de que os fazendeiros e os chefes políticos locais há muito tempo vinham dando proteção a cangaceiros. Além disto, o governo do estado era bastante tolerante. A não ser que acontecesse algum infortúnio importante, as autoridades não tomavam conhecimento das incursões dos facínoras que vinham dos estados vizinhos [7].

5 Carvalho, em *Serrote Preto*, pp. 317-322, conta uma história muito completa do combate. Outras notícias, mais resumidas, apareceram no *Diário de Pernambuco*, de 3 de março de 1925, e no *Jornal de Alagoas*, de 26 de fevereiro de 1925.

6 *Diário de Pernambuco*, 3 de março de 1925; *Correio do Ceará*, (Fortaleza), 5 e 20 de março, e 13 de abril de 1925.

7 Sobre o banditismo no Ceará, ver Abelardo F. Montenegro, em *História do cangaceirismo no Ceará*; Gustavo Barroso, em *Heróes e bandidos*, e *Almas de lama*.

O bando de Lampião, depois de ter perdido alguns membros, por morte ou ferimento, no último combate, em Serrote Preto, sofreu também algumas deserções. Acredita-se ser isto verdade, pois, logo depois, três de seus homens foram capturados na zona leste de Pernambuco, e um outro, foi dado como tendo morrido [8]. Esta redução no grupo não era anormal, depois de um teste de valentia, como o de Serrote Preto. Além disto, Lampião pode ter dispensado alguns, ficando apenas com os sequazes mais fiéis, para maior facilidade para viajar e se esconder. O tamanho do bando variava conforme a necessidade do momento. Para uma escaramuça maior, arranjava mais homens; não sendo mais necessário, dispensava-os, ficando somente com os de mais confiança.

Aparentemente, Lampião ficou escondido até o começo de julho, quando teve um encontro com a polícia da Paraíba, em Flores, já na área de Pernambuco, não muito longe de Princeza. A polícia contou que houve um combate muito sério, durante o qual diversos cangaceiros devem ter ficado feridos, a julgar pela quantidade de sangue encontrada em alguns lugares [9]. Umas duas semanas mais tarde, a polícia anunciou que o irmão de Lampião, Levino, tinha morrido, depois de ter sido ferido num combate contra soldados chefiados pelo Sargento José Guedes. No momento do combate, Lampião estava acompanhado de quinze homens [10]. Guedes, da polícia da Paraíba, ganhou a fama de ter sido um dos mais competentes caçadores de Lampião. Contam que quando Levino morreu, Lampião amputou-lhe a cabeça, numa tentativa desesperada de evitar que a polícia tomasse conhecimento de sua perda [11]. O corpo poderia ser encontrado, mas ninguém saberia de quem era. Levino foi o primeiro entre os filhos de José Ferreira a morrer no cangaço.

Tudo indica que Lampião amava profundamente seu irmão e sofreu muito com a sua perda. Depois do acontecimento, entrou num período de inatividade durante algumas semanas, como sempre acontecia depois de uma experiência traumática. Saiu de sua reclusão, no princípio de setembro, impelido por um frenesi de agitação e de atos de crueldade quase inexplicáveis, que se tornaram, cada vez mais, parte do padrão que iria caracterizar seu comportamento.

8 *Diário de Pernambuco*, 13 de março e 19 de junho de 1925.
9 *Diário de Pernambuco*, 8 de julho de 1925.
10 Ibid., 21 de julho e 29, 1925; Manoel Arruda d'Assis, entrevista.
11 Carvalho, em *Serrote Preto*, p. 293.

A primeira notícia que se teve de Lampião, depois da morte de Levino, foi uma emboscada que armou para a volante de José Guedes, na vila de Gavião, em Pernambuco, do outro lado da comarca de Princeza [12]. Houve um acirrado tiroteio, antes que a polícia conseguisse pôr os bandidos em fuga. Um soldado morreu. A volante disse que encontrou quatro cangaceiros mortos, sendo dois, decapitados. No dia seguinte, Lampião e seu bando de aproximadamente trinta e seis homens, divididos em dois grupos, atacaram dois povoados na comarca de Princeza. Os ataques a Caboré e Alagoa do Serrote, deixaram sete mortos e diversos feridos. Entre os mortos, estavam um menino de 12 anos e um velho de 96. Testemunhas do acontecimento disseram que as vítimas eram gente pobre, que não tinham nada do que Lampião queria, que nunca tiveram desavenças com ele ou com seu bando, que estavam desarmados, e portanto, não ofereceram resistência. Os cangaceiros declararam, conforme contaram as testemunhas, que seus atos eram a recompensa que davam a Zé Pereira e à polícia da Paraíba pelo mal que lhes tinham feito, e, como não podiam dar pessoalmente a Pereira a sua parte, davam ao povo de sua zona [13]. Pouco tempo depois, houve uma outra emboscada de Guedes e seus soldados na fazenda Abóboras, uma das propriedades de Marcolino e seu pai. A polícia afirmou que morreram dois bandidos [14].

Lampião, sob acirrada perseguição na Paraíba e nas regiões adjacentes de Pernambuco, apareceu, algumas semanas depois, no Ceará. Sua explosão de atividade, aparentemente, tinha sido uma represália pela perda de seu irmão nas mãos da polícia de Guedes. É evidente que os atentados contra a polícia foram de sua própria iniciativa. Tanto as emboscadas como as atrocidades em Caboré e Alagoa do Serrote foram induzidas por uma idéia de vingança, um tanto indiscriminada. Quando chegou ao Ceará, em outubro, a polícia da Paraíba ainda estava à sua procura.

Acredita-se que Lampião tenha ido ao Ceará visitar um de seus amigos poderosos, no Carirí, o Coronel Isaías Arruda, de Missão Velha e Aurora [15]. O Coronel Arruda, que mantinha o seu próprio destacamento de cangaceiros, era um dos chefes políticos da região, conhe-

12 *Diário de Pernambuco*, 15 de setembro de 1925.
13 Processo criminal contra Virgulino Ferreira et al., 2 de setembro de 1925, 1º Cartório, Princeza, Paraíba.
14 *Diário de Pernambuco*, 15 de setembro de 1925.
15 *Correio do Ceará*, 28 de outubro de 1925.

cido há muito tempo como protetor dos cangaceiros. Não se sabe ao certo se Lampião viu ou não o Coronel Arruda, mas seu bando foi visto em diversos outros lugares. Chegando a uma vila da comarca de Maurity num dia de feira, Lampião e seus 37 homens deixaram uma boa impressão. Compraram muitas coisas e pagaram por tudo. E, numa conversa com um comerciante, disse que não iria fazer nenhum mal no Ceará. Esta promessa, que ele repetia muitas vezes e geralmente cumpria, era devida ao seu respeito pelo Padre Cícero, do Juazeiro. Lampião, como a maioria dos sertanejos, tinha uma verdadeira adoração pelo padre. Dizem que os bandidos estavam bem armados e a cavalo [16].

Lampião queria também visitar Maurity, mas, cauteloso como sempre, mandou um mensageiro primeiro, perguntando se seria recebido pacificamente. O Coronel Pedro Augusto, um dos chefes políticos da cidade, respondeu que, se tentassem entrar na cidade, seriam recebidos à bala [17]. Indignado, Lampião escreveu um bilhete, um tanto extravagante, ao coronel:

"Major Pedro Augusto.
Boas saudações.

Hoje mesmo estive com um rapaz seu. Apois veja como um homem fez. Este disse que vinha para me auxiliar. Apois inda outro dia conversei com um filho do delegado e dei todas minhas opiniões: – que não tenho má vontade para este estado, como tenho provado. Não acho direito é vocês estarem armados e juntando gente. Isto não está direito. Preciso dar passagem deste logar e não quero alarme no Ceará! Bem. Quero ser amigos dos srs., e nada más. Não sou moleque para andar com historias erradas.

Virgulinho Ferreira
vulgo Lampião" [18]

Apesar da afronta, Lampião ficou no Ceará por mais algumas semanas, nada fazendo a não ser mandar, de vez em quando, bilhetes aos fazendeiros e comerciantes pedindo dinheiro. Deve ter pensado que, afinal de contas, os cangaceiros também têm que viver. Parece que continuou com suas ocupações, relativamente pacíficas, durante o resto do ano de 1925.

16 Ibid., 27 de outubro de 1925.
17 *Correio do Ceará*, 27 de outubro de 1925 e 23 de abril de 1926.
18 Ibid., 11 de novembro de 1925.

Durante as primeiras semanas do novo ano, os sertanejos esqueceram-se temporariamente dos cangaceiros, diante de uma nova e mais terrível ameaça. Estavam acostumados com os bandos de uma dúzia ou mais de cangaceiros, nas hordas revolucionárias, vivendo à custa do povo da terra e supostamente com a firme intenção de fazer revolução, era outra coisa. A Coluna Prestes, que atravessou o Nordeste no início de 1926, foi a conseqüência de um levante militar mal sucedido em São Paulo, em julho de 1924. Na esperança de conservar viva a rebelião, e dramatizando sua oposição ao governo do Presidente Artur Bernardes, uma parte dos insurgentes empreendeu uma travessia pelo interior do Brasil. Chefiados por Luís Carlos Prestes, que depois se tornou o chefe do partido comunista no Brasil, os rebeldes estavam prontos para entrar no Ceará, vindos do Piauí, no meado de janeiro. Enquanto isto, esta malta já vinha viajando durante mais de um ano e meio por centenas de quilômetros. Os esforços do governo federal para apagar a chama da revolta foram sem efeito, e, geralmente, a defesa contra os insurgentes era deixada a cargo da polícia estadual e dos chefes políticos dos sertões e de seus pistoleiros [19]. O Ceará, também, teve que enfrentar a ameaça.

A tarefa de organizar a defesa do estado coube, em parte, ao Deputado Federal Floro Bartolomeu, de Juazeiro. Foi ele, como veremos adiante, que resolveu incluir Lampião em seus planos. O grande prestígio de Floro, tanto no estado como perante toda a nação, se baseava no modo como manobrava a influência política do Padre Cícero. [20] Depois de sua chegada ao Juazeiro, em 1908, juntamente com o venerado padre, tinha montado uma máquina política capaz de praticamente dominar a política estadual. Tinham sido os principais participantes de uma rebelião que culminou com a derrubada do governador em 1914. Floro iria, portanto, desempenhar um papel importante na defesa do estado contra as "hordes revolucionárias" [21] como foram chamados os partidários de Prestes por um jornal de Fortaleza. Era uma conseqüência lógica de seu poder e do poder do padre.

Floro começou por reunir uma força de defesa, recrutada às pressas, e composta, em sua maioria, da massa de pistoleiros do Cariri. Os recrutas destes "Batalhões Patrióticos" ganharam novas armas, vin-

19 A história dos rebeldes foi contada por Neill Macaulay, em *The Prestes Column*.

20 Sobre Floro e seu relacionamento com o Padre Cícero, ver Ralph della Cava, em *Miracle at Juazeiro*, pp. 102-105

21 *Jornal do Commércio*, 15 de janeiro de 1926.

das dos depósitos do exército, pois Floro tinha o apoio material e monetário do governo federal. Depois de organizada, a tropa foi levada por Floro a Campos Sales, no sudoeste do Ceará, onde se esperava a invasão. De lá, Floro mandou uma carta a Lampião, convidando-o a fazer parte do batalhão. Esta resolução, tomada num momento de intensa preocupação, não era surpreendente, especialmente em vista do fato de que muitos que estavam alistados nos batalhões, eram criminosos de várias espécies. Entre eles, por exemplo, estavam muitos dos pistoleiros que compunham a tropa particular do Coronel Isaías Arruda, de Missão Velha, um dos amigos de Lampião no Ceará. Como a veneração de Lampião pelo Padre Cícero era muito conhecida, a carta foi mandada primeiro para Juazeiro, onde, contam, foi aprovada e referendada pelo famoso padre. Em seguida, foi confiada a um mensageiro que entrou em contato com o célebre cangaceiro, em Pernambuco, e entregou-a pessoalmente [22].

Passaram-se algumas semanas antes que a carta fosse respondida, e, nesse interim, os revolucionários atravessaram o Ceará, nas duas últimas semanas de janeiro, e seguiram para o Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco. A não ser pelas depredações usuais feitas por uma tropa que se abastecia do que encontrava, a caminhada através do Ceará foi tranqüila: não houve nenhum combate de importância. Enquanto isto, Lampião, que aparentemente não tinha se apercebido que pessoas influentes estavam planejando transformá-lo num soldado, estava em Pernambuco, levando a vida de sempre, exigindo dinheiro dos fazendeiros, tocando fogo nas casas e currais e matando o gado daqueles que recusavam satisfazê-lo. [23] No dia 14 de janeiro, quando as forças de Prestes já estavam no Ceará, correu a notícia de que Lampião tinha enfrentado a polícia num grande combate, perto de Triunfo, e alguns cangaceiros tinham saído feridos [24]. Um mês depois, o governador de Pernambuco anunciou que o famoso bandido estava morto. Morrera perto de Custódia, numa emboscada preparada pelo Tenente Optato Gueiros [25]. A notícia, naturalmente, era falsa.

22 Minha versão do convite de Floro a Lampião condiz com a de Octacílio Anselmo, em *Padre Cícero: Mito e realidade*, pp. 528-529. Padre Cícero, mais tarde, tentou demonstrar que não tinha referendado o convite de Floro. Também fez a discutível declaração de que a iniciativa tinha partido de Lampião, e não de Floro. Ver a carta do Padre Cícero, datada de 27 de abril de 1926, no *Jornal do Commércio* de 6 de maio de 1926.

23 *O Ceará* (Fortaleza) 15 de janeiro de 1926.

24 *Diário de Pernambuco*, 14 de janeiro de 1926.

25 Ibid., 14 de fevereiro de 1926; e *Jornal do Commércio*, de 15 de fevereiro de 1926.

No dia 23 de fevereiro, Lampião cancelou um outro nome da lista de seus inimigos que deveriam morrer. Naquele dia, atacou Serra Vermelha e matou José Nogueira, cunhado de José Saturnino. Embora Nogueira fosse seu inimigo desde a origem da briga com Saturnino, a provocação imediata foi uma carta que Lampião descobriu nas mãos de um morador de Nogueira. A carta – tirada do bolso do morador depois de morto, pois Lampião acabara de matá-lo – era endereçada aos Flors, de Nazaré, e dava todas as informações sobre o paradeiro de Lampião, seus esconderijos na região e oferecia munição e rifles. No ataque à fazenda de Serra Vermelha, além de Nogueira, morreu um outro e duas pessoas ficaram feridas. Depois de avisar à viúva de Nogueira para sair da casa, os bandidos a incendiaram.[26]

Diversas pessoas que serviram de testemunhas na morte de José Nogueira, declararam que ouviram o tiroteio, mas chegaram tarde, pois estavam escondidas na caatinga, com medo da tropa de Prestes. Na ocasião em que Lampião estava matando seu inimigo, os revoltosos de Prestes estavam na área, e Lampião, de fato, teve um encontro com a coluna naquele mesmo dia, porém, pensou que estava lutando com a polícia. Durante o tiroteio, ele e seus homens, como de costume, gritavam os insultos que reservavam para a polícia. Antes, na Paraíba tinha sido sugerido a Prestes, por terceiros, que convidasse Lampião a se juntar à coluna, mas ele rejeitou a sugestão.[27]

O convite de Floro à Lampião foi aceito nos primeiros dias de março, quando os revoltosos já estavam na Bahia. À esta altura, Floro não estava mais no Ceará. Já estava doente quando o alarme da invasão se espalhara pelo estado, e em seguida, piorou rapidamente, tendo que embarcar para o Rio, de navio, morrendo a 8 de março. Enquanto isto, Lampião chegou a Juazeiro, e não foi Floro mas o Padre Cícero que teve que tratar com ele.

Padre Cícero era um homem extraordinário.[28] Denunciado por diversos intelectuais do nordeste como um astuto manipulador da ig-

26 Processo criminal contra Virgulino Ferreira et al., 23 de fevereiro de 1926, 1º Cartório, Serra Talhada, Pernambuco. A versão sobre a carta é de Genésio Ferreira, entrevista.

27 Sobre o contato do bando com a coluna, ver: Lourenço Moreira Lima, em *A Coluna Prestes*, p. 271; S. Dias Ferreira, *A marcha da Coluna Prestes*, pp. 183-184; entrevista com Lampião, em *O Ceará*, de 17 de março de 1926.

28 Entre os muitos livros escritos sobre o Padre Cícero, ver Ralph della Cava: *Milagre em Juazeiro*, que trata principalmente das relações do padre com a igreja e com a política nacional; e Anselmo, *Padre Cícero, uma biografia, que são os que mais se destacam.*

norância popular, era respeitado pelo povo da região como se fosse um santo. Embora merecesse a reputação de ser um homem excepcional, não era fóra do comum, naquela região, ver o povo considerar como santo uma pessoa que se destacasse por sua religiosidade. Os que o precederam, assim como os que se seguiram, foram padres carismáticos, místicos sinceros, fanáticos, embusteiros, desequilibrados e às vezes, perigosos. Para a massa ignorante e supersticiosa do Nordeste, todas estas figuras populares tinham uma característica em comum. Possuíam poderes mágicos, ou, para os mais sofisticados, eram eficazes intercessores junto à força ou às forças que governam o universo. A religião do povo do sertão – aparentemente, romana, católica, porém de uma modalidade bem mais popular – não está longe do primitivismo.[29]

Cícero Romão Batista, pouco depois de sua ordenação, foi em 1872 para Juazeiro, que era então uma pequena vila na comarca de Crato. À medida que os anos iam se passando, foi adquirindo o respeito e a afeição do povo, em parte devido às visões místicas que dizia ter tido, mas também porque era um pároco muito consciencioso. Sua fama maior, no entanto, se espalhou em 1889, quando supostamente, aconteceu um milagre no Juazeiro: ao dar a comunhão a um membro de sua congregação, a hóstia se transformou em sangue, segundo disseram. A notícia se espalhou rapidamente, e quando isto aconteceu de novo diversas vezes nas semanas subseqüentes, o Nordeste estava em vias de ter uma nova santa e um novo santuário. Nos anos seguintes, enquanto o padre discutia com a hierarquia sobre a validade do suposto milagre, e de muitos outros que se seguiram – tendo sido finalmente excomungado – Juazeiro cresceu e se tornou uma das cidades mais importantes do sertão. Tendo sido durante muito tempo nada mais que um aglomerado de casebres de barro, viu-se de repente, habitada por romeiros, que vinham de todas as partes do nordeste para pagar uma promessa ao Padre Cícero. Entre os que tinham se mudado, em 1926, para esta Meca do nordeste, estavam vários membros da família de Lampião, inclusive seus irmãos menores e irmãs.

Depois da morte de José Ferreira, em 1921, João, o mais velho dos dois irmãos menores de Lampião, levou a família para Pau Ferro,

29 Esta opinião se baseia principalmente em minhas observações sobre a vida religiosa nos sertões. Abelardo F. Montenegro, em *Hiatória do fanatismo religioso no Cerá*, e Eduardo Campos, em *Folclore do nordeste*, também tratam da questão. Ver também o capítulo 11 deste livro.

em Pernambuco, onde viveram algum tempo, sob a proteção do Coronel Chico Martins. Depois que uma força de polícia foi procurá-los lá, Martins mandou-os para Bom Conselho, também em Pernambuco, para a fazenda de seu cunhado, Coronel José Abílio. Tanto Abílio como Martins, eram supostos protetores de Lampião, e, quando a polícia começou a importunar Abílio, João procurou seus irmãos, com a intenção de entrar para o bando. Porém Lampião disse-lhe que tinha que cuidar dos irmãos menores, e mandou-o de volta. Como João tinha um amigo, parente de Antônio Matildes, que estava morando em Propriá, em Sergipe, sob a proteção da poderosa família Brito, mudou-se para lá. Casou em Propriá, e mais tarde levou sua família para Juazeiro. [30]

Em resposta à carta de Floro, Lampião chegou à vizinhança de Juazeiro no princípio de março de 1926. Não se sabe ao certo onde e como recebeu este pedido de auxílio, mas uma versão conta que foi numa fazenda em Pernambuco, pertencente a um dos primos de Sebastião Pereira. Suspeitando no princípio que o convite fosse um estratagema para pegá-lo, Lampião só se convenceu de sua sinceridade quando viu a assinatura do padre Cícero [31]. Acompanhado por um oficial dos Batalhões Patrióticos, entrou na comarca de Juazeiro no dia 3 de março, e, contam que, ao passarem por Barbalha, a conduta dos cangaceiros foi exemplar. [32] Acamparam numa fazenda do Floro, enquanto se preparavam para entrar na cidade. Lá, foram visitados pelo prefeito e pelo Coronel Pedro Silvino, um dos homens fortes do Cariri, que estava no comando dos Batalhões Patrióticos. Dizem os jornais que, prometeram a Lampião o seu perdão e o comando de um destacamento, caso consentisse em combater os revoltosos. A presença do famoso cangaceiro nos arredores da cidade causou sensação, e todos estavam ansiosos para vê-lo de perto, e, mais de quatro mil pessoas foram até a fazenda. Quando perguntaram a Lampião se já tinha combatido os insurgentes, respondeu que, na verdade, tinha, mas não sabia se havia morto algum, pois sua munição acabara e fora obrigado a fugir. E, quando perguntaram sua opinião sobre eles, disse: "São bandidos que andam matando e roubando..." [33]

30 João Ferreira, entrevista; entrevista com José Abílio, no *Jornal de Alagoas*, de 10 de agosto de 1938.

31 Anselmo: *Padre Cícero*, p. 533. Anselmo diz que esta informação não veio de testemunha ocular.

32 *O Ceará*, 17 de março de 1926.

33 Ibid., 12 de março de 1926. É provável que Lampião tenha sabido que eram os rebeldes depois de os ter combatido.

Lampião e seus cangaceiros entraram na cidade de Juazeiro no dia 4 de março, à tarde. Acompanhado por alguns de seus homens, alojou-se na casa de João Mendes, comerciante e poeta popular. Sua visita à cidade foi muito movimentada. Como acontecera na fazenda, o povo venceu seu medo e muita gente correu para vê-lo. Todos disseram que era uma figura imponente. Um repórter que o entrevistou para um jornal de Fortaleza, deu as suas impressões: [34] Lampião era magro, bem proporcionado, de estatura mediana, pele escura e cabelos fartos e pretos. Sua vestimenta, do tipo comum, incluía um chapéu de feltro simples (sem os enfeites na aba virada para cima como os cangaceiros geralmente usavam) e um par de alpargatas de couro, do tipo usado pelos vaqueiros da região. Ao redor do pescoço, usava um lenço verde, preso por um anel de brilhante. Mais seis anéis de pedras preciosas - um rubi, um topázio, uma esmeralda e três brilhantes – enfeitavam seus dedos. Estava armado com um rifle, uma pistola e um punhal de quase quarenta centímetros de comprimento. Como protótipo de um cangaceiro, Lampião estava bem enfeitado e bem armado.

Os óculos escuros com aro de ouro, que Lampião usava, eram, segundo o repórter, para esconder um defeito no seu olho direito, que tinha sido danificado alguns anos antes, por um galho de árvore, provocando um leucoma (opacidade branca) da córnea. Com o passar dos anos, piorou, chegando a ficar quase cego daquele olho. Freqüentemente usava óculos com lentes coloridas, não somente para esconder o defeito do olho como devido a uma intolerância à luz no olho esquerdo. [35]

Ainda segundo o repórter, Lampião se portou de maneira calma e decidida. Embora seu linguajar fosse rude, falava sem se perturbar, olhando atentamente para seu interlocutor, e pesando suas palavras. Era sério, nunca sorria, e só falava para responder as perguntas. Dava a impressão de que estava perfeitamente consciente de sua própria importância e gostando de ser alvo da curiosidade popular. É preciso notar que Lampião não era indiferente à imagem que dele fazia o povo. Lia os jornais e revistas, quando os encontrava, ou talvez mandava

34 Esta descrição de Lampião e seus homens se baseia numa entrevista no *O Ceará*, de 17 de março de 1926. João Ferreira, que já estava no Juazeiro quando seu irmão chegou, também me fez uma boa descrição da visita. (entrevista).

35 O resultado de um exame dos olhos de Lampião, feito por um oftalmologista, depois de sua morte, foi publicado no *Jornal de Alagoas*, do dia 1º de agosto de 1938. A origem do problema com o olho direito me foi contada por seu irmão, João Ferreira.

que lessem para ele, pois é possível que não fosse um consumado lei-
tor. Interessava-se sobretudo pelas notícias referentes à sua pessoa, e,
ficava muito zangado quando encontrava algum comentário que acha-
va errado ou injusto.[36]

Em Juazeiro, recebeu suas visitas com cortesia. Estas chegavam já
assustadas com as histórias de suas façanhas, e saíam impressionadas
com seu ar imponente. A algumas, deu esmolas, de outras recebeu pe-
quenas lembranças – um crucifixo, por exemplo – como presentes. Na
rua, atirava moedas aos meninos. Quando perguntado por um jorna-
lista se não lhe perturbava extorquir dinheiro dos proprietários e des-
truir seus patrimônios se eles o desafiavam, respondeu que nunca fizera
uma tal coisa! Disse que somente pedia dinheiro a seus amigos.

Os cangaceiros de Lampião também foram alvo do interesse da
população. Enquanto se sabia muito sobre ele, relativamente pouco se
sabia sobre os componentes do bando. Eram 49, vestidos como ele,
com a exceção do chapéu, pois usavam o tradicional chapéu de canga-
ceiro. Todos estavam armados de rifle, pistola e punhal, e além disso,
tinham três ou quatro cinturões com cartucheiras na cintura e à tiraco-
lo. Calcula-se que cada homen carregava umas quatrocentas balas. Ti-
nham boa aparência, com traços caucasianos, bem queimados do sol,
e estavam entre os dezoito e trinta anos. Somente três eram negros.
Embora todos os estados do nordeste estivessem representados, a
maioria provinha de Vila Bela, Triunfo, Flores e Floresta, todas re-
giões de Pernambuco, território de Lampião. Falavam alegremente de
suas façanhas no cangaço e não pareciam estar arrependidos. Todos
concordaram que a profissão era boa.

Lampião apresentou seus homens, um a um, ao repórter que o es-
tava entrevistando. Disse que os que estavam com ele há mais tempo
eram Luís Pedro, Juriti, Xumbinho, Nevoeiro, Vicente e Jurema. A
maioria tinha apelidos. Juriti, por exemplo, é um pombo do mato, Ju-
rema, uma acácia. Acrescentou que Antônio Ferreira e Sabino Gomes
eram os subchefes, e que, caso ele viesse a morrer, poderiam substituí-
lo. O repórter pediu o seu autógrafo, e ele escreveu com uma letra bem
firme: "Lembrança de eu, Virgulino Ferreira da Silva, vulgo Lam-
pião".

36 Foram achadas muitas referências ao gosto que Lampião tinha pelos jornais e re-
vistas, especialmente se davam notícias sobre ele. Por exemplo, ver o *Correio do Ceará*,
de 13 de fevereiro de 1926.

Era evidente que tanto ele como seus homens estavam gostando
da estadia em Juazeiro. Lampião passou a maior parte do tempo visi-
tando diversos membros de sua família que viviam lá, e tirou um retra-
to com eles. Na verdade, os retratos tirados em Juazeiro são os seus
melhores, e há diversos, pois procurava todas as oportunidades de ser
fotografado. Seus homens regalaram a população, cantando em coro,
pela cidade a "Mulher Rendeira", canção preferida do bando.[37] Can-
tada ao ritmo de uma canção tradicional – cujo título faz referência a
uma arte muito apreciada pelas mulheres do sertão – teve seus versos
feitos por Lampião e seu homens, alguns dos quais tinham muito ta-
lento para a música. Os versos, que iam sendo acrescidos com o passar
dos anos, conta a história das conquistas e das tragédias dos cangacei-
ros, tanto no amor como na guerra. Os versos que se seguem, dão uma
idéia da canção:

Sobre o amor:

> As moças de Vila Bela
> São pobres mas têm ação
> Passam o dia na janela
> Namorando Lampião.

Sobre as mortes dos bandidos:

> Cícero Costa morreu
> Batista sepultou
> Tubiba foi baleado
> Meia-Noite desertou.

O ponto máximo da visita de Lampião a Juazeiro foi sua audiência
com o Padre Cícero. Ele e seu bando tinham ido a esta cidade devido à
associação do padre com os Batalhões Patrióticos, e, com a ausência
de Floro, o padre teve que recebê-lo. Padre Cícero, que contava na-
quela época 82 anos, não gostou deste encargo que tinha caído sobre

37 *O Nordeste* (Fortaleza), 8 de março de 1926. Muitos versos da canção podem srer
encontrados em *Lampião*, de Oliveira, pp. 183-185. Sobre as origens da música, ver Wil-
son, em *Vila Bela*, pp. 331-332. Uma canção baseada na *Mulher Rendeira* ficou muito
popular nos Estados Unidos no meado da década de 1950. Intitulada *The Bandit*, foi
gravada por Tex Ritter e divulgada pela Capitol Records, em 1954. A música era uma
adaptação do original, e as palavras se referiam a um bandido brasileiro desconhecido.

seus ombros, e deve ter previsto o ridículo e a crítica de que seria alvo mais tarde. Aparentemente, pouco falou sobre seu encontro com Lampião, pois era um assunto que o melindrava. Mais tarde, quando começaram as críticas, falou em linhas gerais [38]. Negou responsabilidade, em primeiro lugar, pela vinda do cangaceiro, contradizendo assim, as histórias que falam de sua rubrica na carta-convite de Floro a Lampião. [39] Declarou que reconhecia que, como chefe político da cidade tinha o "dever moral" de expulsar o cangaceiro e seu bando, mas não podia fazê-lo naquela ocasião pois seria ir contra os desejos de seu "maior amigo", Floro. Deixou, portanto, que viesse – e embora não tivesse admitido, sabe-se que avisou à polícia de Juazeiro para não fazer nada contra o bando. [40] Declarou ainda que, já que Lampião estava lá, achara melhor aproveitar a oportunidade para dar-lhe alguns conselhos, como era de sua obrigação como padre, para procurar desviar do mau caminho aqueles que estão no erro, tentar regenerá-los com os ensinamentos da religião, apontar-lhes o caminho da salvação e os meios de segui-lo". E concluiu dizendo que lampião fora emobra "satisfeito, comprometendo-se a não praticar mais crimes, nem depredações, jurando que, expulsos os revoltosos, se retiraria do nordeste para ir viver, honestamente, afastado dos seus inimigos".

O que o padre não incluiu na sua declaração foi a explicação porque Lampião saíra tão satisfeito, mas a história foi contada por outra pessoa. Pedro de Albuquerque Uchôa, um agrônomo que estava trabalhando em Juazeiro como inspetor agrícola para o Ministério da Agricultura, contou que, uma noite, já perto das 10 horas, recebeu um chamado do Padre Cícero. Lá chegando, encontrou Antônio Ferreira e Sabino Gomes conversando com o padre. Este, então, pediu-lhe para lavrar um documento, em nome do Governo da República dos Estados Unidos do Brasil, nomeando Lampião capitão dos Batalhões Patrióticos. Uchôa não se lembrava mais das palavras exatas do documento, mas, em termos gerais, era uma espécie de "passaporte", que dava ao "Capitão Virgulino Ferreira da Silva" e seus homens permissão para viajar livremente, de estado a estado, em companhia dos Batalhões Patrióticos, em perseguição aos revoltosos. Depois, Padre

38 Carta do Padre Cícero, *Jornal do Commercio*, 6 de maio de 1926.

39 Conforme uma versão, Floro desistira do convite a Lampião, mas, se isto fôr verdade, aparentemente Lampião não chegou a saber. (Ver *O Ceará*, de 27 de março de 1926).

40 Ibid., 17 de março de 1926; *Correio do Ceará*, 30 de março de 1926.

Cícero disse-lhe para assinar o documento, explicando que, como padre não tinha cargo oficial, enquanto Uchôa era funcionário do governo. Surpreso – pois pensava que estava servindo apenas de secretário – e reclamando um pouco, Uchôa assinou. Mais tarde disse que "teria assinado até mesmo a exoneração de Bernardes" de Presidente da nação se Antônio Ferreira e Sabino Gomes tivessem pedido. Os dois cangaceiros, então, saíram, para entregar o documento a Lampião, que já tinha ido se deitar. [41]

A patente que o célebre bandoleiro recebeu pode não ter sido muito legal, mas, como disse o Padre Cícero, Lampião saiu satisfeito. E havia ainda uma outra razão para esta satisfação. Padre Cícero arranjou para que ele e seus homens se equipassem no almoxarifado dos Batalhões Patrióticos. Receberam uniformes, e pode-se imaginar a alegria com que trocaram suas velhas espingardas Winchester pelos novos Mausers automáticos do exército. O que quer que fossem agora – cangaceiros ou soldados – estavam bem equipados para a luta.

Não há dúvida de que quando Lampião deixou Juazeiro, no dia 8 de março, tinha intenção de cumprir todas as promessas feitas ao Padre Cícero. Como veremos mais tarde, ele já tinha pensado muitas vezes em deixar o cangaço, e o Padre Cícero lhe proporcionara uma boa oportunidade.

Saindo de Juazeiro pelo sul, Lampião seguiu a direção dos revoltosos, que estavam na Bahia. No caminho, parou na vila de São Francisco, perto da fazenda onde morara em criança. Genésio Ferreira, seu primo, se recorda que os moradores da vila ficaram muito impressionados com os uniformes e os rifles, para não falar da posição de Virgulino como oficial. [42] Mas foi em Pernambuco, que o seu entusiasmo pela nova vida começou a arrefecer. Quando chegou a Cabrobó, uma cidade que fica às margens do rio São Francisco, no limite com a Bahia, a polícia de Pernambuco, recusando reconhecer sua patente, saiu atrás dele. Desiludido, ele e seus homens, fizeram meia-volta, e pegaram o caminho do norte. [43] Pararam e acamparam na comarca de

41 A história da emissão da patente apareceu em diversos jornais. *O Nordeste*, de 20 de março de 1926, deu uma pequena versão. A história de Uchôa, contada a Leonardo Motta, apareceu primeiro, no *O Ceará*, de 26 de julho de 1929. Estas duas versões estão de acordo quanto ao conteúdo do documento. Uma suposta cópia, com data errada, que se encontra em *Lampeão*, de Gueiros, p. 55, parece ser apócrifa.

42 Entrevista.

43 *O Ceará*, 24 de abril de 1926.

Salgueiro, e de lá, mandaram para Juazeiro dois revoltosos que tinham capturado. Ao serem interrogados em Juazeiro, estes explicaram que tinham se juntado aos rebeldes, no Piauí, e tinham desertado ao chegar perto do rio São Francisco. No caminho de volta, foram presos numa fazenda em Salgueiro, onde estavam trabalhando. Disseram que o capitão, após os ter interrogado, mandara-os de volta sob escolta. [44]

Levantando o acampamento de Salgueiro, Lampião voltou ao Ceará, em direção do Juazeiro, com a intenção de visitar de novo o Padre Cícero. No dia 6 de abril, ele e mais dez homens que o acompanhavam, chegaram a Jardim, uma cidade a poucos quilômetros de Juazeiro. Uma testemunha disse que os cangaceiros entraram na cidade como se fossem proeminentes cidadãos da região, e se dirigiram diretamente à casa do prefeito. Aí ficaram hospedados durante dois dias, antes de partirem para Barbalha, uma cidade mais próxima de Juazeiro. [45] Consta que passaram por Barbalha, mas não seguiram para Juazeiro, pois o Padre Cícero não queria mais ver Lampião. Mais tarde, mandou-lhe um recado para não ir à cidade. Entretanto, o padre admitiu que as intenções do bandido eram boas, e que Lampião dissera que só queria a sua benção antes de renunciar ao cangaço e ir viver na Bahia. O velho padre não explicou porque Lampião não podia visitá-lo de novo; limitou-se a dizer que não permitia que o fizesse. [46]

A crítica severa de que fora vítima depois da primeira vista de Lampião, talvez possa explicar este seu modo de agir. [47] Durante os dias que se seguiram a esta visita, e, durante anos depois, Padre Cícero foi acusado de ser seu protetor, assim também como de outros cangaceiros, e de ter coberto seu estado de vergonha e ridículo. Estas acusações eram feitas abertamente por seus críticos e detratores, muitos dos quais o julgavam um grosseiro manipulador da ignorância e do fanatismo desenfreado dos sertões. Vale a pena notar que, em 1926, Padre Cícero era candidato à Câmara Federal, um fato que talvez explique seus esforços para se disassociar do bandido. Não somente declarou que o tinha mandado embora, como também negou que tivesse interferido para impedir que a polícia agisse contra ele, declaração esta que está em contradição com o que a polícia afirmava. A dureza do Padre Cícero também parecia completamente oposta às suas declarações prévias, bem mais humanas. Logo após a visita de Lampião, quando lhe perguntaram porque não tinha ordenado a prisão do cangaceiro, consta que replicara que estava acostumado a receber qualquer um que o procurasse – mesmo criminosos – para assim poder conduzí-los a uma vida melhor. [48] Qualquer que tenha sido o motivo de sua ambivalência – consciência, suscetibilidade à crítica, ou ambição política – seus partidários estavam satisfeitos com sua nova atitude. O "Jornal do Commercio" de Fortaleza, que estava apoiando sua campanha para o Congresso, declarou satisfeito que uma fonte de Juazeiro lhes tinha assegurado que no território do Padre Cícero agora a polícia não encontraria "nenhum obstáculo" à perseguição de Lampião. [49]

Havia, entretanto, um elemento de tragédia na recusa do Padre Cícero em receber Lampião de novo. Se o padre estava certo ou não em sua afirmação das boas intenções de Lampião, este, pelo menos, estava disposto a renunciar à vida que estava levando. Seus atos depois de ter recebido sua "patente" parecem indicar seu desejo de cumprir as obrigações qué lhe tinham sido confiadas. A aparente ausência de crimes durante o período que se seguiu à visita ao Padre Cícero também confirmam a suposição de que suas intenções eram sinceras. Em vista da hostilidade encontrada por parte da polícia de Pernambuco, parece natural o fato de que queria voltar a Juazeiro para procurar mais apoio de seu protetor antes de se decidir a abandonar completamente o cangaço. Mas a oportunidade que o patriarca tinha de encorajar as aspirações de Lampião de voltar a uma vida honrada, foi de água abaixo. Consta que Lampião ficou furioso com a recusa do Padre Cícero. [50] Não perdeu seu respeito e admiração pelo velho padre – para ele, como para a maioria dos sertanejos, seria o mesmo que perder o respeito pela Virgem Maria – mas simplesmente voltou a Pernambuco,

44 Sobre os presos, ver ibid., e *Correio do Ceará*, de 15 e 23 de abril de 1926.
45 *O Ceará*, de 18 de abril de 1926.
46 Esta versão sobre a reação do Padre Cícero ao desejo de Lampião de voltar para visitá-lo, está na carta do Padre Cícero, *Jornal do Commércio*, de 6 de maio de 1926.
47 Pode-se encontrar provas dos ataques a Padre Cícero como sendo protetor de Lampião, em: *O Ceará*, de 14 de junho de 1927; *Correio do Ceará*, 4 de maio de 1926; *Diário de Pernambuco*, de 15 de julho de 1927, transcrevendo acusações do *Correio da Manhã* do Rio de Janeiro. O *Jornal do Commércio* de 27 de maio de 1926, contava que o Padre Cícero fora chamado de *ordenança de Lampião*, por um deputado do Rio Grande do Sul, na Câmara Federal.

48 *O Ceará* de 17 de março de 1926.
49 9 de abril de 1926.
50 Padre Cícero em sua carta fala sobre a reação de Lampião. (*Jornal do Commercio*, de 6 de março de 1926).

ameaçando atacar Barbalha no caminho, e reassumiu suas atividades.[51]

Em toda a sua carreira de cangaceiro, Lampião chegou, no Juazeiro, com o Padre Cícero, ao ponto mais próximo de sua reabilitação. Com a ajuda do poderoso patriarca, talvez não fosse tarde demais para fazer como seu ex-companheiro, Silvino Pereira, e seguir o caminho da regeneração. No entanto, com o passar dos anos, e à proporção que seus crimes se multiplicavam – e à proporção que a região e a nação progrediam – tornou-se cada vez menos provável que pudesse mudar de vida. A recusa de apoio do Padre Cícero, resultou talvez, numa triste perda, não só para o cangaceiro, como também para os ideais do padre e para o nordeste do Brasil. A regeneração de Lampião – poupando os habitantes da região de mais de doze anos de violência – teria sido uma das estrelas mais brilhantes da coroa do Padre Cícero.

51 *O Ceará*, de 18 de abril de 1926.

5. Serra Grande

CAPITÃO VIRGULINO, como o próprio Lampião passou a se chamar pelo resto de sua vida, não demorou a voltar aos seus velhos métodos, depois de sua decepção com o Padre Cícero.[1] Embora protestasse sinceridade ao falar com o velho patriarca, era agora, outra vez, nada mais do que um cangaceiro. E além disto, parecia mais perverso ainda.

Durante os meses de abril e maio de 1926, Lampião e seu bando, segundo consta, limitaram seu campo de ação à fronteira entre Pernambuco e Paraíba. As notícias que chegaram aos jornais da região se referiam em grande parte a assaltos às vilas, e de vez em quando, a um assassinato ou estupro. O pior ataque parece ter sido a Algodões, um pequeno e pobre povoado perto da estrada de rodagem de Recife. Aí chegando, no dia 20 de abril, o bando saqueou as poucas casas de comércio do local, e, segundo dizem, estupraram diversas mocinhas e senhoras. Também armaram uma emboscada a um comboio de dois caminhões de soldados, e interditaram a estrada durante diversas horas, enquanto descansavam.[2] Num outro povoado perto, mataram um

1 Daí em diante, Lampião assinava seu nome como: *Capitão Virgulino Ferreira da Silva, vulgo Lampião.*
2 *Jornal do Commércio*, 14 de maio de 1926.

delegado, cujo corpo foi mutilado em seguida, e, contam que houve alguns estrupos.[3]

As notícias sobre estupros e assassinatos de delegados e soldados, sem nenhuma provocação, foram se tornando mais e mais freqüentes neste período que se seguiu à triste experiência de Lampião com o Padre Cícero, embora seja difícil estabelecer uma conexão entre os acontecimentos, visto que não era a primeira vez que Lampião e seu bando tinham violentado moças e senhoras, e assassinado soldados e delegados.[4] Mas, as notícias dos estupros pareciam crescer dia a dia, ao mesmo tempo que, neste período, Lampião decidiu matar todos os soldados e delegados que lhe caíam às mãos. Seria mais prudente alvitrar que sua raiva e ressentimento – e, naturalmente, sua decepção – tinham contribuído para aumentar o nível de sua perversidade.

Depois destes crimes em Pernambuco, Lampião passou a Alagoas. Lá, juntamente com seus homens, entrou numa orgia de roubos e violência que durou por diversos dias. No dia 6 de junho, chegaram a Caraíbas, situada a uma pequena distância da estrada que ligava Mata Grande a Água Branca. Caraíbas era propriedade de José Vicente, um próspero fazendeiro.[5] Localizada em terreno ondulado, era composta da fazenda de José Vicente e de suas dependências – inclusive um depósito e máquina de separar algodão – uma capela, um armazém geral, e as casas dos moradores. Era uma versão século XX, das plantações litorâneas descritas por Gilberto Freyre em "Casa Grande e Senzala".[6]

Havia muita gente em Caraíbas no dia 6 de junho, pois era feriado, e o vigário de Água Branca era esperado para celebrar missa na capela. Quando, ainda de manhã cedo, viram, à distância, uma nuvem de poeira na estrada, pensaram que era o padre e seu séquito, que estavam chegando. No entanto, quando o grupo se aproximou, viram, com terror, que era um bando de cangaceiros, e, fechando a retaguarda, a sinistra figura de Lampião, que era muito conhecido na região de Água Branca/Mata Grande. No ano anterior, tinha estado lá extorquindo dinheiro e mantimentos de José Vicente, que, naturalmente, com sua família, tinha toda razão de temê-lo. Embora não fosse seu inimigo declarado, José Vicente não estava entre os muitos fazendeiros e comerciantes na comarca de Mata Grande que lhe davam proteção. Ao contrário, era considerado como membro das famílias dominantes de Água Branca, justamente aquelas que Lampião considerava como inimigas mortais. Para Lampião, portanto, José Vicente era uma boa presa.

3 *O Ceará*, 14 de maio de 1926.

4 Para os comentários sobre a atitude de Lampião para com as mulheres e a questão de estupro, ver o capítulo 8.

5 A história dos acontecimentos em Caraíbas está baseada no *Diário de Pernambuco*, de 4 de julho de 1926, que reproduz um trecho do *Correio da Pedra* e uma entrevista com Miguel Vicente, filho de José Vicente, em Mata Grande, Alagoas, a 22 de junho de 1974.

6 Traduzido para o inglês sob o título de *The Masters and the Slaves*, é um estudo sobre a vida nas plantações de cana-de-açúcar no nordeste brasileiro.

Quando os cangaceiros chegaram a Água Branca, tinham um prisioneiro, isto é, um mensageiro, que tinha sido enviado a Caraíbas, para avisar ao povo de que os cangaceiros estavam na região e para dizer que o padre não viria. Esta tentativa falhou, e, agora a vila estava sob o controle do bando. Miguel Vicente, filho de José Vicente, puxou pelo pai e pela mãe e tentou fugir, sem sucesso. Muitos outros também tentaram escapar, mas somente poucos o conseguiram. Os cangaceiros agiram com tanta rapidez, que a única coisa possível foi a submissão passiva. Lampião acusou os donos de Caraíbas de serem aliados das autoridades de Água Branca, e deu ordem a seus homens para tocarem fogo nas casas e nos currais. Também se aproveitaram da grande quantidade de homens que tinham vindo para a festa, para roubar-lhes todo o dinheiro e as roupas, deixando-os só de cuecas. Antes de partir, nos cavalos roubados, pediram uma certa quantia de dinheiro a José Vicente, e como ele não a tivesse, levaram-no, como refém. Todos os que estavam em Caraíbas naquele dia passaram por uma experiência que não poderão esquecer jamais. E, quanto a Caraíbas, recebeu de Lampião seu golpe de morte. Hoje, alguns alicerces em ruínas, e algumas modestas choupanas, dão prova do poder destrutivo do terrível cangaceiro.

Quando saíram de Caraíbas, levando José Vicente preso, a manhã ainda não estava terminada, e era evidente que os cangaceiros pretendiam fazer muita coisa ainda naquele dia. Na estrada que ia para Inhapú, fizeram um outro prisioneiro, o irmão do Coronel Ulysses Luna, que alguns anos antes tinha ajudado Antônio Matildes e os Ferreiros. Lampião agora não tinha mais consideração pelo coronel, e pediu 18.000.000 pelo resgate de seu irmão – uma grande quantia, com a qual, naquele tempo se poderia comprar o último modelo de automóvel de 7 lugares. Em Inhapu, os bandidos roubaram e destruíram uma casa de comércio, e, conforme consta, violentaram repetidamente uma mocinha de 17 anos, deixando-a quase morta. No dia seguinte, num ataque a uma fazenda, mataram vacas leiteiras, e queimaram um depósito de algodão. Prenderam um soldado que estava chegando de

Maceió, e, depois de detê-lo por uma noite, o esfaquearam e mataram-no a tiros. Finalmente, tendo recebido o dinheiro do resgate – que Miguel Vicente teve que pedir emprestado em Água Branca, para poder salvar o pai – soltaram os presos. Invadiram, então, a comarca de Santana do Ipanema. [7]

Enquanto estiveram em Santana do Ipanema, fizeram o gerente da filial da Standard Oil Company, de Maceió, passar por um grande susto. Adolfo Meira foi assaltado pelo bando quando passava de carro pelo local. Roubaram seu dinheiro e jóias, quebraram sua máquina de escrever, e depois, levaram-no até Lampião, que estava esperando, a uma certa distância. Lampião deu ordens para que escrevesse uma carta à Standard Oil Cº pedindo dinheiro, e disse-lhe para não mencionar para que se destinava. Quando o gerente explicou que para receber qualquer dinheiro da companhia precisava preencher alguns formulários, Lampião irritou-se e sentencionou-o a ser queimado dentro de seu carro. A sentença teria sido executada, se um amigo de Lampião não tivesse pedido clemência para o condenado em nome do Padre Cícero. O perdão foi concedido. Quando Meira contou sua história aos jornais, disse que Lampião e seus 50 homens usavam medalhas do Coração de Jesus nos chapéus, e todos tinham retratinho do padre Cícero no peito. [8] Lampião podia estar muito sentido com o Padre Cícero, mas, obviamente, não ia abrir mão dos poderes mágicos que os sertanejos atribuíam ao venerando pároco.

A violência de Lampião no sertão de Alagoas, em junho, foi de uma tal intensidade, e tão generalizada, que o governo estadual se sentiu compelido a dar uma declaração. Um comunicado oficial afirmou que a invasão dos cangaceiros pegara de surpresa as autoridades, que, conseqüentemente, não tinham tido tempo de reagir rápida e eficazmente. Acrescentaram que tinham enviado mais tropas e mais equipamento para o interior, inclusive seis metralhadoras, mas as chuvas tinham atrasado a viagem. Disseram também, que constava que Lampião e seus homens estavam bem equipados com as armas dos Batalhões Patrióticos, que lhes foram dadas no Ceará. [9] Aparentemente, os cangaceiros não encontraram nenhuma resistência da parte da polícia em Alagoas. No fim do mês, foi divulgada a notícia de que tinham de-

7 *Diário de Pernambuco*, de 4 de julho de 1926.
8 *Diário de Pernambuco* de 23 de junho de 1926 e *Correio do Ceará* de 20 de agosto de 1926.
9 *Diário de Pernambuco*, de 23 de junho de 1926.

saparecido. Presume-se que tinham ido procurar um refúgio onde esconder o fruto de sua pilhagem. [10]

Consta que estavam escondidos em Pernambuco, perto da comarca de Vila Bela, onde iriam ser registrados seus próximos crimes. No dia 29 de julho, o bando atacou um soldado solitário, aparentemente, um dos inimigos de Lampião, de Nazaré, que vinha pela estrada e casualmente passou pela casa onde os cangaceiros estavam escondidos. Estes atiraram e o mataram [11]. Três dias depois, assaltaram Serra Vermelha, a fazenda que ficava vizinha ao lugar onde Lampião nascera, onde, no princípio do ano, tinham assassinado José Nogueira, cunhado de Saturnino. Presume-se que desta vez estavam tentando matar o filho de José, chamado Raimundo. Consta que pouco antes do assalto, Raimundo tinha atirado de longe em Lampião, quando o cangaceiro estava na vila de São Francisco. No final do ataque à Serra Vermelha, duas pessoas tinham morrido, inclusive uma menina de 14 anos, e duas mais ficaram feridas. Raimundo, um dos feridos, resistira galhardamente de dentro da casa, com mais três companheiros, e, durante 4 horas, enfrentou o cangaceiro e seus 65 homens. [12]

Os acontecimentos de fins de julho e princípio de agosto se desenrolaram na área da vila de São Francisco, onde Lampião geralmente era bem recebido. Lá moravam diversos parentes seus, e também os Novães, uma importante família do local, que eram seus simpatizantes – uma situação que pode ser explicada pelo fato de que, como os Ferreira, era inimigo das famílias dominantes dos arredores de Nazaré. Pouco antes do ataque de Lampião a Serra Vermelha, um grupo de 12 soldados Nazarenos tinha ido a São Francisco e dado ordens para que todos abandonassem suas casas e seus negócios, alegando que a vila era um dos principais refúgios dos cangaceiros. Como resultado desta arbitrariedade e prepotência – muito comum na polícia daquela época – Emílio Novães, um jovem e proeminente fazendeiro e negociante de São Francisco, juntou-se ao bando de Lampião. Alguns de seus parentes, entretanto, logo conseguiram persuadi-lo a voltar à vida normal, o que foi aprovado por Lampião. Depois de terem ocorrido diversos atos de violência entre o pessoal de Nazaré e os de São Francisco, in-

10 Ibid., 27 de junho de 1926.
11 Processo criminal contra Virgulino Ferreira et al., 29 de julho de 1926. 2º Cartório, Serra Talhada, Pernambuco.
12 Processo criminal contra Virgulino Ferreira et al., 1º de agosto de 1926. 1º Cartório, Serra Talhada, Pernambuco.

clusive mortes e emboscadas, os de São Francisco espalharam a notícia de que os Nazarenos não seriam bem recebidos em sua comunidade. Em 1926, Lampião já tinha matado cinco soldados Nazarenos que o estavam perseguindo. [13]

A associação de Lampião com um outro membro da família Novães, a maior parte, habitantes da vila de Floresta, não teve um fim tão satisfatório. De vez em quando, o célebre cangaceiro encontrava alguém ainda mais perverso do que ele, e não há dúvida de que Horácio Novães estava nesta categoria. Horácio não era somente um ladrão de cavalos, mas também, era muito perigoso. Depois de ter sido condenado "in absentia", no meado de 1925, por ter roubado mulas e burros em Floresta e transportando-os para o Ceará, onde os vendera, Horácio e seu bando de jagunços, se juntaram a Lampião. [14] Este acontecimento iria trazer terríveis conseqüências para a família Gilo, de Floresta, pois um de seus membros, Manoel, estava entre os que tinham acusado Horácio de roubo de cavalos. Pouco antes de seu julgamento, Horácio e 2 cangaceiros, apareceram uma madrugada na fazenda Tapea, em Floresta, onde moravam os Gilo, e, depois de acordar todos os que lá estavam, procuraram por Manoel por toda a casa, dizendo que iam matá-lo. Não o encontrando, ameaçaram matar seu pai, Donato, mas, foram embora sem o fazer. [15] Durante o ano seguinte, Horácio, depois de se juntar ao bando de Lampião, conseguiu uma vingança total.

O massacre da família Gilo, na fazenda Tapera, a 28 de agosto de 1926, foi um dos atos de violência de Lampião que teve mais repercussão em Pernambuco, mas, um que não lhe trouxe créditos. Foi também a ocasião em que foi enganado por seu companheiro, Horácio. Durante os meses em que Horácio e Lampião andaram juntos, Horácio procurou envenenar seu companheiro contra os Gilo, em preparação para sua vingança. Seu golpe maior foi uma carta, feita como se fosse pelos Gilo, mas escrita pela mulher de Horácio. Endereçada a Lampião, não só o insultava, como ainda punha em dúvida a sua coragem. Era, na verdade, destinada a provocar um ataque, como desforra. Este ataque se concretizou às 4 horas da manhã, num sábado,

13 *O Ceará*, de 12 de setembro de 1926

14 Processo criminal contra Horácio Cavalcante de Albuquerque (Horácio Novães) e Aureliano de Sá Filho, abril de 1925, 1º Cartório, Floresta, Pernambuco.

15 Processo criminal contra Horácio Cacalcante de Albuquerque (Horácio Novães), 27 de junho de 1925. 1º Cartório, Floresta. Pernambuco.

quando Lampião e Horácio, acompanhados por 90 cangaceiros, abriram fogo contra a casa dos Gilo, onde estavam umas 12 pessoas, inclusive Manoel, dois de seus irmãos, seu pai, sua mãe, e diversos outros parentes. Os Gilo resistiram bravamente – tinham sido prevenidos de que este ataque estava sendo tramado – e a luta durou muitas horas. Neste ínterim, alguns cangaceiros foram colocados ao longo da estrada que passava pela casa dos Gilo, de modo a interceptar todos os que se dirigiam à feira de Floresta, impedindo assim, que qualquer socorro pudesse ser dado à família assediada.

Por volta das 10 horas, quando cessou o fogo de dentro da casa – o mais velho dos Gilo – o único homem ainda vivo, na casa – saiu e enfrentou os atacantes. Lampião puxou do bolso a carta que ele acreditava ser do homem à sua frente, e começou a lê-la. Gilo, protestou e negou a autoria, acrescentando que não sabia ler nem escrever. Lampião, conforme dizem, estava propenso a acreditar na sua inocência, quando Horácio, que estava perto, levantou a pistola, atirou e matou seu inimigo. Ao todo, morreram 13 pessoas na fazenda Tapera naquele dia, e, conforme disseram as testemunhas, os corpos estavam espalhados por toda a casa. Das 12 pessoas presentes, só não morreu a mulher de Gilo, e, o único da família que escapou à exterminação, foi o mais moço, ainda quase um menino, que tinha ido ao Ceará comprar açúcar, e, portanto, estava ausente quando ocorreu o morticínio. Duas pessoas que não pertenciam à casa, também morreram. Uma, tinha sido detida na estrada, e a outra, foi um soldado da polícia de Floresta, que chegou depois do tiroteio. Lampião, não confiando mais em Horácio, expulsou-o do bando. Dizem, em Floresta, que este ladrão de cavalos e assassino, ainda vive na Bahia, para onde fugiu depois do crime. Nunca pagou legalmente por sua parte em um dos crimes mais hediondos dos sertões pernambucanos. [16]

Depois do massacre dos Gilo, o "governador dos sertões", como Lampião foi chamado por um jornal de Pernambuco naquela época, [17] foi duramente perseguido pela polícia. Entre seus perseguidores estavam José Saturnino e Manuel Neto, este tendo a reputação de ser o

16 A história do massacre de Gilo foi baseada nos processos criminais contra Horácio Cavalcante (Horácio Novães) et al, 28 de agosto de 1926, 2º Cartório, Floresta, Pernambuco; Ana Maria Barros, (Floresta, Pernambuco, 5 de agosto de 1925) Olympo Campos, entrevista. *O Ceará*, 4 de setembro de 1926; *Diário de Pernambuco*, 1 de setembro de 1926.

17 *A Tribuna* (Petrolina, Pernambuco), 25 de setembro de 1926.

mais destemido dos Nazarenos. Os militares quase conseguiram sua meta, pois, em meados de setembro, numa luta na fazenda Tigre, na comarca de Floresta, Lampião saiu gravemente ferido no peito. Pouco se ouviu falar nele nas semanas que se seguiram, enquanto estava se recuperando na fazenda de Poço do Ferro, pertencente ao Coronel Ângelo da Gia, um de seus protetores em Pernambuco. Parece que só em novembro as autoridades descobriram seu paradeiro. Mas a esta altura, Lampião já estava bom e tinha voltado às suas atividades.[18]

Lampião começou a agir na comarca de Vila Bela, que naquele tempo era a sede das forças militares estaduais designadas à campanha de combate ao cangaço no interior de Pernambuco. Era comandante, o Major Teófanes Torres, que, com quase 40 anos, já tinha lutado contra Lampião por muito tempo, mas que era mais conhecido por ter capturado Antônio Silvino, uns 12 anos antes. Teófanes, que, como a maior parte dos oficiais da polícia, fora acusado muitas vezes de vender munição a Lampião, estava recebendo então mais apoio do governo estadual. O novo governador, Estácio Coimbra, e, principalmente seu Chefe de Polícia, Eurico de Souza Leal, estavam mais interessados do que seus antecessores em erradicar o cangaço. Apesar das acusações contra o Major Teófanes, ele deu completa liberdade a seus homens para perseguir os cangaceiros.[19] Quanto às suas proezas militares, não se pode dizer que foram muitas, pois geralmente preferia ficar gozando o conforto de Vila Bela.

Com Lampião agindo na redondeza, Teófanes preparou um destacamento maior para persegui-lo, e conseguiu alcançar o bando no dia 28 de novembro, perto de Serra Grande, a 25 quilômetros de Vila Bela. Tomaram parte na luta 295 soldados contra uns 100 homens de Lampião. Foi a maior batalha daquele tempo, e talvez a mais importante. Como sempre, a polícia estava no encalço dos cangaceiros, e es-

18 As notícias sobre o ferimento de Lampião apareceram no *Diário de Pernambuco*, nos dias 22 e 24 de setembro de 1926. Um cangaceiro, Quindú, preso em 1928, contou que Lampião tinha ido se restabelecer na fazenda Poço do Ferro, situada em Tacaratú, Pernambuco (*A Tarde* (Salvador) 3 de setembro de 1928).

19 Sobre a administração de Coimbra, ver *O Ceará*, de 12 de novembro de 1926, e o *Diário da Noite*, de 21 de novembro de 1931, este último contendo uma entrevista com Eurico de Souza Leal. Também Miguel Feitosa, membro da polícia naquele tempo, deu opiniões muito valiosas sobre este período, em uma entrevista. Sobre Teófanes Torres, encontra-se em Carvalho, *Serrote Preto*, p. 362, uma acusação de que vendia munição para Lampião.

tes, portanto, tinham uma certa vantagem. Atravessando a serra íngreme, prepararam uma emboscada num local onde havia grandes pedras e fendas profundas, que lhes dava controle sobre a chegada da tropa. Era um lugar onde, conforme disseram os soldados depois, os cangaceiros podiam matá-los à vontade. Embora os soldados atacassem corajosamente os cangaceiros entrincheirados, não poderiam quebrar a resistência do "terrível general do cangaço", mesmo sendo em número superior. O combate começou quase às 9 horas da manhã, e terminou quando a escuridão vinha chegando, deixando 10 soldados mortos e mais de uma dúzia feridos, entre os quais Manuel Neto, de Nazaré. Não foi um massacre, mas em vista do maior número de soldados, os cangaceiros não saíram nada mal, embora suas perdas, relativamente falando, também foram pesadas, pois, consta que morreram 6. O Major Teófanes, no seu quartel na cidade, ouviu falar na batalha, e, carregando carros e caminhões com soldados e munição, saiu para se reunir à sua tropa, mas, quando chegou lá, a batalha já estava terminada.[20]

A polícia erroneamente, declarou que Antônio Ferreira, irmão de Lampião, morrera durante o combate. Na verdade, ele morreu pouco tempo depois, em Pernambuco, na fazenda de Poço do Ferro, do Coronel Ângelo da Gia, porém, de um acidente. Ele e outros quatro do bando estavam lutando de brincadeira por uma rede, no alpendre da fazenda, quando derrubaram uma espingarda, que disparou e atingiu Antônio, matando-o instantaneamente. Luís Pedro foi o responsável. Receosos pelo que podia acontecer-lhes, os cangaceiros levaram o corpo para onde estava Lampião e explicaram as circunstâncias da morte de Antônio. Lampião repreendeu-os por estarem brincando, mas em vez de puní-los, disse a Luís Pedro que ele iria substituir Antônio. Luís Pedro tornou-se, assim o companheiro de mais confiança de Lampião, e iria morrer junto com ele em Angicos.

Ao receber a notícia do acidente, a polícia mandou um soldado, Miguel Feitosa, investigar. Ele e seu destacamento acharam a sepultura e desenterraram o corpo de Antônio para se assegurarem que a notícia era verídica. Não se sabe ao certo a data do acidente, mas a ausência do nome do cangaceiro no noticiário dos jornais, os boatos que

20 O relato mais completo sobre a batalha de Serra Grande, encontra-se no processo criminal contra Virgulino Ferreira et al., de 28 de novembro de 1926, 1º Cartório, Serra Talhada, Pernambuco.

correram, e o processo criminal, indicam que aconteceu poucos meses depois da batalha de Serra Grande. [21]

Consta que, depois da morte de Antônio, Lampião, de luto, deixou seu cabelo crescer. O certo é que, o cabelo até os ombros logo se tornou uma marca registrada dos cangaceiros. Juntamente com o chapéu típico, o lenço colorido e as cartucheiras, serviu para afastar Lampião e seus cangaceiros ainda mais da sociedade convencional, e, de certo modo, talvez tenha indicado um agravamento de sua alienação. [22]

Também presente à batalha de Serra Grande, estava um observador relutante, chamado Pedro Paulo Mineiro Dias, que trabalhava para a Standard Oil, pois Lampião tinha aprisionado um outro empregado desta poderosa empresa norte-americana, quando este viajava com um companheiro, de carro, entre Vila Bela e Triunfo, dois dias antes da batalha. Quando não puderam entregar o dinheiro exigido por Lampião pelo resgate, o companheiro de Pedro Paulo foi solto, com ordem de arranjar a quantia em Vila Bela. Nesse ínterim, Dias ficou como refém, e foi-lhe dada a ocasião, rara e também cheia de riscos, de conhecer a vida no cangaço. Permaneceu três dias com os cangaceiros, dormiu no chão, como eles, e comeu a mesma comida, que ele disse ser cabrito assado, farinha e rapadura, alimentos básicos no sertão.

Dias conseguiu conquistar as boas graças dos cangaceiros, o que, sem dúvida, era a coisa mais prudente a fazer, e eles apreciaram a facilidade com que tocava violão. Para comemorar o revés da polícia, os cangaceiros deram uma festa, e Dias ajudou com a música. Como não havia mulheres, os homens dançaram uns com os outros. Quando, depois da batalha, o dinheiro do resgate não chegou, Lampião decidiu deixá-lo partir. Os cangaceiros tiraram todo o seu dinheiro, seu relógio e sua aliança, mas Lampião fez com que eles devolvessem, e depois, arranjou com um fazendeiro amigo para o levar até um lugar na estrada onde poderia pegar uma carona para Vila Bela. [23]

21 A história da morte de Antônio ainda hoje é contada na região. Uma versão muito truncada aparece em Leonardo Motta, *No tempo de Lampião*, pp. 42-43. Minha versão se baseia numa entrevista com Miguel Feitosa.

22 Sobre o motivo que levou Lampião a deixar crescer o cabelo, ver Oliveira, *Lampião*, p. 41.

23 *O Ceará*, de 1º de dezembro de 1926; Carvalho. *Serrote Preto*, pp. 340-341, 346; Melchiades da Rocha, *Bandoleiros das caatingas*, pp. 124-13.

Ao deixar o acampamento dos cangaceiros, Dias levava uma carta de Lampião para o governador de Pernambuco, na qual propunha a divisão do estado entre os dois. Ele governaria a região a oeste de Rio Branco (chamada Arcoverde), e o governador, a parte leste. [24] Pode-se duvidar da sinceridade da proposta, mas não seria a última vez que ele faria tal sugestão. Consciente de sua própria importância, sabia que estava sendo chamado de "governador dos sertões", pelos jornais. Sabia ainda, que este título fora dado também a Antônio Silvino. Se sua proposta era séria ou não, ele certamente estava desempenhando o papel do bandido que zomba das autoridades.

E as autoridades de Pernambuco aceitaram este desafio de Lampião. Durante mais de um ano e meio, depois da batalha de Serra Grande, deram-lhe caça por todo o estado, obrigando-o a fugir da região como um cachorrinho com o rabo entre as pernas. Seus dias de desmando em seu estado natal estavam terminados, antes do fim de 1926. Suas dificuldades começaram no meado do ano, com a nova administração do governador Estácio Coimbra e seu Chefe de Polícia, Eurico de Souza Leal. Além de forçar as atividades da polícia no interior do estado e dar-lhe mais apoio, tomaram outras medidas. Souza Leal, por exemplo, promoveu um encontro dos Chefes de Polícia dos estados vizinhos – Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Alagoas e Bahia – para uma ação conjunta contra o cangaço. [25] O encontro se deu em Recife, e os estados se comprometeram a fiscalizar mais eficientemente suas fronteiras, a pôr mais homens em campo, especificamente para combater o cangaço, e a cooperar quando qualquer um deles tivesse um problema especial. Fazia também parte do acordo, a renovação de uma proposta, já em efeito há diversos anos, permitindo que as tropas, quando em perseguição aos cangaceiros, não se detivessem nas fronteiras. Esta resolução foi, por diversas vezes, muito criticada, visto que as populações locais ficavam aterrorizadas com a chegada da polícia dos estados vizinhos. No entanto, esta liberdade de deslocamento era necessária, para que a polícia pudesse agir eficientemente contra os cangaceiros. [26]

24 Rocha, *Bandoleiros*, p. 131.

25 O noticiário sobre este encontro está no *Diário de Pernambuco*, de 28 de dezembro de 1926, e no *Diário da Noite*, de 20 de novembro de 1931.

26 Houve outros encontros para discutir o problema do cangaço. O principal, antes do de 1926, foi no Recife, em dezembro de 1922. Montenegro, na *História do cangaceirismo*, pp. 82-87, dá uma boa versão deste encontro.

Souza Leal e o governador sabiam que a solução para o problema não era simplesmente pôr mais soldados em campo. Lampião já demonstrara sua habilidade em superar a desvantagem de um combate contra forças em número superior. Portanto, a chave do enigma deveria estar em outro lugar, e eles a descobriram. Era o auxílio – voluntário ou forçado – que os cangaceiros recebiam da população dos sertões. Sem os coiteiros ou protetores, era muito mais fácil controlá-los.

Para Lampião, as diversas espécies de coiteiros eram vitais. Os chefes políticos da comarca, ou da região, faziam favores a Lampião, ou ajeitavam as coisas para ele, com medo do que ele poderia fazer contra suas propriedades rurais. Alguns, eram também, parentes de Lampião, ou de seus amigos, ou então, eram inimigos de seus inimigos. Cornélio Soares, por exemplo, era muito amigo da família de Lampião. No tempo em que José Ferreira e seus filhos iam a Vila Bela, para a feira, se hospedavam, ou jantavam, na casa de seu irmão, que era padrinho de Levino. [27] Os laços pessoais são muito fortes no sertão – como são geralmente nas sociedade rurais tradicionais, em áreas de mobilidade espacial restrita – e os sentimentos paternalistas da família Soares para com os Ferreira não podiam ser destruídos facilmente. Além do mais, um relacionamento com Lampião podia ser vantajoso, e Soares, entre muitos outros, era acusado de negociar com o cangaceiro. [28] Lampião podia também esperar solidariedade e auxílio da família de Sebastião Pereira, ou de outros inimigos dos Carvalho, ou dos inimigos dos Nazarenos. Outros serviram de coiteiros porque gostavam de Lampião, como Marcolino, em Princeza, ou porque esperavam um quinhão do saque, o que aliás, era um dos motivos de Marcolino. Outros pensavam que podiam usar Lampião como uma arma contra seus inimigos, ou que ele pudesse fazer-lhes alguns favores. Havia muitos outros motivos para proteger Lampião, mas o mais importante, era o simples desejo de não provocar sua inimizade. Dada a natureza da sociedade, e, levando-se em conta o insucesso do governo em monopolizar a violência, não havia, na verdade, outra alternativa, a não ser oferecer auxílio a Lampião.

Fora destas famílias ricas e importantes, havia muitas outras, mais modestas, que eram também coiteiras de Lampião. Quase todas

27 João Ferreira, Genésio Ferreira, entrevista.
28 Carvalho, *Serrote Preto*, p. 362; Miguel Feitosa interrogou um cangaceiro, que fez esta acusação (Miguel Feitosa, entrevista); processo criminal contra Lampião no caso de Serra Grande.

viviam em propriedades rurais, quer seja como proprietários, vaqueiros ou moradores, e, a menos de arriscar a vida, não havia outro jeito senão fazer o que ele mandasse. Muitos se tornaram mais ou menos seus intermediários permanentes, comprando seus mantimentos, quando estava na região. Serviam também de espiões, informantes e mensageiros, e lhe avisavam o que a polícia ia fazer. Alguns, o detestavam, mas outros, ficaram seus amigos. Todos o respeitavam, nem que fosse por medo. Outros ganharam muito dinheiro dele, pois Lampião pagava bem pelos serviços que lhe faziam.

Muitos sertanejos mereceram uma certa consideração pelo simples fato de serem amigos do célebre cangaceiro, pois, já em 1926 ou 1927, Lampião era famoso. Era fácil fazer amizade com ele. Bastava que ele parasse na porta, para um café ou um copo dágua, ou talvez que mandasse preparar uma refeição, pela qual ele geralmente pagava. Depois de um conhecimento maior, organizava uma festa na fazenda ou na vila, onde os cangaceiros se encarregavam da música e dançavam com as moças do lugar. Nestas ocasiões, Lampião distribuía cachaça em abundância. Portanto, não era difícil se relacionar com Lampião, e, se ele pedia para comprar alguma coisa, ou para lhe fazer um favor, ninguém podia recusar. Antes que alguém tomasse consciência, já tinha se tornado coiteiro.

Souza Leal, portanto, começou por confrontar o problema dos coiteiros. Naturalmente, não tinha liberdade para ir contra os chefes políticos, uma vez que eles, como canalizadores de votos para a administração do estado, tinham certas imunidades. Por exemplo, nada podia fazer contra Cornélio Soares, de Vila Bela, mesmo sabendo que era um dos protetores de Lampião. Ele, simplesmente, era influente demais na comarca e na política local, para ser hostilizado. Contudo, Souza Leal promoveu um encontro com os diversos prefeitos e avisou-lhes que a administração tencionava acabar com o cangaço. Se não conseguiu uma cooperação ativa, pelo menos conseguiu um certo grau de neutralidade. Os funcionários do governo poderiam negociar em particular com os chefes políticos, prometendo que estes não seriam importunados, contanto que não impedissem a campanha contra o banditismo. Aparentemente, um acordo deste tipo foi feito com Cornélio. Souza Leal também transferiu diversos juízes e prendeu dois comissários de duas comarcas, todos acusados de estarem entre os que ajudavam Lampião. [29]

29 Entrevista com Souza Leal, no *Diário da Noite*, de 21 de novembro de 1931.

Souza Leal agiu principalmente contra os coiteiros das classes média e baixa, cujo auxílio era vital para Lampião, mas que não tinham suficiente influência política para se protegerem. Muitos foram presos e ficaram na cadeia por mais de um ano.[30] Poucos chegaram a ser julgados, pois o estado sabia que os réus podiam contar com a solidariedade e compreensão do júri. A prisão dos coiteiros por períodos indeterminados, impediu que ajudassem a Lampião, e assim, o governo conseguiu sua meta mais eficazmente do que se os tivesse submetido a julgamento.

José Olavo, de Vila Bela, é um dos exemplos mais marcantes do coiteiro da classe média. Tinha 30 anos, era negociante, e foi preso no final de 1926, depois da batalha de Serra Grande. Acusado de ser um dos maiores fornecedores de munição a Lampião, ficou preso muitos meses. As informações que a polícia conseguiu obter, revelaram uma intrincada rede de subterfúgios, planejada para proteger todos os que estavam envolvidos no caso. A munição era comprada numa cidade vizinha, Salgueiro, por terceiros, mediante um pedido escrito de Olavo. O intermediário em Salgueiro, pensava, conforme disse mais tarde à polícia, que se tratava de munição para a família Pereira, de Vila Bela. Era paga por Cornélio Soares e seu irmão Benjamin, que moravam em Salgueiro, depois, escondida em latas de querosene, era levada de burro, para Vila Bela, onde era entregue na fazenda de uma pessoa importante. O cargueiro declarou que pensava ser destinada ao próprio fazendeiro, que estava esperando um ataque de Sabino Gomes. Depois de entregar sua carga, tinha que avisar o Olavo, quando então recebia ordens de voltar à fazenda, retirar uma parte da mercadoria, e entregá-la numa outra fazenda. Isto era feito escondendo a munição debaixo de uma carga de cebolas e alho. Esta era a história que ele contava. Finalmente, um informante disse que viu um dos empregados de Olavo entregar a munição aos cangaceiros. José Olavo, então, assegurou que se tornara fornecedor de Lampião diante de suas ameaças de submetê-lo a uma morte terrível e de que suas propriedades seriam queimadas.[31]

Com uma história como essa contada por José Olavo e seus cúmplices, não era de se estranhar que as autoridades relutassem em sub-

30 *Diário de Pernambuco*, de 3 de fevereiro de 1927; Miguel Feitosa, entrevista.
31 A informação sobre Olavo se encontra no processo criminal contra Lampião, no caso da Serra Grande. Foi acusado de fornecer a munição com a qual os cangaceiros mataram os soldados durante a luta.

metê-los ao júri local. As declarações dadas não poderiam ser consideradas falsas, visto que Lampião era bem capaz de fazer ameaças, e, caso necessário, cumprí-las. Contudo, a versão dos sertanejos de que estavam presos numa teia de circunstâncias que os deixavam sem alternativas, pode ser uma generalização válida, mas não apresenta exceções. O fato era que muitos coiteiros se achavam nesta categoria porque gostavam de Lampião, ou, mais freqüentemente, porque os negócios com ele davam bons lucros.

Isto era verdade em Pernambuco, principalmente antes de 1927, quando as acusações da polícia contra os coiteiros eram ainda relativamente leves. Daí em diante, os sertanejos procuraram se adaptar, com algum sucesso, às novas circunstâncias, empregando técnicas com as quais estavam bem acostumados. Com um pouco de astúcia, tinha sido possível – e para muitos continuou sendo – aplacar suficientemente, tanto os cangaceiros como a polícia, evitando aborrecimentos e o papel de coiteiro ativo. Quando, por exemplo, no final de 1927, Lampião e seu bando acamparam na fazenda de Herculano de Carvalho, perto de Mata Grande, Alagoas, este pensou que sabia como enfrentar a situação. Para satisfazer Lampião, mandou-lhe o dinheiro que ele pedira, e também alguns pacotes de cigarros, de presente. Tinha consciência que ficaria em maus lençóis com a polícia, caso descobrissem o que estava fazendo, pois Alagoas estava também tomando medidas severas contra os que ajudavam Lampião. Herculano, portanto, mandou seu filho à cidade avisar José Lucena, da polícia, que os cangaceiros estavam acampados em sua fazenda. Depois, mandou um vaqueiro avisar Lampião que a polícia estava a caminho! No caso de Herculano, as coisas não se passaram tão bem quanto ele esperava – como ficou evidente no interrogatório feito pela polícia – mas sua história demonstra a habilidade que os sertanejos tinham de tirar o melhor partido possível de qualquer situação[32].

Um resultado infeliz da campanha contra os coiteiros foi a perseguição feita à família de Lampião. Diversos membros da família Ferreira foram detidos em janeiro de 1927, sob pretexto de que estavam fornecendo munição a Lampião, ou o ajudando de outras maneiras. Seu irmão, João Ferreira, foi levado preso para Juazeiro, a pedido da polícia de Pernambuco, e acusado de abastecer os cangaceiros. João

32 Paulo Afonso (hoje chamada Mata Grande), inquérito policial datado de 5 de janeiro de 1928, Arquivo Público, Maceió, Alagoas.

geralmente trabalhava transportando cargas, como seu pai, o que foi o suficiente para levantar as suspeitas. Quatro pessoas foram detidas com ele: dois empregados seus, um cunhado e um primo. Durante a viagem a Salgueiro, em Pernambuco, depois das prisões, o sargento que comandava a escolta, disse a João que recebera ordens para matá-los no caminho, mas garantiu que não iria cumprí-las. Segundo João, Lampião tencionava libertá-los na fronteira entre Ceará e Pernambuco, mas só chegou depois que eles já tinham passado. Em Salgueiro, correu o boato de que ele tentaria de novo, e a cidade se preparou para o ataque, que nunca se concretizou. Levados para Vila Bela, debaixo de uma forte escolta, os presos foram interrogados pelo Major Teófanes e todos foram soltos, com a exceção de João. Subseqüentemente, foi enviado para Água Branca, em Alagoas, onde foi absolvido pelo júri da acusação de sua suposta participação no ataque a Pariconhas, em 1921. Ao todo, ficou preso durante um ano e meio. Um dos resultados da perseguição a João, foi a entrada para o cangaço de Ezekiel, o mais moço dos Ferreira, que, diante da prisão de seu irmão, procurou Lampião e juntou-se ao bando. Outros membros da família foram presos no Piauí, onde moravam, e foram levados para Pernambuco, onde o Major Teófanes os submeteu a trabalhos forçados, na construção da igreja de Vila Bela. Nenhum dos parentes de Lampião foi condenado por qualquer delito. [33]

Lampião estava freqüentemente mudando de um lugar para outro durante os meses que se seguiram ao anúncio, em Pernambuco, da campanha para eliminar o cangaço. Tendo descansado alguns dias depois da batalha de Serra Grande, alguns membros do bando, em meados de dezembro, voltaram a suas operações, capturando um juiz aposentado, na Paraíba, e exigindo resgate. Outros, do bando, atacaram uma fazenda em Floresta, Pernambuco, matando mais de 120 cabeças de gado. [34] Aparentemente, Lampião tinha dividido seu bando em pequenos grupos, de modo a confundir os militares e a forçá-los a se espalharem, tática esta que usou freqüentemente daí em diante. Quando chegou ao Ceará, no fim do mês, correu a notícia de que seu bando estava dividido em cinco grupos. [35] Também correu o boato de que o

33 As informações sobre o tratamento dispensado aos Ferreira foram obtidas de João Ferreira e de Genésio Ferreira, entrevistas; Augustin Lopez (Belmonte, Pernambuco, 30 e 31 de julho de 1975); *O Ceará*, de 27 e 30 de janeiro de 1927; e *A Tarde* (Salvador) de 31 de janeiro e 1º de março de 1927.

34 *Diário de Pernambuco*, 19 de dezembro de 1926.

35 *O Ceará*, 28 de dezembro de 1926.

chefe de um destes grupos, um cangaceiro apelidado "Bom Deveras", tinha sido morto. [36] Estes boatos iam crescendo à medida que a campanha se intensificava. Parece que no Ceará, Lampião reuniu seu bando, pois ao entrar de novo em Pernambuco, no princípio de janeiro de 1927, viajando de noite, para escapar de ser preso, espalhou-se a notícia de que estava acompanhado de cem homens. [37]

Quando o bando saiu do Ceará, o Major Teófanes e sua tropa, estavam no seu encalço, e continuaram a persegui-los através de Pernambuco, até Alagoas. À medida que os cangaceiros se movimentavam, durante 11 dias, através das diferentes comarcas do estado de Pernambuco, deixaram um rastro de extorsões, fazendas queimadas, assassinatos e reféns presos esperando resgate. [38] Nesta perseguição, às polícias de Pernambuco e Alagoas, se juntaram tropas da Paraíba, Bahia e Sergipe. No dia 19, um destacamento da polícia montada de Pernambuco alcançou o bando perto da fronteira entre Pernambuco e Alagoas, onde se travou um combate que durou entre 2 a 3 horas, e, segundo consta, morreram 3 cangaceiros e outros saíram feridos. Além disto, um outro cangaceiro foi capturado pela polícia em Alagoas. [39] Antes do mês terminar, os cangaceiros tinham atravessado de novo Pernambuco e tinham chegado à fronteira do Ceará e Paraíba. Uma das histórias mais lembradas sobre Lampião na sua ida a Alagoas, é a que se refere a 3 alagoanos, que pagaram um preço bem alto por sua coragem. Quando Lampião mandou um recado intimando-os a lhe pagar uma certa soma de dinheiro, não somente se recusaram como mandaram dizer-lhe que, se quizesse procriar homens corajosos, lhe enviassem sua mãe. Em retaliação pelo insulto à sua mãe, já falecida, e, diante da recusa do pagamento, Lampião matou 102 cabeças do seu gado, mas não os atacou. [40] Tinha um profundo respeito pelos corajosos. Foi uma das razões porque sua carreira durou tanto tempo.

De volta à Paraíba, no início de fevereiro, Lampião foi atacado por um combinado das forças de Pernambuco e da Paraíba, e perdeu ainda um outro membro de seu bando. [41] Seguiu então para o Ceará.

36 *Correio do Ceará*, 30 de dezembro de 1926.

37 *O Ceará*, de 8 de janeiro de 1927.

38 Ibid., 26 de abril de 1927, trazida um sumário de Alagoas sobre os acontecimentos que se desenrolaram lá. Ver também *Jornal de Alagoas*, de 20 de janeiro de 1927.

39 *Diário de Pernambuco*, de 21 de janeiro de 1927.

40 Aldemar de Mendonça: *Pão de Açúcar: História e efemérides*, episódio nº 190.

41 *Diário de Pernambuco*, de 3 de fevereiro de 1927.

Embora ainda se sentisse relativamente a salvo lá, não estava assim tão seguro como no passado, visto que a polícia daqueles dois estados estava apertando o cerco. Se forem verdadeiras as notícias dadas pela imprensa do Ceará, ele não tinha muito com que se preocupar. Segundo "O Ceará", a polícia do Cariri só podia atacar com a prévia permissão, para cada caso, do Chefe de Polícia do estado.[42] E as autoridades continuavam seguindo a mesma política de longa data, isto é, concedendo asilo a Lampião em troca de sua promessa de não-agressão. É verdade que ele não ficou inativo, de todo, mas se absteve de encetar grandes assaltos ou de matar alguém. Restringiu-se a pedidos de dinheiro, e, de vez em quando, prender alguém para exigir resgate. Nesse interim, o Padre Cícero ainda estava procurando se livrar de Lampião, negando repetidas vezes que o protegera antes, e oferecendo ajuda para sua captura.[43]

Entre os meses de março e junho de 1927, Lampião foi visto muitas vezes no Ceará, Pernambuco e Paraíba. Em meados de maio, juntamente com seu bando, atacou uma vila, ao norte da Paraíba, numa região onde nunca tinha atacado antes.[44] Talvez estivesse querendo se livrar da polícia, pois, não há dúvida de que não podia mais se movimentar com tanta liberdade como no passado. A polícia continuava a dar notícias de mais capturas e mortes de cangaceiros, e Lampião se queixava de que nunca tinha sofrido tanta pressão e tantos revezes.[45] Consta também que ele apareceu numa fazenda em Vila Bela, pedindo comida, e alegando que há dois dias não comia.[46] Estava, portanto, sofrendo as conseqüências do cerco da polícia e do fato de não poder mais contar com a proteção dos coiteiros, mas não se pode julgar até que ponto isto lhe afetava

Quem ouvisse as autoridades de Pernambuco falando, chegaria à conclusão de que o rei do cangaço, não somente estava muito por baixo, como também estava quase acabado. Em fins de março, Souza Leal, numa conferência à imprensa de Recife, declarou que o bando de Lampião estava se desintegrando em pequenos grupos, cada um tomando seu próprio rumo, e que Lampião tinha sofrido tantos revezes

42 6 de fevereiro de 1927.
43 *O Ceará*, de 2 de janeiro de 1927.
44 Ibid., 27 de maio de 1927.
45 *Correio do Ceará*, de 26 de abril de 1927.
46 *Diário de Pernambuco*, de 12 de abril de 1927.

que já estava quase sem recursos: tinha pouca munição, e estava reduzido a se esconder no mato, com medo de aparecer diante da polícia.[47] No mês seguinte, Souza Leal disse, que na sua opinião, o "caso Lampião" não tinha mais importância.[48] Na verdade, as autoridades pernambucanas apresentaram estatísticas demonstrando que a campanha contra o cangaço tinha sido proveitosa. Em junho, o Major Teofanes deu à imprensa, uma lista mostrando que 100 cangaceiros tinham sido mortos ou capturados desde dezembro, e acrescentando nomes, datas e lugares. Desta lista, 25% foram identificados como fazendo parte do bando de Lampião.[49] Contudo, apesar das declarações da polícia, chegaram notícias de que Lampião fora visto com um grupo grande, e no meado de maio, num comunicado de destaque, a imprensa disse que 123 homens o acompanhavam, quando recebeu a visita do Chefe de Polícia de Aurora, no sul do Ceará. Consta que Lampião o convidara para ir até seu acampamento para tomar um cafezinho.[50] Se, de fato, nesta ocasião 123 homens estavam com ele – e o cálculo pode ter sido um pouco exagerado – provavelmente este número era formado temporariamente por outros grupos de cangaceiros, com quem era amigo, pois, nem mesmo em seus melhores tempos, teve tanta gente em seu bando.

Embora as reivindicações das autoridades fossem somente parcialmente válidas, o fato é que Lampião, diante da pressão, restringiu suas atividades em Pernambuco, e nunca mais conseguiu recuperar todo o seu prestígio lá. E, na verdade, dentro de mais ou menos um ano, as autoridades pernambucanas poderiam se vangloriar de o terem derrotado dentro de suas fronteiras. Mas, dificultando sua vida num estado, não significava que a ameaça à região estava eliminada. O rei do cangaço ainda possuía muitos recursos à sua disposição, inclusive sua habilidade de recrutar adeptos. Durante muitos anos, batido aqui, aparecia acolá. Foi isto justamente o que fez, em junho de 1927, com sua incursão ao Rio Grande do Norte, um dos episódios mais famosos, porém menos produtivo de sua carreira.

47 *O Ceará*, de 30 de março de 1927.
48 *Correio do Ceará*, de 26 de abril de 1927.
49 A lista apareceu em *A Província* (Recife), em 11, 12 e 14 de junho de 1927.
50 *O Ceará*, de 18 de maio de 1927.

6. Mossoró

A decisão de Lampião de atacar Mossoró, a cidade mais importante do interiot do Rio Grande do Norte, foi, afinal de contas, um erro. Mas, no início de junho de 1927, a idéia de assaltar uma nova região, lhe pareceu muito boa. Suas andanças por Pernambuco e Alagoas estavam limitadas, devido à pressão da polícia, e, com exceção de Zé Pereira e seus parentes, nunca fora bem recebido na Paraíba. Quanto ao Ceará, estava livre de sua violência, em vista de seu acordo informal com as autoridades de lá, e também por causa do respeito que tinha pelo Padre Cícero. Restava, portanto, o Rio Grande do Norte.

Apareceram pelo menos duas versões diferentes, para explicar porque escolheu Mossoró. Uma delas, a de um cangaceiro do grupo, diz que foi a convite de um outro cangaceiro, Massilon Leite.[1] Massilon, que tinha seu próprio bando, já atacara o Rio Grande do Norte, e era considerado por Lampião como pessoa de confiança. A outra versão diz que o assalto foi arquitetado pelo Coronel Isaías Arruda, chefe político do Cariri, que há muito tempo vinha protegendo Lampião e outros cangaceiros. Consta que, quando a proposta foi feita, Lampião

1 História contada por Jararaca, no interrogatório policial, publicada no *Correio do Povo* (Mossoró), reproduzida no *Diário de Pernambuco* de 8 de julho de 1927 (citada daí em diante como a história de Jararaca).

recusou, alegando que a cidade era grande demais, e, para atacá-la, precisaria de um grupo muito maior do que o seu. Arruda, então, ofereceu sua ajuda para que pudesse recrutar mais homens, e concordou em lhe fornecer armas e munições, além de prometer-lhe uma grande quantia em dinheiro. Para ele, uma ajuda desta espécie era de pequena monta, pois tinha excelentes contátos com pistoleiros, e os Batalhões Patrióticos tinham deixado em suas mãos uma grande quantidade de armas e munições. No entanto, não ficou claro se o dinheiro viria da pilhagem da cidade ou se o próprio Arruda o forneceria. De qualquer modo, a quantia seria acima de 100:000$000. Segundo dizem, ficou combinado que Massilon e seu bando integrariam o grupo de assaltantes. [2]

Se foi atendendo ao convite de Massilon, ou ao oferecimento de Isaías Arruda – o que parece mais provável – o certo é que Lampião preparou o ataque. Em Aurora, onde estava acampado há 3 semanas, recebeu uma grande quantidade de munição, equivalente a 35:000$000. [3] Note-se que Aurora, estava situada em uma das duas comarcas controladas por Arruda. No dia 9 de junho, Lampião e seus homens saíram de lá para a Paraíba, e começaram a avançar em direção ao norte. Não estavam se escondendo, pois foram vistos em diversos lugares na Paraíba, e, numa ocasião, tiveram uma pequena escaramuça com a polícia. [4] Viajando rapidamente, a cavalo, os cangaceiros chegaram ao Rio Grande do Norte no dia seguinte à tarde. Continuaram a não dissimular sua passagem, pois imaginavam que ninguém desconfiaria para onde se dirigiam.

Durante a viagem, roubaram e tocaram fogo em diversas fazendas, e fizeram alguns prisioneiros, para os quais pediram resgate. Entre os reféns, estava D. Maria José Lopez, de 63 anos, por quem estavam pedindo 40:000$000, e que era uma grande fortuna naquele tempo. [5] Um outro refém, foi o Coronel Antônio Gurgel, um comerciante importante, seqüestrado no dia 12 de junho quando os cangaceiros estavam se aproximando de Mossoró. Preso quando ia de automóvel para uma de suas fazendas para buscar sua mulher, Gurgel temia pela segurança desta, pois a notícia da presença de Lampião na região já chegara a Mossoró. Fora obrigado a entregar sua pistola, aliança, óculos e carteira de dinheiro. Quando esta foi aberta, um dos cangaceiros gritou alegremente que tinham prendido um coronel muito rico. Gurgel foi levado para uma fazenda, na vizinhança, onde a maior parte do bando estava descansando, e Lampião decidiu que ia pedir 21:000$000 pelo seu resgate. Um dos irmãos do coronel, que tinha sido preso antes, foi enviado a Mossoró para receber secretamente o dinheiro das mãos do genro de Gurgel, que era o gerente de uma filial do Banco do Brasil. O mensageiro foi avisado que, se o bando fosse atacado, Gurgel seria o primeiro a morrer. [6]

A notícia da proximidade de Lampião, como dissemos, chegara a Mossoró, antes mesmo do irmão do Coronel Gurgel. Com a sua chegada, e com notícias subseqüentes de que os cangaceiros tinham saqueado e queimado uma estação da estrada de ferro, a somente 25 quilômetros de distância, as famílias ricas começaram a mandar as crianças e as mulheres para as fazendas no litoral. Os homens trabalharam a noite toda, preparando a defesa da cidade. [7] Enquanto isto, os cangaceiros estavam acampados perto da estação ferroviária que tinham queimado. No dia seguinte, logo depois das 5 horas, levantaram-se para recomeçar a viagem, e antes do meio-dia chegaram à periferia da cidade. [8] Aí, Lampião deu instruções a Gurgel para escrever ao chefe político de Mossoró, informando que 150 cangaceiros estavam nos arredores – na verdade, eram uns 60 – e exigindo 500:000$000 para evitar que a cidade fosse saqueada e queimada por eles. Avisado pelo Coronel que a quantia era muito alta, fez a grande concessão de reduzí-la para 400:000$000.

2 *O Ceará*, de 28 de junho de 1927, publicou as acusações contra Arruda. Seu nome não foi mencionado, mas a implicação era patente.

3 Transcrito do interrogatório policial de Casca Grossa, um membro do bando de Lampião no ataque a Mossoró, reproduzido por Raimundo Nonato em *Lampião em Mossoró*, p. 299. Este livro, que é principalmente uma coleção de documentos e reportagens dos jornais, é a melhor fonte escrita sobre o ataque. Presume-se que a munição foi adquirida de Arruda, um dos principais fornecedores de Lampião (ver a entrevista de Gengibre, do grupo de Lampião, no *O Ceará*, de 3 de outubro de 1929).

4 *O Ceará*, de 10 a 12 de junho de 1927.

5 A história de D. Maria foi contada numa entrevista, reproduzida em *Lampião em Mossoró*, pp. 185-191, de Nonato.

6 Narrativa de Antônio Gurgel, ibid., pp. 192-215.

7 *Diário de Pernambuco*, 8 de julho de 1927, reproduziu a história do ataque publicada no *Correio do Povo*.

8 A melhor descrição dos movimentos do bando é a do interrogatório de Jararaca, e das histórias de D. Maria e de Gurgel, em Nonato, *Lampião em Mossoró*, pp. 185-191, 192-215.

À tarde, os cangaceiros atravessaram o rio Apodí, que passa por Mossoró, e estavam prontos para atacar. O prefeito, em resposta, mandou dizer que o dinheiro não seria enviado, e que estavam preparados para recebê-los.[9] Dentro da cidade, um destacamento da polícia e de habitantes da cidade – calculado entre 150 a 300 homens – estava esperando nos pontos estratégicos, tais como, a Prefeitura, a estação ferroviária, o telégrafo, uma escola, um hotel, diversas residências e casas comerciais, além dos campanários das igrejas, que dominavam a cidade. Todos estavam bem equipados com armas e munição compradas por meio de uma subscrição pública.

É de admirar que Lampião, vendo a preparação na cidade, não tivesse um pressentimento da derrota. Construída na planície litorânea, a cidade não oferecia a proteção das colinas a que estava acostumado. Nunca tinha assaltado um lugar tão importante, e, deve ter pensado na possibilidade, e até na probabilidade de uma derrota. Um dos cangaceiros disse que Lampião tinha suas dúvidas sobre o sucesso da empresa, mas, tendo dado um ultimatum, resolvera ir avante em vez de ter que arcar com a vergonha de uma retirada.[10] Mais ou menos às 4 da tarde, do dia 13, debaixo de uma chuva fina, os cangaceiros atacaram. Ao som de uma corneta – pois Lampião gostava de fazer as coisas com classe – e sob o estalar dos trovões, entraram na cidade, a pé, e divididos em grupos. Cantando a "Mulher Rendeira", e gritando vivas e imprecações, abriram fogo contra diversos pontos defendidos pelos habitantes da cidade. Depois de meia hora, sem conseguirem quebrar a defesa, um grupo tentou atacar a Prefeitura, mas recebeu uma saraivada de balas vinda da torre de uma igreja e de outros lugares vizinhos. Batendo em retirada, deixaram um ferido no meio da rua, que foi imediatamente fuzilado pelos defensores. Um outro cangaceiro, Jararaca, tentou reaver as armas e munição do companheiro, e foi também ferido, mas conseguiu fugir. Um outro grupo tentou tomar a estação ferroviária, mas encontrou uma forte resistência e também teve que se retirar. Dentro de uma hora e meia, os cangaceiros foram forçados a se retirarem da cidade, pois a tática de ataque aberto não tinha dado resultados naquela ocasião.

Consta que Lampião perdeu 5 ou 6 de seus homens, neste ataque, embora só tenha sido constatada a morte de 3. Além do que morreu no meio da rua, foi encontrado outro corpo mais tarde, e o terceiro, Jararaca, morreu em circunstâncias muito misteriosas. Jararaca, como bem dizia seu nome, era um dos cangaceiros mais temidos. Tinha 26 anos e desertara do exército para se juntar a Lampião. No dia seguinte ao ataque, foi encontrado numa casa na periferia da cidade, onde foi preso, e depois levado para a cadeia, onde foi interrogado. Falando desembaraçadamente, discutiu o ataque a Mossoró, e apontou diversas supostos protetores do bando. Entre eles, estava o Major Teófanes Torres, da polícia de Pernambuco, com o qual, segundo ele, Lampião tinha feito um trato: Lampião não tocaria nas propriedades de Teófanes, e este, por seu lado, não perseguiria Lampião nem daria ordens para que ele fosse perseguido fortemente. Tendo obtido a informação de Jararaca, a polícia colocou-o num carro, dizendo que iam levá-lo para ser medicado na cidade. Mais tarde, disseram que ele tinha morrido no caminho. Porém em Mossoró, fontes dignas de confiança, disseram que a polícia levou-o para o cemitério, onde morreu à bala, e depois foi enterrado.[11]

Saindo da cidade, Lampião e seus cangaceiros, voltaram ao acampamento, onde, juntamente com seus reféns, montaram a cavalo e partiram rapidamente para o Ceará, seguindo a linha telegráfica. Um dos reféns disse que Lampião e outros do bando, voltaram da cidade em pânico.[12] Um outro disse que Massilon, temporariamente, assumiu o comando da retirada, em vista da confusão de Lampião.[13] Estes boatos, embora um pouco exagerados, podem conter uma grande parcela de verdade, pois Mossoró foi para Lampião, uma aventura fora do comum, e ao que tudo indica, assustadora. Não lhe faltava coragem, mas não era temerário. A não ser que fosse forçado pelas circunstâncias, normalmente não enfrentava um inimigo senão debaixo de condições que lhe favoreciam o sucesso. Em Mossoró, as cartas estavam contra ele, como imaginara, mas, ou para proteger sua reputação de cangaceiro, ou por vaidade, desafiou a sorte e perdeu. Mossoró, o empreen-

9 A carta do prefeito para Lampião, assim como a de Gurgel para o prefeito, podem ser encontrada em *A República* (Natal) de 27 de junho de 1927.

10 Narrativa de Jararaca.

11 Narrativa de Jararaca. Suas palavras sobre o Major Teófanes são uma das versões sobre o relacionamento deste com Lampião. Uma outra fonte conta que Lampião não atacava o gado de Teófanes porque pastava numa terra pertencente a uma pessoa com quem tinha um acordo (Miguel Feitosa, entrevista). As alegações sobre a morte de Jararaca são aceitas por muitos. Ver Nonato, *Lampião em Mossoró*, pp. 146-147, para uma versão.

12 Narrativa de D. Maria, em Nonato, *Lampião em Mossoro*, p. 187.

13 *O Ceará*, de 28 de junho de 1927.

dimento mais ambicioso e o mais imprudente de sua carreira, fora um erro. Ele não iria repetir o mesmo erro, nunca mais.

A próxima parada dos cangaceiros seria em Limoeiro do Norte, situada às margens do rio Jaguaribe, no Ceará. Na tarde do dia 15, Lampião e seus homens, juntamente com os reféns – o bando agora estava menor, pois, com a pressa, um pequeno contingente tinha ficado para trás – já tinham feito os setenta quilômetros que separam Mossoró da cidade de Limoeiro. Não esperando nenhum aborrecimento, mas talvez para evitá-lo, Lampião mandou um mensageiro na frente, para avisar o povo da cidade da sua chegada iminente. Aconselhava a polícia a se retirar, e disse que se houvesse alguma resistência ele atacaria sem piedade. O pequeno contingente da polícia, cortesmente, se afastou, seguido de crianças e mulheres das famílias mais importantes. Os chefes políticos, presumindo que os cangaceiros estivessem com fome, depois da longa viagem, mandaram matar um boi. Limoeiro do Norte estava preparada para oferecer-lhes a tradicional hospitalidade cearense.

O bando entrou na cidade à tarde, dando vivas ao Ceará, ao Governador Moreira da Rocha, e, naturalmente, ao Padre Cícero. Lampião foi recebido calorosamente pelo principal chefe político do local, a quem assegurou de que não havia motivos para preocupações. Acrescentou que seus homens eram bem disciplinados, e garantiu a segurança pessoal de todos na cidade. Quanto à contribuição que ele sempre exigia, ficou combinado, depois de alguma negociação, que a cidade lhe entregaria a módica quantia de 2:000$000. Dirigindo-se à estação do telégrafo, Lampião colocou-a sob vigilância, e examinou a correspondência. Enquanto isto, seus homens estavam gozando do conforto do único hotel da cidade, inclusive um jantar. Lampião só participou da refeição depois que seus homens tinham comido, como era seu costume. Sempre cauteloso, temia ser envenenado. Depois, os cangaceiros passearam pela cidade, olhando as lojas, e comprando alguns baralhos e outras coisas que lhes agradavam. O povo da cidade, por sua vez, dominou o medo inicial e começou a sair para a rua, para conhecer seus visitantes famosos. Os homens de Lampião encantaram os garotos menores, jogando punhados de moedas para o ar, para que corressem e as apanhassem quando caíssem no chão. Às 5 horas, Lampião e seu bando foram até a igreja rezar, sendo acompanhados pelo padre. Quando este lhe apresentou o prato da coleta, pôs uma cédula, e deu ordens a seus homens para que dessem uma boa contribuição. Antes de escurecer, os cangaceiros, juntamente com seus reféns, posaram para um fotógrafo local, que tirou diversos retratos. Os boatos

vindos de Limoeiro diziam que a visita tinha sido um sucesso, tanto para o povo da cidade como para os cangaceiros.

Perto das 10 horas da noite, depois de dizer adeus a todos, saíram da cidade. Tinham intenção de ficar mais tempo, porém uma hora antes, o telegrafista avisou que um destacamento policial tinha chegado a Russas, uma cidade vizinha. Os chefes políticos de Limoeiro, então, convenceram Lampião a se retirar, para evitar que a cidade se tornasse a cena de uma batalha, e, relutantemente, ele concordou. De fato, na manhã seguinte, os soldados chegaram a Limoeiro. Parece que, por consenso geral, a população da cidade preferia os cangaceiros à soldadesca, pois esta, vinda da Paraíba, não mostrou muita compreensão pelo fato de que Lampião fora bem acolhido por todos. Tomaram muitos objetos que os cangaceiros tinham dado ao povo como lembranças, e ameaçaram de prender diversas pessoas, acusando-as de serem cúmplices do bando. As notícias vindas de Limoeiro diziam que a polícia causou uma má impressão, principalmente por sua falta de disciplina. [14]

Saindo de Limoeiro, Lampião se dirigiu para o sul do Jaguaribe, em direção a Aurora, provavelmente na esperança de encontrar de novo a asa protetora do Coronel Arruda. Mas, nesta ocasião, nem Arruda, nem o solo normalmente neutro do Ceará iriam lhe oferecer refúgio. Antes que conseguisse sair do Ceará e chegar a Pernambuco, iria passar por uma das piores experiências de sua vida. Não somente as tropas do Rio Grande do Norte e da Paraíba estavam atrás dele, como as do Ceará começaram também a persegui-lo. Arruda, por seu lado, ia mostrar ser um aliado muito instável. Qualquer que tenha sido suas razões, o fato era que o Ceará estava reagindo ao insolente ataque a Mossoró.

Poucos dias depois do ataque, uma tropa tri-estadual, de 500 soldados, saiu em perseguição a Lampião. [15] O primeiro encontro, parece ter sido no dia 20 de junho, e, desta vez, foi Lampião quem caiu na armadilha. Um destacamento do Ceará, abriu fogo contra os cangaceiros, de dois lados, pondo-os em confusão. Aterrorizados, os cavalos e

14 Sobre a visita de Lampião a Limoeiro e os acontecimentos relatados, ver reportagem no *O Ceará*, de 16, 19 e 21 de 1927. Além disto, *O Povo* (Fortaleza), de 26 de Novembro de 1948, trazia uma entrevista com o homem que era o chefe político de Limoeiro naquele tempo.

15 *O Ceará*, de 21 de junho de 1927.

as mulas começaram a se levantar nas patas traseiras, e a rodar desorientadamente, e os cavaleiros tiveram que desmontar, de qualquer jeito, procurar abrigo e lutar. Depois de uma hora e meia de tiroteio, quando o fogo da polícia parecia menos intenso, os cangaceiros conseguiram rodear uma colina e fugir. Embora só houvesse um acidentado – um ferimento profundo no braço de um cangaceiro chamado Moreno –, perderam as montarias, todas as provisões e munições, com a exceção do que estavam carregando pessoalmente. Se os cangaceiros ficaram apavorados com o ataque, pode-se bem imaginar como se sentiram os reféns, Coronel Gurgel e D. Maria, que ainda estavam com eles.[16]

Neste dia, os cangaceiros caminharam até meia-noite, a procura de um abrigo seguro. Cansados e famintos, receosos de dormir, descansaram durante algumas horas. Antes do amanhecer, viram que estavam ainda num atalho, mas poucas horas depois, acharam um lugar onde puderam acampar. Lampião despachou alguns de seus homens para procurar água, comida e sondar se havia polícia por perto. Não a encontraram, mas um dos homens voltou com água, enquanto um outro, depois de tirar todos os enfeites característicos dos cangaceiros, para esconder sua identidade, conseguiu comprar queijo, numa fazenda. O bando ficou aí todo o dia e toda a noite, sem fazer barulho e sem acender fogo. Ao amanhecer, no dia seguinte, se puseram de novo a caminho, e, por sorte, encontraram um vaqueiro, de quem tomaram o cavalo, para Moreno, o ferido. Lampião ia matá-lo, para impedir que desse o alarme, mas, pensando melhor, forçou o pobre homem a servir de guia. Foram, então, conduzidos para um lugar isolado, chamado Vaca Morta, no município de Ricardo do Sangue, ainda na bacia do rio Jaguaribe. Passaram o dia seguinte de atalaia e famintos, pois só tinham encontrado um pouco de farinha, queijo e um peru, com que tiveram de saciar a fome de todo o bando. À noite, o medo dominava o acampamento, pois, um grupo de reconhecimento, voltara dizendo que o lugar estava rodeado por uma tropa numerosa. Ninguém conseguiu dormir, e o silêncio só foi quebrado pelos sons da natureza. Gurgel contou, mais tarde, que tinha encomendado sua alma a Deus, naquela noite, certo de que sua hora tinha chegado.

16 A narrativa de Gurgel, em *Lampião em Mossoró*, de Nonato, pp. 205-206, conta a história da batalha. Esta é, juntamente com a narrativa de D. Maria (ibid., pp. 185-191), a melhor fonte de informação sobre os movimentos dos cangaceiros até que os reféns foram soltos.

Às seis e meia da manhã do dia seguinte, a polícia atacou, tocando cornetas e abrindo fogo contra os cangaceiros, de uma distância de mais de 200 metros. O bando retribuiu os tiros, porém escassamente, procurando economizar a munição, mas, para compensar esta fraqueza, dando vivas ao Padre Cícero, e a uma porção de santos. Gurgel, de um barranco, onde, para maior segurança, tinha sido deixado, juntamente com D. Maria, também ouviu os insultos que gritavam contra os soldados, numa linguagem, que, conforme contou mais tarde, era muito suja.[17] Depois de uma hora, Lampião disse a seus homens para cessar fogo e ficarem quietos em seus lugares. A polícia caiu na armadilha, pensando que tinham fugido, e avançou. Ao chegarem perto, os cangaceiros abriram fogo de novo, ferindo muitos, e, só depois de uma meia hora é que os soldados conseguiram se safar. Lampião aproveitou também para se retirar para um lugar mais seguro. Apesar de ainda terem um outro encontro com a polícia antes de saírem da região, não houve feridos entre eles. E, embora houvessem 50 cavalarianos na tropa, sem falar nos 350 soldados a pé, não continuaram a perseguição ao bando.

A Batalha de Macambira, (nome da colina onde a cena se desenrolou) onde menos de 50 cangaceiros enfrentaram 400 soldados, foi um fracasso para a polícia. O comandante da tropa, Major Moysés de Figueiredo, da polícia do Ceará, foi muito criticado, principalmente pela imprensa, que já tinha dado a notícia de que a polícia do Ceará tinha cercado os cangaceiros e que estes não poderiam escapar.[18] O Major Moysés se defendeu, dizendo que suas ordens não foram executadas,[19] acrescentando que planejara o ataque em campo, e depois, conforme convinha à sua posição de comandante, voltara para esperar os resultados. Pôs a culpa do fracasso em seu subcomandante, dizendo que dera ordens para cercar os cangaceiros e depois, acossá-los, e isto não foi cumprido. Disse ainda que, quando a polícia atacou, seu subcomandante, antes de completar o cerco, mandara tocar as cornetas e começara a atirar de longe. A explicação mais plausível, no entanto, é que a polícia, sem saber exatamente onde estavam os cangaceiros –

17 Narrativa de Gurgel, ibid., pp. 207-208. É o melhor relato da batalha. Ver também *O Ceará*, de 26 de junho de 1927.
18 *O Ceará*, de 24 de junho de 1927.
19 Moysés de Figueiredo fez sua defesa em seu livro *Lampião no Ceará: A verdade em torno dos factos (Campanha de 1927)* pp. 26-30.

pois Lampião costumava espalhar seus homens quando havia perigo — fez contatos com eles antes que o cerco pudesse ser completado. Portanto, o ataque fora prematuro. Pode ser também, conforme insinuaram os Jornais do Ceará, que a polícia preferia atirar de longe contra Lampião, e, se possível, dar-lhe bastante aviso de sua chegada, para que ele pudesse fugir. Se, na verdade, foi esta a atitude, era uma compartilhada por muitos soldados que lutaram contra Lampião em outros lugares e em outras ocasiões.

Quando Lampião saiu de Macambira, deve ter pensado que seus reféns já não tinham mais serventia, pois o bando agora era obrigado a fugir e a se esconder, e não haveria oportunidade para receber o dinheiro do resgate. Matá-los, estava fora de cogitação, pois, tanto Lampião como seus homens tinham se afeiçoado a eles. Portanto, pouco depois da batalha, Sabino disse a Gurgel e a D. Maria que se despedissem do capitão, pois estavam livres. Os reféns foram, então, levados por Sabino e outros 4 cangaceiros, para um caminho que saía da mata, e aí, receberam uma certa quantia em dinheiro, um pedaço do queijo que tinham comprado no caminho, e fizeram as despedidas. Tanto Gurgel como D. Maria contaram que os cangaceiros os tratavam sempre com carinho, e segundo esta, um dos cangaceiros se apegou muito a ela, tendo o cuidado de ver que nada lhe faltasse. [20] Gurgel tinha uma queixa: Sabino insistia para que comessem juntos, não tanto por amizade, mas talvez, por perversidade. O cangaceiro sempre temperava sua comida com molho de pimenta que Gurgel achava muito desagradável, pois era fortíssimo e as lágrimas lhe escorriam dos olhos, o que era uma grande diversão para Sabino. [21]

Consta que durante a semana que se seguiu à batalha de Macambira, os cangaceiros continuaram sua marcha em direção a Aurora. Segundo o noticiário dos jornais, os soldados estavam em seu encalço, e uma vitória era esperada a qualquer momento. Boatos provenientes do vale do Jaguaribe, diziam que o bando estava bem reduzido, pois muitos tinham desertado, e os que ficaram, estavam exaustos, famintos e sem munições. [22] Na verdade, o noticiário exagerava a situação dos cangaceiros. Como sempre acontecia quando acossados e em retirada, comiam e dormiam pouco, pois era preciso uma vigilância cons-

20 As narrativas de D. Maria e de Gurgel sobre sua libertação estão em Nonato *Lampião em Mossoro*, pp. 189-190 e 209-213.

21 Ibid., p. 204.

22 *O Ceará*, 28 e 29 de junho de 1927; *Diário de Pernambuco*, 28 de junho de 1927.

tante, e a obtenção e a preparação da comida acarretava possibilidades de serem descobertos, além da perda de tempo. Um vaqueiro, que tinha sido recrutado para guiá-los até Aurora, contou que estavam bem armados, tinham um bom suprimento de munições carregado por burros que tinham arranjado no caminho. Disse também que todos os homens, mas principalmente Lampião e Sabino, tinham muito dinheiro. O bando parece ter se conservado inteiro, desde Limoeiro, pois o vaqueiro calculou que era composto de uns 50 homens. Alguns tinham pensado em desertar, mas, segundo ele, nem chegaram a tentar, com medo de Lampião e Sabino. [23]

Nos primeiros dias de julho, os fugitivos conseguiram chegar a Aurora, sem maiores dificuldades. Lá, na terra do Coronel Arruda, esperavam encontrar proteção e sossego. Entretanto, sem que eles desconfiassem, o suposto amigo estava planejando uma traição. Não apareceu ainda uma explicação plausível para o fato de Arruda ter se voltado contra Lampião, e o próprio cangaceiro ficou perplexo com a atitude do chefe político. [24] Poder-se-ia atribuir ao fracasso de Mossoró, se for dado crédito à versão de que Arruda ajudou a planejar a expedição, mas não se pode construir um caso somente para dar fundamento a uma suposição. Entre todos os aspectos da carreira de Lampião, suas relações com os chefes políticos são as menos suscetíveis de esclarecimento. De qualquer modo, Lampião ia enfrentar outros problemas em Aurora.

Sabe-se que Arruda planejou a emboscada com o Major Moysés. Conforme a versão do Major e de seus amigos, Arruda ofereceu seus préstimos à polícia. Arquitetaram, então, um plano: Lampião e seu bando foram convidados para jantar por um dos vaqueiros da fazenda onde estavam acampados. O convite foi aceito, sem que desconfiassem de que a casa estava cercada por 15 soldados e 100 jagunços de Arruda. No dia 7 de julho, chegaram à casa, e Lampião, cauteloso como sempre, deixou que alguns de seus homens comessem antes dele. Quando estes acharam que a comida estava com um gosto estranho, e alguns começaram a sentir náuseas, Lampião se deu conta da traição. Os cangaceiros, então, atacaram os anfitriões, e os soldados e jagun-

23 *O Ceará*, 7 de julho de 1927.

24 Entrevista com o cangaceiro Rouxinol, no *O Ceará*, a 26 de julho de 1928. Rouxinol mencionou a amizade entre Arruda e Lampião; assim também o fizeram Balão e Cansanção, outros dois cangaceiros que foram presos, ver *O Ceará*, de 14 de fevereiro de 1928.

ços, ouvindo os tiros, abriram fogo contra a casa. Quando os atacantes tocaram fogo no mato, ao redor, numa tentativa de isolá-los, os cangaceiros viram que tinham que romper o cerco, e, com todos os que estavam em condições, atirando – alguns estavam com vômitos e diarréa – conseguiram escapar, ajudados pela fumaça da vegetação queimada. Nenhum dos cangaceiros morreu do veneno, talvez porque fosse fraco demais para matar, ou talvez porque tinham comido muito pouco.[25]

Outra vez o Major Moysés foi criticado duramente. Duas vezes, sob condições que pareciam favoráveis, tentara exterminar Lampião e seu bando, e duas vezes falhara. As piores críticas vieram dos comandantes das tropas dos outros estados, que não tinham sido avisados do trato feito com Arruda. Acusaram Moysés de, depois do fracasso de Macambira, espalhar seus soldados por toda a região, de modo a ficar com Lampião para si e para o chefe político do Cariri.[26] Moysés explicou que realmente planejara incluir as outras tropas no ataque, mas não fora possível, visto que o ataque se dera 2 dias antes da data prevista. Entretanto, não explicou porque isso acontecera, referindo-se só vagamente a certas circunstâncias que o levaram a tal decisão.[27] Um oficial da Paraíba expressou o sentimento geral de que, em sua opinião, Moysés queria para si toda a glória de eliminar Lampião.[28] Talvez não fosse só a glória o que Moysés e Arruda tinham em mente. O dinheiro que Lampião sempre levava consigo, assim também como as pedras preciosas e os objetos de ouro com que todos do bando se enfeitavam, eram em si, uma motivação suficiente. Geralmente, a polícia não convidava outros destacamentos quando pensava que havia uma boa oportunidade de acabar com os cangaceiros, e a riqueza deles, era, sem dúvida, a razão.

Arruda não durou muito tempo depois da traição de Aurora. No ano seguinte, foi morto a tiros, num trem Crato–Fortaleza, quando este passava por Aurora. Os assassinos eram dois membros de uma

25 Figueiredo: *Lampião no Ceará*, pp. 23-47, 100-101. O livro não menciona a tentativa de envenenamento. A informação provém do interrogatório de Casca Grossa (ver Nonato: *Lampião em Mossoró*, p. 300) e da conversa dos policiais com os cangaceiros que estavam presentes na ocasião. Manuel Arruda d'Assis, João Jurubeba e David Jurubeba, entrevistas. Também Gueiros: *Lampião*, p. 97.

26 Manuel Arruda d'Assis, entrevista.

27 Figueiredo: *Lampião no Ceará*, p. 67.

28 Manuel Arruda d'Assis, entrevista.

família rival, a quem ele vinha perseguindo há muito tempo.[29] Nos anais da história da violência política do Cariri, Isaías Arruda tem o seu lugar assegurado, e, a maneira como morreu, é um comentário apropriado ao seu modo de vida.

Depois da batalha de Aurora, Lampião e seus homens fugiram para Pernambuco, com a tropa em seu encalço.[30] Provavelmente Lampião já não tinha a mesma benevolência para com o Ceará, como no passado, já que este estado não lhe daria mais proteção, em caso de perseguição. Parece razoável supor que a perda do Ceará como fonte de apoio e lugar de refúgio, teve, com o passar dos tempos, um papel importante na sua decadência. De fato, o prognóstico das autoridades de Pernambuco de que ele estava se aproximando do ponto de aniquilamento, chegava bem perto da realidade. É verdade que Lampião conseguira superar temporariamente as dificuldades que encontrara lá, haja vista seu ataque temerário ao Rio Grande do Norte. Mas este, lhe trouxe uma séria, embora inepta, perseguição das forças militares de diversos estados. Visto em retrospecto, o ataque a Mossoró foi um erro crasso, não somente devido ao seu fracasso, mas também porque teria sido um erro maior se tivesse tido sucesso. Uma coisa era saquear fazendas isoladas ou pequenos povoados, mas, inteiramente outra, ameaçar cidades importantes, onde morava gente importante.

Do lado positivo para Lampião, seu êxito espetacular em conseguir escapar de seus perseguidores, mesmo quando tudo parecia estar contra ele, só serviu para exaltar ainda mais sua imagem heróica, pois provou à polícia que ele e seus homens eram um osso duro de roer. É verdade que esta imagem não tinha muita importância para eles, quando fugiram para Pernambuco, cansados, famintos e temerosos pela vida. Há evidência de que o bando diminuíra bastante nos meses que se seguiram. Chegavam regularmente aos jornais, notícias de membros, ou digamos, de ex-membros do bando, que tinham sido presos, mortos, ou mais freqüentemente, que se entregavam às autoridades.[31] Ser cangaceiro nos tempos difíceis não era tão atraente como

29 *O Ceará*, 10 de agosto de 1928.

30 *O Ceará*, 13 de julho de 1927.

31 Ver, por exemplo, o *Diário de Pernambuco* de 2, 18 e 30 de agosto, e 3, 6, 15, 17, 22 e 24 de setembro de 1927. O *Diário da Noite*, de 24 de novembro de 1931, publicou o nome de 40 cangaceiros, supostamente associados a Lampião, mortos em 1927 e parte de 1928. Gueiros, em *Lampeão*, p. 31, declara que Teófanes Torres atestara em 1928, que mais de 600 homens ligados a Lampião em diversos períodos de sua carreira, foram

quando as oportunidades para pilhagem eram abundantes, e a vida era fácil e alegre e pouco perigosa. É provável que muitos, entre os mais jovens, tenham se arrependido de terem se juntado ao bando, e tenham aproveitado a primeira oportunidade para deixá-lo. Lampião pode também ter reduzido intencionalmente o tamanho do grupo, simplesmente porque não precisava mais de tantos homens. No ano seguinte, procurou manter uma imagem menos agressiva, o que era bem mais fácil de conseguir com um pequeno bando do que com um grande. Em sua luta pela sobrevivência, ao longo dos anos, Lampião demonstrou uma capacidade extraordinária de se adaptar às circunstâncias, mesmo quando adversas. Seus atos, naquela ocasião, provam esta habilidade. O fato de que ex-membros do bando se entregaram às autoridades, foram mortos ou presos, pode ser também, em parte, prova de que não podiam sobreviver fora da lei, sem a sua liderança.

Em setembro, dois meses depois de sua fuga do Ceará, as notícias vindas de Pernambuco diziam que Lampião estava desmoralizado, e que seu bando estava reduzido a 14 homens. [32] Os encontros com a polícia eram, agora, raros. Em outubro, o prefeito de Vila Bela declarou que Lampião podia ser considerado derrotado e seu bando extinto. [33] Alguns dias depois, correu o boato de que somente 6 homens estavam ainda com ele, e que, embora bem armados e bem fornidos de munições, estavam sempre fugindo. [34] É provável que o bando, em vez de estar reduzido a 6 homens, tivesse sido dividido em dois. Correu também que Lampião dissera que se entregaria à polícia se tivesse garantias de vida. Isto pode ter sido verdade, pois, uma vez por outra, manifestara esta tendência. No entanto, mesmo que o tivesse dito, talvez nenhuma autoridade estivesse interessada, porque o problema representado por Lampião parecia estar quase resolvido.

Durante o resto de 1927, e parte de 1928, as notícias sobre Lampião foram escassas. De Alagoas veio a informação de que estivera lá, em janeiro, com um bando composto de 16 a 20 homens, mas não causara problemas, pois, embora continuasse, como sempre, a exigir dinheiro, agora evitava cometer violências. Estava sendo comparado a um velho leão "manso e humilde". Contudo, a polícia continuava a

mortos ou presos. Embora este número possa ter sido exagerado, não resta dúvida que foi grande.

32 *Diário de Pernambuco*, 13 de setembro de 1927.

33 *O Ceará*, 6 de outubro de 1927.

34 *Diário de Pernambuco*, 12 de outubro de 1927.

persegui-lo, e, a um certo ponto, afirmaram que eles estavam cercados por 400 soldados de Pernambuco e Alagoas. [35] Entretanto, não foi registrada nenhuma notícia de combate, pois Lampião conseguira escapar de novo. No final de janeiro, voltou a Pernambuco, e apareceu na região de Vila Bela, causando muita apreensão e embaraços às autoridades. O Chefe de Polícia do Estado, Souza Leal, decidira ir àquela área fazer uma inspeção pessoal da campanha contra o cangaço – provavelmente para se assegurar se havia alguma verdade na jactância do Major Teófanes. Na viagem à Vila Bela, estava programado que Souza Leal passaria por Custódia, mas a polícia persuadiu-o a ir por uma outra estrada, alegando que aquela estava quase intransitável. Talvez a estrada não estivesse muito boa – aliás, todas as estradas do sertão eram ruins – mas a polícia era impelida pelo medo de que a comitiva se encontrasse com Lampião. No mesmo dia em que Souza Leal deveria ter passado por lá, Lampião e seu bando, a percorreram, a cavalo, fazendo misérias. Encontraram dois carteiros e roubaram todo o dinheiro que levavam nas sacolas, e queimaram a correspondência. Saquearam também dois comboios, um de genêros alimentícios, e outro de forragem. Um jornal de Recife, que publicou a informação, acrescentou que o Chefe de Polícia escapou por pouco de ser preso. [36]

Em fevereiro, os cangaceiros estavam na fronteira de Pernambuco e Paraíba, aparentemente ainda debaixo da perseguição da polícia. Um fazendeiro da Paraíba disse que, quando pararam em sua casa, estavam com abundância de dinheiro, munição e cabelo – os homens todos, estavam usando cabelo comprido e barba, [37] pois, com a polícia em seu encalço, tinham pouco tempo disponível para cuidar da aparência pessoal. A situação do bando foi piorando nos meses seguintes. No Ceará, continuaram a sentir a pressão da polícia. Os habitantes do Cariri, que viram Lampião e seus 14 homens, informaram que estavam famintos, quase nus, e que a munição começava a escassear. [38] Houve notícia de um encontro com a polícia, na fazenda de Antônio Piçarra, conhecido como um de seus coiteiros. O combate, que se de-

35 *O Ceará*, 15 de fevereiro de 1928, transmitindo notícias vindas de Maceió.

36 *Jornal do Recife*, 5 de fevereiro de 1928. Na edição do dia 7 de fevereiro, o informante citado pelo jornal negou que tivesse contado esta história, mas no editorial do dia 17 confirmou tudo o que ele relatara.

37 *Diário de Pernambuco*, 21 de fevereiro de 1928.

38 *O Ceará*, 14 de março de 1928.

senrolou no dia 27 de março, foi longo, e houve um forte tiroteio.[39] Sabino Gomes morreu por este tempo, dizem que na fazenda de Piçarra, e é bem provável que tenha sido numa destas batalhas.[40] Sabino estava com Lampião desde o ataque a Sousa, em 1924, e era um dos cangaceiros em quem mais confiava. Baixo, troncudo, moreno, falante, Sabino era conhecido como um dos mais perversos do bando, embora alguns dos seus companheiros dissessem que ele era "boa praça".[41]

A morte de Sabino foi muito sentida por Lampião, cuja situação, nos meses subseqüentes, era considerada muito precária. Em maio, depois de algumas semanas de inatividade, reapareceu na região de Mata Grande – Água Branca, com um bando, descrito por diversas pessoas, como sendo composto de 9 a 12 honens. Tiveram dois encontros com a polícia, e num deles, dois coiteiros, que tinham ido levar comida ao acampamento, foram mortos.[42] Em junho, apareceu em Pernambuco, perto da fronteira com Alagoas, extorquindo dinheiro de pequenos fazendeiros.[43] No princípio de julho, assaltou dois caminhões, nas estradas de Alagoas, e a notícia se espalhou de que só 6 homens o acompanhavam.[44] Ao final do mês, apareceu de novo, depois de ter estado escondido por diversos dias, e encontrou o Sargento José Saturnino, seu velho inimigo, chefiando uma volante. Os cangaceiros, não querendo enfrentar uma força policial muito maior em número, fugiram aos primeiros tiros.[45]

Apesar das crescentes dificuldades, Lampião estava se saindo razoavelmente bem, conseguindo manter seu pequeno bando. Talvez não estivessem gozando a vida, como no passado, mas, pelo menos estavam vivos e longe das garras da polícia, o que, afinal de contas, já não era pouco. Havia uma coisa, entretanto, que nunca faltava a Lampião, mesmo quando sua sorte estava em baixa, e isto era – dinheiro.

39 Ibid., 27 de março de 1928; *Diário de Pernambuco*, 29 de março de 1928.

40 Manuel Arruda d'Assis, entrevista; Carvalho *Serrote Preto*, pp. 165-167. Ângelo Roque, um cangaceiro, conta em Estácio de Lima *O mundo estranho dos cangaceiros* pp. 269-271, que Sabino morreu na fazenda de Piçarra. Mas não ficou claro se Roque presenciara o fato ou não, pois parece que só se juntou ao bando mais tarde. Se não estava presente, pode-se presumir que ouviu a história de Lampião ou de alguém que estava presente.

41 Entrevista com Balão e Cansanção, *O Ceará*, 14 de fevereiro de 1928.

42 *Diário de Pernambuco*, 19 de maio de 1928.

43 *O Ceará*, 24 de junho de 1928.

44 *Diário de Pernambuco*, 10, 11 e 18 de julho de 1928.

45 *Diário de Pernambuco*, 1º de agosto de 1928.

No princípio de agosto, Lampião e seus 6 homens entraram na vila de Entre Montes, em Alagoas, um pequeno porto no rio São Francisco, perto de Piranhas. Aí, compraram mantimentos e pagaram generosamente. Os habitantes ficaram muito agradecidos pela conduta exemplar dos cangaceiros, pois, numa outra visita, no ano anterior, tinham tocado fogo em 3 casas da vila.[46] Perto de Entre Montes, de uma casa à beira do rio, Lampião viu passar um barco com a polícia a bordo, e ameaçou atirar. Foi, porém, dissuadido pela dona da casa, que lhe explicou que o barco transportava soldados de Sergipe, um estado que nunca pegara em armas contra ele. A informação era correta – entre os passageiros estava o Chefe de Polícia de Sergipe.[47]

Logo depois, Lampião decidiu abandonar a área ao norte do rio São Francisco, ao menos por alguns tempos. Estava acompanhado por seu irmão Ezekiel, conhecido como Ponta Fina, por seu cunhado Virgínio, apelidado de Moderno, e mais, Luís Pedro, Mariano e um cangaceiro conhecido por Mergulhão.[48] Perseguidos pela polícia, atravessaram o rio São Francisco para o lado baiano, de um ponto em Pernambuco, logo ao norte da fronteira de Alagoas, no dia 21 de agosto de 1928.[49] Uma mulher, que os vira passar pouco antes de atravessarem o rio, disse à polícia, que chegou logo em seguida, que não pareciam muito pèrigosos – sujos, magros, exaustos, e com grandes olheiras, pareciam mais mortos do que vivos.[50]

Para a Bahia, esta travessia foi uma tragédia, mas para Lampião e seu bando de malfeitores, foi o início de uma nova era.

46 Ibid., 24 de agosto de 1928; Antônio Corrêia Rosa (residente em Entre Montes), entrevista, Piranhas, Alagoas, 19 de agosto de 1975.

47 *Correio de Aracajú*, 22 de agosto de 1928.

48 José Fernandes de Vieira, entrevista, Salvador, Bahia, 30 de novembro de 1973.

49 A polícia da Bahia, sabendo que Lampião estava na área estava vigiando o rio, e teve conhecimento quase imediato de sua travessia. Ver vários telegramas da Secretaria de Segurança Pública da Bahia, datados de 22, 23 e 24 de agosto. Arquivo Público, Salvador (telegramas da SSP citados daqui em diante como telegramas, Bahia).

50 Miguel Feitosa, entrevista. Feitosa fazia parte do destacamento.

7. Queimadas

Foram dadas muitas razões para explicar porque Lampião e seu pequeno bando de 5 homens atravessaram o rio São Francisco, no final de agosto de 1928, porém a mais plausível parece ser a de que estavam simplesmente procurando escapar da perseguição da polícia de Pernambuco. Durante sua estadia em Entre Montes, mostrara desejo de se afastar de Alagoas e Pernambuco, declarando que estava cansado de matar, e que queria paz. [1] Como nunca atacara os estados do outro lado do rio, isto é, Bahia e Sergipe, podia esperar que lá, a perseguição da polícia seria bem nenor. Já conhecia o norte da Bahia, pois, quando rapazinho, viajara para lá com seu pai, fazendo carretos. [2] Sabia, portanto, que a área era muito extensa e pouco populosa. Obviamente, era um bom lugar para se desvencilhar de seus perseguidores.

A polícia baiana suspeitava também que Lampião queria se juntar ao bando de cangaceiros chefiados por Antônio de Engracia, o que talvez tenha sido verdade, visto que, logo depois, Engracia entrou para o bando de Lampião. Mas, Quindu, um ex-membro do bando de Lampião, contou uma outra história, quando foi preso, na Bahia, no

1 *Diário de Notícias*, 3 de outubro de 1928.
2 João Ferreira, entrevista.

princípio de setembro. Disse que o capitão viera a convite de Horácio de Matos, o poderoso chefe político de Lavras Diamantina, no centro do estado, e, acrescentou, que fora Luís Pedro quem lhe contara. [3] Horácio, de fato, mantinha um grande número de jagunços, mas, como Lampião não o procurou – apesar de ter ampla oportunidade – há dúvidas sobre a veracidade do convite. [4] Além do mais, Matos não precisava de Lampião, pois já tinha bastante pistoleiros.

Havia também quem assegurasse que Lampião viera à Bahia a convite do Coronel Petronilo Reis, do município de Santo Antônio da Glória. [5] De fato, foi para aí que Lampião se dirigiu quando saiu de Pernambuco, e também é verdade que se encontrou com Petro, como era conhecido o coronel. Quando Lampião entrou no município, parou primeiro na fazenda Salgado, onde se apresentou como sendo o sargento Manuel Neto, da polícia de Pernambuco, uma mentira fácil de ser levada a cabo, visto que as volantes se vestiam como os cangaceiros. Depois de descansar e conversar com seu anfitrião, perguntou se havia criminosos nos arredores. O fazendeiro lhe assegurou que não havia nenhum, mas pouco depois viu que estava enganado, pois Lampião, antes de ir embora, revelou sua identidade e pediu um guia, acrescentando que viera à Bahia a convite de um amigo, mas não mencionou o nome. [6] De Salgado, Lampião se dirigiu para Várzea da Ema, uma das muitas propriedades de Petro. Este recebeu o bando, e, mais uma vez, Lampião se apresentou como sendo um sargento de Pernambuco, porém, pouco depois, chamando Petro à parte, contou a verdade. Ninguém sabe sobre o que conversaram, mas o coronel, se limitou a dizer que concordara em fornecer cavalos e um guia a Lampião, que desejava ir a Bonfim. [7]

Uma outra versão conta que Petro concordou em fornecer uma porção de outras coisas mais. Para resumir, que ele se propôs a ser a principal fonte abastecedora do bando e a dar-lhes proteção. Se foi

3 *A Tarde*, 3 de setembro de 1928; *O Ceará*, 26 de setembro de 1928.

4 Sobre Horácio de Matos, ver: Walfrido Moraes, *Jagunços e heróis;* Américo Chagas: *O chefe Horácio de Matos*, Eul Soo Pang: *The Politics of Coronelismo in Brazil: The Case of Bahia, 1889-1930* (Ph. D. dis., Universidade de Califórnia, Berkeley, 1970).

5 José Fernandes de Vieira, entrevista; Severino Ramos (Jeremoabo, Bahia, 17 de agosto de 1975), entrevista.

6 Carta datada de 24 de setembro de 1928, de Adelino Ferreira, de Santo Antônio da Glória, publicada no *Diário de Notícias*, de 28 de dezembro de 1928.

7 Entrevista com Petronilo Reis, publicada no jornal *A Tarde*, de 8 de setembro de 1928.

verdade ou não, é difícil saber, pois os chefes políticos não falavam abertamente de sua amizade com Lampião. Não resta dúvida de que a primeira base importante de Lampião na Bahia foram as propriedades de Petro. Se o acolhimento foi dado de boa vontade, ou não, não se sabe. [8]

Se a verdade fosse conhecida, provavelmente ficaríamos sabendo que Lampião fora à Bahia para se livrar da polícia, e que o amigo que o convidara era seu companheiro, Antônio de Engracia. E, sua conduta durante os primeiros meses, mostra que estava procurando um pouco de paz. Entretanto, a polícia de Pernambuco não tencionava deixar Lampião descansar, e Manuel Neto e seus Nazarenos, descobriram sua pista logo depois que atravessou o São Francisco e o seguiram até a fazenda principal de Petro. Este, entretanto, estava em Várzea da Ema, mas seu vaqueiro contou o que aconteceu. [9] Estava no campo, quando alguém da família mandou chamá-lo, dizendo que um grupo grande de bandidos tinha invadido a casa. Lá, ele encontrou Manuel Neto e sua volante, indistinguíveis, tanto pela vestimenta como pela conduta, de um bando de cangaceiros. Exigiram que os levasse até onde estava Lampião, e o espancaram quando ele disse que não sabia o lugar. Depois da surra, entretanto, concordou em levá-los até Bonfim, onde chegaram no dia 26 de agosto. Houve um pequeno tiroteio, antes que os cangaceiros fugissem para o mato. Incidentes, tais como a surra dada no vaqueiro de Petro – ele mostrou seus ferimentos à imprensa de Salvador alguns dias depois – combinados com a inatividade de Lampião, levaram as autoridades baianas a pedirem a Pernambuco a retirada das volantes. [10] A polícia pernambucana teve a sua desforra quando, algum tempo depois, recebeu um urgente apelo da Bahia, para que voltasse.

Era evidente que a polícia baiana não estava preparada para enfrentar Lampião. O cangaço nunca fora um problema no estado, como o fora no outro lado do rio, e, conseqüentemente, não tinham soldados suficientes, nem experiência, nem mesmo vontade, de persegui-lo. Saíam em seu encalço uma vez por outra, porém sempre de lon-

8 As acusações mais fortes contra Petro estão em Prata: *Lampêao* pp. 49-50. O cangaceiro Volta-Séca também apontou-o como um dos coiteiros do bando. José Izidro, entrevista, Salvador, Bahia, 24 de novembro de 1973.

9 Entrevistado pelo jornal *A Tarde*, 8 de setembro de 1928.

10 João Jurubeba, Miguel Feitosa, Olympo Campos, entrevistas. Gueiros: *Lampeão*, p. 101.

ge, e um sertanejo de Uauá contou à imprensa, em setembro, que, embora o perseguissem, nunca haveriam de pegá-lo, pois Lampião e seu pequeno bando, estavam levando uma vida nômade. Perguntavam a direção de um certo lugar e seguiam para lá, mas no meio do caminho, procuravam um trecho cheio de pedregulhos, que servia para esconder a pista, e então, se desviavam para um outro rumo, deixando as autoridades confusas. [11]

O fato de que Lampião não estava causando problemas explica a lentidão dos baianos em tomar algumas medidas contra a ameaça. Ele dissera que viera à Bahia só para descansar e não tinha intenção de fazer mal a ninguém. [12] Além do mais, estava conquistando a reputação de homem amável e generoso. Em setembro, no Barro Vermelho e Patamuté, distribuiu dinheiro entre os pobres e pagou bebida para todos. Viajava de carro entre as duas cidades, pagando generosamente ao motorista e seu ajudante. [13] Nas fazendas e nas vilas, assistia as festas de casamento, às vezes dava um vestido para a noiva, e fornecia as bebidas. Em Canché, bebeu com um pequeno contingente de soldados do posto de polícia e trocou um rifle com um deles. [14] Lampião estava se comportando bem, e também se saindo bem como relações públicas. As visitas do legendário cangaceiro entusiasmavam os sertanejos. Não resta dúvida de que ele e seus homens estavam também se divertindo. Enquanto isto, os conhecimentos da região, os contatos e os amigos que ia fazendo, lhe seriam de grande ajuda no futuro. Sua inatividade não significava que tinha resolvido se regenerar, mas que estava se preparando para o tempo em que reassumiria seus assaltos.

De setembro ao fim do ano, pouco se ouviu falar de Lampião. Muitos pensaram que tinha ido para Goiás ou Mato Grosso, [15] mas, na verdade, estava descansando em Santo Antônio da Glória, numa das fazendas de Petro. [16] Começou a aparecer em público em dezembro. No domingo, dia 16, foi a pé, com seus homens, até a cidade de Pombal, situada mais ou menos a uns 120 quilômetros ao sul do lugar onde o bando atravessara o rio São Francisco, em agosto. Sua chegada não foi inesperada, pois, nos dias anteriores, tinha sido visto em outros lugares na região. Viajava às claras, como se não esperasse ter nenhum problema com a polícia. Chegando em Pombal às 6 horas da manhã, foi diretamente para a casa do prefeito, que o recebeu à porta. Lampião garantiu que vinha em paz, e pediu ao prefeito para dizer aos quatro soldados do posto de polícia para não se meterem. Um rapaz foi dar o recado, e os cangaceiros foram convidados a entrar, para comer. Depois de uma boa refeição, Lampião foi até o posto, cercando-o. Chamou o cabo que estava de guarda e disse-lhe que queria que ele o acompanhasse até a próxima cidade. Antes de deixar Pombal, duas horas depois, quis conhecer o povo da cidade, que o tratou como se fossem seus súditos. Querendo deixar uma boa impressão da visita, Lampião perguntou se havia um fotógrafo na cidade. Por sorte, o alfaiate tinha uma máquina, e então, o bando posou, na praça, para um retrato. Pouco depois, com o cabo fazendo parte da comitiva, os cangaceiros saíram da cidade num automóvel emprestado. [17]

Nesta mesma semana, Lampião teve seu primeiro encontro com o Coronel João Sá, de Jeremoabo. [18] Para Lampião, este encontro casual foi uma sorte, pois, sendo João Sá o político mais importante do nordeste baiano, era certamente um homem com quem deveria ter um entendimento. O encontro deu-se quando Sá, que era deputado estadual, estava viajando para Salvador. Ao parar no Sítio do Quinto, para passar a noite, ele e seus companheiros foram cercados pelos cangaceiros, que estavam descansando lá. Ao saber de quem se tratava, Lampião convidou-o para, juntamente com seus amigos, tomarem uma bebida com ele. Durante a conversa, garantiu, mais uma vez, que não tinha má vontade contra a Bahia, reiterando que viera somente para descansar. Enquanto tivesse dinheiro para suas despesas, acrescentou, não incomodaria ninguém, mas se o dinheiro acabasse, então seria obrigado a pedir ajuda às pessoas de recursos. Os dois homens conversaram durante umas duas horas, ou mesmo mais, porém, como parte da conversa se deu fora do alcance dos ouvidos dos outros, presume-se que incluíram assuntos confidenciais. Foi o início de uma amizade que se-

11 João Borges de Sá, entrevistado pelo jornal *A Tarde*, 27 de setembro de 1928.
12 Ibid.
13 *A Tarde*, 20 de setembro de 1928.
14 Miguel Feitosa, Severiano Ramos, entrevistas. Gueiros: *Lampeão*, pp. 104-107.
15 *A Tarde*, 20 de dezembro de 1928.
16 Prata: *Lampeão*, p. 49.

17 A narrativa da visita de Lampião a Pombal se baseia numa entrevista com Pedro Nolasco dos Santos, de Pombal, à *A Tarde*, de 21 de dezembro de 1928.
18 Sá deu sua versão do encontro ao jornal *A Tarde*, a 20 de dezembro de 1928. Um de seus companheiros de viagem, José da Costa Dorca, contou uma história mais completa, publicada no *O Ceará* de 11 de janeiro de 1929.

ria duradoura e mutuamente satisfatória. Aparentemente, Sá se tornou um dos protetores mais dignos da confiança de Lampião, e este, por seu lado, sempre respeitou as vinte e tantas fazendas do chefe político. Este declarou que nunca fora um coiteiro voluntário, mas só o fora para proteger suas propriedades.[19] Pode ter sido verdade, porém Lampião, de sua parte, estava sempre pronto a prestar-lhe serviço. Ao sair do Sítio do Quinto, ofereceu seus préstimos ao rico fazendeiro. Disse a Sá, que se tivesse algum inimigo, bastava mencionar o nome, e eles se encarregariam do resto.[20] Certamente, viu a vantagem de ter um amigo poderoso.

Não tardou o momento em que iria precisar de amigos. O encontro com o Coronel Sá, por coincidência, deu-se justamente antes que o período de relativa paz do cangaceiro chegasse ao fim. Antes do fim da semana, Lampião teve seu primeiro encontro sério com a volante baiana do Capitão Hercílio Rocha, que, durante alguns meses, comandou as tropas encarregadas de perseguir o bando. A polícia baiana teve uma infeliz iniciação às táticas de Lampião. Tendo tido notícias de que estavam arranchados perto de Massacará, foram até lá e cercaram a casa onde, supostamente, estavam escondidos. Ao abrirem fogo, foram recebidos com uma saraivada de balas vindas de dentro da casa, e também da retaguarda, pois, Lampião, sabendo que a polícia estava a caminho, instruíra alguns de seus homens para atacar por trás. Os soldados fugiram desordenadamente, mas dois foram atingidos e morreram.[21]

Quinze dias depois, a 7 de janeiro, houve um outro encontro da polícia com Lampião. Desta vez, seguiram-no até a vila de Abóboras, numa região isolada, bem ao norte da cidade de Bonfim. Era dia de feira, e os cangaceiros estavam se divertindo. Quando a polícia chegou e cercou a vila, Lampião e mais quatro cangaceiros, estavam na varanda de uma casa, dançando com umas moças, enquanto os outros quatro montavam guarda. Segundo a versão da polícia, assim que umas mulheres gritaram que a volante tinha chegado, Lampião e os quatro que estavam na varanda, desapareceram e os outros quatro, resistiram, dando cobertura à retirada dos companheiros, e depois, procuraram se safar. Depois de uma troca de tiros, fugiram, carregando um,

19 Felipe Borges de Castro, entrevista, Salvador, Bahia, 25, 26 e 27 de novembro de 1973; José Fernandes de Vieira, entrevista.

20 Dorca, no *O Ceará*, 11 de janeiro de 1929.

21 *A Tarde*, 31 de dezembro de 1928.

que tinha sido ferido, e que deixara uma poça de sangue atrás. O ferido, Mergulhão, morreu pouco depois. A polícia achou sua cova e desenterrou o corpo, para verificar a identidade. Foi o primeiro do bando a ser morto na Bahia. Dois soldados – eram oito, um menos do que os cangaceiros – morreram e dois ficaram feridos. Os policiais contaram que a resistência ao ataque foi comandada por um cangaceiro louro, que demonstrou muita coragem sob o tiroteio.[22] Este jovem, era Christino Gomes da Silva, que ficou conhecido como "Corisco", ou "Diabo Louro". Entre todos os sequazes de Lampião, Corisco se destacou por sua coragem e crueldade.

Depois da batalha de Abóboras, Lampião desapareceu durante algumas semanas. Já matara quatro soldados baianos, e sem dúvida, deu-se conta que sua lua-de-mel com o estado, acabara. Correu a notícia que estava fugindo em direção a Santo Antônio da Glória. No final de fevereiro, quando a polícia tomou de novo conhecimento de seu paradeiro, estava extorquindo dinheiro, perto da fronteira de Sergipe, alguns dias depois, entrou na cidade de Carira, no estado vizinho.[23]

A visita de Lampião à cidade sergipana, foi, para os cangaceiros, agradável e rotineira, mas para os residentes, foi, naturalmente, uma ocasião digna de nota. Souberam da chegada do célebre cangaceiro pouco antes das 5 da tarde, quando o chefe da polícia recebeu um bilhete, no qual Lampião pedia permissão para entrar na cidade. Não houve resposta, e a confusão reinou na cidade. Pouco minutos depois, Lampião e seu bando de sete, chegaram, montados em mulas. Além do chefe de polícia, haviam seis soldados na cidade, quatro dos quais fugiram apavorados quando os cangaceiros chegaram. Lampião se dirigiu à casa do chefe de polícia, e, depois de se apresentar, pediu-lhe para mandar preparar um jantar para o bando. Enquanto isto estava sendo feito, os cangaceiros passearam pela cidade, fazendo compras e bebendo cerveja e cachaça. Quando Lampião soube que dois soldados estavam na delegacia, mandou-lhes cerveja e cigarros, e mais tarde, foi visitá-los. Elogiou-os por não terem fugido, dizendo que faziam honra à profissão, e assegurou-lhes que não tinha nenhum desejo de lutar contra a polícia sergipana. Acrescentou que viera a Sergipe somente para conhecer o estado, e não tinha intenção de ofender ninguém.

22 *A Tarde*, de 9, 15 e 17 de janeiro de 1929d; Bahia, Secretaria da Polícia e Segurança Pública, *Relatório de 1929*, p. 84. Ver também Felipe de Castro: *Derrocada do cangaço no nordeste* pp. 27-29.

23 *A Tarde*, 4 de março de 1929.

Ficaram na cidade algumas horas, bebendo, cantando e fazendo visitas. Alguns cidadãos se ausentaram da cidade, com medo, e para onde os cangaceiros iam, uma multidão os acompanhava. Lampião, em particular, era alvo da atenção e admiração de todos. Sua cartucheira, diziam, era realmente de chamar a atenção: tinha dois palmos de largura e continha quatro fileiras de cartuchos, e duas mais de botões de ouro e prata. Quanto a Lampião, estava de bom humor, e foi dito que falava bem, porém um tanto ferinamente. Falou de seu passado, explicando que somente se fizera cangaceiro porque a polícia matara seu pai. Referindo-se à polícia sergipana, disse, que se fosse como a dos outros estados, ele teria muito pouco com que se incomodar, pois costumava chegar somente 3 dias depois que ele fora embora. Também andou indagando sobre as cidades dos arredores, e, principalmente, sobre o número de soldados em cada uma. Os cangaceiros não ofenderam ninguém, embora Lampião tenha pedido contribuições em dinheiro aos comerciantes. À uma hora da madrugada, depois de procurar inutilmente por alguém que tocasse sanfona, para que pudessem dançar, o bando montou nas mulas e partiu. Não foi sem tempo, pois duas horas depois – não três dias, conforme Lampião dissera – um destacamento de 50 soldados chegou da Bahia e cercou Carira, pensando que os cangaceiros ainda estivessem lá. [24]

Depois desta visita a Carira, Lampião e seu bando percorreram, durante alguns meses, uma grande parte do estado da Bahia, com uma visita, de vez em quando, a Sergipe. Seu comportamento, especialmente na Bahia, tinha revertido ao padrão antigo – sem o pretexto de que estava na Bahia simplesmente para descansar. A Bahia tornou-se, portanto, a principal base de suas operações. Num ato típico, assaltou, no meado de abril, a vila de Pedra Branca, situada às margens do rio São Francisco, no município de Juazeiro, ao norte da Bahia, onde saqueou uma fazenda e o comércio local, levando dinheiro e jóias. [25] O roubo de jóias e objetos de ouro e prata explica como os cangaceiros podiam se enfeitar tão apuradamente. É difícil se acreditar que, nos sertões pobres e áridos da Bahia, tais indícios de riqueza não eram raros. Naturalmente, as grandes fortunas eram raras, mas, entre a pequena e sólida classe de fazendeiros e comerciantes, uma grande parte do patrimônio das famílias consistia de pedras preciosas e objetos de ouro e prata. A instabilidade do papel moeda, e a falta de bancos e sua pouca segurança, faziam com que tais objetos fossem a forma mais eficaz de preservar o patrimônio acumulado.

24 Alexandre Barreto, um dos residentes de Carira, deu uma história completa da visita dos cangaceiros ao jornal *O Paulistano* (São Paulo, mais tarde Frei Paulo, Sergipe), no dia 3 de março de 1929. Uma história mais resumida está no relatório do Chefe de Polícia do município, Dionysio dos Santos, ao Chefe de Polícia do Estado (Arquivo Público, Aracaju, Sergipe, Pacote SPI 37).

25 *A Tarde*, de 15 de abril de 1929.

Poucos dias depois do ataque a Pedra Branca, Lampião visitou de novo Sergipe e foi visto em regiões bem diferentes. Atacou Canindé, no rio São Francisco, e, em Poço Redondo, juntamente com seus homens, assistiu a missa. [26] Numa fazenda, numa conversa com o proprietário e alguns amigos, mostrou o desejo de visitar Aracaju, e ficou furioso quando lhe disseram que tal visita seria impossível. [27] Logo depois de Pinhão, onde também extorquiram dinheiro, foram surpreendidos por uma volante baiana, com a qual trocaram tiros durante uns vinte minutos. [28]

Nos meses que se seguiram, houve diversos combates entre os cangaceiros e a polícia, embora esta sempre se mostrasse fraca e ineficaz. Quando o mal estava feito, a polícia levava a culpa. Foi o que aconteceu, num encontro que tiveram em julho. Nesta ocasião, uma volante de nove soldados, comandados por um cabo, tinha sido enviada de Bonfim para procurar uns criminosos, que tinham fugido da cadeia e que, segundo esperavam, iriam se juntar ao bando de Lampião. Quatro soldados e o cabo estavam descansando na vila de Brejões, no dia 4 de julho, quando foram surpreendidos pelos cangaceiros. Antes que tivessem tempo de reagir, foram presos e mortos. O próprio Lampião matou o cabo, alvejando-o de perto, no ouvido. [29]

Este ataque-surpresa, em Brejões, veio provar uma das maiores dificuldades da polícia, isto é, não sabiam nunca, ao certo, onde os cangaceiros estavam, pois estes, viajando intensamente, a cavalo, pelo interior da Bahia e de Sergipe, podiam fazer uns setenta a oitenta quilômetros por dia. Para complicar o problema, o povo do sertão e das vilas tinha medo de dar informações sobre Lampião, geralmente temendo alguma retaliação, e, quando pareciam estar cooperando, muitas vezes davam informações erradas. Além do mais, corriam sempre

26 Francisco Rodrigues, entrevista, Piranhas, Alagoas, 19 de agosto de 1975; *Correio de Aracaju*, 22 de abril de 1929.

27 *O Paulistano*, de 22 e 23 de abril de 1929.

28 *Correio de Aracaju*, 22 e 23 de abril de 1929.

29 *A Tarde*, de 9 de julho de 1929.

boatos sobre seu paradeiro, pois qualquer bando não identificado, era tido como sendo o seu. Não é de admirar que a polícia se sentisse frustrada. No dia 14 de junho, o comandante da volante, em Uauá, telegrafou ao chefe de polícia estadual, que, nos últimos dois dias recebera informações completamente divergentes sobre o paradeiro de Lampião. Disse que, segundo uma fonte oficial, o célebre cangaceiro estava numa serra, perto de Juazeiro, incapaz de viajar, pois tivera um ataque de malária. O chefe de polícia deu ordens para que a volante atacasse imediatamente. Um segundo oficial declarou ao chefe que Lampião fora visto em Sergipe, enquanto um terceiro, informava que Juazeiro estava apavorada, esperando um ataque dos cangaceiros a qualquer momento. Enquanto isto, um quarto oficial, comandando uma turma de trabalhadores na estrada, declarou que a informação do terceiro oficial era um absurdo. [30] O fato de que Lampião poderia aparecer inesperadamente em qualquer lugar, forçava a polícia a espalhar seus poucos soldados. Em junho, por exemplo, o Capitão Rocha, informou que 90 soldados sob seu comando – isto é, todo o destacamento designado para perseguir os cangaceiros pelo sertão – estavam divididos em quatro volantes. [31]

O oficial que estava tomando conta da turma na estrada, estava em maus lençóis, pois Lampião era um inimigo do progresso, representado por melhores meios de transporte, sabendo que, qualquer melhoramento nas estradas de rodagem, ou outros meios modernos de comunicação, iriam destruir o isolamento com que contava para seu sucesso, além de facilitar a movimentação das tropas. Em agosto, o oficial que estava supervisionando a construção da estrada de Juazeiro a Santo Antônio da Glória – que iria passar por Raso da Catarina, uma região árida, usada muitas vezes pelos cangaceiros como refúgio – recebeu diversos recados de Lampião. Num deles, aconselhava-o a suspender a construção, declarando francamente que a estrada iria dificultar seus movimentos. Se não fosse atendido, ameaçava cortar fora a cabeça do oficial e arrancar os pés dos trabalhadores. Ao receber o recado, a construção foi, temporariamente, interrompida, pois os trabalhadores fugiram apavorados. [32]

30 Este telegrama está no pacote especial sobre Lampião, no Arquivo Público, da Bahia.

31 *A Tarde*, de 26 de junho de 1929.

32 O oficial, Coronel Ademiro Gomes dos Santos, foi entrevistada pelos jornais *A Tarde*, a 27 de agosto de 1929, e *Diário de Notícias*, de 17 de setembro de 1929.

Lampião, também, não gostava das estradas de ferro, embora sua violência contra elas, por mais estranho que pareça, se limitasse a tocar fogo nas estações. Não há evidência que tenha destruído ou assaltado algum trem. No princípio de julho, queimou a estação ferroviária e cortou os fios telegráficos de Itumirim, situada ao norte de Bonfim, na estrada de Salvador-Juazeiro, e roubou o agente da estação. Entretanto, num gesto humanitário, permitiu que ele retirasse todos os seus pertences do local, antes que ateassem fogo. Como reação ao incêndio, o chefe de polícia estadual deu ordens para que contingentes de dez a trinta soldados estivessem sempre de guarda nas estações ferroviárias nas áreas freqüentadas pelos cangaceiros. [33]

Em Itumirim, Lampião visitou o grupo escolar. A professora não ficou encantada com ele, como acontecia com tantas mulheres menos sofisticadas, nos sertões. Ficou irritada com o cangaceiro, não só porque ele invadiu sua escola e disse-lhe que seria um bom lugar para dar um baile, como por causa de sua aparência. Ela disse que, ele era feio, seus cabelos muito compridos e emaranhados, estava muito sujo, e, portanto, era muito diferente dos retratos que tinha visto nos jornais. Disse-lhe que lamentava que as circunstâncias a tivessem forçado a estender-lhe a mão. A professora foi para Salvador, onde falou sobre a visita aos jornais. O choque levou-a a pedir férias. [34]

Antes do fim de 1929, correu a notícia alarmante que o bando de Lampião estava crescendo em número. Disseram à polícia, no final de setembro, que já eram 18. [35] Alguns dos antigos companheiros de Lampião, de Pernambuco, estavam atravessando o rio para juntarem-se a ele, e também, estava conseguindo novos recrutas na Bahia. Entre estes, estavam Antônio de Engracia e seus irmãos, cangaceiros já conhecidos na área do Juazeiro. Nos meses seguintes, houve uma certa confusão quanto ao número dos componentes do bando, até que ficou claro que nem sempre ficavam juntos o tempo todo. Como já fizera em Pernambuco, Lampião estava dividindo seus sequazes em grupos, com Corisco e Engracia como subchefes, quando necessário. [36]

33 *A Tarde*, de 9 de julho de 1929. Um relatório, datado 9 de julho de 1929, de Itumirim ao Governador Vital Batista Soares, contando o incidente, está no pacote especial sobre Lampião, Arquivo Público, Bahia.

34 *A Tarde*, 8 de agosto de 1929.

35 Auto de perguntas, datado de 28 de setembro de 1929, Alcino da Silva Duarte, no pacote especial sobre Lampião, Arquivo Público, Bahia.

36 *A Tarde*, 9 de outubro de 1929.

O bando, naturalmente, atraía muita atenção. No dia 17 de setembro, invadiu Riacho Seco, no município de Curaçá, uma pequena cidade às margens do rio São Francisco, abaixo de Juazeiro. Saqueou várias casas de comércio, e, em uma delas, reuniu o povo e distribuiu as mercadorias do comerciante entre eles. [37] Se isto foi um ato generoso – o mérito é discutível – Lampião iria, logo depois, exibir o outro lado de sua personalidade. Em outubro, cumpriu a ameaça que fizera na estrada Juazeiro-Santo Antônio da Glória, cuja construção tinha sido reencetada. Perto de Carro Quebrado, surpreendeu uma turma de trabalhadores, matando todos os nove. [38]

No mês seguinte, Lampião e seu bando voltaram a Sergipe. Nesta viagem, fizeram uma das mais célebres aparições públicas da carreira de cangaceiros. Foi no município de Capela, situado a uns 40 quilômetros da capital do estado. Por volta de 7 horas da noite de 25 de novembro, o prefeito recebeu um recado que Lampião e seu bando estavam perto e queriam conversar com ele. O mensageiro explicou, que não lhes tinha sido possível chegar até lá, porque um dos carros estava com um pneu furado. Passando pela cidade de Dores, Lampião conseguiria arranjar quatro automóveis, para a viagem à Capela. O prefeito não podia recusar o pedido, porque, dois dias antes, a maior parte dos soldados tinha sido enviada mais para o interior, para ajudar na busca aos cangaceiros. Proibiu, portanto, os quatro soldados restantes, a aparecerem em público, e foi receber os visitantes. Uma hora depois, os onze cangaceiros entraram na cidade, e Lampião explicou que não iria fazer mal a ninguém.

Lampião, agindo rapidamente para controlar as comunicações com as cidades vizinhas, mandou um de seus homens montar guarda ao posto de telefone local, e um outro, ao telégrafo. O telegrafista estava no cinema, e quando os cangaceiros entraram, para buscá-lo, provocaram um reboliço. Contam que, ao ver Lampião, o operador arrebentou o filme, e a orquestra desafinou. Alguns dos fregueses tentaram se retirar, mas Moderno lhes disse para ficarem quietos, a não ser que quisessem ser baleados. Lampião também mandou quatro de seus homens esperarem a chegada do trem.

37 *O Ceará*, 22 de setembro de 1929. Para um debate sobre Lampião como um bandido do tipo Robin Hood, ver o capítulo 11 deste livro.

38 *A Tarde*, 21 de outubro de 1929; *O Ceará*, 5 de novembro de 1929; Ângelo Roque, em Lima: *O mundo estranho*, pp. 193-194.

Depois de terem tomado todas essas precauções, Lampião e seus homens se ocuparam de outros assuntos. Como fizera em Dores, Lampião exigiu uma contribuição dos cidadãos da cidade, neste caso, a quantia considerável de 20:000$000. O prefeito explicou que, tendo atravessado três anos de seca, a cidade teria dificuldade em arranjar esta soma. Lampião, cortesmente, reduziu-a para 6:000$000, porque, disse ele, sabia bem como eram as secas, já tendo passado por elas nos últimos 14 anos. Tendo acertado o montante, o chefe de polícia fez a coleta entre os cidadãos mais proeminentes. Não teve dificuldade para recolher o dinheiro, pois, conforme disse um dos presentes, todos sabiam que Lampião "não era de brincadeira". Quando o trem chegou, os cangaceiros estavam lá, esperando-o. Saltou um soldado, que foi interrogado. Quando souberam que era da polícia de Sergipe, disseram que ele tinha sorte. Se fosse um baiano, eles teriam que matá-lo.

Tendo cuidado dos negócios, Lampião e seus homens reservaram algumas horas para se divertirem. Foram às lojas e compraram muitas coisas, inclusive, jóias. Lampião comprou roupas e uma pistola, e, em agradecimento, o comerciante presenteou-o com uma cópia do livro "A Vida de Jesus", de Ellen G. White. Para onde quer que fossem, eram acompanhados por um bando de admiradores, que estavam radiantes por estarem na presença de célebres cangaceiros, e, principalmente, encantados com as histórias de seus feitos. O padre visitou o bando, e, quando dois ou três deles pediram-lhe a benção, aconselhou-os a deixar a vida de crime e regenerarem-se. Em resposta, apenas sorriram. Eram quase onze horas da noite quando Lampião tentou telefonar para o chefe de polícia estadual, mas, como os telefonistas intermediários já tinham ido embora, a ligação não pôde ser completada. De qualquer modo, ele deu ao telefonista de Capela uma boa gorjeta. Os cangaceiros jantaram no hotel – o telegrafista provou a comida antes que se servissem – beberam, passearam de automóvel e visitaram o "distrito", sem o qual nenhuma cidade do sertão estaria completa. Os homens se revezaram montando guarda, enquanto os companheiros se divertiam com as mulheres. Às 3 horas da madrugada, Lampião reuniu o bando, para partirem. Saíram em direção de Dores, nos mesmos automóveis em que chegaram. No caminho, entretanto, mandaram os carros de volta e montaram a cavalo.

Lampião deixou uma impressão muito boa em Capela. O correspondente de um jornal da capital escreveu que, embora tivesse pouca cultura, não havia dúvida que era esperto e inteligente. Além disto, era cortês, ouvia atentamente o que lhe diziam e conversava bem. Tanto

para Capela como para os cangaceiros, a visita foi um tremendo sucesso.[39]

A visita de Lampião à uma cidade na Bahia, pouco menos de um mês depois, não pode ser lembrada com carinho. Seus atos lá, uma mistura macabra de assassinatos e prazer, se transformaram num dos episódios mais comentados de sua carreira. Queimadas é uma cidadezinha ao longo da estrada de ferro Salvador-Juazeiro, a aproximadamente uns 60 quilômetros ao sudeste de Bonfim. Situada na margem esquerda do rio Itapicuru, começa na estação do trem, à margem do rio, e se estende pela colina acima. Quando é banhada pelo sol da tarde, vindo do oeste, seus prédios brancos e de cores pastéis, com os telhados vermelhos, alegram a paisagem monótona, composta de colinas baixas e de vegetação pobre. O sol já completara mais da metade do seu trajeto pós-meridiano, no domingo 22 de dezembro de 1929, quando o povo da cidade viu um grupo de homens atravessando o rio num bote.[40] Embora estivessem vestidos como cangaceiros, acreditaram que se tratava de um destacamento de polícia de Pernambuco. Quando os cidadãos de Queimadas tiveram consciência de seu engano, Lampião e seu bando tinham tomado posse da cidade.

O célebre cangaceiro despachou dois de seus homens para tomarem a estação do trem e o telégrafo, enquanto, com cinco outros, subiu a colina, à procura da delegacia. Os oito soldados da cidade foram pegos de surpresa. Uns estavam jogando baralho, enquanto o comandante, Sargento Evaristo Carlos da Costa, estava deitado numa rede, de pijama.[41] Os cangaceiros tomaram conta da delegacia antes mesmo que eles se apercebem. Foram dominados facilmente, e os soldados presos na cadeia. Soltaram os seis presos que estavam na cadeia; sem

39 A história da visita de Lampião à Capela foi contada em diversos livros, entre eles, Prata, *Lampião*, pp. 126-134, e Gois, *Lampião*, pp. 64-68. A narrativa básica que segui, veio de um longo artigo escrito por um correspondente do *Correio de Aracaju*, de 29 de novembro de 1929. A citação também é da mesma fonte. *A Tarde*, de 30 de novembro de 1929 traz um relato mais resumido.

40 A narrativa do incidente em Queimadas se baseia em duas fontes: no relatório de uma investigação dos fatos, feito pelo Tenente Geminiano José dos Santos, de 5 de dezembro de 1929, no pacote especial sobre Lampião, Arquivo Público, Bahia; e minhas entrevistas com Umbelino Santana (Queimadas, Bahia, 12 de julho de 1974) testemunha dos acontecimentos, e, de menos importância, Hermenigildo Barbosa (Queimadas, Bahia, 12 de julho de 1974). *A Tarde* de 24 de dezembro de 1929 e 2 de janeiro, 1930 deu uma longa reportagem.

41 Felipe Borges de Castro, entrevista.

que soubessem, dois eram soldados presos por indisciplina, que partiram imediatamente, só voltando no dia seguinte. Os cangaceiros exigiram as armas e a munição que o sargento tinha guardado debaixo de sete chaves, em vista de um pobre homem indefeso ter sido morto a tiros por um dos soldados, pouco tempo antes. Em resposta ao argumento do sargento que não podia satisfazer seu desejo, pois era responsável pelas armas e munição, Lampião decidiu a questão declarando que ele era agora o governador e chefe de polícia. Nesse interim, outros cangaceiros chegaram à cidade, perfazendo um total de dezoito homens.

Como sempre acontecia, Lampião exigiu um tributo dos cidadãos mais proeminentes de Queimadas. Tendo prendido o juiz, Lampião forçou-o a preparar uma lista dos prováveis contribuintes, pondo, diante de cada nome, a quantia exigida. A tarefa da coleta do dinheiro foi confiada a três homens, que, quando os cangaceiros entraram na cidade, estavam angariando dinheiro para uma festa de Natal. Trabalhando até às 6 horas, conseguiram entregar a Lampião um pouco mais de 23:000$000. Visitando o armazém e a mercearia de um dos homens, Umbelino Santanna, Lampião deu-lhe ordens para fornecer aos cangaceiros o que eles quisessem, dizendo para tomar nota de tudo, o que era uma compensação, pois Umbelino sabia que sua parte do tributo tinha sido 1:000$000. Umbelino convidou Lampião para beber com ele, que aceitou e pediu uma mistura de vermute e refrigerante. Lampião chegou até a beber primeiro, deixando seu anfitrião orgulhoso, pelo fato de ter confiado nele. Antes de sair, Lampião levou alguns remédios, dizendo que era para um de seus homens que estava doente. Quando os cangaceiros chegaram para fazer as compras, Umbelino notou que meias, sabonetes e perfumes eram os artigos mais procurados.

Antes do pôr-do-sol, Lampião e dois de seus homens voltaram à delegacia. Os atos subseqüentes foram os mais lembrados desta visita a Queimadas. Tirando um soldado do cárcere, escoltaram-no até à porta da delegacia, onde espedaçaram sua cabeça com dois tiros. Voltaram então para buscar um outro, e repetiram a cena. E assim continuaram, até que os sete soldados nada mais eram do que um monte de corpos ensangüentados. Ao último, disseram para levantar a cabeça, porque ia morrer. Em resposta, ele chamou-os de covardes. Então, não somente atiraram nele, como também o esfaquearam. Um deles queria matar também o carcereiro, mas Lampião não deixou, dizendo que era um civil e não "um macaco", palavra esta com que os cangaceiros, sarcasticamente, apelidaram os soldados. O Sargento Evaristo,

que tinha ficado montando guarda na casa do juiz, escapou de ter a mesma sorte de seus homens. Parece que era querido pelo povo de Queimadas, pois, quando Lampião falou em matar os soldados, diversas pessoas pediram para poupá-lo. O sargento era protestante – recusou o convite de Lampião para beberem juntos – e, uma mulher de sua seita parece ter sido o instrumento de sua salvação. Em agradecimento, a mulher deu a Lampião seu relógio de pulso. Lampião tinha explicado ao sargento porque ia ter que matar os soldados. Perdera um de seus homens em Abóboras, e se matasse todos os soldados da polícia baiana, mesmo assim, a conta não ficaria liquidada. Era uma declaração clara, embora atemorizante, da raiva implacável do cangaceiro contra as forças policiais que o perseguiam, e, também, uma indicação certa de suas intenções de matá-los, pelo menos quando os riscos, para ele e seus homens, fossem mínimos.

Saindo da delegacia, os cangaceiros foram se encontrar com seus companheiros, no hotel, onde jantaram. Depois, começaram a se preparar para uma noitada alegre. Lampião avisara a diversas pessoas durante a tarde que haveria um baile, à noite. Convidou Evaristo, mas o sargento disse que não dançava. Para que a festa fosse um sucesso, Lampião deu ordens a uma das mulheres para que arranjasse bastante moças, de preferência, acrescentou, das classes mais modestas. A moça compreendeu que os homens não se sentiriam à vontade com as filhas dos cidadãos abastados.

Houve a dança. Metade dos homens compareceram, enquanto os outros montaram guarda, e, a pedido de Lampião, foi passado um filme. As moças foram tratadas com muito respeito, porque Lampião ameaçou castigar qualquer um que se excedesse. Aparentemente, todos se comportaram bem, embora, quando algum tempo depois, uma das moças apareceu grávida, houve um certo espanto na cidade, e todos se perguntaram quem seria o pai. Não obstante, a festa foi um sucesso para os cangaceiros – alguns também visitaram o "distrito", perto do rio – e, pelas três horas da madrugada, Lampião juntou o bando, para a partida. Antes de ir embora, deixou um recado escrito na parede da sala, dirigido ao governador, cheio de erros de gramática e de ortografia, e insultuoso. Dizia ao governador, que viera a Queimadas para se divertir, e que, apesar da perseguição que lhe fazia o estado, estava engordando e pensando em se casar. E assinou: "Seu superior, Cap. Virgulino Ferreira Lampião" [42]

42 A transcrição do recado está no relatório do Tenente Geminiano

O bando saiu de Queimadas às 4 horas. Lampião saiu montado num jumento emprestado, mas garantiu ao dono que o devolveria. Fiel à sua reputação de homem de palavra, mandou o jumento de volta dentro de poucos dias. [43] Duas horas depois de saírem da cidade, pararam numa fazenda para dormir e descansar. Quando a notícia chegou a Queimadas, 40 soldados acabavam de desembarcar do trem que vinha de Bonfim, comandados por um tenente. Ao saberem que os cangaceiros estavam acampados perto, um sargento, que conhecia bem os arredores, insistiu com o tenente para irem atrás deles. O oficial, entretanto, seguiu seu plano original, que era, deixar alguns soldados em Queimadas e mandar o restante para um outro ponto na estrada de ferro. [44] Esta atitude era típica dos comandantes na campanha contra o cangaço, e, em Queimadas, foi qualificada de covardia.

Os cangaceiros, tendo descansado das festanças, rumaram para o leste. Chegando à pequena cidade de Mirandela, situada a uns 70 quilômetros de Queimadas, Lampião mandou um recado ao comandante do pequeno contingente de soldados, solicitando-lhe permissão para entrar na cidade e beber. O sargento, que tinha seis soldados sob suas ordens, respondeu que se os cangaceiros tentassem entrar na cidade, seriam recebidos à bala. Então, durante duas horas os cangaceiros atacaram, mas como os civis ajudaram os soldados, foram rechaçados. Um cangaceiro ficou ferido, e dois civis morreram. Era dia de Natal. [45]

Saindo de Mirandela, os cangaceiros passaram perto da sede do município de Tucano. Lampião, então, mandou uma carta, exigindo 6:000$000 e ameaçando saquear a cidade, caso não fosse atendido. Na cidade havia um destacamento composto de dez soldados, e o comandante não deixou que enviassem o dinheiro. Agindo por conta própria, mandou dizer a Lampião que, se quisesse o dinheiro, fosse, ele próprio, buscá-lo. Lampião não foi, porque raramente enfrentava tantos soldados desnecessariamente, mas mandou uma resposta. Segundo o relatório, a carta estava cheia de obscenidades. [46]

No final de 1929, Lampião tinha estado na Bahia por quase um ano e meio. Era óbvio que, ao atravessar o São Francisco, optara por uma mudança permanente. Possuía uma boa rede de fornecedores, de protetores e de informantes, e, suas tentativas de extorsões eram sem-

43 Umbelino Santanna, entrevista.
44 Ibid.
45 *A Tarde*, de 3 a 8 de janeiro de 1930.
46 *A Tarde*, de 3 de janeiro de 1930.

pre bem sucedidas, pois nunca estava sem dinheiro. Além disto, seu bando estava crescendo, um fato que por si só indicava seu sucesso. Aprendera a conhecer a região e podia desaparecer, à vontade, da vista do público, por diversas semanas. Tinha se familiarizado também com Sergipe, onde encontrava muito pouca resistência da parte da polícia. Na Bahia, pelo menos, a polícia parecia ser maleável. Lampião tinha feito uma nova estréia.

8. Maria Bonita

Depois das visitas de Lampião a Mirandela e Tucano, no final de dezembro de 1929, não se teve mais notícias de seu paradeiro, durante uns três meses. A polícia da Bahia estava preocupada, temendo alguma surpresa desagradável.[1] Para os leitores dos jornais de Salvador, que, avidamente, seguiam a sua carreira, houve uma novidade, no final de janeiro, quando a polícia anunciou que a cabeça de um cangaceiro chegara à capital. Era a de Gavião, que tinha sido morto por um intrépido sertanejo, pouco depois do incidente de Queimadas. O vaqueiro, que acompanhou o médico da polícia a Salvador, com o troféu, explicou que fora forçado a acompanhar o bando de Lampião, servindo de guia, e, a um certo ponto, ele e Gavião ficaram um pouco mais atrás dos outros, e começaram a discutir. Quando Gavião ameaçou-o, ele segurara a faca do cangaceiro e matara-o. A polícia, tendo ciência do caso, mandou um médico exumar o corpo e trazer de volta a cabeça, já bem deteriorada.[2] Naquele tempo, o estudo de uma suposta relação entre a criminalidade e o tipo físico, estava em moda no

1 SSP ao Capitão P. Neves, 25 de fevereiro de 1930, telegrama, Bahia.

2 *A Tarde*, de 25 de janeiro de 1930. Oliveira: *Lampião*, p. 167 assegura que um dos cangaceiros matou Gavião e que o guia levou a fama, mas não dá nenhuma indicação de sua fonte.

Brasil, principalmente em Salvador, onde estava localizado o Instituto de Medicina Legal Nina Rodrigues. Depois de bem examinado, medido e classificado, o crânio foi exposto, no instituto. Lá ficou, como um macabro precursor de diversos outros que a ele iriam se juntar mais tarde.

Neste ínterim, as volantes baianas estavam na caatinga, à procura dos cangaceiros. A tropa, comandada pelo Tenente Odonel Silva, estava na área de Juazeiro, quando, no dia 22 de março, teve notícias de que Lampião, com um bando de quatorze homens, fora visto nas redondezas. Durante os dois dias subseqüentes, os cangaceiros e a polícia pareciam estar brincando de esconde-esconde. No dia 23, os soldados acharam a pista, mas, ao cair da tarde, a perderam, quando os cangaceiros entraram na caatinga. Depois de descansar durante a noite, recomeçaram a busca, no dia 24. Algumas horas mais tarde, chegaram a uma fazenda, onde Lampião passara de madrugada, e, forçando a marcha, saíram atrás dele. Numa outra fazenda, lhes contaram que o bando tinha assaltado a mala do correio, levando 3.000$000 dos malotes e queimando-os, em seguida. Era quase meia-noite quando chegaram à fazenda Periperi, a uns 10 quilômetros da cidade de Juazeiro, onde souberam que Lampião tinha passado por lá umas 4 horas antes. Enquanto estivera lá, mandara 4 cartas aos cidadãos mais proeminentes da cidade, pedindo dinheiro em troca da garantia de segurança de suas fazendas. Disseram à polícia que, de lá, ele fôra à fazenda Favelas, onde deu ordens para que lhes servissem cachaça e outras bebidas. Lampião estava deixando um rastro bem visível, e a polícia deveria ter-se acautelado.

Embora estivessem cansados, os soldados arranjaram um guia e, pouco depois da meia-noite, partiram para Favelas, que ficava a menos de 4 quilômetros de distância. Até então vinham a cavalo – como os cangaceiros – mas daí em diante, o Tenente Odonel e seus homens continuaram, cautelosamente, à pé. Dentro de meia hora, o guia lhes disse que estavam se aproximando do acampamento dos cangaceiros. Logo depois, os cangaceiros abriram fôgo, antes mesmo que a volante tivesse tempo de tomar posição. Mais uma vez, Lampião armara uma armadilha, e, inconscientemente, a polícia caíra nela. Os cangaceiros estavam espalhados, e atacavam de todos os lados. O Tenente Odonel e seus homens teriam tido muitas perdas se não tivessem recebido um auxílio inesperado, com a chegada de um outro destacamento, que, sem que eles soubessem, estava na mesma área. Os cangaceiros, agora com a retaguarda sob ataque, se reagruparam e começaram a atirar de detrás de um muro de pedra, antes de abandonar o campo. O combate

durou 20 minutos. Dois soldados ficaram seriamente feridos, um dos quais veio a morrer mais tarde. Nenhum cangaceiro, aparentemente, foi atingido. Quando, ao amanhecer, os soldados foram inspecionar o campo de batalha, acharam alguns cantis, e um lenço cor-de-rosa, perfumado. [3]

Passaram-se muitos mêses antes que a polícia da Bahia tivesse outro encontro importante com Lampião. Neste interim, o bando continuou a operar dentro de uma extensa área da Bahia e de Sergipe. A maior parte do tempo, estavam divididos em três grupos, comandados, respectivamente, por Lampião, Corisco e Antônio de Engracia. Depois da refrega, Lampião se deslocou rapidamente pelo nordeste da Bahia, em direção a Santo Antônio da Glória, onde permaneceu algumas semanas. No final de abril, foi visto num lugar, enquanto Engracia atacava de emboscada a polícia, num outro. [4] No final de maio, Lampião e seus homens tentaram um ataque de surprêsa a Patamuté, mas foram rechaçados pela polícia. Encontraram, então, uma turma de trabalhadores da estrada de rodagem, matando um. [5] No final de julho, entraram em diversos povoados e vilas na região fronteiriça de Bahia e Sergipe, inclusive em Pinhão, Sergipe, onde saquearam diversas casas comerciais, no dia 22. Houve uma pequena escaramuça aí, na chegada da força policial da Bahia; antecipando o que ia acontecer, Lampião tinha aconselhado a professora a dar ordens para que seus discípulos ficassem estendidos no chão. [6] Uma semana depois, Corisco e seu grupo tomaram a plantação de cana de Calumby e a usina, perto de Capela. Mandaram o proprietário, Luís Matos, ir à cidade buscar 10.000$000, enquanto sua família ficava como refém. Quando Matos voltou, na manhã seguinte, acompanhado por um destacamento da polícia e civis armados, os cangaceiros estavam bebendo e tocando música. Os soldados atacaram ao raiar do dia, forçando a debandada dos cangaceiros. Matos, ao contar a história, disse à imprensa, que os reféns tinham sido tratados com respeito e que Corisco, reconhecendo a possibilidade de um ataque, permitira que sua mulher mandasse as crianças para uma outra casa. [7]

3 O relatório do Tenente Odonel ao seu superior, contando o combate, foi publicado no jornal *A Tarde*, de 5 de abril de 1930. Ver também o mesmo jornal de 25 e 26 de março de 1930.

4 *Diário de Notícias*, 23 de abril de 1930. *A Tarde*, de 25 de abril de 1930.

5 *A Tarde*, de 30 de junho de 1930.

6 José Melquíades de Oliveira, entrevista, Pinhão, Sergipe, 30 de junho de 1974.

7 *Correio de Aracaju*, 1º e 2 de agosto de 1930.

A polícia baiana não tardou a aprender que Lampião era um inimigo extremamente astuto e perigoso. Depois da ida a Sergipe, desapareceu por algumas semanas, para vir à tona, no final de julho, na Bahia, perto de Cipó. Cipó era um balneário, que, apesar da distância e das dificuldades de transporte, atraía visitantes de bem longe, devido às qualidades restaurativas de suas águas. No dia 30 de julho, quando se soube que Lampião estava nos arredores – no mesmo dia em que o presidente eleito, Júlio Prestes, estava sendo recebido com festas, em Salvador, a uns 150 km de lá – reinou o pânico na cidade, especialmente entre os hóspedes. Entretanto, com 18 soldados presentes, o balneário se preparou para resistir. Os civis, inclusive alguns dos hóspedes, se juntaram à defesa. Lampião e seus cangaceiros passaram a uns 20 metros da cidade, por volta das 10 horas, mas não entraram. Embora não tivesse havido troca de tiros, houve um ferido; um civil caiu, e seu rifle disparou acidentalmente, atingindo-o mortalmente. [8] Depois da ameaça a Cipó, diversas volantes foram para a área, à procura do bando. Uma delas era comandada pelo Tenente Geminiano José dos Santos; seu encontro com Lampião, em Mandacaru, pouco depois, seria sua última batalha.

O Tenente Geminiano e sua volante de 15 homens, descobriram a pista dos cangaceiros, a uns 15 km de Tucano, no dia 31 de julho. Durante todo o dia e parte da noite, os soldados procuraram. Às 2 da madrugada, disseram-lhes que tinham ultrapassado a prêsa, e que os cangaceiros estavam agora na retaguarda. Retrocedendo, chegaram, ao amanhecer, à fazenda Mandacarú, situada no sopé da Serra do Urubu. Lá, um vaqueiro lhes disse que os cangaceiros não tinham sido vistos. Estava mentindo, e, pouco depois, a volante foi atacada. Os oponentes eram quase iguais, em número, mas como sempre, a vantagem estava com os cangaceiros. Pegando a polícia de surpresa, atiravam de todos os lados. Pulando no ar e rolando no chão, submeteram os soldados a um fulminante tiroteio, ao mesmo tempo que gritavam obscenidades, davam vivas ao Padre Cícero e cantavam a "Mulher Rendeira". A destreza com que agiam, disse depois um dos soldados, era

8 A história da ameaça a Cipó foi contada, reproduzindo a entrevista a um jornal, em Pedro Vergne de Abreu: *Os dramas dolorosos do nordeste*, pp. 19-22, 31-32. Abreu, um ex-deputado baiano, publicou este volume como um tratado de propaganda, esperando encorajar um esforço mais firme contra Lampião. É um livrinho muito interessante, que traz, também, a opinião de Abreu sobre os poderes curativos das águas do balneário, e uma análise da composição química.

incrível. A polícia não chegou a organizar uma resistência eficaz. O Tenente Geminiano morreu no meio do cambate, assim também como seu segundo em comando, um sargento. Apavorados, e sem comando, os sobreviventes fugiram. Morreram cinco e cinco ficaram feridos. [9]

Um espetáculo macabro esperava os soldados, que voltaram mais tarde para inspecionar a cena do massacre. A cabeça do tenente tinha desaparecido, e seu corpo tinha sido esfaqueado repetidamente, no estômado e na virilha. Todos os corpos, na verdade, tinham sido esfaqueados, e os olhos do sargento, arrancados. [10] Estas atrocidades, com certeza, foram uma represália ao que os cangaceiros consideravam ter sido a profanação do corpo de Gavião, pela polícia. A ída da cabeça de Gavião para Salvador não passara desapercebida aos cangaceiros, pois Lampião era um ávido leitor do "Diário de Notícias", o jornal da capital que trazia sempre reportagens fantásticas sobre o bando. [11] Seja como fôr, estes acontecimentos, aparentemente, iniciaram uma série de decapitações, de ambos os lados, um costume macabro que, em tempo, levaria também a cabeça de Lampião para ser exposta em Salvador, no meio de outros troféus.

A capacidade que Lampião tinha, como ficou demonstrada em Favelas e em Mandacarú, de despistar a polícia e escolher a hora do combate propícia, era uma habilidade que muitos achavam extraordinária. [12] Em 1930, naturalmente, Lampião era um combatente traquejado, pois já tinham se passado 13 anos desde que começara a lutar. Como era o perseguido, tinha sempre uma certa vantagem tática, também. Era ele que preparava as emboscadas, pois seus informantes e espiões avisavam previamente os movimentos da polícia. Quando uma volante tentava alcançá-lo, ele a conduzia diretamente a uma emboscada, não somente deixando uma pista, evidência física de sua passagem, como também avisando a todos para onde estava indo. Na hora da emboscada, os homens, depois de alguns minutos de tiroteio, fu-

9 *A Tarde*, 2 de agosto de 1930, e Abreu: *Os dramas dolorosos* pp. 37-42.

10 *A Tarde*, 2 de agosto de 1930.

11 A preferência de Lampião pelo *Diário de Notícias* foi mencionada no Auto de Perguntas, Alcino da Silva Duarte, 28 de setembro de 1929, pacote especial sobre Lampião, Arquivo Público, Bahia.

12 A narrativa das artimanhas empregadas por Lampião se baseia em grande parte nas entrevistas com soldados que o perseguiram, principalmente Miguel Feitosa, João Jurubeba, David Jurubeba e Severiano Ramos. Ver também trabalhos publicados por outros soldados: Gois: *Lampião*, especialmente a pg. 241; Gueiros: *Lampeão*, especialmente as pp. 80-81, 107-108, e João Bezerra: *Como dei cabo de Lampeão*, p. 96.

giam em todas as direções, aparentemente, em grande confusão. Os soldados ficavam pensando que tinham desbaratado os cangaceiros, mas estes se reagrupavam, logo em seguida, para preparar outra cilada. Por outro lado, quando Lampião procurava evitar um combate, ou pôr seus perseguidores à vontade (para melhor os atacar), então dava ordens ao povo da região para dar informações errôneas à polícia.

O que a polícia considerava essencial para o sucesso destas táticas, era a fantástica habilidade de Lampião de cobrir seu rastro. Seus métodos eram variados. O mais comum, era viajar nos caminhos de pedregulhos, ou lajeiros, onde quase não deixavam evidência de sua passagem. Mesmo antes de chegar à estrada de barro, os cangaceiros saíam sorrateiramente, um por um. Davam um pulo para um lado do caminho, onde o rastro não seria notado, e se reagrupavam num lugar prefixado. Este era um processo que usavam quando queriam preparar um ataque à retaguarda de uma volante. Às vezes usavam também ramos de arbustos, para obliterar suas pegadas, ou punham pele de carneiro (com o lado peludo para fora) cobrindo a sola de suas alpargatas, para disfarçar o rastro. Sabia-se também que às vezes chegavam num lugar, e então, caminhavam para trás, na mesma trilha, até que a pudessem deixar, cruzando a superfície dura, ou pulando para o lado. Para a polícia, os cangaceiros tinham desaparecido no ar.

A polícia não tardou a descobrir as artimanhas de Lampião, e as volantes arranjaram rastejadores espertos para servirem de guia. Alguns, naturalmente, eram melhores do que outros; entre os melhores, muitos tinham anos de experiência, rastejando animais ferozes que davam cabo do gado no sertão. Para eles, os métodos dos cangaceiros não ofereciam mistérios, mas para a polícia pareciam sobrenaturais. Por isto, muitos soldados que perseguiram Lampião, durante anos acreditaram que ele possuía poderes sobrenaturais para evitar seus inimigos. Diziam que, mesmo nas noites mais escuras, ele sabia exatamente quando se desviar de uma cilada que tinha sido preparada para ele. Mesmo quando se sentia impelido pela fome ou pela sede, era capaz de andar muitos quilômetros, para evitar a polícia, antes de saciá-las. Não se pode negar que Lampião foi um homem de uma astúcia fora do comum. No entanto, a habilidade que possuía era a de um homem inteligente, observador e cauteloso, que conseguiu sobreviver no sertão hostil, sendo perseguido por muitos anos. Grande parte do seu sucesso pode ser atribuída à sua argúcia, como foi o caso quando conseguiu escapar de um cêrco da polícia, na Bahia, com a ajuda de chocalhos. Divididos em grupos, os cangaceiros se arrastaram por entre as

linhas da polícia, fazendo tilintar os chocalhos, no mesmo rítmo de uma vaca que estivesse caminhando vagarosamente. Grande parte, também, de seu sucesso era devida à sua extrema cautela. Quando, por exemplo, o bando estava se escondendo, enterravam a ossada e as partes dos animais, que não podiam ser comidas, para não atrair os urubus, cuja presença, sobrevoando o local, despertaria a atenção de todos.

Na verdade, a chave básica do sucesso de Lampião, era simples. Geralmente, preferia correr e se esconder, em vez de enfrentar a polícia. Por isto, a polícia muitas vezes, o exprobava, chamando-o "covarde", mas para Lampião, isto era simplesmente um princípio de sobrevivência. Seu objetivo não era enfrentar a polícia em campo aberto e sustentar um tiroteio, pois, dada a desigualdade de forças, não teria possibilidade de resistir por muito tempo. Entretanto, embora detestasse a polícia, procurava lutar somente quando as vantagens estavam de seu lado. Matava os soldados, quando não havia risco imediato, como em Queimadas, ou os atacava, quando não havia perigo de perder, como em Favelas e Mandacaru. E, somente atacava, quando o perseguiam ferozmente, quando estavam interferindo em suas operações, e quando representavam uma ameaça direta a ele e a seu bando. Na década de 1930, ficou bem claro que preferia não ter que lutar. Teria ficado muito feliz se a polícia o tivesse deixado em paz. O Lampião amadurecido, provavelmente teria ficado contente se pudesse se estabelecer, como um sultão dos sertões, fazendo somente o estritamente necessário para conservar seus súditos na linha e os tributos fluindo para seus cofres.

É claro que Lampião, na sua luta pela sobrevivência, nunca encontrou a oportunidade de sossegar. Mandacaru, no entanto, foi sua última grande batalha com a polícia da Bahia, em 1930. Embora continuasse suas operações – alguns dias depois de Mandacaru, matou 3 homens que trabalhavam na estrada de rodagem –[13] os acontecimentos de grande importância que se desenrolaram na nação, arrefeceram a pressão contra ele. Foi somente em outubro que apareceram de novo, nos jornais, notícias suas, quando foi anunciado que tinha sido capturado pelas forças revolucionárias, em Sergipe.[14] A captura de Lampião, não era verdade, mas as forças revolucionárias, eram uma

13 *A Tarde*, de 4 de agosto de 1930.
14 *O Povo*, de 23 e 24 de outubro de 1930.

realidade. Em outubro e novembro de 1930, o governo do Brasil sofreu uma grande reviravolta. Comandados por Getúlio Vargas, do Rio Grande do Sul, que contava com o apoio de outros estados da nação e de seguimentos das forças armadas, os revoltosos derrubaram o Presidente Washington Luís, e puseram fim à 1ª República do Brasil. Deste modo, impediram a posse de Júlio Prestes, cuja eleição, em março, acusaram de ter sido fraudulenta. A Revolução de 1930 instalou um governo, sob a direção de Vargas, que durou até depois da morte de Lampião, em 1938.[15]

Embora as mudanças de governo ocorridas em 1930 resultassem, depois de um certo tempo, na intensificação da campanha contra o cangaço, a curto prazo, teve como efeito a retirada das forças militares para as capitais, de modo a poderem fazer face às necessidades políticas imediatas. Enquanto isto, os sertões ficaram à disposição de Lampião, que aproveitou a folga que lhe dera a polícia para visitar Pernambuco e Alagoas. Aparentemente, esta era a primeira vez que voltava a estes estados nos últimos dois anos. Atravessando o São Francisco, invadiu o município de Floresta, em Pernambuco, no dia 26 de novembro, com um bando de 20 homens. Depois de fazer dois reféns, que encontraram na estrada, chegaram à fazenda Ambrósio. Lá, exigiram 3.000$000 do proprietário, e, não o conseguindo, espancaram-no, assim como diversos outros homens que estavam presentes. Invadiram, então, a casa, e, esvaziando as malas, encontraram jóias e roupas, e 1.000$000 em cédulas e moedas. Voltando ao pátio, Lampião perguntou o nome de um certo homem, e, como os outros não pudessem identificá-lo, mandou que procurassem no seu bolso. Quando acharam os documentos, que diziam ser um ex-soldado Nazareno, mandou que o amarrassem a um mourão, onde foi esfaqueado, a garganta rasgada e finalmente, decapitado. O corpo, coberto de sangue, ficou amarrado no mourão, enquanto a cabeça foi jogada no chão. Quando o bando deixou a fazenda, levaram o proprietário e um de seus homens, como reféns. No dia seguinte, receberam o resgate, e, os soltaram. Naquele mesmo dia, capturaram um ex-delegado, e o assassinaram, do mesmo modo que o Nazareno da fazenda. Antes de deixarem a área, entraram na cidade de Jatobá (hoje Petrolândia), extorquindo dinheiro e roubando casas comerciais.[16]

15 Um sumário adequado da Revolução de 1930 pode ser encontrado em *Politics in Brazil, 1930 - 1964*, pp. 3 - 12, de Thomas E. Skidmore.

16 Processo criminal contra Virgulino Ferreira et al., 26 de novembro de 1930, Cartório Floresta, Pernambuco. Também *Diário de Pernambuco*, de 28 a 29 de novembro de 1930, e "A Tarde", de 29 de novembro e 1º de dezembro de 1930.

Continuando em direção leste, os cangaceiros atacaram Mariana, e, no município de Águas Belas, atacaram de surpresa a fazenda do Coronel João Nunes, que, durante parte da década de 1920, fora Chefe de Polícia de Pernambuco. Visto que o coronel, que já estava aposentado, valia mais vivo do que morto, levaram-no para Alagoas, exigindo 15.000$000 por seu resgate. Entretanto, durante a viagem para Alagoas, a coragem e a afabilidade do velho soldado impressionaram os cangaceiros, que a ele se afeiçoaram. Quando, depois de alguns dias, o resgate não chegou, persuadiram Lampião a soltá-lo.[17] Já era o princípio de dezembro, e o bando estava em Sergipe, no lado sul do rio São Francisco.

A Revolução de 1930, nos primeiros tempos, pode ter dado a Lampião mais liberdade da perseguição da polícia, mas a longo prazo, seus efeitos lhe foram prejudiciais. Entre os que participaram da Revolução, muitos, principalmente jovens oficiais, desejavam transformar a nação numa sociedade unitária, progressiva e próspera. Para estes reformistas, o abandono histórico dos sertões, entregues a chefes políticos autocratas (com seus jagunços) e aos cangaceiros, era um anacronismo. Entretanto, logo depois da Revolução, o governo, cercado de problemas por todos os lados, não tinha condições de pôr fim a esta situação. O êxito conseguido na mudança da estrutura da sociedade sertaneja ficou muito aquém do que era desejado, visto que, em geral, o novo regime resultou muito parecido com o antigo.

O governo conseguiu, eventualmente, reforçar a campanha contra o cangaço, mas, infelizmente, levou muito tempo. Neste ínterim, os representantes do novo governo nos estados nordestinos, demonstraram que não tinham uma solução rápida para o problema. Os obstáculos que seus predecessores tiveram que enfrentar, estavam ainda presentes. A luta, nos anos imediatamente após a Revolução, se centralizou na Bahia, como tinha sido desde que Lampião atravessara o São Francisco. Na realidade, a campanha pós-revolucionária, era uma

17 *Diário de Pernambuco*, 3 de dezembro de 1930; *A Tarde*, de 4 de dezembro de 1930. O ex-cangaceiro Volta-Seca contou a história da captura de Nunes, a um repórter, Bruno Gomes, do *Diário de Notícias*, alguns anos mais tarde, (6 de maio de 1959). Este foi um dos artigos, da série publicada sob vários títulos, de 25 de abril a 22 de maio de 1950, na qual Volta-Seca contou sua vida no cangaço (daqui em diante citada como a história de Volta-Seca, relatada a Gomes).

continuação da previamente começada – embora hesitantemente – em 1928.

A ação da polícia baiana contra Lampião, como já vimos, fora ineficiente. Os cangaceiros percorriam os sertões, à vontade, e, quando os dois lados se encontravam, era sempre a polícia que sofria os maiores revezes. Na verdade, os desastres se sucediam. O primeiro comandante da campanha contra o cangaço, Capitão Hercílio Rocha, durou até setembro de 1929. Por este tempo, ficou evidente que, em vez de sofrer revezes, Lampião ganhara a mesma espécie de influência que conquistara anteriormente, em Pernambuco. Rocha foi substituído pelo Capitão José Macedo, sob cujo comando foram envidados esforços para fortalecer a campanha. Foram enviados mais homens para as áreas, e também caminhões, para transportá-los, embora a falta de estradas transitáveis, limitasse seu uso. Foram tomadas medidas para espalhar as tropas, de modo a abranger a grande área percorrida por Lampião. O posto de comando permaneceu em Uauá, mas, fortes contingentes foram colocados em Coité (situada ao sul da área), Juazeiro e Santo Antônio da Glória. Por este tempo, as volantes de Pernambuco tiveram, de novo, permissão para entrar na Bahia, apesar das contínuas reclamações contra sua crueldade. Por este tempo, também, as volantes da Bahia estavam imitando seus colegas de Pernambuco, adotando o modo de vestir dos cangaceiros. Embora fosse criticada por civis, esta prática foi adotada para ver se infundia nos soldados o mesmo "esprit corps" dos cangaceiros. Apesar de todos os seus esforços, o Capitão Macedo exerceu seu cargo por pouco tempo; foi substituído, no final de dezembro, devido ao desastre de Queimadas.[18]

No Natal de 1929, três dias depois de Queimadas, O Coronel Terêncio dos Santos Dourado, um ex-comandante da Polícia da Bahia, foi nomeado comandante da campanha. A escolha de Dourado, obviamente com muito mais prestígio do que os dois comandantes anteriores, evidencia, de novo, a resolução do estado de enfrentar o desafio de Lampião. O coronel dividiu a área habitualmente percorrida pelos cangaceiros, em seis regiões, colocando um oficial a cargo de cada uma. Enviou três conjuntos de equipamento de rádio, de modo a poder estabelecer uma rápida comunicação entre os diferentes postos. Um conjunto ficou no posto de comando, que agora era em Bonfim,

18 Bahia, Secretaria da Polícia e Segurança Pública, *Relatório de 1929*, pp. 78-87. Pelos menos uma parte das volantes baianas estavam usando as roupas de cangaceiros em setembro de 1929. (*Diário de Notícias*, 13 de setembro de 1929).

enquanto os outros foram instalados em Jeremoabo e Uauá. Ao todo, 1.200 soldados e 36 oficiais – mais de um terço das forças armadas da Bahia – estavam sob seu comando.[19] Estes números imponentes eram, entretanto, decepcionantes, conforme disse Dourado, quando, depois de oito meses de fracassos, renunciou ao comando, em agosto de 1930, depois do revés de Mandacaru.[20] Disse também que, embora os críticos pensem que estes 1.200 soldados estavam escanhoando os sertões atrás de Lampião, isto não era verdade. Além de perseguir os cangaceiros, os soldados tinham ainda de cumprir suas obrigações normais. Além disto, era costume na Bahia, como nos outros estados, concentrar uma maioria preponderante de soldados nas cidades, não só para exercer as obrigações rotineiras de policiamento como também para proteger os grandes centros populacionais de algum ataque. Menos de 150 soldados, portanto, sobravam para as volantes que entravam de sertão adentro caçando os cangaceiros. Cada volante era geralmente formada de 20 a 30 homens, ou sejam, 150 soldados para cinco ou seis unidades encarregadas de perseguir de um a três bandos de criminosos, por uma área de aproximadamente 35.000 km².

Embora Dourado não expressasse o problema nestes termos, as dificuldades que enfrentou na Bahia estavam relacionadas com o fato de que sua tropa estava compelida a uma luta de guerrilha. Lampião, era, afinal de contas, um hábil estrategista neste tipo de combate.[21] Fizera, não há dúvida, seu aprendizado com Sebastião Pereira, e, durante os anos seguintes, quando a campanha contra ele não era ainda muito intensa, tivera oportunidade de desenvolver, gradualmente, sua perícia. Quando veio para a Bahia, depois daqueles anos difíceis em Pernambuco, já era um veterano. Além de ter que competir com a habilidade de Lampião, os soldados baianos também sofriam as desvantagens que as tropas geralmente encontram quando têm que enfrentar guerrilhas. Tipicamente, como na Bahia, pequenos grupos de guerrilheiros, que se deslocam com cautela e rapidez, forçam os soldados, não somente a esgotarem suas forças, como também a se espalharem,

19 Ibid., pp. 81, 88.

20 Dourado foi entrevistado pela *A Tarde*, a 8 de agosto de 1930.

21 Pode haver alguma discordância com a designação de Lampião como guerrilheiro, se tomarmos por guerrilheiro aquele que luta por motivos políticos. Em termos de modos de combate, que a palavra sugere, entretanto, Lampião é um ótimo exemplo. Sobre guerrilha, ver James Eliot Cross *Conflict in the Shadows: The Nature and Politics of Guerrilla War*, especialmente pp. 4 – 39.

principalmente nos centros populosos, deixando, portanto, o interior completamente desguarnecido. Resulta daí que, a população rural é forçada, quer queira ou não, a entrar no campo das guerrilhas, visto que, na falta da proteção da polícia, não lhe resta outra saída. A Bahia, como a maior parte dos sertões, oferecia condições ideais para a luta de guerrilhas: muito acidentada em diversas regiões, coberta com uma vegetação densa e emaranhada, escassamente populada, fornecia excelentes lugares para esconderijo e armazenagem de munições. Além disto, não existia um sistema de transporte adequado, com o qual a polícia pudesse superar estas dificuldades. Visto que, até mesmo governos relativamente eficientes e bem financiados fracassam, muitas vezes, no combate às guerrilhas, não era de admirar que os esforços desenvolvidos no nordeste do Brasil nas décadas de 1920 e 1930, também não tivesse êxito.

De fato, quando o Coronel Dourado apontou as outras dificuldades que obstruíram a sua campanha, ele estava demonstrando a pobreza e a ineficiência da própria força de polícia. O soldo dos soldados demorava muito a chegar, disse ele também, e às vezes não tinham nem mesmo uniformes. Muitas volantes voltavam, depois de passarem dias e até semanas no mato, com os homens praticamente nus. De seu minguado ordenado, os soldados tinham que pagar pelo rancho, a não ser quando estavam em marcha. Então, os comandantes das volantes tinham autorização de comprar comida e fornecer-lhes, sem cobrar. Quando a tropa estava em campo, esta consistia de rapadura, farinha e carne. Os dois primeiros itens eram comprados nas povoações ou fazendas. Quanto à carne, sob a forma de gado, carneiros e bodes, era tirada de onde a encontrassem. Se o dono aparecia, recebia a paga, ou a promessa de pagamento, mas, se estivesse ausente, raros eram os comandantes que se preocupavam em procurá-lo para compensá-lo.[22] Embora o Coronel Dourado não mencionasse, era muito comum os comandantes cobrarem dos homens o dinheiro da comida e embolsá-lo. Era um abuso de longa data, também muito comum em Pernambuco e nos outros estados. As outras dificuldades eram criadas, segundo o coronel, pelas táticas de Lampião. Perseguido numa área, fugia para outra; acossado na Bahia, surgia em Sergipe. Mesmo quando armava uma emboscada, costumava fugir depois de alguns minutos de combate, não dando tempo à polícia para uma resistência eficaz. Se Lampião tivesse aceito o combate, Dourado garantia que o teria derrotado há

22 José Izidro, entrevista.

muitos meses. O coronel estava, assim, sugerindo que Lampião abandonasse suas táticas de guerrilha.

Quando Dourado se demitiu, o comando da região do nordeste foi oferecido ao Coronel Alberto Lopez, que aceitou o posto, contanto que fossem observadas umas certas condições.[23] Na lista incluía a requisição de fornecimentos e serviços adicionais, inclusive uniformes adequados, aumento do soldo, assistência médica para a tropa, assim também como mais rastejadores, pistolas, binóculos e melhor transporte. O ponto crítico deste plano era a liberdade de operar sem o impedimento dos chefes políticos locais, que, tradicionalmente, vinham exercendo o poder do veto, senão, o próprio comando das tropas, em suas áreas de influência. Dadas as condições políticas e econômicas daqueles tempos, compreende-se que as condições de Lopez não foram aceitas.

Dourado foi substituído pelo Major Domingos Dutra, que ganhou fama em 1924, quando ajudou a reprimir uma tentativa de revolta em Sergipe, no tempo do levante de São Paulo. Subseqüentemente, lutou contra a Coluna Prestes. Sua campanha contra os cangaceiros foi retardada por algumas semanas, enquanto o quartel estava sendo transferido de Bonfim para Uauá.[24] Neste ínterim, o governo ofereceu uma recompensa a quem pegasse Lampião. Os cartazes, com um retrato do cangaceiro, diziam que o governo pagaria 50:000$000 a quem – civil ou militar – o entregasse à polícia, vivo ou morto.[25]

Antes que Dutra pudesse reencetar a campanha, eclodiu a Revolução, em outubro e novembro de 1930, e, a luta pelo poder e a subseqüente reorganização política tiveram precedência sobre a captura dos cangaceiros. Os administradores constituídos foram demitidos e substituídos por interventores nomeados pelo novo presidente. Na Bahia, houve diversos, antes que se conseguisse uma certa estabilidade. O interesse imediato do novo regime pelo sertão consistia em desarmar o povo, especialmente os chefes políticos mais poderosos que se tinham oposto à Revolução.[26] Esta manobra era necessária para consolidar a força do novo governo; a luta contra o cangaço podia esperar. Embora os novos políticos estivessem preparados para reunir uma tropa de

23 As condições estão na SSP ao Senador Pedro Lages, a 4 de agosto de 1930, em telegramas, Bahia.

24 *A Tarde*, de 11 de agosto e 12 de setembro de 1930.

25 Uma fotografia do cartaz foi publicado no jornal *A Tarde* de 12 de setembro de 1930.

26 26 Pang: *Politics of Coronelismo*, pp. 304-305.

mais de 1.000 homens, além de metralhadoras, gases e aviões, para neutralizar Horácio de Matos, um dos coronéis baianos opositores da Revolução, não mostravam o mesmo empenho na luta contra Lampião, segundo disse um dos críticos do governo. [27] Isto era verdade, mas para o novo regime, os atos tinham sua ordem de prioridade.

O desarmamento nos sertões deixou o povo com nada mais do que espingardas de caça. Os críticos do governo disseram que a medida deixava a população sem defesa contra os cangaceiros, o que era verdade. A Associação Comercial do Morro do Chapéu, no interior da Bahia, por exemplo, se queixou ao Secretário de Segurança do estado que, sem soldados, e sem armas, a cidade ficaria à mercê dos cangaceiros. [28] A importância do desarmamento era contestável, visto que aqueles que tinham meios de possuir armas modernas, geralmente tinham feito acordos com Lampião. Se o desarmamento nos sertões foi completo ou não, o certo é que não atingiu Lampião, que continuou, como sempre, bem fornido de armas e munições, iguais às do próprio exército. [29]

O novo governo agiu muito lentamente, no começo da campanha contra o cangaço. O recém-nomeado chefe regional da polícia para o nordeste, Capitão Juarez Távora, anunciou uma reorganização da operação em fevereiro de 1931, mas nada aconteceu. [30] Arthur Neiva, um cientista, que serviu como interventor na Bahia, de fevereiro a agosto daquele ano, anunciou, como uma de suas realizações, a intensificação da campanha contra o cangaço, e como prova, apontou a presença de 1.200 soldados na área. [31] Isto nada mais era do que o mesmo número que havia no velho regime. A verba para o financiamento de qualquer campanha extraordinária foi sempre um problema crônico no Brasil, e era especialmente insuperável naqueles dias sombrios do início da década de 30. Enquanto isto, a tropa de campo tinha que trabalhar debaixo da extrema carência habitual. O quartel de Uauá mandou um telegrama a Salvador, em fevereiro, declarando que a requisição de tropas para uma certa área não podia ser atendida por

27 Pedro Vergue de Abreu, ed., *O flagello de "Lampião"*,.p. 25 (outro trabalho de propaganda do autor de "Os dramas dolorosos").

28 *A Tarde*, de 12 de janeiro de 1931.

29 Para um exame das fontes de munição de Lampião, ver o capítulo 10 deste livro.

30 O texto do plano de Távora foi publicado no *Sergipe-Jornal* (Aracaju), de 24 de fevereiro de 1931.

31 Achado em Interventor, Bahia, 1931-1934, Arquivo Nacional, Rio de Janeiro.

falta de verba, e acrescentou que um contingente acabara de chegar, sofrendo de inanição. [32]

Enquanto as autoridades, na Bahia, procediam aos trancos e barrancos, como de costume, as atenções da campanha se fixavam, no momento, no Rio de Janeiro. Lá, na capital da nação, bem longe dos sertões, o regime de Vargas estava, no início de 1931, traçando seu próprio plano para eliminar Lampião. No centro deste plano estava o Capitão Carlos Chevalier, um aviador muito popular, que costumava divertir os cariocas com seus ousados pulos de pára-quedas. A possibilidade do uso de aviões na luta contra Lampião já tinha sido sugerida antes, e agora, segundo diziam os jornais, com Chevalier, seria tentada de novo. De acordo com os planos feitos em meados de fevereiro, e subseqüentemente encampados pelo Ministro do Interior, Oswaldo Aranha, a Missão Chevalier faria uso maciço de radiocomunicações e envolveria aproximadamente uns mil soldados. Chevalier insistiu em ter, pelo menos, 200 policiais cariocas entre eles. Quanto à disponibilidade dos aviões – ou, como parecia ser o caso, do avião – havia dúvidas entre as autoridades que lutavam com o incômodo problema de verbas. Anunciaram que o Ministério da Agricultura iniciaria estudos para determinar os lugares mais adequados à construção de pistas de aterrissagem, presumindo-se que os aviões apareceriam depois.

Durante todo o tempo dos preparativos, Chevalier deu inúmeras entrevistas, nas quais assegurava sua confiança na sua habilidade de vencer os cangaceiros. [33] Disse também que levaria um cinegrafista para filmar as cenas dos combates e preservá-las para a posteridade. Mas a data da partida foi se tornando problemática. Primeiro anunciou que partiria logo depois do carnaval, e "O Globo" sugeriu que houvesse uma festa de gala para a sua despedida. Mas o carnaval terminou, as semanas foram se passando, e o Capitão Chevalier continuava no Rio, dando entrevistas.

No começo de abril, Chevalier anunciou que estava prestes a partir, mas duas semanas mais tarde, continuava ainda no Rio. A imprensa começou, então, a se perguntar se algum dia ele partiria. [34] A incerteza acabou quando, no fim do mês, o Major Juarez Távora telegrafou

32 Recibo apresentado na SSP a Bonfim, 11 de fevereiro de 1931, telegramas, Bahia.

33 Sobre os planos de Chevalier, ver: *A Tarde*, de 14, 21 e 25 de fevereiro e 3 de março; e o *Diário da Noite*, de 24 de fevereiro de 1931.

34 Notícias sobre Chevalier continuaram a aparecer *A Tarde*, de 8 e 17 de abril de 1931, e n' *O Globo* (Rio de Janeiro), de 21 de março de 1931.

à Bahia, avisando que o empreendimento estava, provisoriamente, "paralisado por falta de verbas". Os estados, disse ele, deveriam levar avante a campanha contra Lampião, usando seus próprios recursos [35]. Foi o fim da Missão Chevaliver, embora o capitão continuasse dando entrevistas durante o resto do ano. Ele deu uma declaração muito interessante, na qual afirmou que, através de fazendeiros baianos, conseguira infiltrar dois espiões no grupo de Lampião, os quais deveriam revelar os esconderijos do bando. [36] Ainda assim, foi uma sorte o cancelamento da Missão Chevalier. Tudo leva a crer que a polícia carioca não poderia ter sucesso onde os sertanejos fracassaram. E um avião ou dois, esquadrinhando toda aquela vasta e áspera região do nordeste, não teriam feito nenhuma diferença. O plano deve ter parecido um tanto ridículo aos observadores perspicazes.

Não tendo a Missão Chevalier conseguido levantar vôo, a campanha contra Lampião ficou de novo paralisada por diversos meses. Foi somente em setembro, quando o governo federal decidiu conceder (400:000$000) para a campanha na Bahia, que as coisas melhoraram. [37] Naquele mesmo mês, foi nomeado um novo interventor, o Capitão Juracy Magalhães, de 26 anos. Pressionando o governo federal para que a verba lhe fosse fornecida, foi auxiliado indiretamente por uma monstruosa atrocidade praticada por Corisco. A história do acontecimento e suas causas são bem conhecidas.

Corisco alegava que, há uns anos atrás, fora destratado pelo delegado Herculano Borges, na vila de Santa Rosa, na região de Bonfim. Dizem que o incidente ocorreu de uma tentativa das autoridades do lugarejo em forçar Corisco a pagar um imposto por uma carne que ele estava vendendo no mercado. Quando ele recusou, alegando que estavam tentando cobrar um imposto que ele já pagara, foi preso. Quando o soltaram, comprou um rifle e jurou se vingar de seu desafeto. Logo depois, e, supostamente por esta razão, tornou-se um cangaceiro e se juntou ao bando de Lampião. Mais tarde, quando o bando invadiu Santa Rosa e saqueou seu armazém, Borges se mudou para Bonfim, e só raramente voltava à vila, para tratar de algum negócio. No dia 22

35 O telegrama foi publicado n' *A Tarde* de 28 de abril de 1931.
36 *Diário da Noite*, de 17 de dezembro de 1931.
37 Uma nota manuscrita (aparentemente de Getúlio), em resposta ao apelo de Magalhães, autorizou a despesa (Juracy Magalhães ao Chefe do Governo Provisório, 18 de setembro de 1931, em Interventor, Bahia, 1931-1934, Arquivo Nacional, Rio de Janeiro).

de setembro de 1931, estava voltando de Santa Rosa, onde fora, à feira, quando foi capturado por Corisco e nove de seus partidários. No dia seguinte, Corisco o pendurou pelos pés numa vara, entre duas árvores – como se faz com os animais quando vão ser mortos – e tirou-lhe a pele, enquanto estava ainda vivo. Depois, cortou-lhe fora as mãos, os pés e as orelhas, e o esquartejou. Enfiou as várias partes do corpo em estacas, numa demonstração pública da força de sua vingança, e ameaçou matar quem as enterrasse. [38]

Magalhães mandou um relatório completo, contando esta atrocidade, ao Presidente Getúlio Vargas, e, acrescentando que lhe era repugnante governar um estado em que tal selvageria era praticada, de novo pediu ajuda federal para a campanha contra o cangaço.[39] Pouco depois, nos primeiros dias de outubro, foi anunciado que a verba, devidamente autorizada pelo governo federal, estava à sua disposição. [40]

A campanha começou no mesmo mês, com muito alarde. O Secretário de Segurança, Capitão João Facó, declarou que os cangaceiros já estavam sob a constante perseguição de um grande contingente, que iria cercar a área e gradualmente, fechar o cerco. Além do mais, Paraíba, Pernambuco, Alagoas e Sergipe iriam cooperar. Para fortalecer as comunicações, a tropa iria receber equipamentos de rádio adicionais. [41] A campanha não duraria mais de 60 dias, [42] diziam os otimistas. Enquanto isto, um jornal do Rio tinha organizado um concurso, supostamente para ajudar a campanha de Facó. O "Diário da Noite" ofereceu um prêmio a quem desse a melhor sugestão de como eliminar Lampião. Um dos concorrentes sugeriu que um avião jogasse uma bomba em cima dele, enquanto um outro alvitrou que mandassem um soldado, disfarçado de frade, para o assassinar – um plano que, conforme o autor, iria dar certo, devido à grande religiosidade do cangaceiro. [43]

38 *Diário de Notícias*, 2 de outubro de 1931; história de Volta-Seca, contada a Gomes, *Diário de Notícias*, de 9 de maio de 1959; Felipe Borges de Castro, entrevista. Em Lima *O mundo estranho*, pp. 67-68, aparece uma história diferente sobre a entrada de Corisco para o cangaço.
39 Magalhães ao Chefe do Governo Provisório, 26 de setembro de 1931, em Interventor, Bahia, 1931-1934, Arquivo Nacional, Rio de Janeiro
40 *A Tarde*, 3 de outubro de 1931.
41 Entrevista com Facó, em *A Tarde*, 14 de outubro de 1931; *A Tarde*, 13 de outubro de 1931. Ver também Prata: *Lampeão*, pp. 169-172.
42 *A Tarde*, 12 de outubro de 1931.
43 *Diário da Noite*, 25 de novembro de 1931.

Durante todo o ano de 1931, enquanto os planos para sua morte estavam sendo elaborados no Rio e Salvador, Lampião continuava agindo normalmente nos sertões. Para ele, o ano de 1931 foi, relativamente calmo, excetuando a morte de Ezekiel, em abril. Ezekiel era o mais novo dos filhos de José Ferreira, e se juntou ao bando em 1927, sendo o único sobrevivente dos irmãos, com a exceção de João, que nunca fora cangaceiro. Conhecido como um jovem destemido e temerário, Ezekiel morreu lutando contra a polícia baiana, no dia 24 de abril, em Umbuzeiro de Touro, uma fazenda perto da cachoeira de Paulo Afonso. Depois da morte do irmão, Lampião e seus homens espalharam a morte e a destruição por onde passavam. Conforme disse um dos cangaceiros depois, somente numa noite, mataram mais de dez pessoas, escolhendo suas vítimas entre as pessoas que encontravam na estrada.[44] A raiva de Lampião agora era contra Petronilo Reis.

Não se sabe bem as razões para tal atitude, visto que Petro foi, supostamente, um de seus primeiros amigos na Bahia, embora todos osubessem que a inimizade começara poucos meses depois de se terem conhecido. Em janeiro de 1929, (Lampião veio para a Bahia em agosto de 1928) o chefe político de Santo Antônio da Glória andou dizendo às autoridades que queria que os Nazarenos de Pernambuco ficassem em sua comarca, devido à reputação que tinham de serem inimigos declarados de Lampião.[45] Em março, a polícia anunciou que os vaqueiros de Pedro tinham ajudado a capturar dois homens de Lampião.[46] Em setembro correu o boato que Lampião jurara se vingar de Petro, castrando-o e levando-o à pobreza.[47] Acredita-se que a causa da inimizade foi a quebra da promessa que Petro fizera de lhe dar proteção e apoio.[48]

Os atos de Lampião contra Petro eram devastadores. No dia 8 de maio, ele e seu bando de mais de 40 homens, atacaram Várzea da Ema, um dos povoados do fazendeiro, e o arrazaram. Dois dos sete soldados de lá, morreram combatendo. Neste mesmo dia e no dia seguinte, os cangaceiros continuaram sua obra de destruição, tocando fogo nas

44 Ângelo Roque, em *O mundo estranho*, de Lima, pp. 212-215, 217, dá uma descrição da batalha de Umbuzeiro de Touro e um cálculo do número de pessoas mortas. Ver também Prata: *Lampeão*, pp. 83-88.

45 SSP a Bonfim, 29 de janeiro de 1929, telegramas, Bahia.

46 *A Tarde*, 19 de março de 19292.

47 *Diário de Notícias*, 20 de setembro de 1929.

48 José Izidro e José Fernandes de Vieira, entrevistas.

casas e cercas, e matando centenas de cabeças de gado nas fazendas de Petro.[49] Suas perdas foram enormes, não somente devido às destruições físicas, mas também porque o povo começou a ter medo de trabalhar para ele ou de ser seu amigo, temendo que alguma desgraça acontecesse. Embora Petro vivesse ainda umas duas décadas ou mais, sua fortuna e infuência ficaram permanentemente prejudicadas.[50]

Depois de todos estes ataques contra Petro, em maio, os cangaceiros não se meteram em nenhum combate importante até setembro. Correu o boato, no meado do mês, que um combinado de soldados da Bahia--Pernambuco os derrotara perto de Santo Antônio da Glória, e que o bando fugira, deixando uma grande quantidade de armas e munições.[51] As vitórias reivindicadas pela polícia eram, geralmente, exageradas, porque os soldados, a não ser que tivessem um grande revés, sempre diziam que tinham vencido. O hábito que Lampião tinha de fugir depois de uma pequena troca de tiros, facilitava tais reivindicações.

Algumas semanas mais tarde, em novembro e dezembro de 1931, Lampião sofreu uma grande pressão da polícia baiana, devido à campanha que, finalmente, ultrapassara a fase das discussões. Em novembro, o Capitão João Facó e o Coronel João Félix, respectivamente, secretário e comandante da Polícia do Estado, saíram de Salvador para uma viagem de inspeção, acompanhados de um contingente de 70 soldados e um jornalista do Rio. Victor do Espírito Santo trabalhava para o "Diário da Noite", um jornal do Rio, que, no momento, alimentava a curiosidade do público com notícias sobre Lampião. Anunciando a partida do repórter, o jornal declarou que Lampião era conhecido além da fronteira brasileira, pois sua fama se igualava à de Al Capone.[52] O editor, obviamente, esperava dar um "furo" com a reportagem da morte do facínora.

No entanto, o jornalista só conseguiu relatar um acontecimento de importância durante as várias semanas que passou no nordeste. Foi no dia 7 de dezembro, quando uma das volantes estava procurando os

49 José Gomes dos Santos, que estava presente ao ataque, contou-me a história numa entrevista, Jeremoabo, Bahia, 15 de agosto de 1975. Ver também o *Diário da Noite*, de 26 de maio e 4 de junho de 1931.

50 José Gomes dos Santos, entrevista.

51 *Diário de Pernambuco*, 16 de setembro de 1931.

52 *Diário da Noite*, 18 de novembro de 1931.

O melhor retrato de Lampião, tirado durante sua visita ao Padre Cícero, em Juazeiro, em 1926. (Cortesia do Museu Histórico, Fortaleza.)

Vista do local onde nasceu Lampião. A casa da fazenda Passagem das Pedras ficava no centro, no lugar onde agora crescem os cactus. (Fotografia do autor, 1975.)

José Saturnino (sentado, à direita), o maior inimigo de Lampião, em frente à sua casa, perto de Serra Vermelha, em 1975. À esquerda da casa, fica o pasto, onde, em 1916, ele e os irmãos Ferreira trocaram seus primeiros tiros. (Fotografia do autor, 1975.)

Água Branca, Alagoas. O ataque de Lampião a esta cidade, em 1922, deu início à sua notoriedade regional. (Fotografia do autor, 1974.)

Mata Grande, Alagoas, local de um dos ataques de Lampião em 1925. Está situada no centro de uma das áreas mais freqüentadas pelos cangaceiros. (Fotografia do autor, 1974.)

Retrato da família Ferreira, tirado em Juazeiro, em 1926. Lampião está à direita, seu irmão Antônio, à esquerda. Em pé, no meio, João, o único dos irmãos Ferreira que não entrou para o cangaço. Ezekiel Ferreira, o irmão mais moço, está à direita de João. João está com a mão no ombro de sua mulher; as outras senhoras são irmãs dos rapazes. Os outros no grupo, são primos. (Cortesia de João Ferreira, Propriá, Sergipe.)

Lampião e Antônio, em Juazeiro, 1926 (Cortesia de Miguel Feitosa, Araripina, Pernambuco.)

Lampião (ajoelhado, quinto da direita) e seu bando, em Limoeiro do Norte, depois da fuga do Rio Grande do Norte, em 1927. Os reféns, Dona Maria e o Coronel Gurgel, podem ser vistos à esquerda, na segunda fila. (Cortesia do Museu Histórico, Fortaleza.)

Dois jovens Nazarenos, c. 1924. O clã dos Nazarenos perseguiu Lampião tenazmente. Notar a vestimenta de cangaceiro. Os cangaceiros e seus perseguidores, quer soldados ou civis, geralmente vestiam o mesmo tipo de roupa. (Cortesia do Cartório, Floresta, Pernambuco.)

Lampião (na extrema esquerda) e seu pequeno bando, durante sua visita a Pombal, Bahia, dezembro de 1928. (Cortesia de Miguel Feitosa, Araripina, Pernambuco.)

Delegacia de Polícia de Queimadas, onde, em 1929, Lampião e seu bando mataram sete soldados indefesos. (Fotografia do autor, 1974.)

Jeremoabo, Bahia, e arredores, casa do Coronel João Sá, um dos mais conhecidos coiteiros de Lampião. (Fotografia do autor, 1975.)

Lampião – capa da revista "O Cruzeiro", 1932. (Fotografia do autor.)

Lampião e Maria Bonita na caatinga, c. 1936. - Lampião está posando com uma revista na mão. (Cortesia do Major Alberto Salles Paraíso Borges, Salvador.)

Lampião, Maria Bonita e o bando, com o cineasta sírio Benjamin Abrahão, em 1935 ou 1936. (Cortesia de João Ferreira, Propriá, Sergipe.)

A cangaceira Inacinha, em Piranhas, Alagoas, pouco depois de sua captura, em 1936. Tem um ligeiro ferimento na perna direita. (Cortesia de Francisco Rodrigues, Piranhas, Alagoas.)

João Bezerra (sentado em posição proeminente, no centro, fila da frente) e sua tropa alagoana, pouco tempo antes de porem fim à carreira de Lampião, em 1938. (Cortesia do Instituto Histórico, Maceió.)

Sargento Aniceto Rodrigues (sentado) e sua tropa alagoana, que também participaram no combate que acabou com a vida de Lampião. (Cortesia de Francisco Rodrigues, Piranhas, Alagoas.)

Soldados e curiosos olhando os corpos decapitados de Lampião e Maria Bonita, apenas visíveis – tinham sido cobertos de cal – em Angicos. (Cortesia do Instituto Histórico, Maceió.)

Alguns dos troféus levados pela polícia de Angicos (Cortesia de Miguel Feitosa, Araripina, Pernambuco.)

Exemplos da Literatura de Cordel escrita sobre Lampião, nos anos 70. Acima "A Chegada de Lampião no Inferno"; embaixo, "Lampião, Rei do Cangaço, Amores e Façanhas". (Fotografias do autor.)

TODO DIA

UM VESPERTINO QUE SERÁ SEMPRE O ARAUTO DAS ASPIRAÇÕES CARIOCAS

DIARIO DA NOITE

1ª EDIÇÃO ÁS 15 HORAS

DIARIO DA NOITE no encalço de Lampeão!

Proseguem as demarches em torno da escolha de um interventor federal para S. Paulo

Um grande vulto da industria norte-americana

A edição do Diário da Noite, *de 18 de novembro de 1931, um dos jornais do Rio que transformou Lampião em uma figura conhecida nacional e mesmo internacionalmente.*

Fotografia de Lampião, em idade mais madura, provavelmente tirada no meado de 1930. (Cortesia do Instituto Histórico, Maceió.)

cangaceiros nas extremidades do Raso da Catarina, uma região despovoada e agreste, onde os cangaceiros sempre se escondiam. O Raso, uma região geograficamente característica, de aproximadamente 420 km [2], está situada ao noroeste de Jeremoabo, e é conhecida por ser muito isolada, com solo arenoso, vegetação espinhosa e falta de água Não é fácil atravessá-la, e, na estação chuvosa, fica ainda pior, pois a vegetação torna-a impenetrável. Para os cangaceiros, acostumados ao desconforto, e para quem, quanto mais isolado melhor, era um lugar ideal para acampar. A tropa, esquadrinhando a área, viu vestígios da passagem de um ser humano, devido a um ramo quebrado e um pedaço de fazenda. Seguindo o rastro, logo ouviram vozes e se deram conta que tinham achado o acampamento de Lampião. Mas, antes que pudessem tomar posição adequada, ouviu-se um tiro, e a batalha começou. Depois de uma troca de tiros, os cangaceiros fugiram em todas as direções, como de costume. Inspecionando o local, depois do tiroteio, descobriram que aquele era um dos principais esconderijos do bando. O acampamento era bastante grande e podia acomodar umas 50 pessoas, e tinha muitas barracas espalhadas por todos os lados. Ao fugir, os cangaceiros deixaram cavalos, roupa, alimentos e uma grande quantidade de munição. Subseqüentemente, Lampião e seu bando de 35 homens e 10 mulheres foram vistos indo na direção de Sergipe, talvez para conseguir um novo fornecimento de munição. [53]

A notícia da presença de mulheres no bando que fugia para Sergipe, não causou surpresa, pois, desde o princípio do ano, tinham sido vistas com eles. Mas a história de que Lampião mantinha um harém de 17 moças, enfeitadas com jóias e vestidas com as roupas mais finas que se encontravam, numa espécie de Bagdad sertaneja, não era verdade. [54] Em 1930, ou início de 1931, Lampião, como chefe, foi, aparentemente, o primeiro a arranjar uma companheira. Maria Bonita, nome com o qual passou à história, chamava-se, na verdade, Maria Déia. Era chamada de "Dona Maria" pelo bando, quando se dirigiam diretamente a ela, ou "a mulher do capitão", quando se referiam a ela. Quando Lampião a conheceu, era Dona Maria Neném, mulher de José Neném. Criada na fazendola de seu pai, na região de Jeremoabo, na Bahia, foi viver, depois do casamento, na pequena cidade de Santa Brígida, onde seu marido era sapateiro. Maria e o marido não se davam bem, razão pela qual ela visitava freqüentemente os pais, na fazenda. A fazenda ficava na fronteira entre Bahia e Sergipe, por onde Lampião passava muitas vezes, e assim, conheceu seus pais. Estes, como a maior parte dos sertanejos, temiam o célebre cangaceiro, mas, ao mesmo tempo, sentiam por ele uma mistura de respeito e admiração, e o consideravam um grande homem. Foi a mãe de Maria, conforme disse um dos cangaceiros do bando, quem contou a Lampião que sua filha tinha uma grande admiração por ele. Um dia, Maria veio para a fazenda quando Lampião estava lá, e o cangaceiro sentiu por ela amor à primeira vista. Alguns dias depois, quando o bando foi embora, Lampião a levou também, com o consentimento e as bênçãos da mãe.

Naquele tempo, Lampião tinha quase 33 anos, enquanto Maria tinha pouco mais de 20. Tinha o tipo físico da mulher sertaneja, baixa, bem recheada, com bons dentes, olhos e cabelos escuros, pele morena clara, e era atraente. Ficou com ele até o fim, morrendo, junto com ele, em Angicos. [55]

Depois disto, outros cangaceiros arranjaram companheiras. A maior parte delas, como Maria, achava que os cangaceiros eram heróis românticos, e os seguiam de boa vontade; outras diziam que, tinham sido praticamente raptadas. Algumas, se juntavam ao bando por força das circunstâncias, quando seus namorados entravam para o cangaço. Parece que muito poucas se sentiram motivadas pelo desejo de se tornar cangaceiras profissionais. No bando, eram, essencialmente, as mulheres dos cangaceiros, e não cangaceiras. Aprendiam a atirar, como medida de proteção, mas, normalmente, ficavam afastadas na hora dos combates. A responsabilidade maior das mulheres era ser companheiras de seus homens. Como os cangaceiros não tinham casa permanente, e viviam em acampamentos rústicos e temporários no mato, elas não tinham os tradicionais deveres da dona-de-casa com que ocupar o tempo. Dona Maria, por exemplo, passava a maior parte do tempo costurando. Era uma boa costureira, e fazia sua própria roupa e as dos cangaceiros, e também enfeitava primorosamente certos

53 Facó, ao voltar a Salvador, descreveu o combate para o jornal *A Tarde*, no dia 6 de dezembro de 1931.

54 *A Tarde* do dia 31 de março de 1931 deu a notícia de que haviam mulheres no bando. Um caixeiro-viajante contou a história do harém (*Jornal de Alagoas*, 15 de agosto de 1931).

55 A história completa do romance de Maria e Lampião foi contada por Volta-Seca a Gomes, do *Diário de Notícias*, a 29 de abril de 1959. Ver também Gois: *Lampião*, pp. 212-214, e *A Tarde* de 1º de agosto de 1938.

objetos, tais como os bornais, nos quais carregavam seus pertences, dinheiro, pedras preciosas, ouro e prata. Logo que foi possível, trouxeram uma máquina de costura para o acampamento, para seu uso.[56]

Havia o grande problema da gravidez, mas estes assuntos se resolviam de uma maneira prática. Eram moças e mulheres do sertão, acostumadas à vida rude, ao trabalho pesado, a andar a cavalo, a longas caminhadas. Tinham visto suas mães darem à luz, ano após ano, pois não era raro para uma mulher sertaneja ter 15 a 20 filhos. As mulheres dos cangaceiros, como suas mães, não recebiam, nem esperavam os cuidados de um médico. Na verdade era Lampião quem fazia os partos, pois, na sua mocidade fora vaqueiro, e adquirira conhecimentos especiais para ajudar os animais na hora de dar cria. Dadas as circunstâncias em que muitas vezes se achavam, as mulheres não contavam com cuidados especiais nem antes nem depois do parto. Quando Joanna Gomes, a mulher de um dos irmãos Engracia, deu à luz ao segundo filho, teve que pegá-lo ao colo e fugir a cavalo uma hora depois do parto.

Depois do nascimento da criança, havia o problema do que fazer com ela. Como o cangaço não oferecia condições propícias à criação dos filhos, os pais não podiam pensar em ficar com as crianças senão uns poucos dias ou semanas. No máximo, podiam conservá-las enquanto o bando estivesse inativo. Portanto, tornou-se costume, confiar a alguém a responsabilidade da criação das crianças. Corisco e Dadá, em 1935, confiaram seu filhinho a um vaqueiro, para o entregar ao padre de Santana do Ipanema, em Alagoas. A carta que mandaram junto, pedia ao Padre José Bulhões para aceitar a criança e dar-lhe uma boa educação. Acompanhando este estranho presente, ia um pacote de roupinhas que Dadá tinha feito.[57] Quando Expedita, a filha de Lampião e Dona Maria, nasceu, em 1932, foi entregue, pelos pais, a um coiteiro de confiança, em Sergipe. O vaqueiro e sua mulher receberam instruções para tomarem conta dela até que chegasse o tempo de ir para a escola, quando então, deveria ser entregue a seu irmão João. O parentesco de Expedita foi guardado como um segredo de estado, embora seus pais passassem de vez em quando pela fazenda para vê-la.[58] Os outros cangaceiros também davam seus filhos para os padres ou fazendeiros amigos, e alguns mandaram-nos até mesmo para a polícia.[59]

Os cangaceiros geralmente viviam amasiados, embora pelo menos um casal, Corisco e Dadá, tinha se casado legalmente. Entretanto, mesmo sem o casamento, muitos casais continuavam a viver juntos enquanto as circunstâncias o permitiam. Quando o cangaceiro de uma mulher morria, ela nem sempre deixava o grupo, pois podia se juntar a um outro. Joanna Gomes, por exemplo, viveu quatro anos com um dos irmãos Engracia, e, quando ele morreu, juntou-se com Jacaré. Quando ele, por sua vez, também morreu em combate, os cangaceiros começaram a suspeitar que Joanna dava azar, e, acusando-a de possuir forças ocultas, expulsaram-na do bando. A fidelidade por parte das mulheres era obrigatória, talvez porque Lampião soubesse que qualquer briga por causa delas iria perturbar a harmonia entre seus homens. Quando Christina, a mulher do Português, deixou-se seduzir por um outro membro do grupo, o próprio capitão matou-a.[60]

A presença das mulheres entre os cangaceiros pode ter influenciado o padrão de comportamento. Houve, por exemplo, durante a década, uma diminuição do nível de atividade entre eles. Passavam mais tempo nos acampamentos, levando uma vida tão normal quanto lhes era possível, e menos tempo em excursões afastadas. Embora esta mudança possa ser atribuída a uma mais forte pressão por parte da polícia, poderia também ser uma tentativa de se aproximarem da vida de família. Alguns dos homens, como Lampião, Luís Pedro e Virgílio, talvez se dessem conta de que esta era a única espécie de vida que podiam ter, e, agora, tendo passado dos 30 anos, estavam procurando sossegar um pouco.

56 Entrevista com duas mulheres de cangaceiros, Otélia Teixeira Lima e Anna Maria da Conceição, publicada no *Diário de Notícias* de 18 de maio de 1935. Uma outra, com Joanna Gomes, está no *Correio de Aracaju* de 16 de abril de 1937. Entrevistei Dadá (Sérgia Maria de Jesus), em Salvador, no dia 1º de setembro de 1975. Nestas entrevistas, as mulheres explicaram suas razões para entrarem no bando e suas vidas lá. Ver também Lima: *O mundo estranho*, pp. 53-82; nas pp. 64-73, ele dá o motivo da entrada de Dadá para o cangaço, que é diferente da que me foi contada.

57 Entrevista com Pedro Melo Bulhões, Santana do Ipanema, Alagoas, 21 de junho de 1974; Luciano Carneiro: *O filho de Corisco* – na revista *O Cruzeiro*, de 10 de outubro de 1953. Corisco e Dadá tiveram sete filhos, dos quais três somente sobreviveram, (Lima: *O mundo estranho*, p. 73).

58 Logo depois da morte de Lampião e Maria, em 1938, uma força da polícia, tendo conhecimento de Expedita, agarrou-a e levou-a para Salvador. João Ferreira foi lá, e depois de uma disputa legal, conseguiu sua tutela. Criou-a em sua casa em Própria, embora o casal que tomara conta dela, a quisesse também. Expedita agora vive com o marido e os filhos em Aracaju. João Ferreira, entrevista.

59 *Diário de Notícias*, 28 de julho de 1932, conta um tal caso.

60 Entrevista com Português no *Jornal de Alagoas*, 10 de janeiro de 1939. Ângelo Roque conta um caso semelhante, em Lima: *O mundo estranho*, pp. 59-62

ter, e, agora, tendo passado dos 30 anos, estavam procurando sossegar um pouco.

Dizem também que as mulheres moderavam a excessiva crueldade de seus homens. Contam que Maria era a única pessoa que podia chegar perto de Lampião quando ele estava zangado, e que ela conseguia, muitas vezes, persuadí-lo a refrear a sua crueldade. Um morador de Água Branca atribuía a ela ainda estar vivo. Ameaçado de morte por Lampião, pediu misericórdia, alegando que tinha uma filhinha para criar. Então, Maria mencionou sua própria filha, e pediu para deixá-lo ir em paz. Tempos depois, um cangaceiro entregou seu filho de 4 anos a este homem, para que o criasse.[61] Contam também que um caso semelhante se deu quando Dadá intercedeu junto a Corisco para poupar uma outra vida.[62] Pode ser que, em alguns casos, as mulheres conseguissem persuadir os cangaceiros a agir de um modo mais humano, mas não se pode acreditar que estas súplicas tenham sido caracteristicamente femininas, pois alguns homens do bando tinham também muita influência sobre seus companheiros.

Na falta de dados seguros, é difícil determinar se a presença das mulheres levaram a uma diminuição da incidência de estupros por parte dos cangaceiros. Este assunto é muito controvertido, principalmente em relação a Lampião. Pouca gente duvida que os homens cometiam este delito, pois os casos eram numerosos. Entretanto, muitos afirmam que Lampião sempre respeitou as mulheres e que os casos de estupros por seus homens eram fatos impossíveis de controlar.[63] Este ponto de vista parece não ser verdadeiro. Deixando de lado as notícias dos jornais, que carecem de dados específicos, não são poucas as histórias dignas de confiança, que dizem ter Lampião violentado mulheres, ou ter assitido alguns de seus homens violentarem mulheres, mas, não será surpresa se estas narrativas forem desmentidas, visto que, nem as mulheres nem os cangaceiros falavam sobre o assunto. Como é de se esperar, os ex-cangaceiros geralmente negam qualquer menção de estupro por parte de alguém do grupo.

61 Rocha, *Bandoleiros*, pp. 104-106.

62 Manuel Leitão, entrevista, Mata Grande, Alagoas, 24 de junho de 1974.

63 Este é, na verdade, o ponto de vista predominante no sertão hoje em dia. É também a opinião de diversos escritores sobre Lampião, como, por exemplo, Machado: *As táticas de guerra dos cangaceiros*, p. 116. Apesar do título, é um estudo geral sobre Lampião

Apesar destes desmentidos, é evidente que houve estupros, e quase sempre eram de mulheres que tinham qualquer associação com a polícia – uma diferença que os cangaceiros, com sua visão distorcida da sociedade, achavam válida. Uma das histórias mais fidedignas de casos em que Lampião estava envolvido, se refere a um acontecimento em Paraíba, no ano de 1923. Lá, na comarca de Bonito de Santa Fé, situada perto da fronteira com o Ceará, Lampião e seu bando violentaram a jovem mulher de um delegado. Lampião foi o primeiro, seguido pelos 25 homens do grupo. O próprio delegado estava amarrado e foi forçado a presenciar. Foi ele mesmo quem contou a história – isto foi antes de Lampião matar qualquer pessoa da polícia que lhe caísse às mãos – a um oficial que chegou logo depois do fato sucedido, quando sua mulher ainda estava histérica.[64] Um outro caso, envolvendo os homens de Lampião sucedeu quando invadiram Várzea da Ema, na Bahia, em 1931, e estupraram a mulher de um soldado.[65] Este caso, dentro do contexto então vigente, era sem importância, pois, para os cangaceiros, ela era a mulher de um soldado, e para a sociedade em geral, não era virgem nem esposa legítima.

Um ex-cangaceiro falou abertamente sobre a questão de estupros no bando de Lampião. Ângelo Roque, que se juntou ao grupo depois da mudança para a Bahia, contou que numa ocasião, no final de 1929 ou começo de 1930, Lampião e seu bando violentaram uma jovem senhora, aparentemente sob o pretexto de estarem escandalizados com o fato de ter ela se casado com um homem de 80 anos. Surraram o velho. Lampião, disse ele, parecia estar se divertindo com o choro da mulher. Se isto foi verdade, a perversidade do cangaceiro era bem maior do que se pensava. Roque também disse que Lampião não era fiel à Maria Bonita.[66]

Portanto, houve estupros, mas não eram atos indiscriminados. De fato, os cangaceiros estavam estritamente proibidos de seduzir as moças das famílias respeitáveis, com as quais o bando mantinha amizade. A punição para quem desobedecia a esta regra era rápida e segura. Perto de Jeremoabo, houve um caso em que um jovem cangaceiro foi acusado por uma mocinha de 13 anos, de a ter violentado, numa festa, na fazenda de um dos coiteiros. Lampião matou o rapaz a tiros e

64 O oficial Manoel Arruda d'Assis me contou a história.

65 José Gomes dos Santos, entrevista.

66 Ângelo Roque, em Lima: *O mundo estranho*, pp. 58-227.

acabado de chegar de Canindé, uma vila de Sergipe, onde tinham tocado fogo na delegacia, e marcado a ferro as mulheres dos soldados.[2] A história do encontro foi a mesma de sempre. Embora o número de soldados ultrapassasse o dos cangaceiros, na proporção de três para um (aproximadamente 100 soldados para 32 cangaceiros), foram eles quem mais sofreram. O bando estava bem posicionado, tinha bastante munição e estava em local estratégico quando os soldados se aproximaram. Apesar de ter sido avisada na proximidade dos cangaceiros, a polícia não conseguiu uma boa posição de ataque. O destacamento de Manuel Neto estava na frente, e o de Liberato, em vez de flanquear os cangaceiros, imprudentemente tentou atirar por cima das cabeças de seus colegas pernambucanos. Em duas horas de combate, as perdas da polícia, tanto infligidas pelos cangaceiros como por seus próprios colegas, foram inúmeras. Pelo menos cinco soldados morreram na cena do combate; entre os doze ou mais feridos, diversos morreram mais tarde, a maior parte por falta de cuidados médicos, visto que só nas cidades mais longínquas, como Piranhas, em Alagoas, havia um médico. Os cangaceiros, aparentemente, perderam 4 homens, dois dos quais morreram imediatamente. Contam que havia um outro tão ferido que Lampião, diante de seu sofrimento, matou-o a tiros. O quarto, Bananeira, foi procurar um médico, e foi preso em Alagoas, no mês seguinte.[3]

Em fevereiro, a polícia baiana ganhou a maior publicidade possível com a captura de um jovem cangaceiro, conhecido por Volta-Seca. Lampião freqüentemente tinha meninos no bando, não só porque gostava deles, como também porque eram muito úteis como espiões. Um menino, mandado espionar a cidade que o bando tencionava entrar ou atacar, chamava menos atenção do que um homem. Volta-Seca tinha se juntado ao grupo 4 anos antes, em fins de 1928, ou no início de 1929. Nascido em Sergipe, era um menino sem família, com pouco mais de 12 anos, e estava trabalhando numa fazenda, ao sul de Jeremoabo, quando Lampião passou com seu bando. Depois que o menino tinha feito alguns servicinhos para eles, Lampião convidou-o a

2 Francisco Rodrigues, entrevista.

3 Os acontecimentos da batalha me foram contados por Francisco Rodrigues, que estava em Piranhas quando os soldados feridos chegaram (entrevista). Ver também: *A Tarde*, de 21 de janeiro de 1932; Ângelo Roque em Lima: *O mundo estranho*, pp. 264-265; a história de Volta-Seca, contada a Gomes, no *Diário de Notícias* de 17 e 18 de maio de 1959 (Volta-Seca participou do combate); *A Tarde*, de 26 de fevereiro de 1932.

acompanhá-los. O menino pouco sabia do que o esperava, mas o chefe de polícia, que estava presente, aconselhou-o a ir, dizendo que teria um bom futuro com o Capitão. Então ele se decidiu a ir, dizendo que, pelo menos, sabia que Lampião era um cangaceiro corajoso. Seguindo a prática de dar apelidos aos que entravam para o bando, Lampião chamou-o Volta-Seça, nome do lugar em que estavam na ocasião. Com o tempo, Volta-Seca, tornou-se um dos favoritos do chefe que o ensinou a atirar, repartia com ele sua comida e cuidou dele quando foi ferido.[4]

Volta-Seca foi capturado perto de Santo Antônio da Glória, pouco depois do combate em Maranduba. Contam que ele deixou o bando porque Lampião se zangara com ele, porque se comportara imprudentemente durante a luta, e também porque se recusara a montar no mesmo animal com Bananeira, que estava ferido. Na briga, ele respondera rudemente a Lampião, e alguns membros do grupo, temendo a reação do chefe, o aconselharam a fugir. Saindo do acampamento à noite, foi para uma fazenda, onde tinha uma namorada. A polícia, sabendo que ele ia lá a miúdo, persuadiu os dois irmãos, donos da fazenda, a ajudar, ameaçando expulsá-los da terra por serem coiteiros de Lampião. Quando Volta-Seca chegou, foi preso facilmente.[5]

Depois de passar diversas semanas em Jeremoabo, onde foi interrogado, seguiu, sob escolta, para a capital, em meados de março. Em Salvador, a notícia de sua chegada suscitou muito interesse, porque o jovem cangaceiro tinha a reputação de ser um dos mais ferozes do bando. Contavam que tinha participado das piores atrocidades, inclusive do massacre de Queimadas. Quando os jornalistas chegaram à estação, encontraram uma multidão de mais de 200 pessoas, que esperavam sua chegada. E, quando o trem parou, muita gente, especialmente as moças, gritaram pedindo que pusesse a cabeça para fora da janela, para que elas conseguissem vê-lo melhor.[6]

Na cadeia, Volta-Seca falou abertamente à polícia, revelando, segundo foi dito, informações importantes sobre as atividades do bando,

4 A história de Volta-Seca contada a Gomes, publicada no *Diário de Notícias* de 25 de abril de 1959; *A Tarde*, de 22 de março de 1932: Lima: *O mundo estranho*, pp. 86-105.

5 A história de Volta-Seca, contada a Gomes, publicada no *Diário de Notícias*, de 17 e 18 de maio de 1959; *A Tarde*, 23 de março de 1932. Também José Izidro e Francisco Motinho Dourado (Salvador, Bahia, 29 de novembro de 1973), dois oficiais que conseguiram capturar Volta-Seca, contaram-me a história, durante uma entrevista.

6 *A Tarde*, 22 de março de 1932.

seus protetores e fornecedores. Os jornalistas que o entrevistaram, se admiraram de, como um rapaz, que parecia tão humilde e inofensivo, pudesse ter cometido os atos de crueldade que lhe eram atribuídos. Disseram que era muito amável, tanto com eles como com seus captores. Além disto, o jovem criminoso dissera que nunca mais voltaria para o bando, mesmo se o libertassem. O jeito era virar "macaco". [7] Sua popularidade continuou. Os retratos que apareciam sempre nos jornais, mostram um mulato de menos de vinte anos, simpático e sem nenhum traço caracterísrico. Um dia, mais de 1.000 pessoas foram até à cadeia, simplesmente para vê-lo, e de outra vez, quando correu o boato falso de que tinha sido morto, centenas foram ao Instituto Nina Rodrigues para ver seu cadáver. [8] Os médicos do instituto, naturalmente, estavam interessados em seu corpo. Para eles, Volta-Seca era um espécimen a ser estudado, segundo suas teorias sobre a tipologia física dos criminosos. De fato, foi examinado minuciosamente – "A Tarde" publicou um retrato de Arthur Ramos, um dos mais destacados intelectuais do país, tomando as medidas da cabeça – e ficaram desapontados, pois, segundo dizem, sua constituição física era normal. Não possuía, nenhuma das anomalias Lombrosianas. [9]

Embora Volta-Seca parecesse estar gostando de seus primeiros dias na casa de detenção em Salvador, e da atenção que estava suscitando, não tinha a menor idéia de quanto tempo iria ficar preso. O processo foi retardado devido à incerteza se ele poderia ou não ser julgado como adulto, visto que ninguém sabia exatamente sua idade. [10] Um ano depois de sua captura, começou o julgamento, e Volta-Seca foi condenado a 145 anos de prisão. Uma revisão do processo, no entanto, reduziu a sentença para 30 anos, e, depois de 20, Antônio dos Santos (o verdadeiro nome de Volta-Seca) foi perdoado, em 1954, pelo Presidente Getúlio Vargas. Mais tarde, mudou-se para os sul do país, depois de ter percorrido o nordeste durante um certo tempo. [11] Poucos cangaceiros foram tratados tão severamente nos tribunais como Volta-Seca.

7 Ibid., 1º de abril de 1932.

8 Ibid., 15 de abril de 1932.

9 Ibid., 22 de março de 1932. Cesare Lombroso (1835-1909) era um criminologista italiano, que acreditava que certos indivíduos nascem criminosos, e que podem ser identificados por suas características físicas. Para uma análise das características físicas dos cangaceiros, ver Lima: *O mundo estranho*, pp. 27-52.

10 Ver, por exemplo, *A Tarde*, de 15 de abril de 1932; Lima: *O mundo estranho*, pp. 93, 94 e outras.

11 A história de Volta-Seca, contada a Gomes, e publicada no *Diário de Notícias*, de 17, 18 e 20 de maio de 1959.

Depois do combate de Maranduba, em janeiro, e a prisão de Volta-Seca, no mês seguinte, as notícias de Lampião, durante o resto de 1932, não foram nem abundantes, nem dignas de interesse. Estava se tornando aparente, durante o ano, que a campanha seria muito prolongada, pois, embora a polícia conseguisse localizar os cangaceiros de vez em quando, os resultados dos encontros eram indefinidos. No dia 13 de março, uma volante encontrou Lampião e seu bando numa fazenda na Bahia, perto de Canudos, e abriu fogo contra eles. A luta terminou quando os cangaceiros se retiraram para o Raso da Catarina, levando seus feridos. O tenente, que comandava a volante, foi ferido, assim também como o sargento e três soldados. [12] Em maio, um destacamento teve uma escaramuça com um pequeno grupo de cangaceiros, supostamente parte do bando de Lampião, perto de Chorrochó, ao norte da Bahia, e mais para o fim do mês, uma outra volante entrou um tiroteio com o grupo de Corisco, em Sergipe. Contam que duas pessoas morreram nestes combates, no primeiro, a mulher de um dos cangaceiros, e no segundo, o cangaceiro Ventania. [13] Então, em junho, o Capitão Facó declarou que Lampião tinha atravessado a fronteira de Sergipe, e que Corisco estava escondido na Bahia, perto da divisa com Sergipe, numa área em que se podia encontrar água facilmente – requisito muito importante em 1932, visto que o nordeste estava atravessando uma de suas piores secas. Disse também que o bando de Corisco enviara, recentemente, dois recém-nascidos para o sargento do Sítio do Quinto, pedindo para que os criasse. [14]

Durante o primeiro semestre de 1932, a campanha se desenvolveu muito lentamente, não só devido à falta crônica de dinheiro, mas também por causa da seca, que restringia todas as atividades no sertão, inclusive as operações dos cangaceiros. Em julho, os esforços da polícia ficaram ainda mais reduzidos, devido à eclosão da revolução em São Paulo, no dia 9. Foram retirados soldados de todos os postos nos sertões para ajudarem a reprimir a Revolução Constitucionalista contra o regime do Presidente Getúlio Vargas, e, embora a sublevação tivesse terminado em setembro, passaram-se muitas semanas antes que

12 *A Tarde*, de 17 de março de 1932.

13 Ibid., 16 e 26 de maio de 1932.

14 Ibid., 14 de junho de 1932.

os destacamentos voltassem à campanha.[15] Neste ínterim, os oficiais encarregados da luta contra o cangaço, procuraram compensar parcialmente a falta de soldados profissionais, contratando homens que, há muito tempo, estavam acostumados a ajudar os soldados.[16]

Contam que Lampião e seus cangaceiros, se aproveitaram da retirada das tropas para aumentar suas atividades. No dia 14 de julho, Corisco, com um bando de 14 homens e 5 mulheres, atacou propriedades e saqueou casas comerciais nas áreas rurais da comarca de Paripiranga, situada na Bahia, perto da fronteira de Sergipe.[17] Lampião e seu bando também iriam operar a oeste deste local, na comarca de Cícero Dantas. Pouco tempo depois, em Sergipe, tiveram um encontro com a volante do Tenente Manuel Neto. Quando os cangaceiros fugiram, deixaram uma criança no chão.[18] Alguns dias mais tarde, estavam de volta à Bahia, na área de Queimadas – Bonfim, onde assaltaram fazendas e a cidade de Nova Olinda.

Para um médico de Salvador, o ataque a Nova Olinda foi um acontecimento a ser lembrado por muito tempo. O Dr. Constantino Guimarães estava na cidade, lutando contra um surto de tifo, quando os cangaceiros chegaram. Não se contentando em tomar o relógio do médico, seu anel de grau, a bolsa de remédios, seu vevólver e capa de chuva, Lampião exigiu também um exame médico. Exceto pelo defeito no olho direito, o chefe dos cangaceiros estava em excelentes estado de saúde.[19]

Durante sua estadia na cidade, Lampião também fez um pedido por carta a um residente importante de Itiuba, uma cidade à margem da estrada de ferro entre Queimadas e Bonfim. A carta dizia:

"Ilmo. Sr. Cel. Aristides Simões Freitas:

Lhe faço esta purque seio que o Sr. pode e não egnora. Eu pedir apois não poço trabalhar por este môtivo peço. Peço lhe 3 contos de rs. espero o Sr. não mi faltar, apois em minhas andada nunca buli em suas fazenda e nem com peçoas que lhe pertence. por tanto espero e confio o Sr. não me faltar espero resposta pello mesmo com toda urgença. Sem ms.

Capt. Ferreira, vulgo Lampião"[20]

15 As notícias sobre a retirada das tropas foram publicadas no jornal *A Tarde*, de 20 e 24 de agosto de 1932, e no *Diário de Notícias*, de 17 de agosto de 1932, entre outros.

16 Ver, por exemplo, SSP a Santa Brígida, 26 de julho de 1932, telegramas, Bahia.

17 *A Tarde*, de 22 de julho de 1932.

18 Ibid., 18 de agosto de 1932; *Diário de Notícias*, de 17 de agosto de 1932.

19 Guimarães contou aos repórteres seu encontro com Lapião, muitos antes depois, quando o cangaceiro já tinha morrido (*A Tarde*, de 9 de agosto de 1938).

Um destacamento alcançou os cangaceiros dois dias depois de Nova Olinda, e houve um pequeno tiroteio. Quando fugiram, segundo a polícia, deixaram algumas armas, 13 cavalos e mulas, e uma grande quantidade de sangue.[21] Desta data até o fim do ano, só se tem notícias de dois outros encontros entre a polícia e o bando. No primeiro, perto de Uauá, em outubro, dois cangaceiros morreram, e a polícia encontrou um grande número de armas e munições no local. No segundo, um destacamento baianao cercou Lampião e seu bando, no município de Gararu, no baixo São Francisco, em Sergipe, no dia 14 de novembro, e foi anunciado que a captura era iminente. No entanto, como acontecera tantas vezes antes, os cangaceiros conseguiram escapar.[22]

No final de 1932, completou-se o primeiro ano da campanha. Alguns cangaceiros tinham sido mortos ou feridos durante o ano, mas as baixas maiores eram da polícia. Alguns cangaceiros se entregaram, enquanto outros foram presos, quando estavam longe do grupo.[23] A campanha, debilitada no meado do ano pela revolução em São Paulo, tinha somente um modesto crédito a seu favor. Num outro setor, entretanto, a Bahia estava enfrentando mais diretamente o problema das relações entre os cangaceiros e a sociedade mais ampla.

As autoridades baianas se deram conta, como as de Pernambuco, que o apoio – voluntário ou forçado – que os cangaceiros recebiam da população civil, era importante. Se Lampião não podia ser eliminado rapidamente no campo de batalha, era necessário enfraquecê-lo, forçando a retirada do apoio que lhe davam. O Capitão Facó tinha incluído o "nivelamento" dos coiteiros como uma de suas principais metas, e, dois meses depois de encetada a campanha, declarou que se não fosse por eles, já teria tido sucesso.[24] O problema dos coiteiros, do

20 *A Tarde*, de 24 de agosto de 1932. O jornal não disse se o Coronel Freitas mandou o dinheiro.

21 *A Tarde*, de 24 de agosto de 1932.

22 Ibid., 10 de outubro e 21 de novembro de 1932.

23 Além dos previamente mencionados, notícias da captura de cangaceiros apareceram também em *A Tarde*, de 17 de março, 10 e 17 de maio e 3 e 5 de setembro de 1932.

24 *Diário de Notícias*, 27 de outubro e 29 de dezembro de 1931.

ponto de vista da polícia, era imenso, pois, para eles, qualquer cidadão do sertão era um amigo ou protetor, de fato ou em potencial, dos cangaceiros. Assim sendo, os próprios sertanejos tinham sérios problemas, pois se achavam na ingrata posição de terem que procurar satisfazer tanto a polícia como os bandidos.

Para a polícia havia dois tipos de coiteiros. O primeiro era constituído pelos fazendeiros, negociantes ou chefes políticos ricos (geralmente eram tudo isto ao mesmo tempo), que ajudavam Lampião por mera necessidade. Enviavam-lhe o dinheiro que pedia, ou lhe forneciam mantimentos, somente para proteger suas propriedades. Este era o grupo com o qual a polícia não podia tratar eficientemente, visto que um homem, como o Coronel João Sá, de Jeremoabo, tinha ligações políticas que lhe davam completa imunidade contra qualquer ação da polícia – isto era verdade, antes e depois da Revolução de 1930. Um integrante deste grupo poderia ser interrogado, como foi o Coronel Sá, depois que Volta-Seca o apontou como coiteiro, mas nunca seria preso ou processado. Seus problemas eram "compreendidos" pelas autoridades, que o classificavam como coiteiro involuntário. Para a polícia, era uma distinção muito cômoda, já que, de qualquer jeito, ele não poderia ser tocado. Depois da Revolução de 1930, quando havia uma acusação, esta não afetava tanto o chefe político, como seus vaqueiros e moradores. Devido ao aumento de poder do estado, e, conseqüentemente, maior independência da polícia, o chefe político não tinha mais força suficiente para proteger seus dependentes, como no passado.[25]

O segundo grupo de coiteiros, consistia de vaqueiros, moradores e outras pessoas que tinham pouca influência. Entre estes, estavam os donos de pequenas a médias propriedades, e seus vaqueiros e moradores, assim também como os lojistas e comerciantes dos povoados. Este grupo recebia pouca comiseração ou compreensão da polícia, principalmente se esta suspeitava de que estavam dando informações falsas na área em que estavam os cangaceiros. Se procediam assim porque gostavam de Lampião, ou porque o temiam, era um dilema que fazia pouca diferença para a polícia. De qualquer modo, os soldados levavam a pior, quando as mentiras de um vaqueiro os conduziam a uma

25 Sobre a classificação de coiteiros, ver: Prata: *Lampião*, pp. 155-166; Bezerra: *Como dei cabo de Lampeão*, pp. 91-93. Felipe Borges de Castro (entrevista) também deu informações sobre os coiteiros. Bezerra fez comentários sobre o maior poder da polícia depois da proclamação do Estado Novo de Vargas, em 1937; no entanto, pelo menos na Bahia, esta tendência já era visível desde 1930.

emboscada desastrosa, como em Mandacaru. Esta classe de coiteiros – os mais pobres entre eles eram muitas vezes chamados "coiteiros de pé no chão" – sofriam mais nas mãos da polícia do que nas dos cangaceiros. Na verdade, a maioria deles tinha muito medo dos cangaceiros, e se lhes fosse dada uma proteção eficiente, teriam cooperado com a polícia. Porém, um policiamento adequado para cada povoado e propriedade rural, era impossível, e, como resultado, a sempre presente ameaça da chegada de Lampião, e as terríveis conseqüências de suas represálias, caso lhe fosse recusada lealdade, forçavam a população a negar à polícia as informações que tanto precisava para combatê-lo eficientemente. Uma conseqüência inevitável desta situação, era a onda de violência que muitas volantes deixavam em sua passagem. Parecia que, somente usando métodos brutais, conseguiam forçar os sertanejos a dar a informação necessária.

O problema da violência da polícia contra a população em geral, vinha de longa data, e era agora reforçado pela campanha contra o cangaço. Era, como já notamos, a queixa principal em Pernambuco, Paraíba, Ceará e Alagoas. Depois de 1928, tornou-se também um problema na Bahia e Sergipe. Por volta de 1929, poucos meses depois que Lampião entrou na Bahia, chegaram notícias do norte do estado, contando os abusos da polícia. "Um quadro de horror" pior do que qualquer um já pintado por Lampião, foi o comentário de um jornal. Ao longo da fronteira Bahia – Sergipe, a polícia estava roubando cavalos e burros, um hábito verdadeiramente irritante para os sertanejos.[26] Além do mais, foi-se tornando rotina, enquanto que, os cangaceiros, geralmente devolviam os animais que levavam. Muitas vezes, quando não precisavam mais dos animais, a polícia os matava, como castigo a seus donos, a quem acusavam de coiteiros.

Havia também muitas outras queixas. Em abril de 1932, por exemplo, chegou uma comunicação de Juazeiro, dizendo que uma tropa passara por um povoado na vizinhança, quebrando portas, roubando e implantando o terror.[27] Um fazendeiro de Sergipe, referindo-se à polícia da Bahia, declarou: "Pode acreditar que hoje, no sertão, já se tem mais alegria quando Lampião chega à porta do que a simples notícia de que as forças se aproximam".[28] Dentre todas as volantes, os

26 *Diário de Notícias*, 16 de junho de 1929.

27 SSP ao Barro Vermelho, 20 de abril de 1932; uma queixa igual foi feita à SSP em Bonfim, a 23 de abril de 1930, ambas por telegramas, Bahia.

28 Carta de João Andrade, 5 de maio de 1930, no pacote SP' Arquivo Público, Sergipe.

Nazarenos, sob o comando de Manuel Neto, eram os mais temidos. Perseguindo Lampião com um zelo fanático, empregavam qualquer método para obter as informações. Um capitão da polícia, no começo de 1930, informou, indignado, a seus superiores, que o destacamento passara por sua comarca roubando, espancando e invadindo as propriedades. Eram tão perigosos quanto Lampião, disse ele. [29]

A brutalidade das tropas era atribuída, sem dúvida, à frustração e raiva, mas é evidente que a violência, em muitos casos, era empregada deliberadamente. Um comunicado do quartel em Salvador, dava ordens ao oficial encarregado das operações para que tratasse com severidade todos os suspeitos de ajudarem os cangaceiros, enquanto um outro, embora advertindo para evitar injustiças, dava ordens para que fosse usada violência, quando necessário. Um capitão, num outro comunicado, avisou seus superiores que tinha conseguido uma confissão de um coiteiro depois de submetê-lo a "um castigo rigoroso". Dada às frustrações da campanha, e à política adotada pelas autoridades, não é de surpreender que a passagem das volantes fosse assinalada por espancamentos, mutilações e, às vezes, mortes. [30]

Um outro fator que contribuiu para a brutalidade da campanha era a própria natureza dos soldados. Quase todos eram analfabetos e ignorantes. A brutalidade, para eles, era corriqueira. Pertenciam a uma sociedade rústica, que usava da violência para resolver suas disputas. E na polícia, nada foi feito para dar-lhes uma outra orientação. O treinamento para os soldados, era curto, e para os contratados, nenhum. Os soldados que se alistavam, sob contrato, para serviço temporário, foram usados, por todos os estados, na campanha contra o cangaço. Na Bahia, como nos outros estados, os soldados contratados representavam uma boa parte das forças de campo. Muitos passaram para o serviço regular depois do término da campanha, e alguns, devido à sua inteligência e merecimento, foram promovidos a oficiais.

29 O comentário do capitão da polícia está em SSP a Bonfim, 22 de janeiro de 1930, telegramas, Bahia. João e David Jurubeba, eles próprios Nazarenos, tendo lutado sob o comando de Manuel Neto, descreveram a vida na tropa para mim (entrevista).

30 SSP a Santo Antônio da Glória, 9 de novembro de 1931, e SSP a Jeremoabo, 14 de outubro de 1932, telegramas, Bahia; SSP ao Chefe de Polícia, Sergipe, 15 de março de 1932, ambos por telegramas, Bahia. A violência da polícia é o tema principal da literatura do cangaço. Como exemplos, ver as narrativas de três soldados: Góis, *Lampião*, pp. 157-159; Gueiros, *Lampião*, pp. 168-170; Bezerra: *Como dei cabo de Lampião*, pp. 25-28. Vários ex-oficiais da polícia, entre eles Miguel Feitosa e José Izidro, também me contaram francamente que esta violência era geral. (entrevistas).

Mas, quer fossem regulares ou contratados, pouca diferença fazia. Se já não fossem embrutecidos na hora do alistamento, logo se tornavam, em vista das condições da campanha. Já era crônica a queixa dos oficiais contra a qualidade do material humano de suas tropas. Um oficial pernambucano escreveu que comandava homens absolutamente selvagens, indistinguíveis dos cangaceiros, exceto pela denominação de polícias. Um comandante baiano se queixou aos seus superiores que sua tropa tinha homens "absolutamente ignóbeis". [31]

As razões que levavam os homens a se alistarem na polícia também influenciavam a qualidade de seus serviços. Muitos se alistavam simplesmente para ter um emprego certo, visto que as oportunidades eram poucas. Outros, porque achavam intolerável viver numa espécie de terra-de-ninguém, entre os cangaceiros e a polícia. Era necessário escolher um lado ou o outro. Outros se alistavám porque a polícia os ameaçava. Zé Calu, de Água Branca, por exemplo, já era um criminoso quando José Lucena lhe fez uma proposta. Podia se alistar na polícia e escapar da pena, se eliminasse os homens da família Melão, um grupo conhecido por sua temeridade e tão feroz que até mesmo Lampião os expulsara de seu bando. Calu concordou, e atacava de emboscada um ou dois de cada vez, entregando suas orelhas a Lucena, como prova do cumprimento da missão. Calu, subseqüentemente, teve uma longa e próspera carreira como soldado na luta contra Lampião. [32] Octacílio Rodolfo, do município de Rodellas, na Bahia, também foi um caso semelhante. Coiteiro de cangaceiros, foi forçado pela polícia a denunciar um cangaceiro ou ser severamente punido. Escolheu o primeiro, mas, sabendo que assim se tornara um inimigo de Lampião, pediu proteção à polícia. Foi admitido, juntamente com alguns parentes e amigos (uns 10 a 15 ao todo), na tropa regular, e, depois de ter sido promovido a tenente, tornou-se um dos mais destacados comandantes das volantes baianas. [33]

Muitas pessoas se alistavam na polícia porque eram inimigos de Lampião ou de seus amigos. Uma boa parte dos que o perseguiam na

31 Gueiros: *Lampião*, p. 180; documento sem assinatura e sem data (c. 1930) de um comandante de campo à SSP, no pacote especial sobre Lampião, Arquivo Público, Bahia.

32 Contado a mim por Zezito Guedes, que ouvira a história do próprio Calu (entrevista, Arapiraca, Alagoas, 29 de junho de 1974). Uma versão menos detalhada me foi dada pelo irmão de Calu, Euclides Lunes de Queiroz (entrevista, Mata Grande, Alagoas, 23 de junho de 1974).

33 José Izidro, entrevista.

Bahia era de Pernambuco, e a inimizade já vinha de longa data.[34] Entre estes, se destacavam os Nazarenos, mas havia também muitos outros. Um caso típico foi o de Severino Ramos, que se alistou porque era inimigo de um amigo de Lampião, chamado Antônio Engracia. Quando Lampião veio para a Bahia, Severiano sabia que estava em maus lençóis. Ele, seu irmão, dois primos e um cunhado, todos se alistaram em 1928, no mesmo dia.[35] Outros homens entraram para a polícia na esperança de se vingarem de danos feitos a eles ou a suas famílias pelos cangaceiros.

Lampião estava bem ciente dos motivos dos soldados, conforme ficou demonstrado num incidente ocorrido na fazenda de Manuel Salinas, em 1930. O cangaceiro, sabendo que Salinas tinha dado informações sobre ele à polícia, voltou à fazenda, que estava situada perto de Jeremoabo, para uma represália. Depois que Salinas e os quatro filhos mais velhos tinham sido barbaramente mortos, Lampião hesitou um pouco antes de entregar o último, um menino, à mesma sorte. Então, dando ordens para que fosse morto também, Lampião disse que se o poupasse, quando crescesse, iria ser soldado. O menino, entretanto, escapou à sorte a que Lampião o destinara. Embora já tendo decidido que o menino deveria morrer, Lampião mandou que ele subisse ao telhado para quebrar as telhas, um costume que os cangaceiros tinham para destruir suas casas. Quando o menino subiu, um dos cangaceiros, com pena dele, disse para que pulasse pelos fundos e se escondesse no mato. Ele fez como foi mandado, e escapou. Como Lampião tinha predito, mais tarde tornou-se um soldado contratado.[36]

Enquanto alguns sertanejos procuravam extorquir uma vingança ou um meio de garantir sua segurança se alistando na polícia, a maioria do povo continuou em suas próprias casas, e muitos ajudaram os cangaceiros, quando solicitados. Qualquer outro sentimento que tivessem por Lampião era abafado pelo medo. Tinham medo da polícia também, porém mais dos cangaceiros. Os maus tratos da polícia eram esporádicos, intermitentes e variados, conforme os soldados e oficiais

34 Muitos pernambucanos se alistaram na Bahia, como soldados contratados, no começo da campanha, em 1931; tornaram-se regulares em 1934 (Diniz Casemiro do Nascimento, entrevista, Paulo Afonso, Bahia, 29 de agosto de 1975).

35 Severino Ramos, entrevista.

36 Ouvi esta história de Rosal Marinheiro, que conheceu Salinas e sua família (entrevista, Piranhas, Alagoas, 20 de agosto de 1975) Prata: *Lampião*, pp. 112-117, também conta esta história.

que compunham a tropa. A vingança de Lampião, entretanto, como era do conhecimento de todos, era implacável, e impunha respeito.

As histórias dos castigos ferozes impostos aos sertanejos que o traíam, são bem conhecidas. Não tinha importância o fato de que algumas eram inventadas, ou exageradas, visto que o povo, que vivia nas áreas freqüentadas pelos cangaceiros, sabia que tais coisas aconteciam. O que fazia a vingança tão impressionante não era o fato de que Lampião simplesmente matava os informantes – apesar disto já ser aterrorizante – mas também os humilhava e os torturava. São inúmeros os exemplos. Perto de Uauá, em 1931, ele apareceu na fazenda São Paulo, ameaçando tocar fogo nas casas e cercas e matar todos os moradores, se não lhe contassem quem revelara seu esconderijo a uma volante que passava. Para salvar os outros, um homem confessou. Lampião esfaqueou-o até matá-lo, e depois quis saber quem tinha ido ao povoado, alertar a polícia. Quando soube que tinha sido um dos moradores, Lampião mandou que se despisse, e obrigou-o a desfilar nu pela fazenda antes de matá-lo. Sua mulher, foi forçada a montar um cavalo, despida, e acompanhar os cangaceiros durante alguns quilômetros, fóra da fazenda. Perto de Bom Conselho, na Bahia, neste mesmo ano, invadiram a fazenda de um homem que os delatara dois anos antes. O fazendeiro foi amarrado num poste, e sua mulher e seus seis filhos foram obrigados a ficar no terreiro para presenciar o castigo. Lampião começou arrancando os olhos, com uma faca, depois, recuando um pouco, atirou nas órbitas, com sua pistola. Em Alagoas, na fronteira com Pernambuco, em 1934, arrancou a língua de uma mulher acusada de o delatar.[37]

Com tais histórias se espalhando pelos sertões, e sempre aumentando com o passar dos anos, não é admirar que o povo ajudasse os cangaceiros e ocultasse seus esconderijos da polícia. Isto contribuía para dificultar a campanha. As condições eram tais que obrigavam os sertanejos a se tornarem inimigos da polícia, visto que uma colaboração era um convite a uma vingança terrível por parte dos cangaceiros. Por esta razão, agüentavam as injustiças da polícia e, pelo menos nominalmente, estavam do lado dos cangaceiros.

Havia, naturalmente, muitos que ajudavam Lampião de boa vontade, ou porque gostavam dele, ou porque ele pagava bem ou pelas

37 Abreu, *O flagello*, p. 53-54; *Jornal de Alagoas*, 21 de fevereiro de 1931 e 13 de dezembro de 1934.

duas razões. Este era o grupo de quem ele mais dependia. Antônio Pequeno, um fazendeiro do município de Pão de Açúcar, em Alagoas, às margens do rio São Francisco, era um deles. Durante muitos anos, na década de 1930, serviu aos cangaceiros, como coiteiro de Corisco, mas também de Lampião. Como gostava muito de Lampião e de Luís Pedro, passava horas no acampamento, conversando e bebendo com eles. Comprava os mantimentos, sendo sempre generosamente recompensado, dava informações sobre os movimentos da polícia e levava cartas para os outros coiteiros. Antônio se lembra de Lampião como de um verdadeiro amigo. Duas vezes foi espancado pela polícia, e uma vez foi preso, acusado de ser coiteiro, mas nunca delatou. [38]

José Alves, um outro morador do mesmo município, também recorda o cangaceiro com afeição. Estava tirando leite no curral, em 1935, quando viu Lampião pela primeira vez. Este, que estava acampado na fazenda, bateu com a pistola na cerca, para chamar a atenção do rapaz, e pediu que levasse leite e uma cabra para assar, lá onde estavam. Embora José, que tinha só 14 anos, e seu irmão mais velho, que tinha 15, tivessem medo dos cangaceiros, logo ficaram gostando deles. Passavam muitas horas no acampamento, e às vezes, até mesmo as noites. Na hora das refeições, Dona Maria preparava os pratos dos dois antes que os outros se servissem. Lampião ficou gostando muito do mais velho, chegando mesmo a chamá-lo de filho. José conta que ambos ganharam muito dinheiro dos cangaceiros, e seu irmão conseguiu comprar uma vaca. Mas o pai dos rapazes ficou muito perturbado com a presença dos cangaceiros em sua fazenda. Fugiu da área, não tanto com medo de Lampião, mas pelo que a polícia podia fazer se soubesse que os cangaceiros estavam acampados em sua fazenda e servido por seus filhos. Pouco depois, mandou buscar toda a família, e só voltou à fazenda depois da morte de Lampião. [39]

Apesar dos problemas, todos os amigos de Lampião e os coiteiros gozavam de um certo favoritismo na comunidade. Seus vizinhos não ousariam deliberadamente ofender os amigos de Lampião, pois era sabido que os cangaceiros protegiam aqueles que lhes serviam bem. Quanto a outros cangaceiros, os únicos bandos dignos de atenção na década de 30 eram os controlados por Lampião, que, na verdade, se tornara "o Rei dos Cangaceiros". Seus subgrupos, entretanto, eram também conhecidos por sua crueldade, e, como diversos podiam estar

38 Antônio Pequeno, entrevista, Pão de Açúcar, Alagoas, 25 de agosto de 1975.
39 José Alves, entrevista, Piranhas, Alagoas, 20 de agosto de 1975.

operando ao mesmo tempo, havia a possibilidade dos amigos de um grupo serem atacados, inconscientemente, por alguém dos outros grupos. Para diminuir esta possibilidade – e talvez por vaidade – Lampião dava a seus amigos uma espécie de passaporte sertanejo. Um cartão, com seu retrato impresso, servia de aviso que o portador merecia consideração especial. Do outro lado de um cartão como este, dado em 1935 ao Coronel Joaquim Resende, prefeito de Pão de Açúcar, Lampião atestava que Resende era seu amigo e que estava garantido contra qualquer ataque por parte dos cangaceiros. Estava assinado: "Capitão Lampião". [40] Em 1936, um jornal de Sergipe disse que o estado estava tão infestado de cangaceiros que um tal passe era uma necessidade para qualquer pessoa que quisesse viajar ou fazer negócios no interior. [41]

Algumas pessoas importantes, que mantinham relações de amizade com Lampião, usavam esta amizade para procurar obter proteção também para seus amigos. Quando o Dr. Waldemar Valente estava viajando pelos sertões, no início da década de 30, fazendo parte da campanha para a erradicação da malária, foi-lhe dado um passe pelo velho amigo de Lampião, Cornélio Soares, chefe político de Vila Bela. O cartão, solicitando que fosse dada livre passagem ao jovem médico, acabava assim: "É gente nossa". [42] Em certos casos, o Coronel Resende intercedia a Lampião para soltar ou dar tratamento mais humano a várias pessoas que caíam nas mãos dos cangaceiros. [43]

Finalmente, e apesar da temível reputação do cangaceiro, muitos sertanejos tentavam se aproveitar de Lampião. Alguns pegavam o dinheiro que ele lhes tinha confiado para comprar mantimentos e fugiam para algum lugar distante, geralmente para São Paulo. Outros, encarregados de servirem como intermediários nos casos de extorsão, agiam da mesma maneira. Entregavam o bilhete, mas tão logo recebiam o dinheiro, decidiam fugir, deixando o cangaceiro a ver navios. E havia alguns que usavam o medo que muita gente tinha de Lampião, para seus próprios proveitos. Muitas pessoas pagavam pedidos de dinheiro que nunca foram feitos por Lampião nem por seus asseclas. Era um jogo perigoso, que às vezes dava certo, e outras, não. Perto de Pi-

40 Rocha: *Bandoleiros*, pp. 123-124.
41 *A Luta* (Annapolis, agora Simão Dias, Sergipe), 15 de março de 1936
42 Waldemar Valente, entrevista, Recife, Pernambuco, 14 de junho de 1974.
43 Rocha: *Bandoleiros*, p. 116.

nhão, em Sergipe, em 1937, um fazendeiro recebeu um pedido de dinheiro de Lampião, pouco tempo depois de lhe ter pago uma boa quantia. Como sabia que o cangaceiro era um homem razoável nestes negócios, e já desconfiando de alguma tramóia, procurou Lampião para saber porque estava sendo taxado tão fortemente. Lampião negou conhecimento do segundo pedido, averigou os fatos e mandou um de seus homens punir o impostor. O cangaceiro, Zé Sereno, apunhalou e matou o homem e seus 3 filhos menores. Depois, foi procurar seu irmão, e matou-o também. Tais desforras reduziam o número daqueles que ousavam tirar vantagens usando o nome de Lampião, embora o problema ocorresse de vez em quando. Numa ocasião, o cangaceiro se queixou de que estavam aparecendo "Lampiõezinhos" demais nas redondezas. [44]

Apesar dos problemas apresentados pelos ladrões, impostores e delatores, é bem provável que Lampião considerasse seu relacionamento com o povo do sertão como sendo bastante satisfatório. Este relacionamento certamente contribuiu, em grande parte, para sua sobrevivência como bandido durante tantos anos. A polícia, por outro lado, quase sempre estava numa posição de antagonismo com a maioria dos sertanejos. Este fato ficou bem claro quando, em 1932, a Bahia tentou aniquilar os cangaceiros, intensificando seu desastrado programa de campanha.

Foi um ano muito ruim para os nordestinos, mesmo sem falar na ação drástica da polícia, pois atravessaram uma das piores secas em muitas décadas. Quando esta começou, o Capitão João Miguel, oficial de comunicações, que estava no comando das forças em operação contra o cangaço na Bahia, arquitetou um plano para privar Lampião do apoio dos sertanejos. Numa reunião em Jeremoabo com outros oficiais e autoridades civis, o capitão propôs agrupar toda a população na sede das comarcas e nas cidades maiores. Deste modo, ele dizia, os cangaceiros, impedidos de receber mantimentos e a ajuda dos coiteiros, se riam dizimados facilmente ou forçados a se entregarem. Embora as dificuldades deste plano pudessem ser previstas por muitos, foi, contudo, aprovado pelo Secretário de Segurança Facó e pelo Interventor Magalhães. As autoridades de Sergipe, entretanto, rejeitaram o pedido do governo da Bahia para que o mesmo plano fosse seguido lá. [45]

44 Gueiros: *Lampeão*, p. 128; José Melquiades de Oliveira, entrevista; Severiano Ramos, entrevista.

45 A história do plano e dos transtornos que ele causou são contados por Prata, em *Lampeão*, pp. 175-202. Consegui outras informações de pessoas que estiveram presentes

Este ano é lembrado na região como o ano da "Seca de João Miguel", não só devido à seca em si, como ao infortúnio de João Miguel. A execução do projeto variava de intensidade conforme a autoridade local. Poucos projetos do governo, naquele tempo, eram executados com eficácia e rapidez, e, neste caso, as deficiências foram, talvez, uma bênção. Cidades como Juazeiro, Bonfim, Uauá e Jeremoabo ficaram atulhadas de retirantes que fugiam da seca e daqueles que foram forçados, pela polícia, a deixarem suas casas. Em abril, o número já ultrapassava de mil em Juazeiro, enquanto mais de 4.000 estavam congregados em Jeremoabo, quartel-general de João Miguel. [46] O governo, cronicamente atormentado pela falta de recursos, quase nada podia fazer pelos retirantes. Os que não tinham recursos – isto é, a maior parte – eram obrigados a depender de parentes ou amigos na cidade para sobreviver, ou então, a pedir esmolas. Em Jeremoabo, como em quase todos os outros lugares, o único abrigo que achavam era debaixo das árvores ou nos adros das igrejas. As pessoas eram obrigadas a pedir permissão às autoridades para irem até suas casas, e tinham que ir acompanhadas por um guarda. Para impedir que pessoas sem autorização saíssem, os soldados patrulhavam a periferia das cidades.

Embora muita gente estivesse passando fome, a previsão de que os cangaceiros ficariam à míngua, não se concretizou. Os cartazes, espalhados pelos sertões, garantindo a vida aos cangaceiros que se entregassem, não produziram muito efeito. Consta que três homens do bando de Lampião se entregaram, em maio, mas parece que foram os únicos. [47]

Enquanto isto, os trabalhos rurais ficaram praticamente abandonados. Os fazendeiros obtinham permissão para mandar seus vaqueiros, acompanhados de um guarda, às suas propriedades, de vez em quando, mas, em vista da seca que assolava o sertão, era uma medida de pouca compensação. Quase sempre os vaqueiros encontravam o gado morto ou prestes a morrer, visto que as tinas, que tinham deixado cheias de água na última visita à fazenda, já tinham secado há mui-

na área naquela ocasião, principalmenmte de José Gomes dos Santos, Severiano Ramos, e José Fernandes de Vieira (entrevistas).

46 SSP ao Coronel João Costa, 12 de abril de 1932, telegramas, Bahia. O número corresponde a Jeremoabo está em Pra: *Lampeão*, p. 201. Prata também diz (p. 194) que as pessoas evacuadas de suas casas foram aproximadamente doze mil.

47 Sobre as circulares e cartazes, ver *A Tarde*, 22 de março de 1932 e SSP a todos os comandantes, 21 de março de 1932, telegramas, Bahia. Sobre os resultados, ver *A Tarde*, de 10 e 17 de maio de 1932.

conseguiam permissão
to tempo. Algumas pessoas muito importantes conseguiam permissão
para deixar seus vaqueiros nas fazendas, mas, ao povo em geral, não
era dada tal consideração. Em vista das queixas e do sofrimento geral,
foram feitas algumas modificações, mas o projeto continuou durante
todo o ano. Em outubro, ou talvez um pouco antes, as vilas menores
tiveram autorização para receber os refugiados, e os vaqueiros ficaram
concentrados nas fazendas maiores, de modo a poderem estar mais
perto do gado.[48] Foi necessária esta decentralização, não só devido aos
apelos das pessoas influentes, para que fosse amenizada a rigidez do
plano e o mal que estava sendo feito à economia, mas também devido
às doenças epidêmicas que começaram a assolar as cidades, como Je-
remoabo. Contudo, com a descentralização, o policiamento não foi
abandonado; as vilas e fazendas que receberam autorização ficaram
também sendo patrulhadas.

Embora as autoridades estaduais insistissem até o final de ou-
tubro em levar avante a execução do plano em todas as áreas, no fim
do ano já estavam prontas para relaxar um pouco. O Chefe de Polícia
deu ordens, em dezembro, para que, dentro das zonas de Curaçá e Pa-
tamuté, o policiamento continuasse somente em lugares onde fosse ab-
solutamente necessário, tendo em vista os interesses dos comerciantes
e fazendeiros, e a necessidade de conciliar a campanha e o bem-estar
geral.[49] Na verdade, o estado estava constatando a derrota do plano
em todas as áreas, e, dentro de poucas semanas, foi abandonado. Seu
autor, João Miguel, foi destituído. Enquanto Magalhães e as outras
autoridades procuravam manter a aparência de qque o plano tinha
conseguido resultados satisfatórios, atribuindo suas falhas à falta de
cooperação de Sergipe, o fracasso foi reconhecido por todos.[50] Como
disse uma das autoridades: todos sofreram, menos Lampião.[51] Este
passou a maior parte do ano nas regiões do leste da Bahia, ou perto de

48 Indicado no SSP a Jeremoabo, 12 de outubro de 1932, telegramas, Bahia.

49 SP a Jeremoabo, 12 de outubro de 1932, telegramas, Bahia; SSP a Uauá, 12 de dezembro de 1932, telegramas, Bahia.

50 Para o ponto de vista oficial sobre o sucesso, e as acusações contra Sergipe, ver Juracy M. Magalhães: *Exposição feita ao Exmo. Snr. Dr. Getúlio Vargas*, p. 81 e a entrevista do Capitão João Facó dada a *A Noite* (Rio de Janeiro) 24 de abril, 1933.

51 Felipe Borges de Castro, entrevista. Não consegui nenhuma notícia na imprensa sobre o programa de reconcentração, enquanto estava sendo executado. Quanto terminou, encontrei uma pequena referência (*A Tarde*, 27 de março, 1933) ao seu fracasso. A ausência de comentários foi devida à censura, que era muito severa no governo de Magalhães.

Sergipe, onde havia mais água. Embora para o povo do nordeste baia-
no tenha sido um péssimo ano, com a calamitosa combinação da seca
e da campanha, para ele, foi relativamente pacato.

Um ano como o de 1932, era para os cangaceiros, um ano de des-
canso. A seca, em grande parte, impôs este descanso, mas, mesmo em
tempos normais, a vida, entre eles, se dividia entre trabalho e diversão.
Conforme contam os poucos que tiveram a oportunidade de ver o can-
gaço por dentro, os cangaceiros passavam a maior parte do tempo em
paz, ou na fazenda de algum coiteiro de confiança, ou em algum es-
conderijo remoto, como o do Raso da Catarina.[52] Descansavam, ca-
çavam, jogavam cartas, e, muitas vezes, de noite, tocavam música e
dançavam. Embora preferissem dançar com mulheres, dançavam uns
com os outros, quando não havia nenhuma. As bebidas alcoólicas
eram consumidas em grandes quantidades, sendo a cachaça a mais co-
mum. Muitos deles, como Corisco, bebiam muito, chegando às vezes,
a perder os sentidos. Lampião, entretanto, preferia as bebidas mais re-
quintadas, como conhaque, e não bebia muito. Lampião e alguns de
seus homens passavam também muito tempo lendo ou ouvindo al-
guém ler alto para eles. O Capitão gostava de jornais, especialmente
daqueles que contavam suas façanhas, e das revistas do Rio de Janeiro
e São Paulo.

Mesmo quando estavam sendo perseguidos pela polícia, não se
afastavam muito da rotina usual. Como disse um dos reféns, na fuga
de Mossoró, continuavam calmos e despreocupados, e até nestas cir-
cunstâncias difíceis, jogavam baralho até tarde da noite.

A vida em seus acampamentos rústicos oferecia poucas amenida-
des. Os cangaceiros dormiam no chão, cobrindo-se com as mantas que
levavam. A comida era simples, e fácil de preparar, consistindo geral-
mente de carne-assada, rapadura e farinha. Os banhos eram escassos,
principalmente durante as secas, quando as lagoas, os riachos e os rios

52 Algumas das melhores opiniões de estranhos sobre os cangaceiros são dadas por Antônio Gurgel e Maria José Lopez em Nonato: *Lampião em Mossoró*, pp. 192-215 e 184-191, respectivamente. Também são importante as narrativa publicadas no "O Ceará", de 1º de dezembro de 1926 e no *Diário de Notícias* de 28 de julho de 1932, a primeira de Mineiro Dias, e a segunda por um casal de reféns na Bahia, durante 3 dias. Antônio Pequeno e José Alves, que passaram muito tempo nos acampamentos dos cangaceiros em Alagoas, também fizeram boas descrições, nas entrevistas que tivemos.

secam. Não é de admirar, portanto, que os perfumes fossem um luxo que os cangaceiros se permitiam. O uso profuso de perfumes – juntamente com a falta de banhos e a grande quantidade de brilhantina que punham nos cabelos – davam aos cangaceiros o cheiro característico que se tornou sua marca registrada.

10. Em Sergipe com o Governador Eronides

Com a chegada das chuvas, nos primeiros meses de 1933, assinalando o fim da seca, os sertões voltaram ao normal. A campanha adquiriu um novo comandante, em janeiro, quando João Miguel foi substituído pelo Tenente Coronel Liberato de Carvalho, um dos dois oficiais presentes ao desastre de Maranduba, no ano anterior. Lampião continuou a operar, sem chamar a atenção, durante alguns meses, a maior parte em Sergipe e na área imediatamente adjacente à Bahia. De vez em quando, um cangaceiro de um de seus grupos morria num encontro com a polícia, mas não houve combates importantes. Um cangaceiro, chamado Esperança, se entregou, persuadido por dois coiteiros irmãos, que, por sua vez, estavam sendo pressionados pela polícia. Esperança levou, como prova de sua boa fé, a cabeça de um de seus companheiros. [1] O Chefe de Polícia da Bahia, João Facó, acreditou que a relativa inação de Lampião era sinal de fraqueza. Em abril, numa entrevista no Rio de Janeiro, declarou que os cangaceiros estavam reduzidos a poucos, e tinham quase nenhuma munição, estando, portanto, incapazes de oferecer qualquer resistência à polícia. Dois meses depois, Lampião mostrou, mais uma vez, que Facó estava enganado. [2]

1 *A Tarde*, 29 de março de 1933.
2 *A Noite*, 24 de abril de 1933.

Em junho, apareceu perto de Bonfim, acompanhado de 19 homens e 3 mulheres. Como não conseguiu localizar um delegado do município de Campo Formoso, que ele pretendia matar, seguiu em direção a Sento Sé. Alguns dias depois, as autoridades de Sento Sé, uma cidadezinha isolada, às margens do rio São Francisco, a oeste de Juazeiro, mandaram urgentes pedidos de ajuda. Com Lampião nas redondezas, temiam um ataque à cidade. [3] Os cangaceiros não a atacaram, mas entraram em Olivares, que era uma cidade maior, situada a alguns quilômetros rio acima. Chegaram montados a cavalo e bem armados, ao raiar do dia 8 de julho, pegaram os principais comerciantes e saquearam suas lojas. Calcula-se que levaram em dinheiro, fazendas, jóias, moedas de ouro e prata e outros itens, perto de 70:000$000. A cidade ficou completamente limpa depois de duas horas de visita dos cangaceiros. Depois, sem demonstrar nenhuma pressa, lavaram os cavalos no rio e derramaram vidros de perfumes roubados em cima deles. Passaram-se 6 dias até que a polícia chegasse. [4] Depois da incursão, os cangaceiros acamparam durante algumas semanas num lugar de difícil acesso, na vizinhança, e de onde tinham uma vista panorâmica da região. Saíam somente para pequenas pilhagens nas fazendas dos arredores. Quando a tropa da polícia chegou, no princípio de agosto, eles armaram uma emboscada, onde morreram dois soldados e um ficou gravemente ferido. [5]

O próximo encontro com a polícia foi em setembro, em Campo Formosa, a sudoeste. A polícia estava na pista dos cangaceiros, quando correu a notícia de que estavam acampados na fazenda Pouso Alegre. Procurando assegurar a vitória, os soldados fizeram com que os coiteiros levassem farinha misturada com estriquinina aos cangaceiros. Quando o destacamento se aproximou do acampamento, um de seus cachorros se soltou e correu para lá, latindo. Os cachorros dos cangaceiros responderam, e a polícia viu que a tática do envenenamento não dera certo, seguindo-se então, uma batalha que durou uns 30 minutos. Depois, inspecionando o acampamento, a polícia achou a farinha envenenada, que não tinha sido tocada. Acharam também latões de querosene cheios de moedas de ouro, que, na pressa, os cangaceiros não

3 Campo Formoso a SSP, 10 de junho de 1933, ofícios, Bahia (estes documentos se encontram no Arquivo Público); referência feita À Secretaria da Fazenda e Tesouro a SSP, 24 de junho de 1933, ofícios, Bahia.

4 *A Tarde*, 24 de julho de 1933.

5 SSP a Bonfim, 20 de julho de 1933, e SSP a Sento Sé, 1º de agosto de 1933, telegramas, Bahia, *A Tarde*, 10 de agosto de 1933.

puderam levar. Neste combate, morreram um soldado e um cangaceiro. [6]

Outros homens de Lampião morreram num combate, no mês seguinte, na fazenda Lagoa de Lino, no município de Monte Alegre. Em outubro, a polícia mandou tropas para a área de Mundo Novo – Monte Alegre, quando correu a notícia que Azulão, um subchefe, e cinco companheiros estavam operando lá. No entanto, quando chegaram à fazenda onde, conforme dissera um informante, estavam alojados os cangaceiros, encontraram somente uma mulher que disse nada saber sobre o grupo. Porém, perguntando a uma menina que se aproximava da casa, souberam que um pequeno grupo estava comendo num campo vizinho. Ao chegar lá, a polícia matou, ou feriu gravemente, quatro dos seis homens, inclusive uma mulher, numa luta feroz que durou 15 minutos. Depois, acabaram de matar os feridos, decapitando-os. As cabeças foram expostas em Monte Alegre, e depois, enviadas para Salvador, onde uma multidão acorreu ao Instituto Nina Rodrigues, para ver estes troféus pois os jornais se encarregaram de ativar o interesse geral, com notícias sensacionais e fotografias. [7]

A polícia reivindicou, ao todo, quinze combates com os cangaceiros, em 1933, alegando ter morto oito deles, aos quais deveriam ser acrescentados os outro 16, mortos desde o início da campanha, em outubro de 1931. Quanto a Lampião, aparentemente estava disposto a abandonar esta região mais longínqua da Bahia. E, os fatos evidenciam que, na verdade, nunca mais levou seu bando para esta área. Embora seus subgrupos penetrassem bem no interior da Bahia, suas incursões a este estado se restringiram às fronteiras. [8]

À medida que as atividades de Lampião diminuíram na Bahia, também diminuiu o peso da campanha, e, as tropas que, em 1934, atingiam aproximadamente 900 homens, caíram para 250, no final do ano. O número das volantes também passou de 22 a 7, durante este mesmo período. [9] A maior parte estava sob comando de pernambuca-

6 *A Tarde*, 13 de setembro de 1933 publicou um relato do combate. José Fernandes de Vieira, que tomou parte, também descreveu o acontecimento para mim e me contou a história da tentativa de envenenamento. (entrevista).

7 *A Tarde*, 9, 18, 20 e 21 de outubro de 1933.

8 Liberato de Carvalho. *Forças em operações no nordeste do Estado da Bahia. Jan. 1933 a Fev. 1935*, MS, Arquivo público, Bahia (este é o relatório apresentado ao SSP); *A Tarde*, 17 de março de 1933, José Fernandes de Vieira e Severino Ramos, entrevistas.

9 Carvalho: *Forças*, pp. 1-2.

nos, como Manuel Neto, que, ou estavam emprestados à Bahia, ou então tinham se alistado na polícia baiana. O declínio da campanha refletia a perda de interesse das autoridades. Os outros estados que também estavam prejudicados pelo cangaço, como Sergipe e Alagoas, mostravam pouco desejo ou habilidade de intensificar seus esforços. Em parte, pode-se atribuir este declínio da campanha ao eterno problema financeiro. O governo federal, que desde 1931 vinha ajudando, deixou de cumprir sua promessa. Em junho de 1934, o Chefe de Polícia da Bahia telegrafou ao Presidente Vargas declarando que o soldo dos soldados em campo estava com um atraso de 8 meses, e que esta situação estava acarretando graves inconveniências, desmoralização e falta de disciplina. [10]

Ele tinha razões de sobra para esta queixa, como pode ser visto por um apelo que recebeu de Alagoas, em maio. O Chefe de Polícia de lá, estava reclamando das atividades de um grupo armado, encabeçado por um certo Odilon Flor, que se dizia sargento da polícia baiana. Os homens, queixando-se de não terem sido pagos há 8 meses, estavam causando desordens. E, referindo-se ao sargento, pediu para que, se na realidade fosse um de seus homens, que fosse chamado de volta à Bahia. Odilon, um dos Nazarenos, era, como muitos de seus parentes, contratado pela polícia baiana. [11]

Uma outra indicação de que a campanha estava em declínio era o número reduzido dos combates que a polícia reivindicava. Em contraste com o ano anterior, quando foram registrados 15 encontros, em 1934 somente mencionaram 8, e em alguns, mal houve troca de tiros. [12] Lampião passava a maior parte do tempo em Sergipe e Alagoas. Correu a notícia de que atacara uma turma de construção numa estrada em Sergipe, em fevereiro, e em abril, armou uma emboscada para uma volante em Paripiranga, na Bahia, perto da fronteira com Sergipe. Este combate em Paripiranga resultou de uma outra tentativa da polícia para envenenar Lampião. Desta vez, um coiteiro, em cujas terras os cangaceiros estavam acampados, foi enviado à cidade, para comprar mantimentos para eles. Lá, foi preso pela polícia, e forçado a voltar com a comida envenenada. Porém, em vista de sua demora, os cangaceiros comeram antes de sua chegada. Lampião disse que a comida seria guardada para o dia seguinte. Entretanto, perto de meia-noite,

10 SSP ao Presidente Vargas, 14 de junho, 1934, telegramas, Bahia.
11 Referência feita em SSP a Jeremoabo, 14 de maio, 1934, telegramas, Bahia.
12 Os números vêm de Carvalho: *Forças*, p. 15.

um vaqueiro chegou contando a história toda. Sabendo que a polícia viria para se certificar de que a tentativa tivera sucesso, os cangaceiros esperaram e atacaram de emboscada, na qual, morreu um sargento. [13]

Em julho, a polícia deu combate ao grupo de Lampião, em dois dias seguidos, em Sergipe, matando um cangaceiro. Conforme a polícia, foi o único cangaceiro morto em 1934. [14] Lampião ficou em Alagoas o resto do ano, e, durante este tempo, só houve dois combates, ambos em Mata Grande. Enquanto isto, seus subgrupos percorriam Alagoas, Sergipe e Bahia. De todos, o chefiado por José Bahianó parece ter sido o mais ativo. De início, estava operando na vizinhança de Patamuté, na Bahia, em outubro, e no final do ano, estava roubando usinas de açúcar, a uns 8 km da costa de Sergipe. Num sábado à noite, em dezembro, ele assaltou uma, onde neste mesmo dia o interventor do estado tinha ido a uma festa. [15] Um jornal de Aracaju reclamou, dizendo que os cangaceiros podiam fazer o que bem queriam no interior do estado. Alguns dias mais tarde, este mesmo jornal disse que a campanha nada conseguira: embora, depois da Revolução de 1930, começasse também uma campanha lá, as tropas não conseguiram prender ou matar nenhum cangaceiro, e nem mesmo entraram em combate. [16]

Era óbvio que Lampião e seus homens gozavam de privilégios especiais naquele estado. Suas relações com Sergipe eram as mesmas que tiveram com o Ceará, em 1920. A polícia do estado os deixavam em paz, e eles, por sua vez, limitavam suas piores depredações e atrocidades a outras áreas. De 1928 em diante, através de diversas administrações, e apesar da Revolução de 1930, a polícia se manteve firme. Para os cangaceiros, as vantagens da situação eram óbvias. Tinham um ponto de refúgio, situado estrategicamente entre a Bahia e Alagoas. Quanto às autoridades sergipanas, que sempre negaram a presença dos cangaceiros, aparentemente preferiam a vergonha e a crítica que se acumulavam sobre suas cabeças a verem o sertão transformado em campo de batalha. Deixando a Bahia e Alagoas continuarem com a

13 *O Imparcial* (Salvador), 26 de fevereiro de 1934; SSP a Jeremoabo, 23 de abril de 1934, telegramas, Bahia; José Melquiades de Oliveira, entrevista.
14 *O Imparcial*, 18 de julho de 1934; Carvalho: *Forças*, p. 18
15 SSP a Jeremoabo, 31 de agosto de 1934, telegramas, Bahia; *Jornal de Alagoas*, 13 de outubro de 1934; SSP a Bonfim, 23 de outubro de 1934, telegramas, Bahia; *Correio de Aracaju*, 28 de novembro e 3 e 10 de dezembro, 1934.
16 *Correio de Aracaju*, 12 e 21 de dezembro de 1934.

campanha, aquartelaram suas tropas nas cidades e vilas, alegando que era para proteger a população. Talvez fosse, mas as críticas diziam que era para escapar de Lampião.

Um antigo soldado contratado, de Sergipe, comentando a falta de ação da polícia, disse que a volante da qual fazia parte, passou mais da metade do ano numa vida da comarca de Porto da Folha sem entrar em combate, mesmo sabendo que Lampião estava acampado numa fazenda a 16 km de distância. Quando finalmente os soldados receberam ordens para desbaratar os cangaceiros, encontraram o acampamento deserto. [17] Sem dúvida, Lampião fora informado da intenção da polícia por algum coiteiro, pois possuía uma excelente rede de coiteiros naquele estado, onde quase todo o povo do sertão estava pronto a ajudá-lo. Algumas regiões do estado, tais como Poço Redondo, eram famosas por suas ligações com os cangaceiros. Não só todos seus habitantes eram coiteiros ou amigos de Lampião, mas dizem também que estavam prontos a fornecer um suprimento ilimitado de recrutas para seu bando.

Pode ser que as autoridades sergipanas se abstivessem de hostilizar os coiteiros e perseguir Lampião com mais empenho, não só temendo perturbar a paz do sertão, mas devido ao fato do cangaceiro ter amigos importantes nas altas esferas do estado. As conjecturas sobre estes amigos influentes quase sempre apontam duas famílias, os Brito e os Carvalho. Os Brito, estabelecidos no importante porto de Propriá, no rio São Francisco, eram tidos como um dos maiores proprietários do estado. As relações de Lampião com eles eram excelentes, pois era conhecido da família desde seus tempos de criança, quando transportava couro para eles. Seu irmão, João, que vivia a maior parte do tempo em Propriá, também costumava pedir-lhes auxílio quando as autoridades dos outros estados o acusavam de ajudar os cangaceiros. [18]

17 Góis, *Lampião*, p. 123 - 130 e 223 - 224.

18 Volta Seca apontou os Britos como protetores e fornecedores de Lampião (Diário de Notícias, 25 de fevereiro, 1932). Ver também as acusações na *A Tribuna* (Aracajú, 23 e 26 de janeiro de 1932. Vários oficiais da polícia, nas entrevistas, inclusive José Fernandes de Vieira, mencionaram os Britos como coiteiros. João Ferreira, sem revelar outros detalhes, disse que eram amigos da família. Algumas das acusações contra eles se encontram em Trovador Cotinguiba (Augusto Laurindo): *Lampião: O maior dos bandoleiros*, pp. 34-38, 53-54, 58. Laurindo, um poeta popular, viajou pelo interior de Sergipe, vendendo literatura nas feiras, no tempo de Lampião.

Os Carvalho também eram ricos e influentes. O Coronel Antônio Caixeiro, como era conhecido o mais velho dos Carvalho, era comerciante e proprietário, cujos interesses financeiros se estendiam por todo o estado. Lampião fez um acordo com ele em uma de suas primeiras viagens a Sergipe. Ao fugir de uma tropa da polícia, chegou à fazenda de Caixeiro, no município de Canhoba, no rio São Francisco, e pediu permissão para acampar. Atendendo ao pedido, o Coronel disse-lhe que podia matar algum carneiro ou bode quando tivesse necessidade de carne, mas exigia que sua propriedade, seus moradores, e vaqueiros fossem respeitados [19] Era isto justamente o que Lampião queria, além de certas outras coisas, como mantimentos, que o fazendeiro estava em excelente posição para arranjar. Em vista do número de suas propriedades no estado, Caixeiro não podia recusar de atender as necessidades do cangaceiro.

Tendo estabelecido um bom relacionamento com o mais velho dos Carvalho, não tardou para que Lampião viesse a conhecer também seu filho, o Capitão Eronides, médico do exército. A oportunidade para um encontro entre os dois capitães se deu em 1929, quando Eronides foi passar uns dias na fazenda de seu pai. Ele próprio contou, mais tarde, o que aconteceu. [20] Depois de trocarem cumprimentos e de uma piada sobre quem estava em comando, com a qual Lampião promoveu o médico a coronel, o cangaceiro foi convidado para o jantar. Eronides, então, presenteou Lampião com uma garrafa térmica e uma caixa de queijos importados, dizendo que os comprara pensando nele. Depois do jantar tirou seu retrato e prometeu mandar cópias. Foi então que Lampião passou a tratar de negócios e pediu para conversar com Eronides em particular. Pelo pouco que Eronides revelou anos depois, Lampião queria munição para sua parabélum (uma pistola fabricada para o exército, cujas balas eram difíceis de encontrar). Quando recebeu uma caixa com a munição, dividiu-a com Eronides, dizendo que ele deveria guardar alguma para si. Posteriormente, o médico recebeu diversos pedidos de Lampião, para que mandasse mais munição, visto que a sua se acabara. Também mandou um mensageiro, algumas semanas mais tarde, para receber os retratos. Eronides, quando sua entrevista foi gravada, deu a perceber que seu relacionamento com o cangaceiro se restringiria a esta única ocasião. Contudo,

19 O filho de Caixeiro, Eronides, contou esta história a Nertan Macedo muitos anos depois. (Macedo, *Capitão Virgulino*, pp. 187-188).

20 Ibid., pp. 193-197.

há evidência do contrário. O Chefe de Polícia de Sergipe declarou, no ano seguinte, que ele estava tratando de um problema de saúde de Lampião, na fazenda São Domingos, em Porto da Folha. Embora os Carvalho negassem, os vaqueiros de confiança na região, confirmaram ser verdade.[21]

Sem levar em conta quantas vezes ou não Lampião tenha se encontrado com Eronides, o certo é que sua amizade com os Carvalho lhe foi muito proveitosa, e não somente devido à riqueza e influência de Antônio Caixeiro. Com a volta do governo constitucional, em fins de 1934, Eronides foi eleito governador do estado, e, em 1937, quando foi extinto, continuou à frente do governo, como interventor. Com Eronides chefe do executivo, as probabilidades do estado tomar uma atitude contra Lampião ficaram cada vez mais remotas. Estava, portanto, garantido o seu lugar de refúgio em Sergipe.

Muitos acreditavam que Eronides e sua família não se limitavam somente a permitir que Lampião acampasse em suas terras, ou a mandar-lhe presentes de balas, ou mesmo a usar sua influência para impedir que a polícia o perseguisse. Suspeitavam também que eram seus principais fornecedores de munições. A fonte abastecedora de Lampião foi sempre tida como sendo o maior mistério que rodeava suas atividades. Na verdade, não havia tanto mistério assim, embora, devido à própria natureza das transações, os dados não sejam fáceis de obter. Antes de 1930, como já indicamos, as fontes eram numerosas, pois o sertão estava bem armado, e a munição, do tipo comum, podia ser comprada em qualquer município. Lampião, além disto, podia contar com alguma ajuda da polícia do estado. Subseqüentemente, depois que a Revolução de 1930 pôs em execução o plano de desarmamento, não se podia encontrar facilmente balas para pistolas e rifles de alta-potência. Supõe-se que só a polícia e o exército tinham acesso a elas, através dos canais regulares. Entretanto, o desarmamento não foi levado avante, e as armas e munições podiam ainda ser obtidas através de influência pessoal, ou através de autoridades corruptas. Em 1933, quando ficou evidente que a campanha contra o cangaço estava aquém da expectativa, a proibição do porte de armas nas áreas ameaçadas pelos cangaceiros começou a afrouxar, de modo a permitir que o povo se defendesse. Assim sendo, o governo distribuiu armas e munições aos prefeitos e chefes de polícia dos municípios, e também aos fazendeiros em quem podia confiar.[22] Embora isto modificasse um pouco a proibição, não fazia, contudo, que a munição fosse encontrada facilmente no mercado. Entretanto, alguma chegava a Lampião, quer fosse sob coação, lucro ou roubo.

21 Chefe de Polícia de Sergipe a SSP, Bahia, 1º de fevereiro de 1930, Pacote SP7, Arquivo Público, Aracaju, Sergipe.

Quanto às fontes específicas, Lampião guardava em segredo os nomes dos principais fornecedores. Os negócios eram fechados confidencialmente, e as entregas eram feitas através de intermediários. Seus homens não deveriam saber de onde vinha a munição, embora alguns o soubessem. Logo que recebia o carregamento, Lampião distribuía entre seu grupo, e vendia para os subgrupos, prática esta que fazia com que usassem com cuidado.[23] Guardava também grandes quantidades para uso futuro, guardando-a em garrafas e escondendo-as nos buracos das árvores ou enterrando-as em diversos lugares, nas áreas por onde costumava passar. Muitos anos depois de sua morte, ainda se descobriam tais esconderijos.

Uma de suas fontes de fornecimento continuava a ser a polícia, embora, mais uma vez, seja difícil provar. Entretanto, alguns soldados foram vistos entregando munição a Lampião, quando ele estava acampado na fazenda Belleza, no município de Pão de Açúcar, em Alagoas, em 1936. Arrumado em malas de couro, e coberto com rapadura e farinha, o carregamento era transportado para o acampamento em lombo de burro. É do conhecimento geral que o tenente que comandava o destacamento de soldados naquele município, protegia Lampião. Um dia, quando um coiteiro chegou ao acampamento, um cangaceiro disse-lhe que o tenente acabara de sair.[24] Havia também suspeitas de João Bezerra, um oficial alagoano, que comandava a tropa que eliminou Lampião; um coiteiro disse que Bezerra, também, vendia munição ao chefe dos cangaceiros.[25] Enquanto estas pequenas evidências se limitam à Alagoas, presume-se que outros oficiais e autoridades de outros estados fossem também corruptos.

22 *A Tarde*, 11 e 18 de outubro de 1933, e 2 de dezembro de 1935; *Jornal de Alagoas*, 9 de agosto de 1935.

23 Zezito Guedes, entrevista. Guedes, de Arapiraca, Alagoas, colecionou uma boa porção de informações sobre os cangaceiros, a maior parte de José Calu (já morto), da polícia de Alagoas. Ver também comentários sobre a distribuição da munição em *A Tarde*, de 7 de novembro de 1938, e Oliveira: *Lampião*, pp. 112-114.

24 José Alves (o observador), entrevista; Antônio Pequeno (o coiteiro), entrevista; Aldemar de Mendonça, entrevista, Pão de Açúcar, Alagoas, 25 de agosto de 1975.

25 Joca Bernardes (o coiteiro), entrevista, Piranhas, Alagoas, 20 de agosto de 1975.

Mas, a polícia não era a principal fonte de abastecimento de Lampião. Os soldados que o combatiam, comentavam que ele usava o último tipo de munição, de que nem eles próprios dispunham, e um jornal publicou, em 1937, que os cangaceiros estavam usando balas fabricadas em 1935 e 1936, enquanto a polícia de Sergipe usava as de 1911. [26] O fato de que Lampião freqüentemente dispunha de munição de tipos mais modernos do que a polícia, não isenta esta de suspeitas, mas, pelo menos, desvia a atenção para outras fontes. Era muito difícil obter balas do último tipo no nordeste. Fora do exército, eram encontradas – ilegalmente – somente no sul do país. A única maneira que Lampião poderia ter obtido boas quantidades de munição moderna, teria sido através de pessoas com bons contatos fora do estado. A conclusão inevitável é de que devem ter sido compradas por intermédio de amigos influentes. Os Brito e os Carvalho, de Sergipe, são as pessoas mais prováveis. Em 1932, Volta-Seca apontou os Brito como sendo os principais fornecedores, e, embora se possa duvidar da veracidade das afirmações do jovem cangaceiro, vale a pena notar que o Chefe de Polícia de Sergipe confirmou a acusação. Aconteceu, também, que, no princípio daquele ano, quando a polícia resolveu dar uma batida nas casas e fazendas dos Brito, na área de Propriá, encontrou oito rifles e uma grande quantidade de munição. Volta-Seca também apontou João Sá, de Jeremoabo, como fornecedor de munição de Lampião. [27]

Quanto aos Carvalho, devemos nos lembrar que Eronides admitiu ter mantido Lampião abastecido de balas para sua pistola. É muito provável que ele, e sua família, fizeram muito mais do que isto. Ainda mais do que os Brito, pois tinham sólidas bases comerciais, dentro e fora do estado. Sob a capa de atividades comerciais, podiam obter a munição e passá-la aos cangaceiros, sem levantar suspeitas. Com Eronides como governador, o lado sergipano do negócio não apresentava problemas. Se são fracas as provas sobre a participação de Eronides e seu pai como fornecedores de Lampião, um incidente, pelo menos, serve de base para suspeitas maiores. Um fazendeiro no interior de Sergipe, que era um informante de inteira confiança, contou que tinha certeza que Eronides mandara dois rifles novos, do exército, para Lampião e seu ajudante, Luís Pedro. [28]

26 "Correio de Aracaju", 25 de junho de 1937.

27 SSP ao Rio de Janeiro, 1º de março de 1932, telegramas, Bahia; *A Tribuna* (Aracaju), 30 de janeiro de 1932; SSP ao Rio de Janeiro, 1º de março de 1932, telegramas, Bahia.

28 Sobre os Carvalho, ver Góis: *Lampião*, p. 156.

A questão das armas não era tão complexa quanto a da munição. Eles ganharam rifles novos em Juazeiro, em 1926, e não era difícil obter outros, tirando-os das fazendas importantes que assaltavam, pegando os dos soldados mortos ou feridos, ou recebendo-os de amigos, como Eronides. Corisco, uma vez, mostrou uma pistola nova a um de seus coiteiros, em Alagoas, dizendo que fora presente de um oficial. [29]

Em resumo, o chamado mistério da fonte de abastecimento de Lampião talvez não fosse assim tão inexplicável. Como seus contemporâneos suspeitavam, seus fornecedores eram numerosos. Como sempre, tinha a habilidade de pagar muito bem aos que o serviam, e era bem conhecida a história das represálias contra os que não cooperavam, e esta combinação fazia qualquer recusa muito difícil. Se os detalhes são poucos, a causa não está na probabilidade de que tais negociações não existiram. Ao contrário, está na própria natureza das transações, que não permitiam deixar à posteridade nenhum documento ou coleção de confissões do delito. Com a exceção de alguma revelação feita pelos participantes menores – provavelmente os mais importantes já estão mortos – os detalhes de como o célebre facínora obtinha sua munição, talvez nunca serão conhecidos.

Se Sergipe era o refúgio mais seguro durante seus últimos anos, Alagoas também começou a receber suas visitas. Já operara lá algumas vezes, nos primeiros anos, mas, depois de ir para a Bahia, em 1928, suas visitas escassearam. Entretanto, no princípio de 1935, era evidente que estava fazendo uma visita muito demorada ao estado, visto que se achava lá desde julho do ano anterior. Nos primeiros meses de 1935, permaneceu naquela região, principalmente no município de Mata Grande, e, segundo notícias vindas de lá, os prejuízos que estava dando com os assaltos às fazendas e a extorsão de dinheiro, eram enormes. [30] Aí ficou até o meado do ano. Enquanto isto, seus outros grupos estavam operando em outras localidades. Em fevereiro, o bando chefiado por Ângelo Roque, Mariano e Corisco estavam no leste da Bahia, perto da fronteira com Sergipe, enquanto os de Cyrilo de Engracia e de Jurema, estavam mais a oeste, no interior do estado. Cada grupo, segundo a polícia, compreendia quatro homens. Em março, José Bahiano e seus partidários estavam roubando fazendas im-

29 Joca Bernardes, entrevista.

30 Carvalho: *Forças*, p. 19; *Correio do Sertão* (Jabotá, Pernambuco), 10 de março de 1935.

portantes em Sergipe. Corisco, no final de abril, saqueou uma fazenda em Mata Grande, matando o proprietário.[31]

O grupo do qual fazia parte o cunhado de Lampião, Virgínio, também conhecido como "Moderno", castrou um rapaz, em Pão de Açúcar, no dia 24 de junho. Os cangaceiros chegaram à fazenda para punir o pai do rapaz por tê-los delatado à polícia. Mataram o pai e castraram o filho. Foi o cangaceiro chamado Fortaleza quem fez a operação. Embora o rapaz tivesse sofrido muito e perdido muito sangue, conseguiu sobreviver e ainda está vivendo em Pão de Açúcar.[32] A castração de Beijo, como era conhecido o rapaz, não foi a única feita pelos cangaceiros. Fizeram pelo menos umas três mais. Numa ocasião, durante uma festa numa fazenda em Porto da Folha, em Sergipe, Lampião, aparentemente obedecendo a um capricho, castrou um mulato, dizendo que era para que ele pudesse engordar. A mulher de Lampião, Maria Bonita, conforme dizem, se opôs veementemente. Um outro caso, pelo menos, segundo consta, se relacionava com a pretensão de Lampião de proteger o sexo feminino. Nesta ocasião, um fazendeiro de Sergipe contou a Lampião os problemas que sua filha estava tendo com o marido devasso, que seduzira sua irmã. Embora o fazendeiro não quisesse que o matassem, gostaria que fosse castigado. Lampião encontrou-se com ele algum tempo depois e castrou-o, ele próprio. Cortou também um pedaço de uma de suas orelhas. E, finalmente, um rapaz de 22 anos foi castrado por Virgínio, perto de Buíque, em Pernambuco, em 1936.[33]

Depois de uma longa estadia em Alagoas, Lampião foi, no meado do ano, para Pernambuco, para a região compreendida entre Bom Conselho – Garanhuns – Águas Belas. Aí, no final de maio, teve um encontro com a polícia, na fronteira entre Pernambuco e Alagoas.[34] Em julho, perto de Bom Conselho, teve outra escaramuça com a polícia, e depois seguiu para o povoado de Serrinha, na mesma comarca.

31 *Ibid.*, *Correio de Aracaju*, 19 de março de 1935; *Jornal de Alagoas*, 28 de abril de 1935.

32 Antônio Pequeno, entrevista; o *Diário de Pernambuco*, 21 de julho de 1935 publicou a história da vítima.

33 Góis: *Lampião*, p. 227; história contada por Volta-Seca a Gomes, publicada no *Diário de Notícias*, de 1º de maio de 1959; *Diário de Pernambuco*, 26 de maio de 1936. Angelo Roque, em Lima: *O mundo estranho*, pp. 199-200, conta a história de ainda uma outra castração.

34 *Jornal de Alagoas*, 31 de maio de 1935.

No dia 20 de julho, logo depois da meia-noite, os habitantes de Serrinha souberam que os cangaceiros vinham naquela direção. Todos saíram do povoado, com a exceção de alguns poucos homens, que ficaram para defendê-lo. Antes do amanhecer, o bando chegou, a cavalo, e houve um tiroteio durante algum tempo. Um dos cachorros dos cangaceiros morreu, e duas mulheres ficaram feridas. Uma delas era Maria, a mulher de Lampião. Os cangaceiros foram embora imediatamente, levando-a, e conseguiram, numa fazenda perto, que quatro homens a transportassem, numa rede, para um esconderijo, numa serra próxima. Os homens, mais tarde, contaram que tanto eles como os cangaceiros usaram as sandálias de trás para diante, para confundir a polícia. Lampião mandou uma carta à Serrinha, ameaçando-a de reduzi-la a "um monte de lixo". Sua vingança, seria "sem limites".[35] Enquanto isto, diversos destacamentos da polícia, inclusive a volante de Manuel Neto, se reuniram na área para armar um ataque ao esconderijo dos cangaceiros. Pensavam que o bando estava cercado, e, com todas as saídas guardadas, o fim de Lampião era iminente. Contudo, mais uma vez, ele e seu pequeno bando se mostraram à altura do desafio. Escalando uma escarpa de difícil acesso, e carregando os feridos, conseguiram fugir, pelo outro lado da serra. A polícia atribuiu seu próprio fracasso à dificuldade do terreno.[36]

Neste mesmo mês, os estados atingidos pelo cangaço, mandaram seus representantes a um congresso no Recife, para discutir a fraqueza da campanha, acreditando ainda que uma outra reorganização ajudasse. Diversos chefes de polícia, inclusive Abelardo Cardoso, de Sergipe, deram entrevistas à imprensa. Embora não negasse nesta ocasião que seu estado tinha cangaceiros, declarou que eram grupos isolados e efêmeros. O Coronel Liberato de Carvalho, que estava representando a Bahia, também assegurou que os cangaceiros não eram mais um problema em seu estado. A providência principal tomada neste congresso foi a de estabelecer um comando unificado, sob a direção geral da Bahia, com o Coronel Liberato à testa. Além disto, prometeram uma troca mais liberal de informações, e mais apoio às tropas. Os subsídios para as despesas diárias deveriam ser pagos adiantados, de modo que as tropas não tivessem necessidade de requisitar as provisões quando estivessem em campo. No entanto, nenhuma alteração

35 *A Tarde*, 19 de julho de 1935; *Diário de Pernambuco*, 25 de julho de 1935.

36 *Diário de Pernambuco*, 28 de julho e 1º e 4 de agosto de 1935; *A Tarde*, 29 de julho de 1935.

importante apareceu depois do acordo. É verdade que o chefe de polícia de Alagoas declarou que suas tropas estavam sendo reforçadas. Ele tinha 10 volantes em campo, cada uma com 15 homens. Mas isto não foi em conseqüência do acordo, e sim, devido ao fato de que Lampião agora estava passando mais tempo em seu estado. A verba para todos os estados, continuava curta. No dia seguinte ao do ataque de Lampião à Serrinha, o senado federal rejeitou um projeto que destinava a importância de 200:000$000 para a campanha. [37]

A polícia perdeu a pista de Lampião, depois de sua audaciosa fuga. Uns diziam que fora visto em Alagoas, outros, que estava escondido numa fazenda perto de Buique, em Pernambuco, pertencente a um proeminente cidadão. [38] Não é de admirar que a polícia estivesse confusa, visto que seus homens se dividiram em muitos grupos pequenos. De qualquer modo, Lampião perdeu alguns de seus homens em agosto e setembro. A polícia não podia reivindicar nenhum crédito, pois todos os cinco foram mortos por civis. O primeiro a morrer foi Cyrilo de Engracia, um dos irmãos Engracia, que se juntara ao grupo logo depois que Lampião chegou à Bahia. Morreu em Mata Grande, em agosto, quando os passageiros de um caminhão que ele assaltara, inesperadamente resistiram. Era chamado de Ponto Fino, o mesmo apelido que tinha o irmão de Lampião, Ezekiel. Lampião, muitas vezes dava a outros os apelidos dos companheiros mortos, numa tentativa de disfarçar suas perdas. Outros quatro cangaceiros morreram em setembro, também em Mata Grande. Num tiroteio, seis civis mataram Suspeita, Medalha, Limoeiro e Fortaleza, o cangaceiro que castrou o rapaz perto de Pão de Açúcar. Felix Alves, o dono da fazenda onde ocorreu a luta, morreu também neste combate. [39]

Lampião, que tinha voltado a operar em Mata Grande, em outubro, ameaçou vingar a morte dos companheiros matando 200 pessoas do município, sendo que a maior parte seria da família Alves. Quando Lampião matou duas pessoas, uma moça e um velho, num ataque a uma fazenda em Mata Grande "A Tarde", da Bahia, na edição de 1º de novembro, disse que o recente acordo de Recife, não parecia estar tendo nenhum efeito. O "Correio de Aracaju", de 21 de novembro, publicou a notícia de uma extorsão de dinheiro em uma fazenda no interior de Sergipe, e se queixou que o sertão estava entregue aos grupos de José Bahiano, Ângelo Roque e Mariano. No ano seguinte, em fevereiro, a Bahia começou de novo a sentir os ataques dos cangaceiros. Os bandos de Mariano e de Corisco estavam operando na área de Jeremoabo, e, segundo a polícia, houve um pequeno combate. [40]

Também em fevereiro de 1936, as pessoas que seguiam avidamente, de longe, as aventuras de Lampião, foram regaladas com uma história fora do comum. Numa entrevista no Rio de Janeiro, André Zambrano, um escoteiro venezuelano, contou à imprensa, um encontro que teve com o famoso cangaceiro alguns meses antes. Zambrano estava viajando a pé, pela América do Sul – estas caminhadas internacionais, ou "raids", como eram chamadas no Brasil, estavam muito em moda na década de 1930 – quando foi capturado, juntamente com seu pequeno grupo, pelos homens de Lampião, no interior de Alagoas. Foi levado ao chefe, que estava sentado numa rede, num acampamento rústico, contando dinheiro que tirava de uma saca de couro. Durante o interrogatório, Lampião se aborreceu com Zambrano devido à sua fala arrevesada, e acusou-o de ser um policial de São Paulo, cidade esta que a maior parte dos sertanejos consideraram não só como um dos lugares mais remotos do mundo como também de onde vêm as pessoas mais estranhas. Quando o escoteiro – que só tinha 22 anos – explicou que era de Venezuela, o cangaceiro quis saber onde era isto, e disse-lhe: "Fala direito, seu macaco sem vergonha". Sem saber o que fazer com os jovens aventureiros, Lampião mandou que os despissem e os amarrassem às árvores. Foi-lhes dado café com sal e água com pimenta, provavelmente como última refeição. Zambrano diz que deve sua salvação à Maria Bonita, que chegou ao acampamento mais tarde. Dirigindo-se a ele, ainda amarrado na árvore, nu, quis saber sua idade. Quando ele respondeu, ela deu um tapinha em seu ombro e disse: "Menino, você é bem bonitinho". No dia seguinte, os escoteiros foram soltos, embora sem as roupas, e, depois de conseguir ajuda numa fazenda, continuaram seu "raid". Na primeira ocasião que se apresentou, Zambrano disse, seus companheiros voltaram para Venezuela. [41]

37 *Diário de Pernambuco*, 11 e 13 de julho de 1935; *Jornal de Alagoas*, 28 de agosto de 1935; *A Tarde*, 21 de julho de 1935.

38 *Diário de Pernambuco*, 4 de agosto de 1935; *A Tarde*, 2 e 3 de agosto de 1935.

39 *Jornal de Alagoas*, 28 de agosto e 20 de setembro de 1935.

40 *Diário de Pernambuco*, 14 de fevereiro de 1936.

41 A entrevista de Zambrano foi publicada no *Diário de Pernambuco*, no dia 22 de fevereiro de 1936. *A Tarde*, de 4 de fevereiro de 1936, publicou uma entrevista anterior, de Belo Horizonte.

Nos meses seguintes, Lampião e seus companheiros mais chegados, operaram quase sempre em Pernambuco, numa área a menos de 240 km de Recife. Corria a notícia de que Virgínio ou Luís pedro estavam à frente dos grupos. Lampião, diziam ainda, estava sofrendo de reumatismo. Em março, e princípio de abril, os cangaceiros estavam aterrorizando toda a região entre Alagoas e Paraíba. Num lugarejo perto de Buíque, obrigaram um homem a ir à cidade comprar panos para eles, e prenderam seu filho de 12 anos como refém. Esta tática, muito usada pelos cangaceiros, era uma garantia de que o homem não os delataria à polícia. Serrinha, a cidade que Lampião ameaçara destruir, estava fortemente armada, a espera de um ataque. Mas este ataque nunca se concretizou, embora corresse o boato de que 4 bandos, num total de 42 cangaceiros, estavam assaltando a região. As tropas, incluindo a volante de Manuel Neto, estavam perseguindo os facínoras; a polícia, entretanto, não anunciou nenhum encontro com eles. No final de maio, aumentaram as atividades dos cangaceiros em Pernambuco, e se alastraram até à região de Monteiro, na Paraíba, um estado que, durante muitos anos, não sofrera os ataques dos homens de Lampião. Aí, cortando as linhas telegráficas para impedir as comunicações, os cangaceiros continuaram seu delírio de extorquir dinheiro, assaltar fazendas e vilas, e seqüestrar pessoas para pedir resgate. Ao todo, mataram pelo menos 9 pessoas. As autoridades pernambucanas, reagindo à onda de violência, anunciaram, em junho, que iam intensificar o combate aos facínoras. O plano de ação conjunta, projetado no ano anterior, disseram, era ineficaz. [42]

No princípio de junho, um dos subgrupos de Lampião foi completamente destroçado, e, entre os mortos, estava o terrível José Bahiano. Ainda desta vez, o trabalho foi feito por civis, ficando, portanto, demonstrado que uma distribuição extensa de armas aos sertanejos seria muito mais eficaz do que a ação da polícia. Antônio de Chiquinha, da comarca de Frei Paulo, em Sergipe, e 5 companheiros, fizeram o serviço, num encontro que Bahiano tinha marcado com Chiquinha, num lugar isolado, nas redondezas. Neste encontro, Chiquinha e seus homens, num ataque-surpresa, atiraram simultaneamente, matando 4 cangaceiros. Acharam uma grande quantia de dinheiro nos bolsos de Bahiano, e levaram como troféus, sua faca e o ferro de marcar, com as letras JB. A faca, que tinha sido um presente de Lampião, era uma verdadeira obra de arte, incrustada com ouro e prata, e de grande valor. Chiquinha foi engajado pela polícia de Sergipe, como soldado contratado, para chefiar uma volante, provavelmente mais como uma proteção. [43]

42 Para um relato sobre as atividades dos cangaceiros em março-junho de 1936, ver: *A Tarde*, de 12 de março, 22, 23, 25 e 29 de maio, e 6 de junho de 1936; *Diário de Pernambuco*, de 8 de abril e 26 de maio de 1936. *O Norte* (João Pessoa) de 16 de dezembro de 1973 publicou um artigo contendo entrevistas com algumas das vítimas das incursões de Virgínio na Paraíba.

Em setembro, Lampião estava de novo chefiando seu bando. Juntamente com 33 homens e mulheres, entrou em Paripiranga, na Bahia, no princípio do mês, e continuou operando, como de costume. Os residentes daquela área se queixaram que o estado retirara diversos contingentes do nordeste baiano, deixando a população sem defesa. [44]

No final deste mesmo mês, um dos subgrupos de Lampião tentou um grande assalto a Piranhas, em Alagoas. Piranhas, uma cidadezinha muito pitoresca, nas serras que se elevam às margens do rio São Francisco, era, naquele tempo, um porto importante. Era o terminal leste da estrada de ferro, que, vinda de Jatobá (agora Petrolândia), em Pernambuco, transportava a carga por mais de 95 km, servindo de ligação onde o tráfico fluvial era interrompido pela cachoeira de Paulo Afonso. Estava no âmago da área fronteiriça de Sergipe–Alagoas, onde Lampião e seus homens passaram tanto tempo no meado da década de 1930. A razão do ataque foi raiva e desejo de vingança. O Tenente João Bezerra, comandante da tropa de Piranhas, saiu para destroçar o esconderijo dos cangaceiros na fazenda de Picos, e, no ataque, feriu e capturou Inacinha, a mulher de Gato. As tropas, em seguida, saíram em direção a uma estação ferroviária próxima, levando a prisioneira, que estava ferida somente no pé. Gato e seus companheiros, expulsos da fazenda, se uniram a Corisco e a outros companheiros para atacar Piranhas e trazer a mulher de Bezerra. O bando, composto de uns 25 homens, chegou à planície, acima da cidade, antes do meio-dia, numa segunda-feira, 28 de setembro. Avisados por um homem, na estrada, de que não havia tropas na cidade, os cangaceiros pensavam tomá-la de surpresa.

43 *Correio de Aracaju*, 25, 27 e 30 de junho de 1936. Chiquinha foi demitido um ano depois, sob a alegação que estava quase sempre bêbado e fazendo desordens, e que sua volante nada fizera. (*O Correio de Aracaju*, no entanto, defendeu Chiquinha, afirmando que sua demissão ajudaria os coiteiros.

44 *A Tarde*, 5 e 12 de setembro de 1936.

No entanto, sem que eles soubessem, a cidade fora avisada, e um pequeno grupo de bravos se preparou para receber os cangaceiros à bala. Na cidade, reinava o terror, pois corria a notícia de que os facínoras já tinham assassinado 6 pessoas numa fazenda, a 10 km de lá. Quando desceram a ladeira que vinha dar no centro comercial, ouviram-se tiros e a luta começou. Durante uma hora, meia dúzia de valentes cidadãos, atirando das janelas dos edifícios principais da cidade, detiveram os atacantes. Conseguiram matar Gato e ferir um outro cangaceiro, que morreu logo depois. Duas pessoas da cidade morreram também. Uma delas era o homem que dissera aos bandidos que não havia soldados na cidade. De fato, tinha dito a verdade, mas os cangaceiros mataram-no de qualquer jeito, em vista da resistência que encontraram. Quando cessou o tiroteio, os facínoras permaneceram ainda alguns minutos na parte alta da cidade, dançando, cantando e gritando desaforos para o povo embaixo. Frustrados na sua sede de vingança, abandonaram a cidade. [45]

Pouca coisa de importância parece ter acontecido a Lampião durante o resto de 1936, com a exceção da perda de 3 de seus homens, em outubro, e uma grande contrariedade, no fim do ano. Em outubro, a volante baiana de José Rufino lutou contra Mariano e seu grupo, em Sergipe, perto de Porto da Folha, matando 3 homens, inclusive Mariano. Os soldados cortaram as cabeças dos cangaceiros e as trouxeram, como troféus, uma prática que se tornara habitual. [46] Lampião tinha por Rufino, um pernambucano contratado como soldado pela Bahia, um certo respeito, visto ser ele um dos poucos que perseguia os cangaceiros com determinação e valentia, e planejou eliminá-lo, depois da morte de Mariano, acreditando que sua oportunidade surgira, no meado de dezembro. Rufino estava passando por Sergipe, a caminho de Serra Negra, na Bahia. Quando chegou a Poço Redondo, encontrou o povoado em festa, celebrando o casamento de um sargento da polícia. Usando de violência para obter informações de um coiteiro, Rufino soube que os cangaceiros, acampados perto do povoado, estavam planejando emboscá-lo. Soube também que os celebrantes estavam mandando bebidas para o acampamento dos cangaceiros. Era impossível, conforme Rufino informou seus superiores mais tarde, que a volante de Sergipe não soubesse da presença de Lampião tão perto

45 Ibid., 1º e 6 de outubro de 1936, publica histórias do ataque. Francisco Rodrigues, um dos defensores da cidade, também me contou a história, numa entrevista.
46 *Correio de Aracaju*, 27 e 30 de outubro de 1936.

da vila. Para escapar da cilada que fora preparada para ele e seus homens Rufino saiu da cidade ostensivamente, mas, uma vez fora, tomou um outro rumo, chegando são e salvo à Serra Negra. Lampião, com 36 homens, ficou esperando por eles na estrada principal. [47] Rufino sobreviveu a seu astuto adversário por muitos anos.

O último ano de vida de Lampião foi 1937, e, para ele e seus homens, foi um período muito ativo, porém sem acontecimentos ostensivos. A polícia reivindicou 16 encontros com os cangaceiros, num ano, com a morte de 8 deles. [48] Três delas foram registradas na Bahia, em março, quando a volante de Octacílio Rodolfo lutou contra um pequeno grupo, entre Uauá e Barro Vermelho. Beija-Flor foi o único do bando que escapou com vida. [49] A maior parte dos combates, entretanto, foi em Sergipe, embora, como de costume, as tropas fossem de outro estado, e chefiadas por homens como José Rufino e Odilon Flor. Um jornal de Aracaju contestou a declaração do Governador Eronides de que as três recentes mortes dos cangaceiros em seu estado demonstravam a determinação de suas forças. Os homens tinham sido mortos, disse o jornal, pela volante baiana de Odilon Flor. Numa outra edição, o jornal disse que as tropas não tinham culpa, visto que o problema era da administração do estado: a polícia tinha ordens para não atacar os cangaceiros. [50]

A maior parte dos assaltos durante o ano foi em Sergipe, e nas áreas adjacentes, em Alagoas e Bahia. Sem fazer grandes incursões, os cangaceiros se limitaram a extorquir dinheiro. Talvez não sentissem necessidade de atacar, visto que, segundo corria em Sergipe, os cidadãos importantes das cidades do interior remetiam regularmente dinheiro aos cangaceiros. [51] O Major José Lucena, de Alagoas, ao responder as críticas de que suas tropas não estavam tendo resultados contra Lampião, disse que o padrão de atividades dos cangaceiros estava se modificando. Enquanto no passado saqueavam, queimavam e matavam, agora viviam a salvo nos esconderijos, recebendo o dinhei-

47 Relatório de Rufino sobre o acontecimento na SSP ao Chefe de Polícia, Sergipe, 17 de dezembro de 1936, telegramas, Bahia. Severiano Ramos, que participou, também me contou a história, numa entrevista.
48 *Destacamento do nordeste. Relatório...de 1937*, MS, Arquivo, Polícia Militar, Bahia.
49 *A Tarde*, 13 de março de 1937.
50 *Correio de Aracaju*, 25 e 26 de junho, 1937.
51 *A Tarde*, 5 de abril de 1937.

ro que requisitavam. O major deu a entender que, vivendo deste modo, estavam menos suscetíveis à ação da polícia. [52] Lucena tinha alguma razão quando aludia à mudança de padrão das atividades dos cangaceiros, mas, no entanto, ainda estavam causando muito sofrimento e desordem no sertão. Em abril, entre as mortes por que eram responsáveis, estava a de um homem de Mata Grande, porque era irmão de um coiteiro que se voltara contra eles. [53] Também a guerra que Lampião movia contra os trabalhadores na construção de estradas estava ainda em progresso. Em dezembro, estavam atrapalhando seriamente a construção de uma estrada federal no interior de Sergipe. Em Salvador, o supervisor da construção anunciou que recebera um carregamento de metralhadoras Thompson, a serem usadas para a proteção dos trabalhadores. [54]

Quando terminou o ano de 1937, Lampião não tinha mais do que 7 meses de vida.

52 Carta de Lucena, publicada na *Gazeta de Alagoas*, a 21 de agosto de 1937.
53 *Jornal de Alagoas*, 11 de abril de 1937. *A Tarde*, publicou quatro outras mortes em Alagoas, no dia 16 de novembro de 1937.
54 *A Tarde*, 10 de dezembro de 1937.

11. A grandeza de um homem

O ataque da polícia a Angicos, no final de julho de 1938, iria pôr fim a uma carreira que foi extraordinária, não só por suas façanhas e duração, como também pelo caráter de seu arquiteto. Para um bandido, Lampião levou uma vida pública fora do comum, e, conseqüentemente, sabe-se mais a seu respeito do que de qualquer outro criminoso rural numa sociedade essencialmente pré-moderna. Freqüentemente entrevistado e fotografado, foi, até mesmo, filmado. Foi também, desde o início de sua carreira, o assunto de um novo tipo de literatura em desenvolvimento. Lampião apareceu pela primeira vez em letra de fôrma, fora das histórias publicadas nos jornais, por volta de 1923, quando um livreto de versos populares – "História do bandoleiro Lampeão" – foi publicado no Rio de Janeiro. Nele, o autor anônimo, escrevendo como se fosse o próprio Lampião, fazia um retrato pouco lisonjeiro de sua vida até aquela data. [1] Dois anos depois, apareceu um outro folheto, chamado "Lampeão foi cercado". Seu autor foi João Martins de Ataíde, um dos mais famosos criadores da literatura de cordel. [2]

1 Citado por Barroso, em *Almas de Lama*, p. 98.
2 Sobre a literatura de cordel, ver: Waldemar Valente: *O trovador nordestino: Poesias de João Martins de Ataíde*; Mário de Andrade: *O baile das quatro artes*, especialmente

A literatura de cordel, conta histórias populares em versos. Embora caracteristicamente baseada em acontecimentos contemporâneos, as histórias mostram a imaginação do autor, no que concerne o estilo e conteúdo. Impressos em papel ordinário, e tendo geralmente 8 ou 16 páginas, estes folhetos vinham sendo vendidos há muito tempo nas vilas e cidades, principalmente nos dias de feira, pelos vendedores ambulantes, que os penduravam numa cordinha (ou cordel), de onde deriva o nome característico. Este tipo de literatura veio para o Brasil de Portugal, durante o período colonial, e, sendo de origem popular, adaptou-se facilmente aos temas brasileiros. Lampião, como Antônio Silvino antes dele, tornou-se rapidamente um dos tópicos mais explorados. As histórias baseadas nele, percorriam toda a escala, dé sua infância em Pernambuco até o seu suposto encontro com Lúcifer, no inferno – encontro este que, por sinal, resultou num empate. Como era o único tipo de literatura que os sertanejos conheciam, os folhetos ajudaram a formar a imagem de Lampião, engrandecendo suas façanhas e contribuindo para a figura legendária em que ele se transformou antes de sua morte.

Além da literatura de cordel, foram publicados diversos outros livros sobre Lampião, todos dando a entender que continham fatos verídicos. O primeiro, publicado pela imprensa oficial da Paraíba, em 1926, era intitulado: "Lampeão, sua história", e, acreditava-se ter sido escrito por Erico de Almeida. No entanto, há quem diga que foi escrito por João Suassuna, que era governador da Paraíba naquele tempo. Há um capítulo elogiando Suassuna, e, sua versão sobre Lampião contém muitas inverdades. O melhor entre os livros desta época, é o de Ranulfo Prata: "Lampeão", publicado em 1934. Focalizando as depredações do cangaceiro na Bahia, faz um apelo à polícia para uma ação mais vigorosa, mas contém uma boa quantidade de fatos verídicos. Estes livros, juntamente com outros do mesmo período, e a intensa cobertura dada pelos jornais, contribuíram para a formação da imagem de Lampião, como sendo um cangaceiro astuto, cruel, corajoso e praticamente invencível. [3] As notícias de suas proezas também ul-

pp. 73-103; Mark J. Curran: *Selected Bibliography of History and Politics in Brazilian Popular POetry;* Mario Souto Maior: *Literatura popular em verso, literatura popular nordestina, literatura de cordel: Uma introdução*, em *Literatura de cordel: Antologia*, 1: 5-30.

3 Sobre o livro de Almeida, ver Andrade: *O baile das quatro artes*, pp. 102-103. *O Ceará*, de 5 de outubro de 1929, reproduziu uma parte. Não vi todo o livro. Também, entre os livros que apareceram durante a época de Lampião, estão: Moysés de Figueire-

trapassaram as fronteiras do Brasil, antes de sua morte. O "New York Times", que, em 1930, deu as primeiras notícias sobre ele, em 1931 disse (chamando-o o "Lamppost") que era o mais notório bandido da América do Sul. [4]

No Brasil, sua fama levou à exploração de seu nome para fins comerciais. Durante algum tempo, o chapéu tipo Lampião era a última palavra. Um jornal de Fortaleza, em 1926, se queixou de que a moda de chapéu deste tipo estava tapando a vista das pessoas nos ônibus, nos cinemas e em outros lugares públicos. [5] Em 1933, um grupo de músicos de Salvador adotou o nome "Lampião e seu bando" e o retrato que apareceu nos jornais mostrava 8 músicos vestidos como cangaceiros. Diante dos comentários desagradáveis, foram obrigados a arranjar um nome menos colorido, porém mais apropriado: "Cantadores do Nordeste". [6]

Em 1930, foi feito também um filme sobre o famoso cangaceiro, chamado: "Lampeão, Fera do Nordeste", [7] o que não causou nenhuma surpresa aos brasileiros, pois, em vista da grande aceitação dos filmes sobre o faroeste, nada mais natural do que aproveitar o seu famoso cangaceiro. Mas, o que realmente surpreendeu a todos, foi o anúncio em Fortaleza, no princípio de 1937, de que Lampião em pessoa, tomara parte num documentário, que seria logo exibido. O produtor foi Benjamin Abrahão, um jovem de origem síria, que trabalhara uma vez para o Padre Cícero, em Juazeiro. Em 1935, com o apoio da Abafilm, uma firma de fotografias de Fortaleza, ele entrou no mato para procurar Lampião e filmar seu modo de vida. [8]

Abrahão conseguiu achar Lampião na Bahia, depois de ter procurado durante muito tempo. O astuto cangaceiro já sabia tudo sobre o sírio, pois seus espiões tinham lhe contado que um homem estranho

do: *Lampeão no Ceará: A verdade em torno dos factos (Campanha de 1927)*, publicado em 1927 ou logo depois. Leonardo Motta: *No tempo de Lampeão* (1930); Gustavo Barroso: Almas de lama e de aço (Lampeão e outros cangaceiros) (1930); *Os dramas dolorosos do nordeste* (1930) e *O flagello de Lampeão* (1931), ambos por Pedro Vergne de Abreu.

4 29 de novembro de 1930; 28 de fevereiro e 22 de março de 1931.

5 *Correio do Ceará*, 5 de janeiro de 1926.

6 *A Tarde*, 26 e 29 de junho de 1933.

7 Alberto Silva. *O filme do cangaço*, Filme e Cultura (novembro/dezembro de 1970)., p. 45.

8 Entrevistas com Abrahão, publicadas no *Correio de Aracaju*, no dia 21 de outubro de 1936, e em *O Povo*, de 12 de janeiro de 1937. Ver também *O Povo*, de 29 de dezembro de 1936.

estava procurando por ele. Cauteloso como sempre, Lampião suspeitou que tivesse sido enviado pela polícia, e, antes de consentir em ser filmado, insistiu para que primeiro Abrahão se sentasse diante da câmera quando ela estivesse funcionando. Depois, convencido de que a máquina não escondia um rifle, cooperou entusiasticamente. Já tinha visto dois filmes (em Capela e em Queimadas), e, com certeza, estava ansioso para ser o protagonista de um. Já era conhecido seu gosto para aparecer em fotografias. Na primeira viagem, Abrahão passou somente 5 dias com o bando, mas, como os resultados não foram muito satisfatórios, voltou para uma segunda visita. Sua maior pena foi não ter podido filmar um combate com a polícia. Ele contou que estava um dia em Piranhas, quando Corisco encontrou-se com uma volante, do outro lado do rio, em Sergipe, mas, infelizmente, ele não conseguiu arranjar ninguém com bastante coragem para remar e levá-lo até a cena da batalha. Apesar de toda a sua atividade, as coisas não correram bem para Abrahão. A polícia do Ceará, opôs-se a seus esforços, e confiscou o filme. Abrahão, infelizmente, morreu antes de Lampião. Solteiro, foi morto a tiros, presume-se por algum marido ciumento, em Vila Bela, em maio de 1938, 2 meses antes da morte do cangaceiro.[9] O filme ficou esquecido durante muitos anos, e, quando finalmente foi descoberto, em 1957, poucas cenas puderam ser aproveitadas.[10]

Os retratistas de Lampião, quer sejam em verso, livro, jornal ou filme, revelaram uma boa parte do que o público em geral imaginava que ele fosse, e também um pouco do que ele era na realidade. Sua inteligência, crueldade, astúcia e coragem, mas também sua tendência à cautela e a um planejamento meticuloso, apareceram, bem claramente. Estas característricas eram a epítome da carreira pública do famoso cangaceiro, e há ampla evidência de sua existência. Há também outros traços de sua personalidade e outros aspectos de sua vida que merecem ser examinados.

O que mais impressionava os sertanejos eram sua conhecida firmeza e lealdade. Em primeiro lugar, Lampião, era um homem de palavra. Se lhe pedia alguma coisa emprestada – sinal de que não o considerava um inimigo, pois, se o fosse, simplesmente a levaria – podia-se

9 *Correio de Aracaju*, 11 de maio de 1938.

10 As cenas que puderam ser aproveitadas, estão no filme: *Memórias do cangaço*, feito em 1965. Sobre a história do filme de Abrahão, ver Nonnato Masson: *aventura sangrenta do cangaço, Fatos e Fotos*, de 1º de dezembro de 1962.

ter certeza que a devolveria. Há muitas histórias para provar isto. Devolveu a seu dono, por exemplo, um burro de estimação que pedira emprestado quando saiu de Queimadas, e, em Mata Grande, mandou de volta, com seus agradecimentos, uma sanfona que levara emprestada, seis meses antes.[11] Embora algumas de suas ações tivessem como objetivo preparar a cena para futuros favores, a maioria era motivada pelo seu desejo de ser conhecido como um homem honesto. Era, sem favor, um bandido de classe, e não um ladrão de bode, espécie esta que, no nordeste, é considerada como a mais baixa forma da escória humana.

A lealdade de Lampião para aqueles com quem tinha alguma dívida de amizade ou de gratidão, era também muito louvada, como prova um incidente muito conhecido, que ocorreu quando ele voltou a Serra Vermelha para matar José Saturnino, seu velho inimigo. Quando ele atacou a casa, atiraram também de dentro, mas ele suspendeu o fogo quando a mãe de Saturnino apareceu no limiar da porta. Respeitada desde os tempos em que as duas famílias eram amigas, ela disse-lhe que seu filho não estava e pediu para não matar os dois homens que estavam lá dentro. O favor que ela estava pedindo não era fácil para Lampião atender, pois os homens eram seus inimigos. Mas, ele entrou na casa, falou com eles, e, diante da promessa de nunca mais o perseguirem, salvou-lhes a vida.[12] Numa outra ocasião, soltou o Sargento Maurício Vieira de Barros, comandante de uma volante, que tinha capturado, porque tinha para com ele uma dívida de gratidão. Quando a tropa de Água Branca matou seu pai, foi Maurício, que era o chefe de polícia de Mata Grande, quem foi ao local e fez o enterro. Ao soltá-lo, Lampião lhe informou que a dívida estava paga e daí em diante não esperasse mais favores.[13] Em 1934, também poupou um outro soldado, quando soube que era de uma família que morava nas terras do Coronel José Abílio, de Bom Conselho, dizendo que estava agradecido pela proteção que o coronel dispensara a seus irmãos e irmãs depois da morte de seu pai.[14]

Lampião também era capaz de outros atos de misericórdia, quando achava que as circunstâncias os justificavam, como prova um incidente ocorrido com Zé Pacotia, da Bahia. Pacotia decidiu se alistar na

11 Umbelino Santanna, entrevista; Silva: *Lampião*, pp. 141-143.

12 Genésio Ferreira e José Saturnino, entrevistas.

13 Miguel Feitosa, entrevista; Luna: *Lampião*, pp. 46-47.

14 *Jornal de Alagoas*, 15 de janeiro de 1934.

polícia, simplesmente porque precisava de um emprego. Um coiteiro contou a Lampião, e este foi até a fazenda de Pacotia, para matá-lo. Lá chegando, perguntou-lhe se era verdade que ia ser soldado. Diante da afirmativa, disse-lhe que se preparasse para morrer, mas atendeu ao pedido de Pacotia para que ouvisse os motivos de sua decisão. Explicou-lhe então, que não nutria nenhuma inimizade por Lampião, mas que fora compelido unicamente pela vista de seus filhos, cujos membros estavam macilentos e cujas barrigas estavam inchadas por falta de comida. Lampião, diante disto, decidiu que Pacotia iria continuar a viver, mas não permitiu que escapasse sem castigo. José Bahiano marcou-o no rosto com seu ferro, e, cada homem do bando deu-lhe uma chicotada. Pacotia alistou-se e se tornou um dos melhores rastejadores da tropa baiana.[15]

Lampião era, portanto, capaz de um esporádico ato de clemência, mas tais ações não representavam o padrão de seu comportamento. Muitos outros homens morreram em suas mãos, suplicando também para que os poupasse para poder criar seus filhos. As razões para estas mortes estão principalmente na sua luta pela sobrevivência e no uso do terror, para consegui-la. Uma vez, disse a um homem que estava pedindo clemência, que, se fosse atender a todas as súplicas, não mataria mais ninguém. De outra vez disse que se não matasse aqueles que o desobedeciam, perderia o respeito do povo, e isto seria sua ruína.[16] É possível que Lampião tenha matado algumas vezes simplesmente num ataque de raiva, escolhendo suas vítimas ao acaso, mas, tais casos parecem estar fora do padrão geral de seu comportamento. Contudo, matou muitas pessoas, não porque o tivessem ofendido, mas, porque eram aparentadas, ou ligadas a alguém que o ofendera. Sua ira como seu terror tinha um raio de ação muito extenso.

Não há dúvida de que Lampião deixou um grande cortejo de mortes ao longo de sua carreira, mas o que mais chocava seus contemporâneos era a frieza com que podia matar. Segundo Volta-Seca, Lampião dizia sempre: "Se tem que matar, mata logo. Pra mim tanto faz matar um como mil. É a mesma coisa"[17] Um incidente demonstra

15 Severiano Ramos, entrevista.

16 José Melquíades de Oliveira, entrevista; *A Tarde*, 10 de novembro de 1937.

17 História que Volta-Seca contou a Gomes: *Diário de Notícias*, 30 de abril de 1959. Um dos homens de Lampião, Cobra Verde, disse numa entrevista a um jornalista na prisão, em 1938 *Eu estava tão acostumado a ver gente morrer que para mim era como se estivesse comendo uma boa refeição.* (*Jornal de Alagoas*, 8 de novembro de 1938).

a indiferença com que o cangaceiro olhava um assassinato. Foi o caso clássico de alguém que o delatou à polícia. Manuel Silvestre vivia em Bebedouro, num povoado, nos limites de Sergipe e Bahia. Lampião chegou à sua fazenda, em 1931, e, depois de aceitar o oferecimento de uma xícara de café, pediu a seu anfitrião para mostrar-lhe um bom lugar para esconder-se de seus perseguidores. Pouco depois que o bando foi para o esconderijo, chegou uma volante, e, sob pressão, Manuel indicou aos soldados o local. A volante atacou, e os cangaceiros foram obrigados a fugir. Com plena consciência do que poderia lhe acontecer, Manuel se mudou para Sergipe. Mas, no ano seguinte, Lampião o encontrou, quando estava acompanhado por um de seus vaqueiros, e disse-lhe que se preparasse para morrer. Mandou o vaqueiro buscar uma pá, e depois disse a Manuel para cavar sua própria cova. Enquanto isto, mandou matar e assar um carneiro, pois estava quase na hora do almoço. Quando a cova ficou pronta, Lampião perguntou a seus homens se alguém queria matar Manuel, mas ninguém quis. Perguntou também ao vaqueiro se já tinha visto um homem ser morto, e, como este dissesse que não, mandou-o prestar bem atenção. E, ele próprio se preparou para matar Manuel. Enquanto este pedia clemência, Lampião atirou duas vezes, com muita precisão, a primeira vez na boca e a segunda no ouvido. Manuel caiu, e quando o corpo cessou de se mexer, Lampião mandou que o enterrassem. Quando acabaram, era hora do almoço, e ele se sentou em cima da cova para comer um pedaço do carneiro assado, bem preparado e ainda escorrendo sangue.[18]

Para Lampião e seus cangaceiros, matar não era só um acontecimento casual, mas também uma arte. Eram excelentes atiradores, usando tanto o rifle como a pistola – Lampião nunca errava o alvo, apesar de ser cego de um olho – e também gostavam de mostrar suas habilidades com um punhal. Eram especialistas em despachar alguém, fazendo um serviço rápido e limpo, enfiando seus punhais na carne, atrás da clavícula, diretamente nos órgãos vitais. A coisa mais impressionante de Lampião, era sua faca, segundo disse um fazendeiro de Sergipe que visitou o acampamento quando era menino. Sua figura imponente, sua roupa de cangaceiro, sua pistola e rifle, eram bastante impressionantes, mas nada se comparava àquela faca de 55 cm, com o cabo todo trabalhado, enfiada debaixo de seu cinto. Era ainda mais

18 José Melquíades de Oliveira, entrevista. Foi o vaqueiro que presenciou a cena quem contou a história a Oliveira.

temível quando se conhecia pessoas que tinham sido suas vítimas, como era o caso do menino.[19]

Não era de admirar que o povo do sertão tremesse à simples notícia da chegada de Lampião nos arredores. Qualquer pessoa hoje em dia que leia estes velhos jornais contando que o povo abandonava suas casas para se esconder na caatinga quando sabiam que Lampião estava se aproximando, fica pensando que as notícias eram exageradas. No entanto, até hoje, conversando com esta gente que viveu naquela época e naqueles sertões isolados, vê-se que o terror era verdadeiro. Bastava a notícia de que o cangaceiro estava naquela região para que a vida normal parasse. Suspendiam o trabalho, acabavam com as festas, e até os enterros eram abandonados. Uma fazenda próspera, uma vila, uma cidade, de repente poderiam parecer como se fossem habitadas por fantasmas. Contam a história de um padre na Bahia, que bem demonstra o pânico gerado pela notícia de que o cangaceiro estava na vizinhança. O padre, quando viu uma nuvem de poeira produzida por uns homens a cavalo, pensou que fossem os cangaceiros e fugiu da igreja. Ao chegar à caatinga, lembrou-se de que esquecera sua carteira de dinheiro na sacristia, e, corajosamente, voltou para apanhá-la. Aproximando-se da igreja, constatou que os cavaleiros eram parte da comitiva de uns noivos que deveriam casar naquela hora.[20]

Havia, naturalmente exceções a este padrão de medo, principalmente entre os coiteiros e amigos dos cangaceiros, e entre os residentes de algumas vilas ou cidadezinhas que Lampião visitava pacificamente. Também é verdade que era suficiente o povo saber que vinha em paz, para que, cheios de curiosidade, o cercassem e a seus homens. No entanto, fora destas ocasiões específicas, ficou bem patente que o medo que dele tinham, era bem profundo.

Por outro lado, há uma tradição, divulgada mesmo no tempo em que ele vivia, que Lampião era uma espécie de Robin Hood, que roubava dos ricos para dar os pobres. Em 1931, o "New York Times" divulgou esta versão. Antes disto, em 1927, um jornal do Rio de Janeiro também publicou um artigo semelhante, que foi recebido muito friamente em Mossoró, cidade esta que Lampião acabara de atacar. Depois de sua morte, esta lenda continuou a circular, e, recentemente,

19 José Melquíades de Oliveira, entrevista.
20 *A Tarde*, 16 de outubro de 1933.

tornou-se mais comum. Mas, até hoje, não se sabe se há fundamento para esta suposição.[21]

Numa análise objetiva desta lenda, poder-se-ia dizer que Lampião era capaz de atos generosos. Em 1926, no Ceará, correu o boato de que dera uma boa soma em dinheiro para ajudar a consertar uma capela, e uma outra quantia a uma velha. Também obrigou um de seus homens a devolver o dinheiro que roubara de um pobre fazendeiro. Volta-Seca contou que Lampião metia a mão em seu bornal, e tirava uma porção de notas para dar a um pobre com quem simpatizasse. Fazia isto com muita ostentação, disse Volta-Seca. Também costumava atirar moedas na rua para que os meninos as pegassem, como fez em Juazeiro e em Limoeiro do Norte. Uma pobre mulher, fugindo da seca, disse a um jornalista da Bahia, em 1933 que "o homem não é tão ruim como se diz... Seu Lampião não faz mal aos pobres, moço". A última vez que se encontrara com ele, ela disse, dera dinheiro a seus filhinhos pequenos. Também correu a notícia, dois anos antes, que, durante um período de seca, ele estava dando esmolas aos retirantes que encontrava no caminho.[22]

Lampião praticava também outras espécies de generosidade. Era conhecido como sendo muito liberal para com seus coiteiros. Quando entrou pela primeira vez na Bahia, fez muitos favores às pessoas com quem simpatizava, comprando-lhes bebidas, mandando presentes nos casamentos, e, demonstrando, de todos os modos, que era gentil. De vez em quando distribuía a mercadoria de uma loja que acabara de saquear. Numa destas ocasiões, no município de Traipu, em Alagoas, ameaçou punir quem não aceitasse as peças de fazenda que estava distribuindo.[23]

Destas demonstrações de caridade, deduz-se que eram atos limitados e pessoais, condizentes com as concepções comuns da natureza humana. Em resumo, houve alguns atos espontâneos de caridade, motivados pela compaixão pelo sofrimento alheio. Houve também atos

21 *New York Times*, 28 de fevereiro de 1931; *O Ceará*, 15 de julho de 1927; como exemplos de opiniões mais recentes, ver Oliveiral: *Lampião*, p. 213; editorial da *Verdade* (Nova Friburgo, Rio de Janeiro), 8 de março de 1974. Eduardo Barbosa: *Lampião: Rei do cangaço*, uma história popular, sem pretensões acadêmicas, também apóia esta versão.

22 Entrevista com Francisco Xavier, publicada no *Correio do Ceará*, de 13 de fevereiro de 1926; história contada por Volta-Seca a Gomes, do *Diário de Notícias*, a 3 de maio de 1959; *A Tarde*, 11 de abril de 1933; *A Noite*, 3 de junho de 1931.

23 *Jornal de Alagoas*, 28 de abril de 1938.

de generosidade, que parecem ter sido programados para conseguir a amizade e a lealdade das pessoas de quem estava necessitando. Talvez não tenha sido mera coincidência de que a maior parte desta generosidade tenha ocorrido nos seus primeiros anos na Bahia, quando estava montando uma rede de apoio, sem a qual não teria tido a possibilidade de sobreviver. Finalmente, era generoso com algumas pessoas, simplesmente porque gostava delas. Ao considerarmos seus atos de caridade, devemos nos lembrar de que Lampião estava em posição de ser generoso, pois, dinheiro, nunca lhe faltava.

Há uma tendência na história da humanidade para absolver os homens e as mulheres de seus crimes, se suas boas ações sobrepujarem as más. Portanto, as maldades cometidas por um bandido que roubou dos ricos para dar aos pobres podem não ser esquecidas, mas, certamente serão obscurecidas. O comportamento de Lampião não se enquadra nesta categoria, pois, embora fosse capaz de atos de bondade, eles não constituem o fator predominante de sua carreira. Contudo, se o célebre cangaceiro não era um Robin Hood, era, pelo menos, um homem em quem o sentimento da bondade humana nunca secou completamente. Apesar das influências brutalizantes de sua profissão, conservou-se um homem normal, com os impulsos de um homem normal.

Nas conversas que tive com os sertanejos sobre Lampião, a religiosidade do cangaceiro projeta uma imagem bem maior do que sua generosidade. Isto não era de admirar, visto que, para eles, sua sólida fé religiosa era parte integral da aura de invencibilidade que o cercava. Sua crença era primitiva, mas era um espelho quase perfeito do catolicismo dos sertões. Sua premissa principal era o apaziguamento ou manipulação de forças sobrenaturais (e, praticamente tudo mais caía nesta categoria) para sua própria proteção e melhoria. Embora a religião dos sertões não fosse totalmente desprovida de conteúdo moral, a moralidade do Sermão da Montanha não era parte proeminente. Dentro deste contexto, Lampião, cujos pecados eram horríveis, podia ser considerado como um bom praticante.[24]

Suas práticas religiosas eram bastante conhecidas.[25] Rezava freqüentemente, e sempre ao meio-dia. Respeitava profundamente os padres, e os procurava toda vez que a oportunidade se apresentava. Contam que sua amizade pelo Padre José Kehrle durou muitos anos. Para ele, como para a maior parte dos sertanejos, Padre Cícero era um santo. Corre uma história de que a vida da mulher de um policial de jatobá, em Pernambuco, foi salva quando um velho pegou um retrato do padre de Juazeiro e o colocou entre a faca soerguida de Lampião e o seio da mulher.[26] Lampião levava sempre consigo seus livrinhos de orações, guardava santinhos em sua carteira de dinheiro, e pregava retratos do Padre Cícero em sua roupa. Usava também escapulários, pendurados no pescoço, como marcos de sua religião. Procurava santificar-se às sextas-feiras, jejuando e se afastando dos outros. Durante a Semana Santa, não comia carne, suspendia suas operações, e evitava a polícia, preferindo descansar na fazenda de algum coiteiro. Com o passar dos anos, sua religiosidade aumentou. Não é de admirar que tivesse se tornado assim tão devoto, pois, em vista da vida perigosa que levava, necessitava de toda a proteção possível.

24 Grande parte do tipo de catolicismo popular em que Lampião acreditava foi analisado por Wilson Lins, em *O médio São Francisco: Uma sociedade de pastores e guerreiros*, pp. 165-176. Sobre as crenças religiosas dos cangaceiros, ver Lima: *O mundo estranho*, pp. 107-134.

25 Entre muitas outras referências, ver a história que Volta-Seca contou a Gomes, do *Diário de Notícias*, de 30 de abril de 1959; *Memórias de Balão, um velho cangaceiro*, *Realidade* (novembro de 1973), pp. 45-47; entrevista com Gato Bravo no *Diário de Pernambuco*, 6 de agosto de 1938; Victor Santos, no *Diário da Noite*, 24 de dezembro de 1931; o diário de Gurgel, em Nonato: *Lampião em Mossoró*, p. 213.

É bem provável que o elemento central da religião de Lampião fosse sua fé no "corpo fechado". Era esta, entre todas as suas crenças, a que oferecia a maior medida de proteção. Conforme os sertanejos, o corpo de uma pessoa pode ser protegido contra qualquer mal através de orações. Estas orações, quase sempre copiadas à mão, passam de pessoa a pessoa, mas podem também ser compradas em folhetos, como os da literatura de cordel. Lampião tinha diversas destas orações, quando morreu em Angicos. Uma delas era a "Oração da Pedra Christalina":

"Minha pedra christalina que no mar foste achada entre o calix i a hostia consagrada. Treme a terra mais não treme Nosso Senhor Jesus Christo no altar assim treme os coração de meus inimigos quando olharem para mim... Com o manto da Virgem Maria sou cuberto e com o sangue de meu senhor Jesus Christo sou valido, tens vontade de atirar porem não atira si mi atirar agua pello cano da espingarda correrar. Si estiver vontade de mi furá a faca da mão cahirá... e se mi trancar as portas abrirão.

Ofiricimento:

Salvo fui, salvo sou e salvo Serei com a Chave do sacrario eu me fecho".[27]

26 *Diário da Bahia*, 11 de agosto de 1932.

27 A cópia da oração de Lampião, escrita à mão, se encontra no Instituto Histórico e

Além da oração, havia certas regras a serem seguidas para que o feitiço agisse. Entre elas, estava a abstinência do sexo. Muita gente acredita que, o fato de Lampião não ter observado este requisito, foi-lhe fatal em Angicos.[28]

Dentro do contexto de uma sociedade na qual crenças como a do "corpo fechado" eram comuns, Lampião se tornou quase um "beato", uma espécie de homem santo do nordeste brasileiro. Seus poderes eram, obviamente, fortes, ou não teria resistido tanto tempo contra tantas dificuldades. E, à medida que os anos passavam e suas façanhas cresciam, os sertanejos começaram a considerá-lo invencível, pelo menos quando comparado com a polícia, a qual era pouco respeitada. O terror que inspirava ao povo do sertão explica a submissão a ele. Explica também a relutância e o medo que os soldados sentiam na hora de enfrentá-lo em combate, pois vinham da mesma camada da sociedade e partilhavam das mesmas crenças. Não foram poucas as vezes, durante todo um decorrer de anos, em que Lampião realizava façanhas incríveis, tais como evitar uma emboscada da qual não tinha a mínima idéia, ou escalar uma escarpa quase insuperável para fugir à perseguição da polícia, ou furar um cerco que parecia muito fechado, fazendo com que o povo acreditasse que sua influência junto aos poderes que governam a vida era, obviamente, superior a dos soldados. E, somente a crença de que ele era invencível explica porque, quase 40 anos depois de sua morte, muita gente afirma que ainda está vivo.

Há uma outra coisa que vem freqüentemente à tona nas conversas sobre Lampião, principalmente entre aqueles que o conheceram bem, o que, no entanto, nunca foi tratada satisfatoriamente por aqueles que escreveram sobre ele. É o que ele próprio achava da vida que estava levando. Felizmente, Lampião deixou algumas declarações que nos dão uma idéia do seu pensamento.

É evidente que ele desejava ser visto como vítima das circunstâncias. Entrou para o cangaço, segundo repetiu muitas vezes, porque tinha que vingar a morte do pai. Os assassinos tinham a lei de seu lado; e, portanto, somente poderia obter justiça por suas próprias mãos. Este ponto de vista servia de justificativa para a vida de bandido, e

Geográfico de Alagoas, juntamente com outros itens de sua propriedade, na ocasião de sua morte.

28 O cangaceiro Ângelo Roque (Labareda) deu esta versão como sendo a causa da morte de Lampião a José Calazans, historiador baiano (José Calazans, entrevista, Salvador, 25 de novembro de 1975). Ver também *Memórias de Baião*.

muitos brasileiros, aceitaram esta versão como verdadeira. Queria também ser conhecido como homem honrado. Interrogado, uma vez, em Juazeiro se não lhe incomodava ter que extorquir dinheiro como meio de vida, respondeu que não fazia isto absolutamente; vivia, disse, de pedir dinheiro aos amigos. Numa outra entrevista, em Juazeiro, admitiu que às vezes, usava a força, mas somente contra os ricos, e acrescentou que também dava esmolas aos pobres. Nesta mesma ocasião, respondendo a uma pergunta sobre sua violência, disse que tinha como única finalidade vingar-se de seus inimigos e punir os que o perseguiam. Tempos depois, disse que sua violência originava-se da necessidade de forçar à obediência à sua vontade. Quando uma mulher, em Pernambuco, quis saber porque ele e seu bando violentavam mulheres, Lampião ficou indignado, e disse que nunca faziam isto, e que se encontrasse alguém que afirmasse isto, cortaria sua língua![29]

Se Lampião gostava ou não da vida do cangaço, não se pode ter certeza, pois suas opiniões nem sempre eram consistentes. Numa ocasião, quis que seus ouvintes acreditassem que ele estava gostando da vida que levava. Em 1926, em Juazeiro, enquanto dizia ao Padre Cícero que queria se regenerar, dizia a um jornalista que o cangaço era um bom negócio e que nunca pensara em abandoná-lo. Porém, quando especificamente interrogado se planejava continuar no cangaço pelo resto de sua vida, disse que talvez tentasse outra coisa. Em 1929, em Capela, três anos depois da visita a Juazeiro, tornou a repetir que a vida no cangaço era bem agradável.[30] Pouco antes de fazer esta declaração, entretanto, deu, a um entrevistador, em Tucano, na Bahia, uma resposta mais séria: "Eu sei que esta vida não é muito boa; mas se tenho sofrido, em compensação, tenho gozado bastante".[31]

Talvez estas suas expressões de afeição pela vida no cangaço tenham sido mais para o consumo público, ou sob a influência de uma disposição de ânimo temporário, e não parecem ter sido sua verdadeira opinião no curso de sua vida. Há ampla evidência disto. Em 1921, no início de sua carreira como bandido profissional, aconselhou um grupo de rapazes a não seguir seu exemplo. No município de Floresta, diversos rapazes de uma família o procuraram e pediram para se jun-

29 Entrevista em Juazeiro, março de 1926, republicada pelo *Correio do Ceará*, 4 de abril de 1970; *O Ceará*, 17 de março de 1926; *A Tarde*, 10 de novembro de 1937; *Diário de Pernambuco*, 9 de junho de 1936.

30 *O Ceará*, 17 de março de 1926; *Correio de Aracaju*, 29 de novembro de 1929.

31 *O Ceará*, 2 de fevereiro de 1929.

tar a seu bando. Lampião interrogou-os longamente, querendo saber a causa da disputa e até que ponto tinha ido; então, disse que ainda havia esperança de reconciliação, e aconselhou-os a voltar para casa e procurar fazerem um acordo com seus inimigos. Dando uma palmadinha em seu rifle, disse-lhes que a vida que estava levando não era muito boa. Disse que já fora fazendeiro, vaqueiro, condutor de burros e cangaceiro. Dos quatro meios de vida, o cangaço era o pior. Os rapazes seguiram o conselho do jovem cangaceiro, e anos mais tarde, se lembravam ainda com carinho de Lampião e de seu bom senso. [32] Em 1925, mais ou menos, Lampião disse a outras pessoas que achava que sua entrada para o cangaço fora uma desgraça, e que nascera para ser fazendeiro e não cangaceiro. [33]

Há bastante evidência de que Lampião não achava o cangaço um meio de vida satisfatório e que procurara abandaná-lo. Durante sua visita ao Padre Cícero, em Juazeiro, em 1926, quando as circunstâncias lhe ofereceram esta oportunidade, mostrou-se muito interessado em aproveitá-la. infelizmente, a inimizade da polícia pernambucana e a recusa do patriarca em recebê-lo de novo, puseram fim a esta sua veleidade. Além deste episódio de Jauzeiro, sabe-se que em outras ocasiões Lampião procurou reverter o curso de sua vida. Quando estava se recuperando de seus ferimentos na fazenda de Marcolino, em Princeza, em 1924, entrou em contato com o Padre José Kehrle, e pediu-lhe que levasse um recado ao comandante da tropa do sertão de Pernambuco, Teófanes Torres. Segundo o padre, Lampião ofereceu se entregar à polícia em troca da garantia de sua vida e da vida de seus homens. Teófanes aceitou garantir a vida de Lampião, mas não quis fazer a mesma promessa quanto aos homens. e então, Lampião não aceitou. O Padre Kehrle também contou que algum tempo depois, conseguiu persuadir Lampião a se entregar ao chefe de polícia, mas ele desistiu quando Antônio não quis acompanhá-lo. Sebastião Pereira, um velho amigo de Lampião, contou que no meado da década de 1930, lhe escrevera, convidando-o a abandonar o cangaço e ir para Minas Gerais (onde Sebastião estava morando), para viver sob a proteção do irmão do governador. Lampião nunca respondeu a carta. [34]

32 João Ignácio de Souza, um dos rapazes, contou-me o incidente durante uma entrevista, em Floresta, Pernambuco, no dia 2 de agosto de 1975.

33 Luiz Andrelino Nogueira, entrevista, Serra Talhada, Pernambuco, 30 de julho de 1975.

34 Noblat: *Lampião morreu envenenado*, um artigo que é, em grande parte, uma entrevista com o Padre Kehrle; Macedo: *Sinhô Pereira*, p. 21.

Não resta dúvida que teria sido mais fácil para Lampião sair do cangaço nos seus primeiros anos de banditismo. Até a época em que Pernambuco iniciou sua campanha contra o cangaço, parece ter havido uma atitude tolerante para com ele. Uma saída, como a de Sebastião Pereira, teria sido possível se alguém, como o Padre Cícero, tivesse se empenhado em estimulá-lo, e talvez teria sido aceita pelas autoridades. Mas, depois que a campanha de Pernambuco e as dos outros estados estavam em andamento – reforçadas pelos compromissos do governo federal depois de 1930 – esta possibilidade tornou-se muito remota. E é evidente que Lampião tinha pleno conhecimento disto. No final de 1928, disse em Tucano, que gostaria de deixar o cangaço se encontrasse alguém que o protegesse, mas, acrescentou, que não conhecia ninguém nestas condições. No ano seguinte, em Capela, declarou que era tarde demais para deixar de ser cangaceiro. Como prova desta atitude fatalista, nos seus últimos anos, levava sempre um vidrinho de veneno, para ser usado caso fosse capturado. Este vidrinho estava com ele em Angicos. Lampião também disse a seu irmão, um ano antes de Angicos, que lutaria até morrer. [35]

João Ferreira viu seu irmão, pela última vez, em meados de 1937. Acabara de voltar para Propriá, em Sergipe, depois de ter passado alguns anos no Piauí, quando recebeu um recado de Lampião dizendo que queria vê-lo. Os dois irmãos se encontraram numa fazenda de um coiteiro, nos arredores da cidade. Lampião parecia velho e cansado, e João o aconselhou a deixar o cangaço, dizendo-lhe que talvez, com o auxílio de seus amigos influentes, poderia ir para algum lugar distante onde não seria reconhecido. Lampião disse-lhe que era conhecido demais para se esconder, e que não tinha confiança bastante em nenhum de seus amigos para confiar-lhes sua vida. Disse também que não queria morrer por traição, e que o único jeito era continuar cangaceiro até o fim da vida. Entretanto, parece que apesar de tudo, continuava a acalentar a idéia de voltar a uma vida normal. Dadá, a mulher de Corisco, contou que ele dissera que deixaria o cangaço se Eronides, governador de Sergipe, fosse eleito presidente. [36]

Seria interessante conjeturar sobre o que Lampião teria feito se tivesse conseguido se desvencilhar do cangaço, pois, julga-se um homem

35 *O Ceará*, 2 de fevereiro de 1929; *Correio de Aracaju*, 29 de novembro de 1929; Rocha: *Bandoleiros*, pp. 48-49. Rocha declara que mandou o vidro de veneno achado em Angicos para o Rio de Janeiro, para ser analisado.

36 João Ferreira, entrevista; Dadá, entrevista.

tanto pelo que pretende fazer como pelo que já fez. Lampião se julgava capaz de ser outra coisa que um simples bandido errante. Falando uma vez em alistar uma tropa de 1.000 homens para lutar contra a polícia de Pernambuco e da Paraíba – com a finalidade, disse ele, de conseguir anistia para si e para seus homens – imaginava conquistar não somente respeitabilidade, mas possivelmente também, poder e influência. Certa vez declarou que gostaria de ser governador de um novo estado sertanejo, formado de partes da Bahia, Sergipe, Alagoas e Pernambuco. [37] Contam também que dissera que só deixaria o cangaço se fosse para ser presidente da república – declaração esta que foi seguida pelo inevitável comentário de um jornal, de que Lampião ocupando a cadeira de chefe do executivo talvez não fosse uma calamidade tão grande como alguns outros que já a ocuparam. [38]

Estas declarações de Lampião podem ser tomadas como gracejos de um cangaceiro ignorante, e talvez o fossem, mas devemos nos lembrar de que Lampião, no curso de sua carreira, adquirira larga experiência. Na verdade, reinou sobre algumas regiões dos sertões, dispensando justiça (a seu modo) e instituindo impostos. Teve encontros com chefes políticos, de igual para igual, e humilhou diversos deles com a sua força. Fez amizade com um governador. Demonstrou seus próprios poderes e uma extraordinária habilidade para desenvolver e utilizar-se das táticas de guerrilha. Costumava ler jornais e revistas, quando os encontrava. Seu porte era imponente. Esteve a ponto de se tornar um comandante militar legalmente reconhecido – convocado por uma autoridade agindo sob permissão presidencial, e nomeado por uma das mais poderosas figuras da região. Lampião, na verdade, não era uma pessoa desprezível em termos de qualidade e experiências. Se, naquela época, a nação estivesse atravessando um período no qual o poder constituído e as instituições estivessem se desmoronando, e, durante o qual a habilidade natural pudesse conquistar posições e privilégios – digamos, como no México, durante a revolução – pode-se conceber que ele teria conseguido assegurar para si, um lugar bem diferente na história de seu país.

37 Entrevista com Francisco Xavier, que falara pouco tempo antes com Lampião, *Correio do Ceará*, 13 de fevereiro de 1926; *Correio de Aracajú*, 16 de abril de 1937. Para outras declarações semelhantes, ver *Diário de Notícias*, de 22 de julho de 1929, e a história de Volta-Séca, contada a Gomes, no *Diário de Notícias*, 1º de maio de 1959.

38 *O Ceará*, 19 de abril de 1929.

Mas o Brasil não estava enfrentando esta dificuldade, e Lampião continuou cangaceiro. Mesmo se tivesse conseguido dar este pulo e atingir uma posição de influência e respeitabilidade – dentro dos padrões do Brasil naquela época – tudo leva a crer que não seria senão um caudilho dos sertões. Lampião não fazia objeções aos padrões de autoridade e privilégios do seu tempo; ao contrário, tinha raiva de não ter seu lugar assegurado entre eles. Em termos de idéias e preconceitos, era um sertanejo convencional. Quando lhe perguntaram, certa vez, em Juazeiro, o que gostaria de fazer se abandonasse o cangaço, respondeu que ficaria feliz se fosse comerciante. Outras vezes dizia que gostaria de ser fazendeiro. Eram as classes conservadoras que ele mais admirava. Disse a um jornalista que gostava da agricultura, da criação de gado, do comércio, empresas de homens industriosos. [39]

Suas idéias sobre raça eram também convencionais. O povo do sertão se orgulha de sua relativa brancura, quando comparada à população mais escura da região litorânea, e, embora os sentimentos racistas não fossem generalizados, estavam, no entanto, presentes. Lampião freqüentemente tinha negros em seu bando, como teria em suas terras se fosse fazendeiro, mas demonstrava um certo desprezo pela raça em geral. Segundo Volta-Seca, teria dito ao se referir a um soldado negro, morto em Queimadas: "Negro nunca foi gente! Negro é a imagem do diabo". Uma vez, mandou um bilhete a um sargento negro, em Pinhão, Sergipe, zombando de sua cor: "Não gosto de negro, e, além de negro, macaco" [40]

Se Lampião tinha as características típicas dos sertanejos, também o mesmo acontecia com seus homens. A maioria continuou relativamente desconhecida, sobrepujada pela imponência do chefe. Sem ele, muitos não teriam se tornado criminosos; outros, com certeza, teriam se tornando ladrões desprezíveis, ou assassinos de pouca monta. Foi Lampião que os juntou e os moldou, formando um bando que impunha medo e respeito, e dando-lhes um certo grau de fama. Foi também ele que levou muitos a uma morte prematura.

Os homens de Lampião vinham em geral das classes destinadas, que formavam a vasta maioria dos sertanejos. Embora de vez em quando um vaqueiro ou um pistoleiro viesse se juntar ao bando, a

39 Reprodução da entrevista de Juazeiro, de março de 1926, *Correio do Ceará*, 4 de abril de 1970; *O Ceará*, 17 de março de 1926.

40 História que Volta-Seca contou a Gomes, e publicada no "Diário de Notícias", de 3 de maio de 1959; José Melquíades de Oliveira, entrevista.

maior parte era composta dos moradores ou dos pequenos proprietários de fazendolas. Geograficamente, vinham dos diferentes estados nordestinos, embora alguns povoados e comarcas tivessem a reputação de serem berço de cangaceiros. O noroeste de Sergipe – principalmente Poço Redondo – e o povoado baiano de Bebedouro, situado perto da fronteira de Sergipe, são bem conhecidos por terem produzido muitos cangaceiros. Juazeiro, no Ceará, também era uma boa fonte, nos anos em que Lampião operou naquela área, simplesmente porque atraía muitos homens livres e aventureiros. A idade dos homens que seguiam Lampião variava muito, indo desde meninos que ainda não tinham entrado na puberdade, até homens de 70 anos ou mais; a maioria, entretanto, tinha entre 18 e 35 anos. Alguns, como Luís Pedro, ficaram com Lampião muitos anos; outros, somente algumas semanas, ou alguns meses. Parece que todos, ao se juntarem ao bando, recebiam apelidos de Lampião, que escolhia nomes expressivos, tirados de lugares, pássaros, animais, forças naturais, ou segundo um capricho momentâneo. [41]

Não é fácil explicar porque estes homens se tornavam cangaceiros. Geralmente as informações que se tem sobre os motivos provêm dos próprios homens, e, naturalmente, pode-se suspeitar de sua veracidade. Tinham todos uma forte tendência, bem compreensível, a procurar se justificarem por terem abraçado uma carreira de crimes, alegando ofensas ou injustiças feitas a eles próprios ou a suas famílias. Estas explicações não causam surpresas, pois o acusado geralmente deseja ser visto sob a melhor luz possível, na esperança de que seus crimes pareçam menos nefandos, mas também, porque os homens tinham consciência do que, dentro das tradições do cangaço, esperava-se que fossem motivados pela vontade ardente de vingar injúrias. Ouvindo-os, era como se estivéssemos ouvindo o próprio Lampião: a argumento não incluía nada, ou quase nada, que esclarecesse as complexidades do caso ou a culpabilidade da própria pessoa.

As várias histórias contadas por Volta-Seca demonstraram as dificuldades encontradas para uma explicação digna de confiança. Volta-Seca era ainda muito jovem quando foi capturado pela polícia, e contou que se juntara ao bando porque não tinha o que fazer e tinham-lhe dito que levaria uma boa vida. Anos depois, quando um jornalista lhe perguntou as razões, para publicar em seu jornal, disse que

41 Minha caracterização dos homens de Lampião se baseia principalmente em dados colhidos entre aproximadamente 50 dentro eles.

se juntara ao grupo porque matara um soldado que violara sua irmã. [42]

É verdade que muitos se juntaram a Lampião compelidos por injustiças. É bem sabido, no sertão, que a polícia, com seus métodos duros contra supostos coiteiros, criava mais cangaceiros do que os matava ou capturava. Muita gente do sertão, se achando naquela terra-de-ninguém entre a polícia e os cangaceiros, se alistava na polícia, enquantos outros, com medo da polícia, ou tendo sofrido em suas mãos, se juntavam aos cangaceiros. Alguns procuravam Lampião na esperança de poder se vingar de algum crime cometido contra sua família por um inimigo pessoal ou por uma família rival. Por exemplo, Oliveira, um rapaz de 16 anos, do município de Floresta, se juntou ao bando para procurar se vingar de um membro da família Ferraz, que teria morto seu pai. O jovem cangaceiro achou que conseguira algum desagravo quando Lampião matou 300 cabeças de gado de Ferraz. [43]

Entretanto, os motivos de uma boa parte dos cangaceiros, nada tinham a ver com vingança ou injustiça das autoridades. Alguns procuravam Lampião simplesmente porque tinham complicações com a família. Azulão fugiu de casa para salvar sua vida. Tinha seduzido uma de suas irmãs e ficou com medo que o pai o matasse. Boa Vista saiu de casa pela mesma razão, embora em seu caso, o pomo de discórdia fosse a amante do pai. Muitos entraram no cangaço por diversas outras razões. Alguns, por terem desertado da polícia. Um menino, de 13 anos, foi com Lampião quando este perguntou a seu pai se podia levá-lo, e Lampião tratou-o melhor do que seu próprio pai. [44] Muitos rapazes se juntavam ao bando porque algum irmão ou parente já fazia parte. Uma maioria, sem dúvida, se arriscava a seguir Lampião porque não tinha nada melhor a fazer. O sertão não oferecia aos rapazes senão o trabalho no campo, com uma pá e uma enxada, tal como acontecera com seus pais. A onda de migração dos sertões para cidades como Rio e São Paulo ainda não começara naquele tempo. Portanto, a falta de outras alternativas talvez tenha sido um fator influente na escolha da vida do cangaço.

Além disto, se a vida em casa era uma perspectiva sombria para o jovem sertanejo, não resta dúvida de que o cangaço exercia uma pro-

42 *A Tarde*, 22 de março de 1932; entrevista com Volta-Seca, em Jorge Audi: *Eu sou o Labareda de Lampião*, *O Cruzeiro*, 19 de outubro de 1969 p. 13.
43 *A República*, 21 de junho de 1927.
44 História de Volta-Seca contada a Gomes, *Diário de Notícias*, 13 de maio de 1959; *A Tarde*, 7 de dezembro de 1938; *Jornal de Alagoas*, 20 de fevereiro de 1937.

funda atração. Celebrada em prosa e em verso, numa infindável coleção de histórias, a vida de cangaceiro era vista pelos rapazes como emocionante e romântica, apesar dos perigos – e talvez por causa deles. Além do mais, a independência dos cangaceiros representava liberdade das fadigas da vida: o cansaço físico, as secas e a falta de justiça. Velocidade disse que se juntou ao bando porque achava os cangaceiros "emocionantes" e invejava a vida que levavam; Peitica, porque pensou que a vida no cangaço seria "linda". [45] Gitirana achou que o convite para entrar no cangaço, feito em 1936 por um dos coiteiros de Corisco, tinha sido uma honra; para ele, na idade de 22 anos, era-lhe oferecida a promessa de dinheiro, mulheres e liberdade. [46] Em resumo, dentro dos limites geográficos e culturais de um lugar como Bebedouro ou Poço Redondo, nas décadas de 1920 e 1930, entrar para o cangaço era, para o filho de um morador ou de um pequeno fazendeiro pobre, quase tão natural e cheio de atrativos como entrar para uma universidade de direito ou de medicina o era para os filhos da elite de Recife ou Salvador.

Qualquer que fossem os motivos, uma vez parte do bando, os homens demonstravam um afetuoso respeito pelo seu chefe. Lampião era bom para eles, diziam todos. [47] Mas era também um disciplinador severo. Era bem capaz de mandar executar um jovem cangaceiro que tivesse seduzido a filha de um coiteiro de confiança, ou de mandar dar uma surra em alguém que tivesse ameaçado de desertar. Foi ele quem mandou matar Antônio Rosa, em 1924, quando pensou que Rosa, que pertencera ao seu primeiro bando, estava tentando solapar sua influência. [48] Contudo, o capitão não precisava tomar medidas tão drásticas assim tão freqüentemente, e, geralmente, o ambiente dentro do grupo, era amigável e agradável. Não resta dúvida de que era o seu modo de comandar que criava um grupo tão leal e coeso. Na verdade uma boa parte do sucesso do cangaço só pode ser explicada dentro do contexto da história deste ilustre personagem.

45 *Jornal de Alagoas*, 10 de janeiro, 1939; José Romão de Castro: *Figuras legendárias*, p. 29. Este livro, escrito por um antigo diretor da penitenciária de Alagoas, contém dados importantes sobre 10 cangaceiros.

46 Gitirana foi entrevistado pelo jornal *A Tarde*, a 7 de agosto de 1940.

47 Existem muitas referências feitas por seus homens, entre elas, comentários feitos por Gengibre, ao *O Ceará*, a 3 de outubro de 1929, e Gato Bravo, ao *Jornal de Alagoas*, a 4 de agosto de 1938.

48 Relatório de uma testemunha feito ao *O Ceará*, a 18 de abril de 1926; Genésio Ferreira e Miguel Feitosa, entrevistas; Antônio Neco, entrevista, Serra Talhada, Pernambuco, 25 de junho e 26, de 1975.

12. Angicos

O ano de 1938 começou com a notícia de que o célebre cangaceiro tinha morrido numa fazenda no interior de Sergipe. A causa da morte teria sido tuberculose, e o lugar do desenlace, a fazenda Canhoba, propriedade de Antônio Caixeiro, pai do interventor. [1] Eronides, irritado, declarou que a notícia era completamente falsa. Além do mais, dizia o comunicado, Lampião não pisara no estado durante os 3 anos em que Eronides estivera à testa do governo. [2] Embora fosse uma mentira descarada no que se referia ao paradeiro de Lampião nos últimos anos, era, no entanto, verdadeira, ao afirmar que o cangaceiro não morrera. Pelo menos, ainda não.

Quanto a Lampião, era bem possível que estivesse em Sergipe, numa das fazendas de Caixeiro. Pelo menos esta era a opinião das autoridades de Alagoas, que nunca negaram que os cangaceiros passavam uma boa parte do tempo no estado. [3] Quanto à sua saúde, tudo indica que continuava normal. Não há nenhuma evidência de que so-

1 *Diário de Notícias*, de Salvador, deu a notícia a 11 de janeiro de 1938.

2 *Jornal de Alagoas*, 13 de janeiro de 1938; *Correio de Aracaju*, 13 de janeiro de 1938. O *New York Times* publicou a notícia no dia 13 de janeiro, sob o cabeçalho: *Nº 1 Bad Man Dies in His Bed in Brazil* (O homem mau nº 1 morre em sua cama, no Brasil).

3 *Jornal de Alagoas*, 1º de abril de 1938.

fresse de tuberculose. João Ferreira, que viu seu irmão, no meado de 1937, pela primeira vez em 11 anos, disse que parecia envelhecido para a idade (tinha então 40 anos), mas sua saúde parecia boa. E um coiteiro que o viu uma semana antes de sua morte, disse a mesma coisa.[4] Em vista da vida dura que levava, não era de admirar que parecesse mais velho do que realmente era.

Embora estivesse em perfeita saúde, não estava muito ativo durante os últimos meses de sua vida. Pouco se ouvia falar dele, embora seus diferentes bandos continuassem operando na Bahia, Sergipe e Alagoas. Parece que estavam sofrendo uma severa perseguição da polícia; seis cangaceiros e uma mulher foram dados como mortos, pela polícia, durante um combate no primeiro trimestre de 1938.[5] Lampião fez sua principal aparição pública durante uma viagem através de Alagoas, no meado de abril. Entrou no estado, vindo de Sergipe, num ponto perto da fazenda de Caixeiro, em Canhoba; para muitos, isto era uma confirmação do boato de que estivera todo o tempo sob a proteção de Caixeiro e seu filho. Ao atravessar o rio, Lampião se regalou com uma diversão fora do comum. Encontrando a banda de jazz de Pão de Açúcar no meio do rio, deu a cada um dos músicos uma boa quantia de dinheiro, e mandou que tocassem para eles.[6] Em Alagoas, Lampião e seu bando de 17 homens saquearam diversos povoados e fazendas dentro de uma área que ia de Traipu a Arapiraca. Um dos maiores assaltos foi à vila de Jirau. Aí, no dia 18 de abril, os cangaceiros saquearam diversas lojas e arrombaram casas em busca de ouro. Também feriram gravemente o sargento da polícia local, que procurou conduzir a defesa da vila. Segundo um dos moradores de Jirau, o bando estava a cavalo, bem armado, e levava uma grande quantidade de munição. Disse também que eram muito feios, pois estavam sujos, mal cheirosos e com o cabelo até os ombros. Em Salomé, um outro povoado assaltado pelo bando, a população fugiu de suas casas, ficando escondida por 6 dias na caatinga, antes de criar coragem para voltar.[7]

Depois destes assaltos, em abril, Lampião de novo se escondeu. Aparentemente, pouco, ou quase nada se falou sobre ele, fora do círculo de amigos e protetores, até julho. Poucos dias antes do fim do mês, uma volante de Alagoas teve um breve encontro com ele, no município de Pão de Açúcar, do outro lado do rio, em Sergipe.[8] E, no final deste mês, espalhou-se a notícia sensacional de que o célebre cangaceiro e 10 companheiros tinham morrido no esconderijo de Sergipe, às margens do rio São Francisco. Desta vez não foi notícia falsa. Lampião morrera, vítima de um ataque-surpresa de uma volante de Alagoas, comandada pelo Tenente João Bezerra.

João Bezerra não participou voluntariamente no ataque a Angicos. Não era exemplo nem de coragem nem de honestidade, e, na verdade, era um daqueles oficiais da polícia suspeitos de traficar com os cangaceiros.[9] Foi por mera obra do acaso que ele, e não alguém mais dedicado ao dever, colheu os louros pela morte de Lampião. Bezerra era o comandante da volante estacionada em Piranhas, um dos municípios fronteiros a Sergipe, onde os cangaceiros andavam naqueles tempos. No meado de 1938, as autoridades de Alagoas estavam muito empenhadas em eliminar Lampião, por diversas razões. Havia lá um novo governo, como nos outros estados, fruto da proclamação, em final de 1937, do Estado Novo, pelo Presidente Getúlio Vargas – versão cabocla do fascismo que florescia na Europa naquela época. Quaisquer que tenham sido as conseqüências do Estado Novo para o Brasil, o fato é que trouxe um acréscimo do poder governamental. Foi dito, embora não tenha sido provado, que o próprio Getúlio avisara que tinha chegado a hora de acabar com Lampião, e que agia assim, em parte devido às queixas da importante família Maurício, do sertão de Alagoas. Parece ser verdade que Eloy Maurício, um dos donos de armazéns que foram saqueados pelos cangaceiros no ataque de abril a Jirau, queixou-se às autoridades, e que suas queixas chegaram ao palácio presidencial através de um membro da família, altamente colocado na hierarquia da Igreja. Maurício queixou-se primeiramente a Antônio Caixeiro, de Sergipe, pedindo-lhe para falar com Lampião. Caixeiro respondeu-lhe que sua influência junto a Lampião estendia-se somente a Sergipe. Maurício, então, dirigiu-se ao Bispo José Maurício, pedindo-lhe sua ajuda.[10]

Quer tenha sido sob a instigação da família Maurício ou não, o certo é que, em meados de 1938, as autoridades resolveram dar o passo definitivo. É bem sabido que José Lucena, que comandava a campa-

4 João Ferreira e Antônio Pequeno, entrevistas.
5 *Jornal de Alagoas*, 10 e 13 de fevereiro e 31 de março de 1938.
6 *Jornal de Alagoas*, 1º de abril de 1938.
7 Ibid, 20 e 28 de abril, 1938. Ver também *O Povo*, 22 de abril.

8 Antônio Pequeno, entrevista.
9 Aldemar de Mendonça, Zezito Guedes, João Jurubeba, Dadá, entrevistas.
10 Zezito Guedes, entrevista. Masson: *aventura sangrenta do cangaço* dá uma outra versão da pressão do governo federal sobre Alagoas para pôr fim ao cangaço.

nha no estado contra o cangaço, chegou ao sertão com ordens do chefe de polícia para eliminar Lampião o mais rápido possível. Para esta tarefa, Lucena escolheu João Bezerra.[11] Qualquer outro teria recusado, ou procurado fazê-lo sem empenho, mas Bezerra não estava em posição de agir assim. Lucena disse-lhe, assim contam, que tinha 30 dias para dar cabo de Lampião ou sofrer as conseqüências de sua deslealdade para com a polícia. Tendo de escolher entre estas duas alternativas, Bezerra - relutantemente - escolheu o dever.[12]

Se localizar Lampião já era difícil, matá-lo, então, era uma tarefa espinhosa, como bem o sabiam tantos outros soldados esforçados que o perseguiram durante tantos anos. Além do mais, o fato de que Bezerra tinha negócios mercenários com Lampião não implica que tivesse conhecimento do seu paradeiro, visto que Lampião normalmente negociava com os oficiais através de intermediários. Para que Bezerra achasse o cangaceiro, necessitaria da ajuda de alguém que tivesse pleno conhecimento dos movimentos do chefe do bando. Felizmente para ele, como as peças de um quebra-cabeça que de repente começam a encaixar, foi-lhe dada uma pista por um coiteiro chamado Joca Bernardes, do município de Piranhas.

Bernardes, um dos coiteiros de Corisco, era um vaqueiro rude, da fazenda Novo Gosto. Depois que conhecera Lampião, em 1928, Joca sonhou que seria responsável por sua morte. E esta oportunidade, finalmente, chegou. Um cangaceiro que geralmente viajava com Corisco, parou na fazenda Novo Gosto, e, descuidadamente, disse a Joca que Lampião atravessara a fronteira de Sergipe, num lugar perto dali. Ao escurecer, Joca foi a Piranhas informar a polícia. Como Bezerra estava ausente, Joca contou o que ouvira ao Sargento Aniceto Rodrigues. Disse que não sabia exatamente onde Lampião estava, mas conhecia alguém que o sabia. Este homem era Pedro de Cândido, um coiteiro que vivia em Entre Montes, um povoado perto de Piranhas.[13] Aniceto, tendo consciência do valor potencial desta informação, mandou uma mensagem, por telegrama, para João Bezerra, que estava em Pedra. Dissimulando sua informação em código, para despistar algum

11 Publicado no *Jornal de Alagoas*, a 29 de julho de 1938. Ver também: Gois: *Lampião*, p. 229, e Silva: *Lampião*, pp. 179-180.

12 Aldemar de Mendonça e Zezito Guedes, entrevistas; Moacir Vieira Nunes, entrevista, Piranhas, Alagoas, 20 de agosto de 1975.

13 João Bezerra, entrevista.

informante de Lampião, Aniceto telegrafou: "O touro está no pasto".[14]

Lampião, estava, na verdade, na vizinhança. Estava em Angicos, numa modesta fazenda no lado de Sergipe, entre Piranhas e Entre Montes, numa região longínqua, cujos contatos com cidades e vilas tinham que ser feitos pelo rio, em Alagoas, especialmente Entre Montes e Piranhas. Nesta região, o coiteiro de mais confiança de Lampião era Pedro de Cândido, cuja família era dona de Angicos. O capitão e seu bando tinham chegado à fazenda há poucos dias, e estavam acampados ao longo do riacho de Tamanduá, cujas águas corriam entre duas colinas íngremes; o rio ficava a uns poucos quilômetros de distância. Coberto com vegetação densa e cheia de espinhos, o local parecia ser um bom esconderijo. Sentinelas estrategicamente colocadas nos lugares mais altos teriam um panorama completo dos arredores.

Conforme o costume de Lampião, os cangaceiros tinham a intenção de ficar somente poucos dias, pois a prudência os levava a se mudarem freqüentemente, para evitar a captura. Porém, como já estavam acostumados com este modo de vida, tinham preparado o local com todo o conforto possível. Juntamente com suas mulheres, tinham construído pequenos barracos e latadas de galhos de árvores para se protegerem das neblinas e chuvas que caíam freqüentemente ao longo do rio naquela estação do ano. E, como sempre, estes abrigos estavam bem espalhados - quase sempre um homem e sua mulher, ou dois homens em cada um - como precaução contra um ataque inesperado da polícia. Tinham conseguido arranjar uma máquina de costura e trouxeram-na para o acampamento, para Maria Bonita, que na paz e quietude do local, podia devotar seu tempo a suas tarefas domésticas.[15]

Lampião tinha ido a Angicos para arranjar um encontro entre os vários grupos que operavam sob seu comando. A finalidade da reunião já foi bastante discutida. Mas talvez fosse simplesmente o fato de que o capitão tinha necessidade, de vez em quando, de ver seus bandos, e esta era uma destas ocasiões.[16] Ângelo Roque, que operava a

14 Aldemar de Mendonça MS sem título; Lima: *O mundo estranho*, p. 286; Bezerra: *Como dei cabo de Lampeão*, p. 85.

15 Visitei Angicos em julho de 1975. As descrições sobre a morte de Lampião são, em sua maioria, provenientes de entrevistas com Antônio Correia Rosa e João Leandro dos Santos (Piranhas, Alagoas, 23 de agosto de 1975), sendo, este último, um dos soldados da força de ataque.

16 Dadá, mulher de Corisco, contou-me que a reunião tinha por meta emboscar a volante de José Rufino (entrevista). O cangaceiro Vila Nova, contou que era para fazer

maior parte do tempo na Bahia, chegou e foi embora, para a casa de um coiteiro, onde foi se recuperar de uma gripe. Disse a Lampião, segundo relatou mais tarde, que Angicos era um lugar perigoso para acampar, visto que a única saída era de morro acima.[17] Quando chegou a noite de quarta-feira, 17 de julho, cerca de 50 a 60 cangaceiros estavam acampados lá, incluindo algumas mulheres. Um dos que ainda não tinham chegado era Corisco, que soubera, na segunda-feira, por um coiteiro do município de Pão de Açúcar, que Lampião queria vê-lo, mas disse ao coiteiro que só poderia chegar a Angicos na sexta-feira.[18] Nesta ocasião, não haveria mais razão para o encontro.

Na quarta-feira, depois de receber o telegrama do Sargento Aniceto, João Bezerra e sua tropa saíram de Pedra para Piranhas, anunciando, no entanto, que estavam indo para Água Branca, onde Lampião fora visto. Antes de partir, Bezerra conseguiu pedir emprestado uma metralhadora que pertencia a um destacamento baiano que estava na região, mas não disse a que fim ela se destinava.[19] Não querendo partilhar a glória de vencer os cangaceiros, e, principalmente, o tesouro que carregavam, não convidou os soldados baianos a acompanhá-lo. O Sargento Aniceto, acompanhado de sua volante, saiu de Piranhas, mais ou menos ao mesmo tempo, para se encontrar com Bezerra. Viajaram num caminhão comercial que fora temporariamente expropriado para este fim. Aniceto, também, escondeu suas intenções, anunciando em Piranhas, para que todos o ouvissem, que ia para Pedra, para se juntar a Bezerra e procurar os cangaceiros num local ainda mais distante. Ele tinha certeza que a notícia de seus planos chegaria rapidamente a Lampião, pois quarta-feira era dia de feira, quando toda a população rural ia à cidade fazer compras, e entre ela, estariam alguns coiteiros do capitão. Aniceto pensou que, ao ouvir esta notícia, Lampião e seus homens ficariam despreocupados, sem suspeitar de um ataque de Alagoas. Aniceto e Bezerra, juntamente com seus soldados, se encontraram na metade do caminho, entre Piranhas e Pedra. Planejaram, então, a estratégia a ser usada, decidindo só voltar a Piranhas depois que a noite caísse, para esconder qualquer movimento dos informantes.

planos para o futuro (entrevista com Vila Nova, no *Jornal de Alagoas*, de 25 de outubro de 1948).

17 Entrevista com Roque, publicada no *O Povo*, 10 de maio de 1952.

18 Antônio Pequeno, entrevista.

19 José Izidro, entrevista.

Enquanto isto, Lampião recebeu a notícia de que praticamente toda a tropa saíra de Piranhas, seguindo na direção oposta. Esta informação foi-lhe dada por Pedro de Cândido, que viera ao acampamento trazer provisões. Quando o coiteiro ainda estava lá, Zé Sereno, um dos cangaceiros, veio até onde Lampião estava e disse-lhe que deveriam abandonar o acampamento, pois já estavam lá há diversos dias, e uma estadia mais longa seria perigosa. Lampião depois de olhar para Pedro disse a Sereno que com um amigo de toda confiança como aquele, só deviam ter medo de Deus. Disse ainda que os homens podiam dormir de cuecas naquela noite, pois não havia perigo de ataque. Os cangaceiros, então, se prepararam para passar uma noite calma, e Lampião decidiu que partiriam de Angicos no dia seguinte.[20]

Na quarta-feira, à noite, Bezerra e suas tropas voltaram para Piranhas, entrando às escondidas na cidade. Aí, acompanhado também do Aspirante a Oficial Francisco Ferreira de Melo, juntou-se a Aniceto para formar um total de 45 soldados. Mais ou menos às 8 horas, embarcaram em 3 lanchas para a viagem rio abaixo. Não tinham ainda muita certeza onde iriam desembarcar, pois não sabiam onde os cangaceiros estavam acampados. Esperavam obter esta informação de Pedro de Cândido, em Entre Montes, e, pouco antes de chegarem ao povoado, mandaram dois soldados buscá-lo. Submetido a interrogatório, o coiteiro a princípio negou qualquer conhecimento do paradeiro dos cangaceiros, mas, ameaçado de morte imediata se não cooperasse, revelou o local do esconderijo, a pouca distância dali, do outro lado do rio. Forçando Pedro a acompanhá-los, os soldados atravessaram o rio e se encaminharam para a sede da fazenda Angicos, de onde levaram também o irmão mais moço do coiteiro, como guia adicional. A esta altura, já passava de meia-noite. Nuvens escuras pairavam sobre o São Francisco, e uma chuva leve caía, enquanto os dois coiteiros guiavam os soldados pelo terreno pedregoso, para o encontro com Lampião. Preso de dúvidas e de medo, Bezerra propôs retardar o ataque até que pudessem obter reforços, mas quando Ferreira insistiu, dizendo que ele e seus homens iriam avante mesmo que Bezerra desistisse, o comandante consentiu em seguir os planos estabelecidos.[21]

Ao chegarem à vizinhança do acampamento, os soldados se dividiram em quatro grupos. Protegidos pela densa vegetação e pela noite,

20 A narrativa da visita de Pedro de Cândido está baseada em minhas entrevistas com Antônio Correia Rosa e João Ferreira, sendo que o primeiro ouviu a história de Pedro, e o segundo, de Zé Sereno.

21 Mendonça, MS sem título.

sorrateiramente, começaram a cercar o acampamento. Não encontraram sentinelas. Os cachorros de Lampião não ladraram, talvez porque estivessem nos barracos procurando se abrigar da chuva. A polícia estava tendo muita sorte; a famosa cautela dos cangaceiros não fora posta em prática. É bem provável que no decurso de sua carreira, Lampião tenha passado muitas noites despreocupado, protegido pela escuridão, pela solidão e pelo medo que seu nome inspirava. Não resta dúvida que a sorte o favoreceu muitas vezes. Mas, na madrugada da quinta-feira de 28 de julho de 1938, sua cota de sorte se esgotara.

Aos primeiros raios de sol, alguns soldados se deram conta de que estavam a poucos metros dos cangaceiros. Podiam ouvi-los falando e se movimentando nos barracos, depois de uma noite de sono. Então, de algum lugar no acampamento, um cangaceiro sentiu que alguma coisa estava errada. Talvez um barulhinho, ou algum movimento, ou quem sabe, algum pequeno sinal perceptível somente para as pessoas bem sintonizadas com a natureza. Imediatamente, deu o alarma, e os soldados, descartando o plano original de só abrir fogo a um sinal de Bezerra, iniciaram o ataque. Os cangaceiros, surpresos e em desordem, se acharam sob o fogo fulminante de inúmeros rifles e de três metralhadoras. Dizem que Lampião, sob a mira do rifle de um soldado quando o alarma foi dado, caiu, mortalmente ferido. Os cangaceiros procuraram revidar o ataque, ao mesmo tempo em que tentavam abrir uma saída pelas colinas. Entre eles estava Luís Pedro, o homem que substituiu o finado Antônio por mais de uma década. Como ele tentasse fugir, Maria Bonita o chamou, lembrando-lhe que ele jurara morrer ao lado do seu chefe. Luís Pedro, então, voltou, e segundo a polícia, lutou ferozmente até que caiu vítima de um tiro.[22]

O ataque durou somente uns vinte minutos. Uns 40 cangaceiros, ou talvez mais, conseguiram escapar, mas 11 morreram, inclusive Lampião, Luís Pedro, Maria Bonita e uma outra mulher. Um soldado morreu e um ficou ferido. Bezerra também ficou ligeiramente ferido.

Ao término da batalha, os soldados eufóricos, saquearam e mutilaram os mortos. O dinheiro, ouro e pedras preciosas ficavam para quem chegava primeiro. Cenas de selvageria – verossímeis somente para aqueles que conhecem a história do cangaço, mas chocantes para os outros – se desenrolaram. Um soldado cortou fora a mão de Luís Pedro e a colocou no seu bornal, para retirar os anéis depois, com calma.[23] O corpo de Maria Bonita foi deixado numa posição grotesca,

22 Ibid.
23 Mendonça, *Pão de Açúcar*, fato nº 245.

com as pernas abertas e um pau enfiado em sua vagina.[24] Como acontecera tantas vezes antes, os corpos dos cangaceiros foram decapitados. Procurando mais tarde justificar estes atos, Bezerra disse que teria sido muito trabalhoso carregar todos os corpos, e era preciso uma prova de que Lampião e seus companheiros estavam realmente mortos. Do contrário, poucos o acreditariam.[25] Tendo terminado seu trabalho, as tropas voltaram para Piranhas com seus troféus macabros. Os corpos sem cabeças foram deixados no local, para serem vistos por todos que quizessem ir lá. Eventualmente, os ossos, já limpos pelos urubus, seriam carregados rio abaixo, sob o impacto da correnteza das tempestades tropicais.[26]

Como sempre acontece quando se trata da morte de personagens famosos, há outras versões sobre a de Lampião. Uma delas assegura que os cangaceiros estavam mortos quando os soldados chegaram a Angicos e que Pedro de Cândido, agindo de acordo com João Bezerra, os envenenara. Ele teria trazido garrafas de vinho com estriquinina, na visita que fizera à tarde. Quando a tropa chegou, na manhã seguinte, o tiroteio foi somente para fazer crer à população da vizinhança de que houvera um combate. A morte de um dos soldados e os ferimentos de Bezerra e de outro soldado, teriam sido arranjados para servir de prova da batalha. Outros contam que Bezerra foi ferido por engano, quando, depois de ter dado ordens para as descargas, se enganou na

24 Antônio Campos, um soldado que visitou o acampamento na tarde do ataque, viu o corpo de Maria Bonita (entrevista, Piranhas, Alagoas, 21 de agosto de 1975).

25 Bezerra: *Como dei cabo de Lampeão*, pp. 89-90. Neste livro Bezerra nega que dera ordem para que so corpos fossem decapitados, mas um jornalista, que o entrevistou logo depois do acontecimento, confirmou a ordem de decapitação (Rocha: *Bandoleiros*, p. 30).

26 Praticamente todos os livros sobre Lampião contam sua morte. A minha versão está baseada principalmente nestas fontes: Mendonaça, MS sem título, que contém a história da morte de Lampião baseada em entrevistas com os que participaram: Bezerra: *Como dei cabo de Lampião*, pp. 83-90; Lima: *O mundo estranho*, pp. 277-91, contendo entrevistas com Francisco Ferreira e João Bezerra; *O Povo*, de 15 de agosto de 1938, com entrevistas com Francisco Ferreira e Aniceto Rodrigues; minhas entrevistas com Antônio Correia Rosa (sobrinho de Pedro de Cândido) e João Leandro dos Santos, um dos soldados que tomaram parte no combate. As outras fontes já foram mencionadas no meu relato. Ver também Antônio Amaury Corrêa de Araujo: *Assim morreu Lampião*, que traz entrevistas com diversas pessoas relacionadas com Angicos, sendo a de mais valor a de Durval Rodrigues Rosa (pp. 99-100), irmão mais novo de Pedro de Cândido. Durval acompanhou seu irmão e a polícia a Angicos, e acrescentou muitos outros detalhes.

conta, e, na ânsia de saquear os corpos, precipitou-se antes que o último tiro tivesse partido. Nem todos os cangaceiros morreram em Angicos, pois, dizem, somente os mais chegados a Lampião beberam o vinho. Os soldados teriam sido obrigados a jurar segredo, sob pena de morte.

Tais histórias começaram a aparecer uns dois ou três anos depois da morte de Lampião. No entanto, mesmo as que parecem serem mais dignas de confiança já chegam em segunda mão. Por exemplo, um padre do Recife, Padre Frederico Bezerra Maciel, declarou que lhe foi contada esta história, há muitos anos, por uma pessoa que se dizia ter sido um dos cangaceiros presentes em Angicos. Outros dizem que ouviram esta história de pessoas que se diziam soldados, também presentes em Angicos. Numa outra versão, a pessoa que contara teria sido um ex-morador da fazenda Angicos. [27]

Estas histórias são repetidas pelos pernambucanos, principalmente por aqueles que, como os da família Flor e outros Nazarenos, se sentem ludibriados porque, segundo eles, Lampião foi morto por um oficial de Alagoas, corrupto e covarde, indigno de tal honra. Esta honra, de direito, deveria ter sido deles. Bezerra, infame como era, só poderia ter morto Lampião por embuste, e não com honra e coragem, num combate leal, como eles teriam feito. A história também agrada àqueles que defendem a invencibilidade de Lampião e acreditam que a polícia nunca o poderia ter vencido se a luta fosse leal, só o conseguindo através de tramóias.

Muitos que acreditam nesta história citam, como prova adicional, as mortes intempestivas de algumas pessoas que supostamente faziam parte do plano. Foram mortos, dizem, para impedir que revelassem a verdade. É verdade que alguns dos soldados que estiveram em Angicos tiveram mortes violentas, mas isto não é surpreendente, porque os soldados naquela época dura, levavam uma vida de perigos. Contudo, a morte de Pedro de Cândido, três anos depois de Angicos, é um mistério. Depois da morte de Lampião, Pedro Rodrigues Rosa (conhecido por Pedro de Cândido) ficou fazendo parte da polícia estadual, para sua própria proteção. Foi morto no dia 22 de agosto de 1941, em Piranhas de Baixo, um povoado a 1 km abaixo da cidade de Piranhas. O ex-coiteiro foi morto, ao cair da noite, por um rapaz que jurou ter

27 Nenhuma das pessoas que me contaram a história tiveram qualquer contato confirmado com a suposta testemunha de primeira mão; os encontros foram todos casuais.

pensado que estava matando o bicho que os moradores do local diziam estar rondando a vizinhança. Vendo um vulto escuro se aproximar, fincou-lhe a faca, e depois, gritou por socorro e correu para a casa de um conhecido, onde, excitado, contou a história de seu encontro com o bicho. Seus amigos, indo ao local com ele, encontraram Pedro morto na rua. Por mais estranha que esta história seja para os de fora, foi aceita pela maior parte dos moradores de Piranhas. Como a maioria dos nordestinos, eles também acreditavam em monstros que saiam das trevas para atacar as pessoas. Todos compreendiam o medo do rapaz, e, ao ser julgado no ano seguinte, foi absolvido. Porém, para aqueles que acreditavam na história do envenenamento, João Bezerra simplesmente arranjou a eliminação da única pessoa que poderia ter revelado toda a vergonhosa história.

Embora as controvérsias sobre a causa da morte de Lampião continuem, os que acreditam na hipótese do envenenamento terão que apresentar provas mais convincentes do que o fizeram até agora – e ao mesmo tempo, refutar as provas contrárias – se é que querem ser levados a sério. Até agora, o caso, baseado somente num argumento elaboradamente conspiratório, não oferece uma alternativa válida à versão oficial. [28]

A notícia da morte do célebre Lampião logo se espalhou por todo o Brasil. Os jornais publicaram edições especiais e os jornalistas correram para Alagoas, para dar notícias de primeira mão. Diversos jornais estrangeiros também deram a informação, inclusive o New York Times, cujo cabeçalho dizia que "One-Eyed Lampião ... One of The Most Ruthless Killers of Western Wold" (Lampião cego de um olho... Um dos mais temíveis bandidos do mundo ocidental) tinha sido morto. [29] No Rio de Janeiro, o interventor de Sergipe, Eronides de Carva-

28 A mais convincente e completa versão do envenenamento me foi contada nas entrevistas com João e David Jurubeba, da família Flor. Informações adicionais, a favor e contra, foram obtidas de entrevistas com Wilson Antônio Pereira (Princeza, Paraíba, 10 de agosto de 1975), Manoel Arruda d'Assis, Zezito Guedes, Padre Frederico Bezerra Maciel (Recife, Pernambuco, 14 e 15 de junho de 1974), e diversos outros, inclusive muitas pessoas da área de Piranhas – Pão de Açúcar, em Alagoas, que não acreditam que Lampião foi envenenado. Ver também Luna: "Lampião", pp. 120 – 122. Para uma outra versão do envenenamento, ver Noblat: *Lampião morreu envenenado*; este artigo está baseado numa entrevista com o Padre José Kehrle, que acredita na história do envenenamento. A informação sobre a morte de Pedro de Cândido foi extraída do processo criminal contra Sabino Francisco dos Santos, o assassino de Pedro, 22 de agosto de 1941, Cartório, Piranhas. Freyre faz uma análise da crença popular em monstros em seu livro *Casa Grande e Senzala*, pp. 139-141.

29 29 de julho de 1938.

lho, deu uma entrevista para analisar a morte do cangaceiro. Embora declarasse que a polícia de seu estado sempre lutou com denodo contra os cangaceiros - fato reconhecidamente falso - não pôde deixar de admitir seu relacionamento com o célebre personagem. Mostrou aos repórteres uma fotografia de Lampião, que ele batera em 1929, quando o cangaceiro visitara a fazenda onde ele estava hospedado. [30] A imprensa oficial de Sergipe também declarou que as forças do estado, comandadas por Eronides, sempre travavam uma guerra constante contra os cangaceiros, [31] matando diversos dentre eles, inclusive o infame José Bahiano. Isto era uma mentira descarada, pois todos sabiam que Bahiano fora morto por coiteiros civis, que o traíram. E, até o fim, a polícia de Sergipe nunca registrou a morte de nenhum dos homens de Lampião.

Depois do massacre de Angicos, o interesse da região se fixou nas cabeças. Enquanto estavam sendo exibidas em Piranhas, já tinham sido requisitadas pelas autoridades de Maceió. Quando chegaram à capital, já estavam em adiantado estado de decomposição, pois, embora tivessem sido transportadas em latas de querosene, foram retiradas inúmeras vezes ao longo do caminho, para serem exibidas na escadaria de algum edifício público, como pássaros numa barraca de tiro ao alvo. E foram exibidas de novo, no dia 1º de agosto, em Maceió. [32] Presume-se que a principal razão para trazê-las para a capital fosse, não só satisfazer a curiosidade natural, como também permitir que fossem estudadas pelos médicos da polícia, que se julgavam também antropólogos. Foram examinadas, medidas e classificadas. Mas Alagoas não era na verdade um dos maiores centros para o estudo de tipologia criminal, e, quando algumas instituições em outras áreas requisitaram as cabeças, ficou decidido que seriam cedidas. Muitas instituições as desejavam, inclusive uma em Berlim. Referindo-se a este pedido, um jornalista brasileiro comentou que certamente os cientistas alemães podiam achar amostras bem mais apropriadas em seu próprio país, pois, comparado com "certos demônios" de lá, Lampião podia ser chamado delicado. [33] Finalmente, não foi Berlim, mas Salvador que foi favo-

30 *Correio de Aracaju*, 5 de agosto de 1938.
31 *Diário Oficial*, 29 de julho de 1938, mencionado no *Correio de Aracaju*, de 5 de agosto de 1938.
32 *Jornal de Alagoas*, 1º de agosto de 1938.
33 Rocha: *Bandoleiros*, p. 65. Rocha também reproduz o relatório do médico depois do exame da cabeça de Lampião (pp. 58-61).

recida. As cabeças de Lampião e Maria Bonita foram enviadas ao Instituto Nina Rodrigues; as outras, enterradas em Maceió. Em Salvador, as cabeças do famoso bandoleiro e sua amante foram colocadas perto das cabeças de diversos de seus companheiros que já lá estavam, e por muitos anos - desfiguradas e grotescas - serviram de atração principal do Museu Nina Rodrigues (subseqüentemente Estácio de Lima).

Depois dos festejos nos sertões pela morte de Lampião, o povo deu-se conta de que, embora o chefe estivesse morto, muitos de seus homens ainda estavam às soltas. Entre eles, estava Corisco, conhecido por sua ferocidade e pela crueldade deliberada de suas vinganças. No mesmo dia dos acontecimentos de Angicos, Corisco soube das mortes por um coiteiro, que tinha chegado com a notícia. Tanto ele como Dadá, choraram, e Dadá, virando-se para seu amante e seus sequazes, disse que se fossem homens iriam vingar a morte do capitão. A vingança de Corisco foi contra Domingos Ventura e sua família, na fazenda Patos, propriedade do sogro de João Bezerra, no município de Piranhas. Domingos era um coiteiro, mas seus laços com Bezerra o faziam vulnerável. Contam que Joca Bernardes - que delatara Lampião - desviou de si as suspeitas de Corisco, acusando Domingos de ter sido o traidor. [34]

Cinco dias depois dos acontecimentos de Angicos, Corisco e seu bando chegaram a Patos, parecendo que vinham pacificamente, como de costume, e jantaram com Domingos e sua família. Depois, o cangaceiro pediu papel e lápis e escreveu uma carta. Enquanto isto, seus homens convidaram Domingos e um de seus filhos a saírem um pouco e conversarem fora. Os cangaceiros, então, vieram buscar os outros dois rapazes. Depois foi a vez da mulher de Domingos e sua filha adulta. Quando chegaram ao curral, encontraram os corpos dos quatro homens estirados no chão, decapitados; a mesma sorte estava destinada a elas. Suas vidas, teria dito Corisco, iam ser tiradas para ressarcir a vida das duas mulheres mortas em Angicos. Só escaparam as três crianças - para que pudessem contar a história do que acontecera. Terminando o massacre, Corisco mandou colocar as cabeças num saco e enviou-as para Piranhas. Juntamente com os pacotes ia a carta, informando Bezerra que três cabeças eram para ele, e as restantes, para o interventor do estado. [35] Para aqueles que viviam dentro do mundo feroz dos can-

34 Antônio Pequeno, entrevista; Mendonça, MS sem título.
35 Mendonça, MS sem título; Rocha: *Bandoleiros*, pp. 67-78; *Jornal de Alagoas*, 4 de agosto de 1938.

gaceiros, fora feita justiça, ao mesmo tempo que se avisava que o cangaço não estava ainda morto.

Se o cangaço não morrera, estava, no entanto, perto de sua extinção, pois, dois anos depois da morte de Lampião, saiu de cena, para sempre, ao que parece. Logo depois do massacre de Angicos, pensava-se que algum outro cangaceiro – Corisco, talvez – assumiria o papel de chefe, e o cangaço continuaria a ser uma ameaça tão forte como antes. Mas isto não aconteceu. Ao contrário, o império de Lampião rapidamente se enfraqueceu e se fragmentou. Um cangaceiro que se entregou – tendo mostrado sua vontade de se reformar matando um de seus companheiros e decapitando-o, em setembro, em Alagoas – declarou que Corisco era um fracasso. E o jovem cangaceiro de 26 anos acrescentou, que ele passava a maior parte do tempo bêbado, e os cangaceiros estavam brigando entre si e muitos estavam prontos para deixar o cangaço. [36] Da Bahia, onde 3 cangaceiros se entregaram à polícia, chegavam notícias semelhantes. Lá também, um dos cangaceiros trouxe a cabeça de um companheiro para provar sua mudança de atitude. As autoridades, percebendo uma oportunidade de conseguir suas metas sem recorrer à violência em larga escala, espalharam a notícia de que os cangaceiros que se entregassem receberiam um tratamento benévolo. A reação foi muito animadora: em outubro, 17 se entregaram em Jeremoabo, sendo 15 num só dia. Enquanto isto, 6 cangaceiros se renderam sem lutar, quando foram cercados pela polícia em Poço Redondo, e, num outro lugar, 4 foram mortos. [37] Durante todo o ano, outros se entregaram ou foram capturados, até que o número dos que ainda estavam livres ficou muito pequeno, visto que pelo menos 35 tinham sido mortos, capturados ou se entregaram, depois de Angicos. Com os 11 que morreram aí, este número atingia nada menos do que 46. [38] Somente Corisco e Ângelo Roque, entre os cangaceiros mais conhecidos, ainda estavam ao largo.

Ângelo Roque continuou a operar na fronteira da Bahia e Sergipe até 1940, e cometeu ainda crimes atrozes. Perto de Bebedouro, em 1939, matou uma mulher a marteladas, diante de suas 4 crianças (o mais velho tinha só 5 anos). Aparentemente, não tinha nada contra a mulher, pois tinha ido lá para matar seu marido, a pedido de um coi-

36 Entrevista com Barreiros no *Jornal de Alagoas*, 9 de setembro de 1938.

37 *A Tarde*, 22 e 24 de outubro de 1938; *Jornal de Alagoas*, 18 e 19 de outubro de 1938.

38 Meus cálculos, baseados em comentários de jornais.

teiro; não o encontrando em casa, matou-a em seu lugar. Em abril de 1940, Roque sentiu vontade de aceitar as garantias da polícia de que sua vida seria poupada e que lhe seria dada uma oportunidade de se reformar. Juntamente com 8 companheiros, inclusive 4 mulheres, se entregou em Bebedouto. [39]

O mais recalcitrante dos famosos cangaceiros era Corisco. Mais do que qualquer outro, parecia ter medo de se entregar, acreditando que seria morto. É fácil compreender esta sua atitude, em vista de sua má reputação. Depois do massacre de Patos, Corisco e Dadá, juntamente com seu bando, resolveram operar sem alarde, atraindo o mínimo de atenção possível. Não atacavam mais os povoados ou fazendas, mas se limitavam a pedir dinheiro, usando coiteiros como intermediários. Embora o cangaço estivesse moribundo, o nome de Corisco ainda era suficiente para induzir as pessoas ricas a fazerem a contribuição requisitada. [40]

O maior problema de Corisco era a polícia. Ainda havia volantes em campo, e, de vez em quando, havia um combate, como em agosto de 1939, quando 3 cangaceiros foram mortos. [41] No final deste mesmo ano, ou talvez no princípio de 1940, o próprio Corisco ficou seriamente ferido numa luta e perdeu seu braço direito. Depois disto, começou a pensar em se entregar, e pediu a um padre de Porto da Folha, em Sergipe, para interceder por ele, e, em outra ocasião, mandou uma carta ao comandante das tropas da Bahia. Quando tudo estava arranjado para que ele se entregasse, recuou, depois que uma cartomante lhe disse que seria morto se levasse avante o plano. Então, foi viajar em direção ao oeste da Bahia, acompanhado por Dadá, uma menina de 11 anos por quem Dadá tinha se afeiçoado, e um outro cangaceiro e sua mulher. Ao partir, Corisco disse que gostaria de deixar o cangaço e procurar refúgio num lugar bem distante. [42]

A polícia logo teve notícias da partida de Corisco e mandou José Rufino e sua volante atrás dele. Disfarçados de ciganos, encontraram-

39 Processo criminal contra Ângelo Roque, 8 de junho de 1939, Cartório, Jeremoabo, Bahia; *A Tarde*, 1º e 2 de abril de 1940.

40 As atividades do bando foram descritas por um de seus membros, Velocidade, que se entregou à polícia em maio de 1940 (*A Tarde*, de 29 de maio de 1940).

41 Ibid, 17 de agosto de 1939.

42 Felipe Borges de Castro, que era o comandante das tropas no nordeste baiano, contou-me as dificuldades de Corisco e seu desejo de deixar o cangaço. Ver também *A Tarde*, de 22 de janeiro, 4 de abril e 13 de junho de 1940.

nos no município de Brotas de Macaúbas, no sertão, não muito longe
do rio São Francisco. Durante o combate, Corisco - que enfrentou a
polícia com a pistola na mão esquerda - foi ferido e morreu. Dadá,
que resistiu galhardamente, foi ferida gravemente na perna. [43] A meni-
na, escapou ilesa, e foi devolvida à sua família. Dadá foi mandada de
volta a Jeremoabo, numa viagem angustiante, na traseira de um cami-
nhão - cobrindo uma distância de quase 400 km por estradas toscas
- seu pé preso à perna somente pela carne, visto que o osso tinha sido
despedaçado. Quando chegaram a Jeremoabo, já estava gangrenado, e
foi necessário amputar o pé e parte da perna. O corpo de Corisco, que
fora sepultado perto de Miguel Calmon, na viagem de volta, não foi
deixado em paz. Alegando que a causa da morte não fora determina-
da, e que as formalidades legais não tinham sido observadas, as autori-
dades de Salvador mandaram um médico do Instituto Nina Rodrigues
para exumá-lo. Apesar destas desculpas, era evidente que as autorida-
des queriam a cabeça do cangaceiro. O médico, naturalmente, levou-a
de volta, para ser acrescentada à coleção. [44]

Com a morte de Corisco, o cangaço ficou liqüidado. Alguns pou-
cos cangaceiros, de um ou outro grupo, ainda estavam à solta. Entre
eles, alguns foram capturados, enquanto outros mergulhavam na ano-
nimidade, voltando à vida rústica de onde tinham saído, não sendo
chamados a pagar pelos crimes que cometeram. Mas os bandos de nô-
mades e vistosos cangaceiros - com suas roupas características e fama
temível - que rondaram as caatingas do nordeste por tantos anos, já
não existiam mais.

O fato que, dentro de 2 anos da morte de Lampião, o cangaço co-
meçou a se extinguir, vem provar que ela foi um dos fatores que mais
contribuíram para este desmoronamento. E, não há nenhuma dúvida
disto. Foi sua habilidade, como chefe e guerreiro, que deu ao cangaço
uma duração que se estendeu além do seu tempo. Logicamente, o can-
gaço - e Lampião - deveriam ter sucumbido à campanha pernambuca-

[43] A história da perseguição e do combate me foi contada por Severino Ramos, um dos soldados da volante (entrevista). Ver também *A Tarde*, de 27 e 28 de maio de 1940, e Lima: *O mundo estranho* (pp. 71-72).

[44] *A Tarde*, 3 e 4 de junho de 1940. Dadá - que, ajudada pelo Coronel João Sá, foi solta pelas autoridades depois de seu restabelecimento - voltou a Miguel Calmon e desenterrou o resto do corpo de seu marido. Até a ocasião em que estou escrevendo, ela ainda guarda os ossos em uma caixa de madeira envernizada debaixo da cama, sua e de seu presente marido, em Salvador. Ela agora tem um neto que está cursando a academia de polícia em Salvador.

na, no final da década de 1920, quando o banditismo ficou quase extinto na área em que tinha se tornado endêmico. Mas o astuto Lampião sobreviveu às perseguições, e construiu, do outro lado do São Francisco, um novo império que prolongou sua carreira - e o cangaço - por muitos anos. Quando morreu, o cangaço morreu com ele, pois sua força tinha se esgotado. Os que restaram do seu bando, tentaram sobreviver durante estes 2 anos, porém nada mais eram do que sua sombra.

Em 1940, o editorial de um jornal do Rio de Janeiro, na ocasião da morte de Corisco, sugeriu uma outra razão para o fim do cangaço: tinha se tornado um anacronismo, não havia mais lugar para Corisco e Lampião no Brasil de escolas, aviões e do Ford. [45] Segundo o jornalista, a extinção se devia à entrada do sertão no século XX. Em resumo, o progresso tinha alcançado o cangaço e o eliminara. O ponto de vista do editor - que, como jornalista típico do Rio, nada sabia de importante sobre os sertões - veio a se tornar uma explicação aceita por muitos, para justificar o fim do cangaço. Embora um tanto exagerado, este ponto de vista tinha sua validade, pois havia indícios, em 1940, que o Brasil estava mudando. Até que ponto iam estas mudanças, era ainda uma questão a ser estudada.

A diferença mais decisiva, diziam, era a melhoria das comunicações. Durante a década de 1940, muitas estradas foram construídas nos sertões. Todavia, nada mais eram do que estradas de terra batida, construídas com o trabalho humano e animal, e, muitas áreas ficaram fora de seu alcance. Além do mais, os caminhões para transporte dos soldados, ainda eram poucos, e os que haviam, muitas vezes não podiam ser usados, ou porque estavam freqüentemente desmantelados, ou porque as estradas estavam intransitáveis, devido às chuvas e desmoronamentos de barreiras. Por isto, o transporte motorizado continuou sendo uma novidade no sertão, durante a década de 30, tanto para os soldados como para os civis. Na Bahia, por exemplo, não havia mais do que 2 ou 3 caminhões ou automóveis em cada município; em muitos, nem mesmo isto. [46] O fato é que o combate aos cangaceiros

[45] Reproduzido na *A Tarde*, de 1º de junho de 1940.

[46] Baseado no *Annuário estatístico da Bahia*, publicado anualmente em Salvador, contendo os registros dos veículos em cada município. Todos os soldados e oficiais com quem conversei sobre os últimos anos da campanha disseram-me que os caminhões e automóveis quase não foram usados nas operações do dia-a-dia.

continuou sendo feito a pé O Governador da Bahia, Juracy Magalhães, declarou, em 1937, que, embora as novas estradas facilitassem a vigilância contra os cangaceiros, estes faziam suas incursões em lugares como Bebedouro e Paripiranga, onde ainda não havia nenhuma estrada. [47] É claro que os caminhões eram úteis, onde e quando as condições permitiam seu uso, facilitando o transporte dos soldados e uma formação mais rápida das tropas – como, por exemplo, no caso do ataque a Angicos. Seria pouco criterioso negar que a melhoria nas comunicações apressou o fim do cangaço, porém devemos nos lembrar que estas melhorias não eram gerais.

Seria difícil encontrar, apesar da opinião otimista do editor do Rio, outros sinais de progresso material nos sertões durante a década de 1930. Os aviões não eram usados contra os cangaceiros; as escolas, mesmo as mais elementares, eram quase desconhecidas fora das cidades maiores, e, muitos municípios não tinham nenhuma que funcionasse regularmente. Se os progressos materiais chegaram ao sertão, não havia nenhuma evidência disto em lugares como Bebedouro e Poço Redondo.

Foi sugerido também, que, depois de 1930, a economia da nação entrou numa nova fase, com o movimento da industrialização, a qual, criando oportunidades para empregos – especialmente no sul – acabou com o cangaço, atraindo o excedente da população. Entretanto, antes que possamos afirmar que a expansão do capitalismo acabou com Lampião e o cangaço, devemos procurar conhecer um pouco mais os efeitos do desenvolvimento econômico antes de 1940 sobre as longíquas comunidades do sertão. É provável que, só bem depois de 1940, as migrações do sertão para São Paulo ou para outras cidades sulinas, atingiram um nível que pudessem produzir algumas mudanças na região do cangaço. [48]

Uma tendência à modernização do sistema, inclusive uma penetração mais eficiente da autoridade governamental no sertão, parece ter exercido uma influência muito maior na eliminação do cangaço do

47 Bahia, *Mensagem do Governador Juracy Magalhães... em 2 de julho de 1937*, p. 40.

48 Queiroz, em *Notas sociológicas*, pp. 506-507, sustenta que as migrações dos sertões ajudaram a eliminação do cangaço, e em *Os cangaceiros*, p. 193, situa o começo de uma migração mais expressiva em 1935. O exame mais completo da migração, feito por T. Lynn Smith: *Brazil: People and Institutions*, principalmente pp. 154-156, 171, sugere que o movimento do povo para fora da região só atingiu um nível importante depois de 1940.

que progressos materiais ou migrações. Embora esta mudança afetasse lugares diferentes em tempos diferentes, e variasse de intensidade de lugar a lugar, foi ficando evidente, desde o final da década de 1920, que o velho sistema estava em erosão. Os senhores dos sertões não ficavam mais inteiramente sem freios em seus domínios em troca de promessas de lealdade e de votos para a máquina eleitoral estadual e nacional. O combate aos cangaceiros e seus coiteiros, em Pernambuco, no final da década de 20, é uma prova do início desta tendência. As mudanças acionadas pelo regime de Getúlio Vargas durante a década subseqüente, principalmente depois de 1937 – embora, às vezes, vacilantes – denotam sua continuação. É claro que partes do velho sistema e do novo existiam lado a lado. Por exemplo, em 1938, as autoridades alagoanas foram levadas a tomar medidas drásticas para tentar eliminar os cangaceiros, enquanto o Interventor Eronides, no estado vizinho, continuava a oferecer-lhes a tradicional proteção. Entretanto, apesar da irregularidade das manifestações desta tendência, quando consideramos a história dos sertões, do início do século a 1940, fica patente que a incidência de um governo mais eficiente durante os últimos 14 anos deste período, contribuiu consideravelmente para a eliminação do cangaço.

Contudo, nenhuma destas hipóteses explicam plenamente os acontecimentos que culminaram com Angicos. Como geralmente acontece na história, talvez tenha sido o acaso que ocupou o lugar principal no palco, no desenrolar deste drama. No entanto, as mudanças que estavam se processando na sociedade brasileira em geral, possibilitaram os acontecimentos de Angicos – ou um semelhante, em uma outra ocasião.

13. Um bandido social?

Quando Corisco morreu, em 1940, um grande número de cangaceiros estava sob a custódia das autoridades em Alagoas e na Bahia. Muitos esperavam misericórdia, principalmente aqueles que tinham se entregado voluntariamente. Mas, os crimes de alguns eram conhecidos demais para serem perdoados, e estes, como Ângelo Roque, foram condenados a muitos anos de prisão.[1] Em muitos casos, nunca tinham sido submetidos a processos criminais, e não o foram depois que foram presos. Se eram culpados de crimes, como muitos o eram, ninguém apareceu para acusá-los. Em geral, as autoridades, e a maior parte do povo, sentiam pena deles, ponto de vista este que se originava da idéia de que o cangaço era o reflexo da ignorância, pobreza e injustiça da sociedade sertaneja: os cangaceiros eram, portanto, criminosos comuns, porém vítimas das circunstâncias.[2] O comportamento deles na prisão impressionou muito bem as autoridades. Portavam-se como pessoas normais, que, enquanto presas, trabalhavam bem e obedeciam às autoridades. Depois do período na prisão, que iam de alguns meses

1 A sentença inicial de Roque foi de 99 anos, reduzida depois para 30, e, em 1950, recebeu indulto. Morreu recentemente em Salvador.

2 Ver, por exemplo, um apelo de clemência num editorial do jornal *A Tarde*, de 26 de outubro de 1938.

até 3 ou 4 anos, tempo este em que seu comportamento estava sendo observado, eram entregues à sociedade.[3] É claro que muitos nunca chegaram a este ponto. Português, por exemplo, foi morto em Santana do Ipanema, no princípio de 1939, pouco depois de se entregar, por um soldado, cujo pai ele matara 5 anos antes.[4]

Enquanto muitos cangaceiros estavam sendo reintegrados na sociedade, as cabeças mumificadas do chefe, de sua amante e de diversos companheiros continuavam expostas no museu. Na verdade, não eram só os brasileiros que expunham cabeças de bandidos, pois o mesmo estava sendo feito em outras partes do mundo. Nos Estados Unidos, já na década de 1850, uma cabeça, que diziam ser a do bandido Joaquim Murieta, foi exibida, conservada em uísque, na Califórnia, e sua chegada foi anunciada por uma salva de tiros.[5] Também nos Estados Unidos, era comum, desde o início da década de 1920 até a 2ª Guerra Mundial, a exposição, em parques de diversões ambulantes, de corpos mumificados, que diziam ser de criminosos. Quando eu era criança, em Kentucky, nos primeiros anos da década de 1940, vi um que diziam ser do assassino de Licoln, John Wilkes Booth. Em 1976, uma múmia achada em Long Beach, na Califórnia, num parque de diversões, foi identificada como sendo de um bandido chamado Elmer McCurdy, que morreu numa emboscada em Oklahoma, em 1912. Um xerife de Oklahoma City vendeu o cadáver de McCurdy para o dono de um parque de diversões, que o exibiu de 1921 até 1940. Depois de ter sido subseqüentemente armazenado por diversos anos, foi vendido para um museu de cera, que, por sua vez, o vendeu para uma empresa em Long Beach.[6]

Estas exposições macabras nunca foram completamente aceitas pelo povo em geral, e no Brasil, com o passar dos anos, os comentários

3 Castro: *Figuras legendárias* contém um estudo de 10 cangaceiros presos em Alagoas, e traz também comentários dos oficiais sobre o comportamento deles. Foi escrito, aparentemente, para explicar porque o estado os estava libertando. O indulto de cangaceiros que não eram acusados de crimes não era novidade. A Bahia por exemplo, indultou 4 em 1935 e os expulsou da região, para desencorajar sua volta ao cangaço. (O Imparcial, 22 de maio de 1935; *Diário de Notícias*, 23 de maio de 1935) É verdade que nunca foram inciados processos criminais contra os cangaceiros, talvez devido à letargia das autoridades do sertão. Cheguei à conclusão de que as autoridades de Pernambuco eram geralmente as mais consensiosas na investigação dos crimes e na instauração de processos contra os culpados.

4 *Jornal de Alagoas*, 14 de fevereiro de 1939.

5 Robert Elman: *Badmen of the West*, p. 73, reproduz a chegada da múmia.

6 *Corpus Christi* (Texas) *Caller*, 11 de dezembro de 1976.

sobre a coleção da Bahia foram ficando mais acerbos e mais freqüentes. O principal obstáculo ao enterro das cabeças dos cangaceiros era Estácio de Lima, diretor do museu e cientista famoso. Para ele, os pedidos de remoção das cabeças eram uma ameaça ao "patrimônio cultural" do estado.[7] Com o tempo, uma atitude mais sensata prevaleceu, e, em 1969, as cabeças foram finalmente enterradas em pequenas catacumbas, no pitoresco cemitério de Quintas, situado numa das colinas de Salvador.

Contudo, nem os acontecimentos em Angicos, nem o cemitério de Quintas deixaram Lampião descansar, pois continua sendo um dos personagens históricos mais famosos da cultura popular brasileira. Os livros e os filmes sobre sua vida, e as histórias que são contadas sobre suas proezas, garantem sua sobrevivência por muitos anos ainda.[8] Além do mais, para muitos sertanejos, ainda está vivo.[9] Está, morando em alguma fazenda num dos estados do oeste, gozando sua velhice em paz. Para eles, Angicos foi uma impostura; pois, Virgulino Ferreira da Silva, vulgo Lampião, era invencível.

Eric Hobsbawm, o historiador social britânico, estabeleceu uma teoria para classificar os bandidos segundo suas características e opinião que sobre eles tinham as diferentes pessoas. Incluiu Lampião neste estudo.[10] Vale a pena rever seus pontos de vista sobre o banditismo, principalmente no que se refere a Lampião, pois, talvez assim possamos focalizar mais nitidamente o chefe dos cangaceiros, e, ao mesmo tempo, analisar sua teoria segundo a perspectiva de nosso estudo sobre ele.

7 *Diário de Notícias*, 21 de maio de 1959.

8 Os filmes sobre cangaceiros ocupam mais ou menos a mesma posição na indústria cinematográfica brasileira como os faroestes o fazem nos Estados Unidos. O mais famoso filme sobre Lampião é *O cangaceiro*, filmado em 1953. Para a história dos filmes sobre cangaceiros, ver Silva: *O filme de cangaço.*

9 A maior parte dos sertanejos com quem conversei nas áreas rurais e nos pequenos povoados, ainda são desta opinião.

10 As teorias de Hobsbawm estão apresentadas, em forma resumida, em *Primitive Rebels*, pp. 13-29, e mais detalhadamente em *Bandits* Seus comentários sobre Lampião estão em *Bandits*, principalmente nas pp. 50-53, e em Nirlando Beirão: *No mundo dos bandidos (Entrevista: Eric J. Hobsbawm)*", *Veja* de 11 de junho de 1975. Como nos exemplos dos outros bandidos que ele usa para construir seu caso, Hobsbawm não reivindica que seus dados sobre Lampião sejam imagens verdadeiras do personagem histórico. Ele escolhe livremente, e, muitas vezes indiscriminadamente entre os mitos assim também como das fontes supostamente veridicas, e, grande parte de sua descrição provém das lendas.

O interesse de Hobsbawm se concentra principalmente naqueles bandidos que ele classificou como bandidos sociais, e que são camponeses criminosos que o povo considera heróis, em vez de criminosos comuns. São olhados como campeões da justiça, ou, pelo menos, como tendo justificativa para seus atos. Somente matam por uma causa justa, e são tidos como merecedores de apoio e proteção. Entre os bandidos sociais há dois, e possivelmente, três tipos: o nobre salteador, o chefe de guerrilhas primitivo, e possivelmente, o vingador. O primeiro tipo, isto é, o nobre salteador, preenche melhor a definição do bandido social. É, na verdade, o clássico Robin Hood. É admirado não só pela ousadia de suas proezas, como também pelo zelo pela justiça e sua redistribuição da riqueza.

Deixando de lado o chefe primitivo de guerrilhas, é, portanto, o terceiro grupo – os vingadores – o que mais nos interessa. Os vingadores se distinguem dos verdadeiros bandidos sociais devido ao seu uso excessivo da violência. São bandidos sociais (se é que o são) somente marginalmente. Se são olhados com admiração, ou como heróis, não o são por seus atos de justiça, e sim por demonstrarem que os camponeses podem, também, ser terríveis. Sua "justiça social consiste na destruição. Matar, esfaquear e queimar, significa para eles, abolir a corrupção e o mal". [11] Hobsbawm reconhece que Lampião podia ser terrível, e, por esta razão, o coloca entre os vingadores. Declara também que Lampião não pode se classificar como um verdadeiro bandido social em vista de sua aliança com proprietários. Acrescenta também – erradamente, acho eu – que o chefe dos cangaceiros defendia os pobres. Hobsbawm justifica a violência de Lampião, sob o argumento de que, num certo modo, era involuntária, pois, resultava das severas tensões que marcaram a ruptura social entre o nordeste tradicional e a nova ordem capitalista, e, portanto, era inevitável. [12]

As teorias de Hobsbawm sobre o banditismo, embora extensas e abrangedoras, não são, nem racionalmente, nem adequadamente, apoiadas em evidências dignas de confiança. A confusão principal resulta do fato de que trata dos bandidos como mito e realidade, sem, em muitos casos, fazer distribuição entre os dois. Devido a estas inexatidões, suas idéias não conduzem à análise, e, portanto, são melhores se tomadas como sugestões empíricas. Talvez o problema principal

11 Beirão: *No mundo dos bandidos*.
12 Ibid.

seja que sua definição de um bandido social esteja, ao que parece, invertida. Não se baseia tanto em fatos verídicos como no que as pessoas pensavam que os bandidos eram, ou, ainda pior, como eram lembrados pelos cantadores e contadores de histórias populares, mesmo em gerações subseqüentes. Como disse um dos críticos de Hobsbawm, as concepções populares sobre um bandido são um importante campo de estudos, mas não são reflexos da realidade, dignos de confiança. [13] Na verdade, se a definição for virada ao contrário, colocando o peso da prova em fatos em vez de em lendas, seriam tão poucos os nobres salteadores na história, que haveria dúvida sobre a existência deste tipo como padrão importante do comportamento humano.

Além de Robin Hood – cuja existência não se sabe se foi verdadeira – Hobsbawm, no capítulo sobre os nobres salteadores, cita somente dois outros deste tipo: Juro Janosik, da Slovaquia, e Diego Corrientes, da Andaluzia, ambos personagens imprecisos, do século XVIII. [14] Para especificar este tipo de modo mais geral, ele concluiu diversos outros bandidos, que, como Ângelo Roque ("Labareda"), estão claramente deslocados. Sua inclusão de Roque deixa dúvidas sobre o cuidado que teve na escolha de seus exemplos, pois o sanguinário subchefe de Lampião não pertence à categoria de nobres salteadores, reais ou imaginários – nem nunca encontrei seu nome em qualquer indicação deste tipo, a não ser por Hobsbawm. Se se está interessado em descrever bandidos como eles realmente eram, em vez de como são geralmente imaginados pelo povo, nem Jesse James nem Billy the Kid merecem ser mencionados. [15]

Ao incluir bandidos que não se ajustam ao tipo, Hobsbawm, por estranho que pareça, não se refere a outros – como Ângelo Duca, conhecido facínora do século XVIII, do sul da Itália – que mencionara em um prévio estudo, como sendo um verdadeiro exemplo deste tipo. [16] Tais falhas, limitam o valor da obra de Hobsbawm. A maior

13 Anton Blok: *The Mafia of a Scilian Village, 1860-1960*, p. 102. Ver também a crítica de Blok sobre as teorias de Hobsbawm sobre o banditismo em seu livro: *The Peasant and the Brigand: Social Banditry Reconsidered*, pp. 494-503.

14 Hobsbawm: *Bandits*, pp. 34-39. Sobre Diego Corrientes, ver também Constancio Bernaldo de Queiros e Luís Ardila: *El bandolerismo andaluz*, pp. 37-53.

15 Hobsbawm: *Bandits*, pp. 36-38. O historiador de Jesse James é Wulliam A. Settle, Jr.,: *Jesse James Was His Name*. O romance do autor turco Yashar Kemal: *Memed, My Hawk* traz a descrição quase perfeita de um nobre salteador de ficção.

16 Hobsbawm, *Primitive Rebels*, p. 14. Hobsbawm "in" *Bandits* (p. 36) faz menção a Duca, mas diferentemente do que havia dito antes, confunde sua imagem por não identificá-lo claramente e incluí-lo como bandido de caráter duvidoso, como Pancho Villa, Angelo Roque e Jesse James.

parte do problema está no fato de que ele mistura fato e ficção para apoiar seu ponto de vista, sem indicar (e muitas vezes sem saber) qual é qual. Uma abordagem mais digna de crédito e mais historicamente verdadeira, teria reconhecido a necessidade de tratar o banditismo em dois níveis: real e lenda. Contudo, esta distinção, que iria necessitar de catalogar os dados segundo sua credibilidade histórica, iria restringir a amplitude da abordagem de Hobsbawm.

Em resumo, a escassez de nobres salteadores e a mais do que adequada disponibilidade do tipo comum, demonstra a fragilidade do conceito de Hobsbawm sobre o banditismo. Não há dúvida de que, embora seu ponto de vista possa ter dado uma contribuição considerável à análise das lendas sobre os bandidos, pouco contribuiu, como instrumento de análise, para o estudo dos próprios bandidos.

É verdade que, se invertêssemos a definição de Hobsbawm, perderíamos de vista seu ponto principal, pois ele está, afinal de contas, tão interessado nas lendas como nos próprios bandidos. Ele acredita que a tendência dos camponeses em atribuir características, tais como justiça social, ao seu herói-bandido (também a admiração pelo seu sucesso em combater o opressor), representa uma rejeição à sociedade injusta em que têm que viver. O bandido realmente não necessita possuir as características pessoais que dizem ser as suas; o que é importante é a espécie de história que contam sobre ele.

Uma crítica mais profunda sobre esta parte da análise de Hobsbawm, sai fora do alcance deste meu estudo, pois a meta aqui foi ressuscitar a figura histórica de lampião, e não uma pesquisa do folclore sobre ele. Contudo, deve-se notar que o povo humilde dos sertões deu altas notas a Lampião - embora alguns, de má vontade - pelo seu sucesso. Há uma tendência, entre eles, de esquecer parte do horror que acompanhou sua carreira, e lembrarem-se, exagerando talvez, não somente sua astúcia e coragem, mas também suas boas ações - inventando, até mesmo algumas. É conhecido até hoje como tendo sido um homem de palavra, e de fato o foi, por capricho ou por cálculo. Porém, por incrível que pareça, é conhecido também como um respeitador das mulheres - apesar de toda evidência em contrário. Algumas pessoas vêem nele também uma espécie de rebelde primitivo, com uma consciência social. Quando Francisco Julião, o líder das ligas camponesas de Pernambuco, pediu em 1959, que as cabeças fossem enterradas, declarou que Lampião foi o primeiro a lutar contra os latifúndios e a injustiça dos poderosos.[17] E, afinal de contas, não dava ele esmolas aos pobres e distribuía livremente as mercadorias que roubava dos comerciantes do sertão? A lenda de nobre salteador poderá, algum dia, obscurecer a imagem do verdadeiro Lampião, assim como fez com tantos ignóbeis salteadores. Na verdade, o processo de idealização e endeusamento poderá ser praticamente inevitável em seu caso, pois não há bastante verdade para sustentar a lenda. Além do mais, desde sua entrada no cangaço para vingar a morte de seu pai, até sua morte, à traição - sem mencionar tudo o mais que aconteceu neste ínterim - Lampião pode se candidatar a ser incluído no panteão dos heróis-bandidos.[18]

Se a criação desta lenda está cheia de significado social ou não, é ainda matéria para especulação. Contar histórias sempre foi o passatempo predileto da população rural, que, vivendo longe das distrações da cidade, tem que usar seus próprios recursos para arranjar uma diversão. Quando o povo se reúne em algum lugar perdido dos sertões, para contar histórias, sob um céu estrelado, este povo quer escapar à monotonia da vida e falar de coisas românticas - de coragem, de astúcia, de como a tartaruga ludibriou a lebre, de como os fracos enganam os poderosos. Isto poderia ser considerado como uma insinuação do que o povo pensa dos mais ricos do que eles, mas é, basicamente, uma diversão. Pode ser que os cangaceiros ainda sejam lembrados porque dão uma boa história, e não porque sejam símbolos da insatisfação social. Além do mais, o interesse pela violência e pelos crimes parece ser o mal de muitos, e este interesse aumenta quando o agente possui o carisma de um Lampião. Tentar traduzir este interesse em rejeição à sociedade na qual a violência se desenrola, talvez seja reivindicar uma compreensão da natureza humana que o homem anda não conseguiu atingir.

Hobsbawm pensa também que as lendas têm sua importância na formação do comportamento do bandido, e possivelmente, as histórias e lendas dos cangaceiros como defensores da justiça e benfeitores

17 Julião era membro da legislatura de Pernambuco quando fez este apelo; foi exilado depois do golpe de 1964. Seus comentários foram publicados no *Diário de Notícias*, 23 de maio de 1959.

18 Kent L. Steckmesser em *Robin Hood and the American Outlaw*, *Journal of American Folklore*, 79 (1966), pp. 348-355, descreve as características que o herói-bandido deveria ter. Ver também Hobsbawm: *Bandits*, pp. 35-36.

dos pobres – como as que foram contadas sobre Antônio Silvino – afetaram o comportamento de Lampião, a ponto de fazer uma boa ação aqui e ali para melhorar sua imagem. Lampião, afinal de contas, se preocupava com suas relações públicas. Porém, devemos nos lembrar que ele vinha de uma família respeitável de pequenos proprietários, e desejava vivamente voltar à sociedade legal e à respeitabilidade. Isto concorria para colocar alguns freios em sua conduta, ou, pelo menos, levava-o a negar sua participação em violências indiscriminadas ou ações vis. Não ficou nunca totalmente brutalizado pela natureza de sua profissão; até o fim procurou conservar a imagem de um homem de honra.

Neste sentido, o ponto de vista de Hobsbawm, que a terrível violência dos vingadores é um golpe cego na injustiça, é poético, e como poesia, pode conter alguma verdade. É fácil imaginar qualquer bandido, impossibilitado de viver uma vida normal e perseguido pela lei, como se fosse uma raposa perseguida pelos cães de caça, cometendo atos de violência injustificáveis, impelido pela frustração e ira. Contudo, o padrão de comportamento de Lampião não se enquadra neste ponto de vista. Houve ocasiões quando sua violência foi indiscriminada, como por exemplo, depois da morte de seus irmãos. Houve também outras ocasiões, sob circunstâncias completamente diferentes, quando a crueldade de sua vingança ultrapassou os limites da razão. No entanto, quase sempre sua violência era deliberada, dirigida expressamente para manter sua sobrevivência pessoal. Este é um processo inevitável nas vidas dos bandidos, qualquer que tenha sido o modo pelo qual saíram fora da lei – quer seja por causa de injustiças cometidas contra suas famílias, ou, como no caso de Lampião, por uma série de circunstâncias, nas quais a culpa está nos dois lados e não pode ser facilmente assinalada. Não obstante o desejo original de vingar supostas ofensas, os bandidos que permanecem em ação por muito tempo, logo são submersos na luta pela sobrevivência. Pode-se, portanto, atribuir a violência a este fato, principalmente no caso de um homem do calibre de Lampião. Se houve algum fator que tenha tido igual influência, é bem mais provável que tenha sido medo, pois o medo, como se sabe, é uma das influências mais corruptoras.

O bandido, política ou ideologicamente motivado, é uma exceção à regra, pois luta, não para se preservar a si próprio, mas para conservar acesa a chama da revolta e alimentá-la. Contudo, estas considerações não são importantes na evolução de Lampião, pois ele nunca de-

sejou alterar a estrutura básica da sociedade em que viveu.[19] Seus laços com ela eram íntimos e profundos, como Hobsbawm reconheceu. Na verdade, o famoso cangaceiros se aproveitou de uma sociedade injusta, para explorá-la brutalmente.

Quanto à pergunta se o banditismo é ou não (como Hobsbawm sugere) uma forma de protesto primitivo, ou pré-político, contra uma sociedade injusta, é difícil dizer se é aplicável ao cangaço brasileiro, durante o tempo de Lampião. O cangaço teve várias e diferentes origens, umas baseadas na perversidade humana, e outras, nas condições sociais extremamente injustas. Mas, mesmo assim, não se pode dizer se tal criminalidade – quase totalmente, e sempre divorciada de qualquer desejo consciente de mudar a sociedade – foi uma forma de protesto social. Talvez seja mais importante sugerir que foi um sintoma de uma sociedade desajustada.[20]

É verdade que os bandidos podem contribuir com seu protesto, sob circunstâncias fora do comum, como no México, durante a revolução.[21] Tais casos acontecem principalmente porque os bandidos são relativamente independentes e estão armados, e, portanto, se encontram em posição de ocupar o vácuo, quando o poder estabelecido começa a desmoronar. O que acontece depois com os bandidos – líderes populares, ou exército mercenário sob as ordens de um manipulador do poder, ou usurpadores, eles próprios, do poder e de propriedades – dependende de muitas circunstâncias, inclusive da simples oportunidade. Há, no entanto, muito pouco no banditismo que os conduza a este tipo de mudança revolucionária, que beneficia as classes oprimidas. Este é, deve-se notar, um ponto a que Hobsbawm deu ênfase, em certas ocasiões. Os bandidos sociais, escreveu ele em "Primitive Rebels", protestam somente quando forçados pela carência excessiva, ou pela opressão, e então, somente dentro da estrutura social existente; não procuram uma mudança revolucionária.[22]

19 Um exemplo, embora ingênuo, do bandido do tipo político, foi Salvatore Giuliano, que operou na Sicília de 1943 até a sua morte, em 1950. Gavin Maxwell, conta sua história, em seu livro: *God Protect Me from My Friends*.

20 Para o ponto de vista de Hobsbawm sobre o banditismo social como protesto primitivo e pré-político, ver seu *Primitive Rebels*, principalmente pp. 13-28.

21 Hobsbawm se refere a isto em *Bandits*, pp. 84-93, principalmente p. 90.

22 P. 24. Algum tanto em contraste com este ponto de vista, o mesmo autor, em *Bandits* (pp. 19-23, 84-93) faz um grande esforço para estabelecer uma afinidade entre banditismo e movimentos revolucionários, embora, no final, suas conclusões não mudem radicalmente.

Há dúvidas se mesmo esta caracterização do banditismo social pode ser aplicada a Lampião. A preocupação com a opressão dos pobres e dos fracos pelos ricos e poderosos nunca despertou seu interesse. Ele estava preocupado principalmente com sua própria sobrevivência, e em sua luta para consegui-la, pedia e recebia a cooperação e favores, não só dos camponeses como também dos ricos fazendeiros e chefes políticos. Se, por outro lado, os destinatários de seus favores ou do seu terror, conforme o caso, eram oprimidos ou opressores, pouca diferença lhe fazia. É, portanto, justificado o constrangimento de Hobsbawm em incluir Lampião na classe dos bandidos sociais, razão porque o deixou na periferia do grupo.

Para determinar se Lampião era, em algum sentido, um bandido social, devemos examinar mais a fundo a definição de Hobsbawm. O problema talvez seja que sua definição não é somente controvertida, mas também desnecessariamente bitolada. Todo banditismo, em um senso geral, pode ser chamado banditismo social, envolvendo, como o faz, as relações entre as pessoas. [23] Uma definição assim tão abrangedora, naturalmente, pode não ser aceita por alguns estudantes do banditismo. No entanto, uma definição mais restrita deveria incluir, pelo menos, aqueles bandidos cujos crimes se originaram nas condições sociais extremamente injustas. Neste caso – e pode ser uma das melhores definições de banditismo social – pode-se dizer que Lampião era um bandido social, mesmo não sendo um nobre salteador. Embora não se possa negar que alguns de seus atos tenham se originado de uma perversidade inata, é também verdade que a sociedade em que viveu era tal que um jovem corajoso como ele, poderia cair no banditismo muito facilmente. Ou, como disse um cantador:

"Era brabo, era malvado,
Virgulino, o Lampião,
Mas era, pra que negá,
Nas fibra do coração
O mais perfeito retrato
Das caatingas do sertão." [24]

23 Blok, em *The Mafia of a Sicilian Village*, p. 99, define o banditismo assim.
24 Versos muito conhecidos, que aparecem, dentre outros lugares, em Luciano Carneiro: *Lampeão é nosso sangue*, – O Cruzeiro, de 26 de setembro de 1953.

Bibliografia

Arquivos

Arquivo Nacional, Rio de Janeiro.
Arquivo, Polícia Militar, Salvador, Bahia.
Arquivo Público, Aracaju, Sergipe.
Arquivo Público, Fortaleza, Ceará.
Arquivo Público, Maceió, Alagoas.
Arquivo Público, Recife, Pernambuco.
Arquivo Público, Salvador, Bahia.
Cartório, Água Branca, Alagoas.
Cartório, Floresta, Pernambuco.
Cartório, Jeremoabo, Bahia.
Cartório, Piranhas, Alagoas.
Cartório, Princeza, Paraíba.
Cartório, Serra Talhada, Pernambuco.
Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, Maceió.
Museu Histórico, Fortaleza, Ceará.

Documentos Publicados:

Bahia, Directoria Geral de Estatística: "Annuário estatístico da Bahia". Vols. 1930-1940. Editado anualmente em Salvador, Bahia.
Bahia, "Mensagem do Governador Juracy Magalhães em 2 de julho de 1937". Salvador, Bahia, 1937.

Bahia, Secretaria da Polícia e Segurança Pública: "Relatório de 1929". Salvador, Bahia, 1930.
Magalhães, Juracy M., "Exposição feita ao Exmo. Snr. Dr. Getúlio Vargas pelo Capitão Juracy Montenegro Magalhães, Interventor Federal no Estado da Bahia, relativo ao exercício de 1932". Salvador, Bahia, 1932.

Entrevistas:

Alves, José, Piranhas, Alagoas, 20 de agosto de 1975.
Barbosa, Hermenigildo. Queimadas, Bahia, 12 de julho de 1974.
Barros, Ana Maria. Floresta, Pernambuco, 5 de agosto de 1975.
Bernardes, Joca. Piranhas, Alagoas, 20 de agosto de 1975.
Bulhões, Pedro Melo. Santana do Ipanema, Alagoas, 21 de junho de 1974.
Calazans, José. Salvador, Bahia, 25 de novembro de 1973.
Campos, Antonio. Piranhas, Alagoas, 21 de agosto de 1975.
Campos, Olympo. São José de Belmonte, Pernambuco, 30 e 31 de julho de 1975.
Carvalho, João Primo de. São José de Belmonte, 30 de julho de 1975.
Castro, Felipe Borges de. Salvador, Bahia, 25, 26 e 27 de novembro de 1973.
Correia, Maria. Água Branca, Alagoas, 27 de junho de 1974.
d'Assis, Manoel Arruda de. Pombal, Paraíba, 12 e 13 de agosto de 1975.
Diniz, Marcolino Pereira. Princeza, Paraíba, 10 de agosto de 1975.
Diniz, Severiano. Princeza, Paraíba, 12 de agosto de 1975.
Dourado, Francisco Motinho. Salvador, Bahia, 29 de novembro de 1973.
Feitosa, Miguel. Araripina, Pernambuco, 15 e 16 de julho de 1975.
Ferreira, Genésio. Serra Talhada, Pernambuco, 21 e 28 de julho, 1975.
Ferreira, João. Propriá, Sergipe, 14 e 15 de dezembro, 1973, e 1. 2, 3 de julho de 1974.
Guedes, Zezito. Arapiraca, Alagoas, 29 de junho de 1974.
Izidro, José. Salvador, Bahia, 24 de novembro de 1973.
Jesus, Sérgia Maria de ("Dadá"), Salvador, Bahia, 1º setembro de 1975.
Jurubeba, David. Serra Talhada, Pernambuco, 29 de julho de 1975.
Jurubeba, João. Serra Talhada, Pernambuco, 29 de julho de 1975.
Leitão, Manuel. Mata Grande, Alagoas, 24 de junho de 1974.
Lopez, Augustin. São José de Belmonte, Pernambuco, 30 e 31 de julho de 1975.
Maciel, Frederico Bezerra. Recife, Pernambuco, 14 e 15 de junho, 1974.
Marinheiro, Rosal. Piranhas, Alagoas, 20 de agosto de 1975.
Melo, Pedro Barbosa de. Mata Grande, Alagoas, 22 de junho de 1974.
Mendonça, Aldemar de. Pão de Açúcar, Alagoas, 25 de agosto de 1975.
Nascimento, Diniz Casemiro de. Paulo Afonso, Bahia, 29 agosto de 1975.
Neco, Antônio. Serra Talhada, Pernambuco, 25 de julho de 1975.
Nogueira, Luiz Andrelino. Serra Talhada, Pernambuco, 30 de julho, 1975.
Nogueira, Venâncio. Floresta, Pernambuco, 5 de agosto de 1975.
Nunes, Moacir Vieira. Piranhas, Alagoas, 20 de agosto de 1975.

Oliveira, José Melquiades de. Pinhão, Sergipe, 30 de junho de 1974.
Pequeno, Antônio, Pão de Açúcar, Alagoas, 25 de agosto de 1975.
Pereira, Wilson Antônio. Princeza, Paraíba, 10 de agosto de 1975.
Queiroz, Euclides Lunes de. Mata Grande, Alagoas, 23 de junho, 1974.
Ramos, Severiano. Jeremoabo, Bahia, 17 de agosto de 1975.
Rodrigues, Francisco. Piranhas, Alagoas, 19 de agosto de 1975.
Rosa, Antônio Correia. Piranhas, Alagoas, 19 de agosto de 1975.
Santanna, Umbelino. Queimadas, Bahia, 12 de julho de 1974.
Santos, João Leandro dos. Piranhas, Alagoas, 23 de agosto de 1975.
Santos, José Gomes dos. Jeremoabo, Bahia, 15 de agosto de 1975.
Saturnino, José. Serra Talhada, Pernambuco, 26 e 28 de julho de 1975.
Silva, Miguel Vicente da. Mata Grande, Alagoas, 22 de junho de 1974.
Souza, João Ignácio de. Floresta, Pernambuco, 2 de agosto de 1975.
Torres, América. Água Branca, Alagoas, 27 de junho de 1974.
Torres, Delilah. Água Branca, Alagoas, 24 de junho de 1974.
Valente, Waldemar. Recife, Pernambuco, 14 de junho de 1974.
Vieira, José Fernandes de. Salvador, Bahia, 30 de novembro de 1973.

Jornais:

Brasil:

O Ceará - Fortaleza, Ceará.
Correio da Pedra - Pedra, Alagoas.
Correio de Aracaju - Aracaju, Sergipe.
Correio do Ceará - Fortaleza, Ceará.
Correio do Sertão - Jatobá, Pernambuco.
Diário da Bahia - Salvador, Bahia.
Diário da Noite - Rio de Janeiro.
Diário de Notícias - Salvador, Bahia.
Diário de Pernambuco - Recife, Pernambuco.
Estado das Alagoas, Maceió, Alagoas.
O Estado de Sergipe - Aracaju, Sergipe.
Gazeta de Alagoas - Maceió, Alagoas.
O Globo - Rio de Janeiro
O Imparcial - Salvador, Bahia.
Jornal de Alagoas - Maceió, Alagoas.
Jornal do Brasil - Rio de Janeiro.
Jornal do Commercio - Fortaleza, Ceará.
A luta - Annápolis, Sergipe.
A Noite - Rio de Janeiro
O Nordeste - Fortaleza, Ceará.
O Norte - João Pessoa, Paraíba.
O Paulistano - São Paulo, Sergipe.
O Povo - Fortaleza, Ceará.

A Província - Recife, Pernambuco.
A República - Natal, Rio Grande do Norte.
Sergipe - Jornal - Aracaju, Sergipe.
A Tarde - Salvador, Bahia.
A Tribuna - Aracaju, Sergipe.
A Tribuna - Petrolina, Pernambuco.
A União - Paraíba, Paraíba.
Verdade - Nova Friburgo, Rio de Janeiro.

Estados Unidos:

Corpus Christi Caller - Corpus Christi, Texas.
New York Times.

Trabalhos Publicados:

Livros:

Abreu, Pedro Vergne de. "Os dramas dolorosos do nordeste". Rio de Janeiro, 1930.

________ ed. "O flagello de "Lampeão". Rio de Janeiro, 1931

Albuquerque, Ulisses Lins de. "Um sertanejo e o sertão". Rio de Janeiro, 1975.

Andrade, Manoel Correia de. "A terra e o homem no nordeste". São Paulo, 1963.

Andrade, Mario de. "O baile das quatro artes". N.P., N.D.

Anselmo, Octacilio. "Padre Cícero: Mito e realidade". Rio de Janeiro, 1968.

Araujo, Antônio Amaury Corrêa de. "Assim morreu Lampião", Rio de Janeiro, 1976.

Baptista, Pedro. "Cangaceiros do nordeste". Paraíba, 1929.

Barbosa, Eduardo. "Lampião: Rei do cangaço". Rio de Janeiro, 1968.

Barroso, Gustavo. "Almas de lama e de aço" (Lampeão e outros cangaceiros)". São Paulo, 1930.

________. "Heróis e bandidos (Os cangaceiros do nordeste)". Rio de Janeiro, 1917.

Bezerra, João. "Como dei cabo de Lampeão". Rio de Janeiro, 1940.

Blok, Anton. "The Mafia of a Sicilian Village, 1860-1960". Nova Iorque, 1975.

Bruno, Ernani Silva. "História do Brasil: Geral e regional". 7 vols. São Paulo, 1967.

Campos, Eduardo. "Folclore do nordeste". Rio de Janeiro, 1960.

Carvalho, Cícero Rodrigues de. "Serrote Preto (Lampião e seus sequazes)". 2ª ed. Rio de Janeiro, 1974.

Castro, Felipe de. "Derrocada do cangaço no nordeste". Salvador, Bahia, 1976.

Castro, José Romão de. "Figuras legendárias". Maceió, Alagoas, 1976

Chagas, Américo. "O chefe Horácio de Matos". São Paulo, 1961.

Chandler, Billy Jaynes. "The Feitosas and the Sertão dos Inhamuns: The History of a Family and a Community in Northeast Brazil, 1700-1930". Gainesville, Florida, 1972.

Crosland, Jessie. "Outlaws in Fact and Fiction". London, 1959.

Cross, James Eliot. "Conflict in the Shadows: (The Nature and Policts of Guerrilla War". Garden City, Nova Iorque, 1963.

Cunha, Euclides da. "Os Sertões".

Curran, Mark J. "Selected Bibliography of History and Politics in Brazilian Popular Poetry". Tempe, Arizona, 1971.

della Cava, Ralph. "Milagre em Joaseiro", Paz e Terra, 1977.

Elman, Robert. "Badmen of the West". Nova Iorque, 1974.

Facó, Rui. "Cangaceiros e fanáticos". 2ª ed. Rio de Janeiro, 1965.

Ferreira, S. Dias. "A marcha da Coluna Prestes". Pelotas, Rio Grande do Sul, 1928.

Figueiredo, Moysés de. "Lampeão no Ceará: A verdade em torno dos factos (Campanha de 1927). N.p., n.d. Epílogo datado dezembro de 1927.

Freyre, Gilberto. "Casa Grande e Senzala". 2ª ed.

Gois, Joaquim. "Lampião: O último cangaceiro". Aracaju, Sergipe, 1966.

Gueiros, Optato. "Lampeão: Memórias de um oficial ex-comandante de forças volantes". Recife, Pernambuco, 1952.

Gurr, Ted Robert. "Why Men Rebel". Princeton, Nova Jersey, 1970.

Hobsbawm, Eric. "Bandits", Nova Iorque, 1971.

________. "Primitive Rebels: Studies in Archaic Forms of Social Movimentos in the 19th and 20th Centuries", Nova Iorque 1965.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. "Grande região nordeste (Vol. 5 da Enciclopédia dos municípios brasileiros), Rio de Janeiro, 1960.

Kemal, Yashar. "Memed, My Hawk". Traduzido por Edouard Roditi. Londres, 1961.

Laurindo, Augusto (Trovador Cotinguiba). "Lampeão: O maior dos bandoleiros". Propriá, Sergipe, n.d.

Leal, Victor Nunes. "Coronelismo, enxada e voto". Rio de Janeiro, 1948.

Levine, Robert M. "The Vargas Regime". Nova Iorque, 1970.

Lima, Estácio de. "O mundo estranho dos cangaceiros". Salvador, Bahia, 1965.

Lima, Lourenço Moreira. "A Coluna Prestes". 2ª ed. São Paulo, 1945.

Lins, Wilson. "O médio São Francisco: Uma sociedade de pastores e guerreiros". 2ª ed. Salvador, Bahia, n.d.

Luna, Luiz. "Lampião e seus cabras". Rio de Janeiro, 1963.

Macaulay, Neill. "The Prestes Column". Nova Iorque, 1974.

Macedo, Nertan. "Capitão Virgulino Ferreira: Lampião". 3ª ed. Rio de Janeiro, 1970.

________. "Sinhô Pereira: O comandante de Lampião". Rio de Janeiro, 1975.

Machado, Christina Matta. "As táticas de guerra dos cangaceiros". Rio de Janeiro, 1969.

Maxwell, Gavin. "God Protect Me From My Friends". Londres, 1956.
Mendonça, Aldemar de. "Pão de Açúcar: História e efemérides". N.p.n.d. Introdução datada: 6 de fevereiro de 1974.
Montenegro, Abelardo F. "História do cangaceirismo no Ceará". Fortaleza, Ceará, 1955.
________ "História do fanatismo religioso no Ceará". Fortaleza, Ceará, 1959.
Moraes, Walfrido. "Jagunços e heróis". Rio de Janeiro, 1930.
Motta, Leonardo. "No tempo de Lampeão". Rio de Janeiro, 1930.
Nóbrega, Francisco Pereira da. "Vingança, não: Depoimento sobre Chico Pereira e cangaceiros do nordeste". Rio de Janeiro, 1960.
Nogueira, Ataliba. "Antônio Conselheiro e Canudos: Revisão histórica". São Paulo, 1974.
Nonato, Raimundo. "Jesuíno Brilhante: O cangaceiro romântico" (1844-1879). Rio de Janeiro, 1970.
________ "Lampião em Mossoró". 2ª ed. Rio de Janeiro, 1970.
Oliveira, Aglae Lima de. "Lampião, cangaço e nordeste". 3ª ed. Rio de Janeiro, 1970.
Parreira, Abelardo. "Sertanejos e cangaceiros". São Paulo, 1934.
Pinto, L.A. Costa. "Lutas de famílias no Brasil". São Paulo, 1949.
Prata, Ranulfo. "Lampeão". Rio de Janeiro, 1934.
Queiroz, Maria Isaura Pereira de. "Os cangaceiros: Les bandits d'honneur brésiliens". Paris, 1968.
Quirós, Constancio Bernaldo de e Ardilla, Luis. "El bandolerismo andaluz". Madrid, 1973.
Rocha, Melchiades da. "Bandoleiros das caatingas" Rio de Janeiro, n.d. Prefácio datado 1940.
Settle, William A., Jr. "Jesse James was his name". Columbia, Missouri, 1966.
Silva, Manoel Bezerra e. "Lampião e suas façanhas". Maceió, 1966.
Skidmore, Thomas E. "Politics in Brazil". 1930-1964. Nova Iorque, 1967.
Smith, T. Lynn. "Brazil: People and Institutions". Rev. ed. Baton Rouge, Louisiana, 1963.
Souto Maior, Mário. "Antônio Silvino: Capitão de trabuco". Rio de Janeiro, 1971.
Valente, Waldemar. "O trovador nordestino: Poesias de João Martins de Ataíde", Recife, Pernambuco, 1937.
Vidal, Ademar. "Terra de homens". Rio de Janeiro, 1974.
Wilson, Luis. "Vila Bela, os Pereiras e outras histórias". Recife, 1974.
Zehr, Howard. "Crime and the Development of Modern Society". Londres, 1976.

Artigos

Amorim, Oswaldo. "O homem que chefiou Lampião". Jornal do Brasil (Rio de Janeiro), 25-27 de fevereiro de 1969.

Aston, T.H. "Robin Hood: Communication" Past and Present 20 (novembro de 1961): 7-9.
Audi, Jorge. "Eu sou o Labareda de Lampião". O Cruzeiro, 19 de outubro de 1968, p. 13.
Beirão, Nirlando. "No mundo dos bandidos (Entrevista: Eric J. Hobsbawm) "Veja", 11 de junho de 1975, pp. 3-5.
Blok, Anton. "The Peasant and the Brigand: Social Banditry Reconsidered" "Comparative Studies in Society and History 14 (Setembro, 1972) 494-503.
Carneiro, Luciano. "O filho de Corisco" "O Cruzeiro", 10 de outubro de 1953, p. 46.
________ "Lampião é nosso sangue" O Cruzeiro", 26 de setembro de 1953, p. 6.
________ "Porque Lampião entrou no cangaço". "O Cruzeiro", 3 de outubro de 1953, p. 7.
Chandler, Billy Jaynes. "The Role of Negroes in the Ethnic Formation of Ceará: The Need for a Reappraisal". Revista de Ciências Sociais 4, nº 1 (1973): 31-43.
Gomes, Bruno. "Volta Seca" (o título exato varia). Diário de Notícias" (Salvador) 25 de abril – 22 de maio, 1959.
Lewin, Linda. "The Oligarchical Limitations of Social Banditry in Brazil: The Case of the "Good" Thief Antônio Silvino" "Past and Present" a ser publicado.
Machado, Maria Christinade Matta. "Aspectos do fenômeno do cangaço no nordeste brasileiro" Revista de História 46, nº 93 (1973): 139-175; 47, nº 95 (1973): 177-212; 47, nº 96 (1973): 473-489; 47, nº 97 (1974): 161-200; 49, nº 99 (1974): 145-180.
Masson, Nonnato. "A aventura sangrenta do cangaço". Fatos e Fotos, 20 e 27 de outubro; 3, 10, 17 e 24 de novembro; 1, 8 de dezembro, sem nº de página.
"Memórias de Balão, um velho cangaceiro". Realidade, novembro de 1973, pp. 45-47.
Noblat, Ricardo. "Lampião morreu envenenado". Manchete, 29 de abril, de 1972, pp. 154-157.
Queiroz, Maria Isaura Pereira de. "Notas sociológicas sobre o cangaço". Ciência e Cultura 77 (maio, (1975): 495-516.
Silva, Alberto. "O filme de cangaço". Filme e cultura, novembro/dezembro, 1970, pp. 42-49.
Souza, Amaury de. "The Cangaço and the Politics of Violence in Northeast Brazil", em Protest and Resistance in Angola and Brazil, pp. 109-131. Editado por Ronald L. Chilcote, Berkeley, California, 1972.
Steckmesser, Kent. "Robin Hood and the American Outlaw". Journal of American Folklore 79, nº 312 (1966): 348-355.

Trabalhos inéditos

Cuniff, Roger Lee. "The Great Drought: Northeast Brazil, 1877-1880". Ph.D. dissertação, University of Texas, 1971.

Mello, Francisco Pernambucano de. "Aspectos do banditismo rural nordestino" Recife, Pernambuco, 1974. Cópia fornecida pelo autor.

Mendonça, Aldemar de. Manuscrito datilografado, sem título, sobre Lampião. Pão de Açúcar, Alagoas, 1975. Cópia fornecida pelo autor.

Pang, Eul Soo. "The Politics of Coronelismo in Brazil: The Case of Bahia, 1889-1930". Ph. D. Dissertação. University of California, Berkeley, 1970.